

A close-up, high-contrast photograph of a vampire's face. The vampire has pale skin, dark eyes, and bright red lips. A single fang is visible, protruding from the lower lip. The background is dark and moody.

O Beijo das Sombras

Richelle Mead

AV

Academia de Vampiros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O beijo
das
sombras

O beijo das sombras

Richelle Mead

Tradução
Inês Cardoso



Título original: VAMPIRE ACADEMY

Copyright © 2007 by Richelle Mead

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M431b Mead, Richelle
O beijo das sombras / Richelle Mead ; tradução Inês Cardoso. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

Tradução de: Vampire Academy
ISBN 978-85-220-1456-9

1. Ficção americana. I. Cardoso, Inês. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Quatorze](#)
[Quinze](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte e um](#)
[Vinte e dois](#)
[Vinte e três](#)
[Vinte e quatro](#)

Um

Senti o medo dela antes de ouvir seus gritos.

O pesadelo dela pulsou dentro de mim, arrancando-me do meu próprio sonho, onde eu estava numa praia e Orlando Bloom passava óleo de bronzear no meu corpo. Imagens — dela, não minhas — invadiram-me a mente: fogo e sangue, o cheiro da fumaça, a lataria retorcida de um carro. As figuras me circundavam, me embrulhavam, me sufocavam, até que alguma parte racional do meu cérebro me lembrou de que aquele não era o *meu* sonho.

Acordei, mechas de cabelos negros e compridos estavam grudadas na minha testa.

Lissa estava deitada em sua cama debatendo-se e gritando. Eu pulei da minha cama, cruzei rapidamente os poucos centímetros que nos separavam.

— Liss — disse eu, sacudindo-a. — Liss, acorde.

Os gritos cessaram, substituídos por um pranto leve:

— Andre — ela gemeu. — Ai, meu Deus.

Eu a ajudei a se sentar.

— Liss, você não está mais lá. Acorde.

Depois de alguns minutos, seus olhos se abriram, hesitantes, e, sob a luz fraca, pude ver um lampejo de consciência começando a ocupar sua mente. A respiração frenética foi se acalmando, e ela se recostou em mim, descansando a cabeça no meu ombro. Eu a abracei e passei a mão sobre os seus cabelos.

— Tudo bem — disse a ela calmamente. — Está tudo bem.

— Eu tive aquele sonho.

— É. Eu sei.

Nós ficamos sentadas ali durante algum tempo, sem dizer mais nada. Quando senti que ela estava se acalmando, inclinei-me em direção à mesinha de cabeceira que ficava entre as nossas camas e acendi o abajur. A luz era fraca, mas nenhuma de nós precisava de muita claridade para enxergar. Atraído pela luz, Oscar, o gato do rapaz que dividia a casa conosco, saltou para dentro pela janela aberta.

Ele recuou para longe de mim — por alguma razão, os animais não gostam de dampiros — mas subiu na cama e roçou a cabeça em Lissa, ronronando baixinho. Os animais não têm problema algum com os Moroi, e todos amavam Lissa de modo especial. Sorrindo, ela acariciou-lhe o queixo, e eu senti que ela ia gradualmente se acalmando.

— Quando foi a última vez que você se alimentou? — perguntei, estudando-lhe a fisionomia. Sua pele clara estava mais pálida do que de costume. Círculos escuros se estendiam embaixo dos olhos, e ela parecia enfraquecida. Tinha sido uma semana puxada na escola, e eu não conseguia lembrar quando fora a última vez que eu fornecera sangue a ela. — Foi há... mais de dois dias, não foi? Três? Por que você não disse nada?

Ela deu de ombros e evitou o meu olhar.

— Você estava ocupada. Eu não quis...

— Ocupada? Que se dane — disse eu, mudando de posição. Era de se esperar que ela parecesse tão fraca. Oscar, evitando a minha aproximação, saltou da cama e voltou para a janela, de onde podia assistir a tudo a uma distância segura. — Venha. Vamos fazer isso.

— Rose...

— Venha. Você vai se sentir melhor.

Eu inclinei a cabeça e joguei meu cabelo para trás, deixando o pescoço à mostra. Ela hesitou, mas a visão do meu pescoço e do que ele oferecia era tentadora demais. Uma expressão de fome invadiu-lhe o rosto, e seus lábios se abriram levemente, expondo os caninos que ela normalmente mantinha escondidos enquanto circulava entre os humanos. Aqueles caninos contrastavam estranhamente com o resto de suas feições. Seu belo rosto e os cabelos louro-claros faziam com que ela parecesse mais um anjo do que uma vampira.

Assim que seus dentes se aproximaram da minha pele nua, eu senti o coração disparar num misto de medo e ansiedade. Sempre detestei sentir essa expectativa, mas era inerente a mim, uma fraqueza que eu não conseguia conter.

Seus caninos me rasgaram a pele, com força, e eu dei um grito sentindo a breve chama da dor. Depois passou e se transformou numa imensa e maravilhosa alegria que se espalhou por todo o meu corpo. Era melhor do que todas as vezes em que eu estivera bêbada ou chapada. Era melhor do que sexo — ou pelo menos eu imaginava que fosse, uma vez que nunca fizera sexo. Era um cobertor de puro prazer, de um prazer refinado que me cobria e trazia a promessa de que tudo ficaria bem no mundo. E o prazer continuava a me preencher. A química da sua saliva disparava uma onda de endorfina, e eu perdia a noção do mundo, perdia a noção de quem eu era.

Então, infelizmente, acabou. Demorara menos de um minuto.

Ela se afastou, passando as costas das mãos nos lábios, enquanto me examinava com o olhar.

— Você está bem?

— Eu... estou. — Me deitei de costas na cama, tonta por causa da perda de sangue. — Eu só preciso descansar um pouco. Estou bem.

Seus olhos claros, de um verde cor de jade, me olhavam com preocupação. Ela se levantou.

— Vou ver alguma coisa para você comer.

Meu protesto chegou sufocado aos meus lábios, e ela saiu antes que eu conseguisse formar uma frase. O frisson da mordida dela em mim se esvanecera assim que o contato físico se interrompeu, mas um rastro dele ainda corria pelas minhas veias, e eu senti um sorriso tolo me invadir os lábios. Virei a cabeça e vi Oscar, ainda sentado na janela.

— Você não sabe o que está perdendo — disse a ele.

Sua atenção agora estava concentrada em algo lá fora. Ele se agachou, e eriçou o pelo preto escuro. Depois contorceu o rabo.

O sorriso desapareceu do meu rosto, e fiz um esforço para me sentar. O mundo à minha volta girava, e eu esperei até que ele parasse para tentar me pôr de pé. Quando consegui, a tontura tomou conta de mim novamente, e desta vez se recusou a ir embora. Mesmo assim, pude ir aos tropeços até a janela e ver, ao lado

de Oscar, o que havia do lado de fora da janela. Ele me olhou cauteloso, afastou-se um pouco para o lado, e depois voltou novamente os olhos para o que chamara anteriormente a sua atenção.

Uma brisa morna — morna demais para um outono em Portland — brincou com os meus cabelos quando me debrucei na janela. A rua estava escura e relativamente silenciosa. Eram três horas da manhã, basicamente a única hora em que não há movimento no campus de uma faculdade, ou em que não há quase movimento. A casa na qual há oito meses alugávamos um quarto ficava numa rua residencial cheia de casas velhas e de arquiteturas variadas. Do outro lado da rua, a lâmpada de um poste de luz piscava, prestes a se apagar. Mas ainda me fornecia claridade suficiente para distinguir as formas dos carros e dos prédios. No nosso próprio quintal eu pude ver as silhuetas das árvores e dos arbustos.

E um homem me observando.

Esquivei-me surpreendida. Havia um vulto de pé ao lado de uma árvore no quintal, a uns dez metros de distância, de onde ele podia facilmente ver através da janela. Ele estava tão perto que eu provavelmente conseguiria atingi-lo se jogasse algo em sua direção. Com certeza ele estava perto o suficiente para ver o que Lissa e eu tínhamos acabado de fazer.

As sombras o cobriam tão bem que, mesmo com minha visão aguçada, não consegui enxergar suas feições, apenas a altura. Ele era alto. Muito alto. Ficou ali de pé, pouco visível, por apenas um instante, e depois se afastou e desapareceu escondido pelas sombras das árvores que ficavam mais adiante no quintal. Eu estava certa de ter percebido mais alguém se movimentando ali por perto e se juntando a ele antes que a escuridão os engolissem.

Fossem quem fossem, Oscar não gostou nada deles. À exceção de mim, ele geralmente se dava bem com a maioria das pessoas, e se deixava perturbar apenas quando alguém parecia uma ameaça iminente para ele. O sujeito do lado de fora não fizera nada de intimidante para Oscar, mas o gato sentira algo, algo que o pusera em alerta.

Algo semelhante ao que ele sempre sentira em mim.

Um medo de arrepiar percorreu-me o corpo, quase — mas não inteiramente — erradicando o agradável êxtase da mordida de Lissa. Afastando-me da janela, eu me meti de qualquer jeito numa calça jeans que encontrei no chão, quase caindo enquanto a vestia. Uma vez vestida, apanhei meu casaco e o de Lissa, e as nossas carteiras. Enfiando os pés no primeiro par de sapatos que encontrei, dirigi-me então para a porta.

Lá embaixo, encontrei-a na cozinha desarrumada, investigando a geladeira. Um dos nossos colegas de casa, Jeremy, estava sentado à mesa com as mãos na testa, olhando tristemente para um livro de cálculo. Lissa olhou para mim surpresa.

— Você não devia estar de pé.

— Nós temos que ir. Agora.

Ela arregalou os olhos, e, então, um segundo depois, compreendeu do que se tratava.

— Você tem... mesmo? Você tem certeza?

Fiz que sim com a cabeça. Não sabia explicar por que eu tinha certeza. Mas eu tinha.

Jeremy olhou intrigado para nós.

— Aconteceu alguma coisa?

Eu tive uma ideia.

— Liss, pegue a chave do carro dele.

Ele olhava para uma e para a outra alternadamente.

— O que vocês estão...

Lissa caminhou até ele sem hesitar. O medo dela me invadiu por meio de nosso laço psíquico, mas havia

algo mais além do temor: a certeza plena dela de que eu cuidaria de tudo, de que ambas ficaríamos seguras. Como sempre, eu esperava me mostrar merecedora de tamanha confiança.

Ela abriu um sorriso largo e olhou bem dentro dos olhos dele. Durante um momento, Jeremy apenas olhou de volta, ainda confuso, e então pude ver o transe tomar conta dele. Seus olhos tornaram-se vítreos, e ele a olhou de modo submisso, em estado de adoração.

— Vamos precisar do seu carro — disse ela com voz suave. — Onde está a chave?

Ele sorriu e eu estremeci. Eu tinha uma alta capacidade de resistência à compulsão, mas, ainda assim, podia sentir seus efeitos mesmo quando dirigida a outra pessoa. Estremeci também, pois, durante toda a minha vida, tinham-me ensinado que era errado usar a compulsão. Jeremy tirou do bolso um molho de chaves penduradas num grande chaveiro vermelho e o entregou a Lissa.

— Obrigada — disse Lissa. — E onde está estacionado?

— Na rua, mais para baixo — respondeu ele em transe. — Na esquina. Na Brown. — A quatro quarteirões de distância.

— Obrigada — disse ela, afastando-se. — Assim que sairmos, quero que você volte para os seus estudos. Esqueça que nos viu esta noite.

Ele fez, servilmente, um sinal afirmativo com a cabeça. Tive a impressão de que ele teria se jogado de um penhasco por ela sem hesitar se ela assim o tivesse pedido. Todos os humanos são suscetíveis à compulsão, mas Jeremy parecia ainda mais fraco do que a maioria deles. Isso foi bem útil para nós naquele momento.

— Vamos — disse eu a ela. — Temos que ir.

Saímos e fomos em direção à esquina que ele nos indicara. Eu ainda estava tonta por causa da mordida e andando meio trôpega, não conseguindo me movimentar com a rapidez que desejava. Lissa teve de me amparar algumas vezes para que eu não caísse. O tempo todo a angústia dela me invadia o pensamento, vinda diretamente da sua mente. Tentei ao máximo ignorá-la; eu já tinha de lidar com os meus próprios medos.

— Rose... o que você vai fazer se eles nos pegarem? — sussurrou ela.

— Eles não vão nos pegar — respondi com firmeza. — Eu não vou deixar.

— Mas, se eles tiverem nos encontrado...

— Eles já nos encontraram antes. E não conseguiram nos pegar. Nós vamos de carro até a estação de trem e de lá vamos para Los Angeles. Eles vão perder o nosso rastro.

Fiz com que esse plano parecesse simples. Era o que eu sempre fazia, embora não fosse nada simples manter-se em constante fuga das pessoas junto às quais tínhamos crescido. Vínhamos fazendo isso havia dois anos, escondendo-nos onde quer que pudéssemos e tentando ver se ao menos conseguíamos terminar o ensino médio. Nosso último ano do ensino médio acabara de começar, e morar num campus universitário parecia de algum modo mais seguro. Estávamos muito perto da liberdade.

Ela não disse mais nada, e eu senti a confiança dela em mim aumentar repentinamente mais uma vez. Sempre fora assim entre nós. Eu era a que agia, que fazia as coisas acontecerem — às vezes precipitadamente. Ela era a mais racional, a que planejava as coisas e as pesquisava exaustivamente antes de agir. Ambos os estilos tinham as suas vantagens, mas naquele momento, era preciso que nos precipitássemos. Não tínhamos tempo para hesitação.

Lissa e eu éramos a melhor amiga uma da outra desde o jardim de infância, quando a nossa professora nos pôs em dupla para fazermos trabalhos escolares juntas. Forçar crianças de cinco anos a soletrar *Vasilisa Dragomir* e *Rosemarie Hathaway*, porém, era algo que ia além da crueldade, e nós — ou melhor, eu — respondemos à altura. Atirei meu livro na professora e a chamei de fascista canalha. Eu não sabia o que

aquelas palavras significavam, mas sabia muito bem como atingir um alvo em movimento.

Lissa e eu nos tornamos inseparáveis desde então.

— Você ouviu isso? — perguntou ela de repente.

Levei alguns segundos para me dar conta do que os sentidos aguçados dela já haviam percebido. Passos, movendo-se rapidamente. Eu contraí o rosto preocupada. Tínhamos ainda dois quarteirões pela frente.

— Vamos ter que correr até lá — disse eu, agarrando o braço dela.

— Mas você não pode...

— *Corre.*

Usei até a última reserva da minha força de vontade para não desmaiar na calçada. Meu corpo não queria correr depois de ter perdido tanto sangue e enquanto ainda metabolizava os efeitos da saliva dela. Mas eu ordenei aos meus músculos que parassem de reclamar e me agarrei à Lissa enquanto nossos pés se moviam pesadamente sobre o concreto. Em geral eu poderia correr mais rápido do que ela sem maior esforço — principalmente ela estando descalça —, mas, naquela noite, era ela quem me mantinha de pé.

Os passos que nos perseguiram foram ficando mais fortes, e chegando mais perto. Estrelas negras dançavam diante dos meus olhos. À nossa frente, eu pude distinguir o Honda verde de Jeremy. Meu Deus, se ao menos conseguíssemos chegar até lá...

A pouco mais de três metros do carro, um homem atravessou bem no meio do nosso caminho. Nós demos uma parada brusca, e eu puxei Lissa para trás pelo braço. Era *ele*, o sujeito que eu vira do outro lado da rua me observando. Ele era mais velho do que nós, com seus vinte e tantos, talvez, e parecia tão alto quanto eu o imaginara, teria provavelmente um metro e noventa ou noventa e cinco de altura. E, em outras circunstâncias — digamos, se ele não estivesse impedindo a nossa fuga desesperada — eu o teria achado lindo. Cabelos castanhos na altura dos ombros, presos atrás num curto rabo de cavalo. Olhos castanho-escuros. Um casaco longo marrom como os que os cavaleiros usavam, não exatamente uma capa de chuva. Um guarda-pó, eu achava que era esse o nome.

Mas o fato de ser um sujeito atraente era irrelevante agora. Ele era apenas um obstáculo impedindo Lissa e eu de alcançarmos o carro e a nossa liberdade. Os passos atrás de nós diminuíram, e eu percebi que nossos perseguidores afinal haviam nos alcançado. Vindo de ambos os lados, eu detectei mais movimento, mais pessoas fechando o círculo. Deus. Eles mandaram quase uma dúzia de guardiões para nos buscar de volta. Eu não podia acreditar. A própria rainha não levava tantos guardiões com ela em suas viagens.

Em pânico, e sem o controle total de minha racionalidade mais aguçada, agi por instinto. Grudei-me em Lissa, mantendo-a atrás de mim e longe do homem que parecia ser o líder do grupo de perseguidores.

— Deixe-a em paz — rosnei. — Não toque nela.

A expressão dele era vazia, mas estendeu a mão num gesto que supostamente pedia calma, como se eu fosse um animal furioso que ele planejasse sedar.

— Eu não vou...

Ele deu um passo à frente. Chegou perto demais.

Eu o ataquei, dando um salto e usando uma manobra ofensiva que eu não empregava havia dois anos, desde que Lissa e eu tínhamos fugido. O gesto foi burro, outra reação guiada pelo instinto e pelo medo. E não havia esperança. Ele era um guardião experiente, não um aprendiz que ainda nem tivesse terminado o treinamento. Além disso, ele não estava fraco e quase a ponto de desmaiar.

E, caramba, ele era rápido. Eu me esquecera de como podem ser rápidos os guardiões, de como eles conseguem se movimentar e atacar como cobras. Ele me derrotou como quem afasta uma mosca. As mãos dele bateram em mim e me jogaram para trás. Não creio que ele tivesse a intenção de bater com tanta força

— provavelmente queria apenas me tirar do caminho —, mas a minha falta de coordenação interferiu na minha capacidade de reação. Sem conseguir me manter de pé, comecei a cair, indo imediatamente em direção à calçada num ângulo torto, primeiro com os quadris. Ia doer. *Doer muito.*

Mas não aconteceu.

Num gesto tão rápido quanto o que usara para bloquear-me o golpe, o homem se estendeu e alcançou o meu braço, mantendo-me de pé. Quando consegui me estabilizar, percebi que ele me encarava — ou, mais precisamente, que olhava fixo para o meu pescoço. Ainda desorientada, não entendi de imediato. Depois, aos poucos, com minha mão que estava livre, alcancei meu pescoço e toquei levemente na ferida que Lissa fizera mais cedo. Quando tirei os dedos, vi que havia um sangue grudento e escuro em minha pele. Constrangida, balancei o cabelo de modo a fazer com que caísse para a frente, em torno do meu rosto. Ele era pesado e comprido e cobria-me todo o pescoço. Eu o deixara crescer exatamente por essa razão.

Os olhos escuros do sujeito se deixaram pousar um pouco mais sobre a mordida agora coberta e depois encontraram os meus. Eu correspondi com um olhar desafiador e rapidamente me liberei da mão dele que ainda me agarrava pelo braço. Ele me soltou, embora eu soubesse que poderia ter me mantido presa a noite inteira se assim quisesse. Lutando contra a tontura nauseante, eu me aproximei de Lissa novamente protegendo-a, firmando-me na expectativa de um novo ataque. Subitamente a mão dela agarrou a minha.

— Rose — disse ela calmamente. — Não.

Suas palavras, a princípio, não surtiram qualquer efeito em mim, mas, aos poucos, pensamentos tranquilizadores foram se instalando na minha mente, passando dela para mim por meio do laço que nos unia. Não era exatamente compulsão — ela não usaria esta habilidade comigo —, mas era eficaz, assim como o reconhecimento do fato de que eles estavam desanimadoramente em maior número do que nós e eram lutadores mais experientes. Até eu sabia que não tinha mais jeito. A tensão abandonou o meu corpo, e eu cedi, derrotada.

Percebendo a minha submissão, o homem deu um passo à frente, voltando agora a atenção para Lissa. Seu rosto estava calmo. Ele lhe fez uma reverência e a fez graciosamente, o que me surpreendeu, considerando sua altura.

— Meu nome é Dimitri Belikov — disse. Pude distinguir um leve sotaque russo. — Vim para levá-la de volta à Escola São Vladimir, princesa.

Dois

Apesar do meu ódio, tive de admitir que Dimitri Beli-sei-lá-o-quê era muito inteligente. Depois que nos levaram à força para o aeroporto e nos puseram dentro do avião particular da Escola, ele nos viu sussurrando uma com a outra e ordenou que nos separassem.

— Não as deixem falar uma com a outra — avisou ele ao guardião, que me escoltou até o fundo do avião. — Juntas, em cinco minutos elas arquitetam um plano de fuga.

Lancei-lhe um olhar altivo e saí andando com raiva pelo corredor. Não importava o fato de estarmos realmente planejando um meio de escapar.

As coisas não pareciam mesmo estar nada boas para os nossos heróis — ou melhor, heroínas. Uma vez voando, nossas chances de fuga diminuía mais ainda. Mesmo supondo que acontecesse um milagre e eu conseguisse derrotar todos aqueles dez guardiões, ainda teríamos de enfrentar o desafio de sair do avião. Imaginei que eles tivessem paraquedas a bordo em algum lugar, mas, no caso improvável de eu conseguir fazer algum deles funcionar, havia ainda uma outra pequena questão, a da sobrevivência, uma vez que nós muito provavelmente pousaríamos em algum lugar nas montanhas Rochosas.

Não, nós não podíamos sair daquele avião antes que pousasse no interior do estado de Montana. Eu tinha, então, que pensar em alguma coisa. Algo que nos levasse a conseguir escapar da vigilância mágica da Escola e de um número dez vezes maior de guardiões. Certo. Sem problemas.

Embora ela estivesse sentada na parte da frente do avião com o sujeito russo, o medo de Lissa atravessava todo o corredor e chegava até mim, pulsando dentro da minha cabeça como um martelo. Minha preocupação com ela interrompeu a fúria que eu estava sentindo. Eles não podiam levá-la de volta para *lá*, não para aquele lugar. Fiquei pensando se Dimitri não teria hesitado se pudesse sentir o que eu sentia e se soubesse o que eu sabia. Provavelmente não. Ele não se importava.

Como era de praxe, as emoções dela ficaram tão fortes que, por um momento, eu fiquei desorientada pela sensação de estar sentada na sua poltrona — na sua *pele* até. Isso acontecia às vezes, e sem muito aviso. Ela me puxava para dentro da sua cabeça. A figura alta de Dimitri encontrava-se ao meu lado, e minha mão — a mão *dela* — pegou uma garrafa d'água. Ele se inclinou para a frente, para apanhar alguma coisa, revelando seis pequenos símbolos tatuados em sua nuca: marcas *molnija*. Elas pareciam dois riscos entalhados em forma de raio que se cruzavam num X. Um para cada Strigoi que ele matara. Acima deles havia uma linha serpenteada, meio como uma cobra, que provava que ele era um guardião. A marca da promessa.

Piscando os olhos, lutei contra ela e voltei para a minha própria cabeça contorcendo o rosto. Eu odiava

quando isso acontecia. Sentir os sentimentos de Lissa tudo bem, mas escorregar para dentro dela era uma coisa que nós duas desprezávamos. Ela via isso como uma invasão de privacidade, então eu geralmente não lhe contava quando acontecia. Nenhuma de nós conseguia controlar isso. Era uma consequência a mais do laço, um laço que nenhuma de nós duas entendia bem. Existem lendas sobre conexões psíquicas entre os Moroi e seus guardiões, mas as histórias nunca mencionaram algo como aquilo. Desajeitadamente, nós procurávamos lidar com aquilo da melhor maneira que podíamos.

Perto do final do voo, Dimitri veio até onde eu estava sentada e trocou de lugar com o guardião ao meu lado. Eu intencionalmente virei a cabeça para a janela e fiquei olhando para fora com ar distraído.

Vários momentos de silêncio se passaram. Finalmente ele disse:

— Você ia mesmo atacar todos nós?

Não respondi.

— Fazer aquilo... protegê-la como você fez... foi uma coisa muito corajosa. — Ele fez uma pausa. — *Estúpida*, mas corajosa, de qualquer maneira. Por que você ainda assim tentou?

Olhei rapidamente para ele, com ar superior, afastando o cabelo que me caía sobre o rosto para que eu pudesse olhar para ele de igual para igual.

— Porque eu sou a guardiã dela. — Virei-me novamente para a janela.

Depois de outro momento de silêncio, ele se levantou e voltou para a parte da frente do avião.

Quando pousamos, Lissa e eu não tivemos escolha. Fomos obrigadas a deixar que o comando nos levasse até a Escola. O carro parou no portão, e nosso motorista falou com os guardas, que se certificaram então de que não éramos Strigoi prontas para fazer uma grande matança. Depois de algum tempo, deixaram que passássemos pela vigilância e subíssemos até a Escola. O sol estava se pondo — o início do dia para os vampiros — e o campus achava-se envolto em sombras.

Estava provavelmente igual, vasto e gótico. Os Moroi eram fiéis às tradições; nada mudava nunca para eles. Aquela escola não era tão antiga quanto as europeias, mas fora construída no mesmo estilo. Os prédios tinham uma arquitetura elaborada, quase de igreja, com torres altas e pedras esculpidas. Portões de ferro trabalhado encerravam pequenos jardins e vãos de entrada aqui e ali. Depois de morar num campus universitário, pude apreciar com outros olhos o quanto aquele lugar se parecia mais com uma universidade do que com uma escola típica de ensino médio.

Nós ficávamos no campus secundário, que era dividido entre a escola de ensino básico e a de ensino médio. Cada escola fora construída em volta de um enorme pátio quadrangular a céu aberto, decorado com caminhos de pedras e gigantescas árvores centenárias. Estávamos indo em direção ao pátio da escola de ensino médio, que tinha prédios de salas de aula de um lado e dormitórios de vampiros e salas de ginástica do outro. Os dormitórios dos Moroi ficavam no final de um dos lados, e em frente a eles estavam os prédios da administração, onde também funcionava o ensino básico. Os alunos mais novos moravam no campus do primário, mais além, a oeste.

Em volta de todos os campi havia espaço, espaço e mais espaço. Afinal de contas estávamos em Montana, a quilômetros de distância de qualquer cidade grande. O ar entrou suavemente pelos meus pulmões e cheirava a pinho e a folhas soltas e molhadas. Florestas excessivamente grandes contornavam os perímetros da Escola, e, durante o dia, era possível ver montanhas se erguendo ao longe.

Enquanto caminhávamos para a parte principal da escola de ensino médio, escapei do meu guardião e corri até Dimitri.

— Ei, camarada.

Ele continuou andando e não olhou para mim.

— Quer conversar agora?

— Você está nos levando para a Kirova?

— *Diretora Kirova* — me corrigiu ele. Do outro lado dele, Lissa lançou-me um olhar que dizia: “Não comece nenhuma confusão.”

— *Diretora*. Que seja. Ela continua sendo uma velha convencida, aquela piran...

Minha fala foi interrompida quando os guardiões nos fizeram atravessar uma série de portas que davam direto nos refeitórios. Suspirei. Essas pessoas eram *tão* cruéis a esse ponto? Havia ao menos uma dúzia de caminhos para chegar ao escritório de Kirova, e estavam nos fazendo passar bem no meio do refeitório.

E era o horário do café da manhã.

Guardiões aprendizes — dâmpiros como eu — e Moroi estavam sentados juntos, comendo e conversando, com os rostos acesos, curiosos por qualquer que fosse a fofoca que estivesse em alta na Escola. Quando entramos, o barulho alto das conversas parou imediatamente, como se alguém tivesse desligado um interruptor. Centenas de olhos se voltaram para nós.

Eu devolvi o olhar dos meus ex-colegas de classe com um sorriso preguiçoso, tentando ver se alguma coisa mudara. Não. Nada parecia ter mudado. Camille Conta mantinha o ar afetado, piranhazinha perfeitamente arrumadinha, eu bem me lembrava, ainda era a mesma que se autonegara líder da panelinha da realeza dos Moroi da Escola. Mais para o lado, a quase-prima tola de Lissa, Natalie, observava tudo com os olhos arregalados, tão inocente e ingênua quanto antes.

E do outro lado da sala... bem, isso era interessante. Aaron. Pobre, pobre Aaron, que sem dúvida ficou com o coração partido quando Lissa foi embora. Continuava tão bonitinho como sempre — talvez um pouco mais agora —, com aqueles mesmos cabelos loiros que complementavam os dela tão bem. Os olhos dele acompanhavam todo e qualquer movimento de Lissa. É. Definitivamente não a esquecerá ainda. Isso era bem triste mesmo, pois Lissa nunca fora assim tão apaixonada por ele. Acho que saía com ele apenas porque isso parecia ser o que se esperava dela.

Mas o que eu achei mais interessante foi que Aaron, pelo visto, encontrara uma maneira de passar o tempo sem a companhia de Lissa. Ao seu lado e segurando a sua mão, havia uma garota Moroi que parecia ter uns onze anos, mas que devia ser mais velha, a não ser que ele tivesse se transformado numa espécie de pedófilo durante a nossa ausência. As suas pequenas bochechas gorduchas e os cachos dourados nos cabelos davam-lhe um ar de boneca de porcelana. Uma boneca de porcelana muito zangada e má. Ela apertou bem a mão dele e lançou para Lissa um olhar cheio de um ódio tão violento que me deixou perplexa. Mas por que diabos aquilo me incomodou? Tratava-se de alguém que eu nem conhecia. Era só uma namorada ciumenta, pensei. Eu também ficaria zangada se o meu namorado olhasse para outra garota daquele jeito.

Nossa humilhante caminhada, graças aos céus, chegou ao fim, embora o novo cenário — o escritório da diretora Kirova — não tenha melhorado muito as coisas. A velha bruxa mantinha a mesma aparência de quando nós fomos embora, nariz pontudo e cabelos grisalhos. Era alta e magra, como a maioria dos Moroi, e sempre me lembrou um abutre. Eu a conhecia bem pois já passara muito tempo em seu escritório.

Quase todos os guardiões que nos escoltavam saíram depois que Lissa e eu nos sentamos, e eu me senti um pouco menos como uma prisioneira. Ficaram apenas Alberta, a capitã dos guardiões da escola, e Dimitri. Eles se posicionaram estrategicamente contra a parede, estoicos e aterrorizantes, exatamente como exigia a função que desempenhavam.

Kirova fixou os olhos raivosos em nós e abriu a boca para começar um discurso que sem dúvida seria uma grande sessão de reclamações. Uma voz profunda e gentil a interrompeu.

— Vasilisa.

Espantada, eu me dei conta de que havia mais alguém na sala. Eu não tinha notado. Um descuido para uma guardiã, mesmo para uma aprendiz. Com grande esforço, Victor Dashkov levantou-se de uma cadeira no canto da sala. *Príncipe* Victor Dashkov. Lissa levantou num pulo e correu em sua direção, atirando os braços em torno do frágil corpo dele.

— Tio — sussurrou ela. Parecia estar à beira das lágrimas ao abraçá-lo com ainda mais força.

Com um leve sorriso, ele gentilmente lhe deu um tapinha nas costas.

— Você não tem ideia de como estou feliz em vê-la a salvo, Vasilisa. — Ele voltou o olhar para a minha direção. — E você também, Rose.

Em resposta, fiz um sinal afirmativo com a cabeça, tentando não demonstrar o quanto eu estava chocada. Ele já estava doente quando nós fugimos, mas aquilo... aquilo era *horrível*. Ele era o pai de Natalie, tinha apenas quarenta anos ou um pouco mais, mas aparentava o dobro da idade. Pálido. Debilitado. Com as mãos trêmulas. Fiquei com o coração partido ao vê-lo daquele jeito. Com tantas pessoas horríveis no mundo, não era justo que logo aquele homem tivesse uma doença que iria matá-lo tão cedo e que, em última instância, não permitiria que se tornasse rei.

Embora não fosse de fato seu tio — os Moroi, especialmente os da realeza, usam termos familiares de maneira bastante abrangente —, Victor era um grande amigo da família de Lissa e se esforçara ao máximo para ajudá-la depois que seus pais morreram. Eu gostava dele; era a primeira pessoa que eu gostava de ver ali.

Kirova os deixou à vontade mais alguns minutos e depois fez duramente com que Lissa voltasse para a sua cadeira.

Hora do sermão.

Foi um bom sermão — uma das maiores qualidades dela era saber dizer alguma coisa. Era mestra em sermões. Tenho certeza de que esta foi a única razão que a levou para a administração da escola, porque eu ainda não pude registrar qualquer evidência de que ela realmente *gostasse* de crianças. O discurso abordou os tópicos usuais: responsabilidade, comportamento inconsequente, egoísmo... blá, blá, blá. Imediatamente me vi divagando, ponderando, ao contrário, sobre a logística de uma fuga pela janela do escritório dela.

Mas quando o discurso se voltou para mim — bem, foi aí que comecei a prestar atenção nele.

— Você, senhorita Hathaway, quebrou a promessa mais sagrada entre nós: a promessa que um guardião faz de proteger um Moroi. É uma imensa responsabilidade. Responsabilidade que você violou ao egoisticamente levar a princesa para longe daqui. Os Strigoi teriam adorado acabar de uma vez com os Dragomir; *you* quase lhes deu a chance de fazer isso.

— Rose não me raptou — disse Lissa antes que eu pudesse interferir, com a voz e o semblante calmos, apesar de sua inquietação. — Eu quis ir. Não a culpe por isso.

A diretora Kirova nos olhou decepcionada e andou pelo escritório com as mãos cruzadas atrás das suas costas retas.

— Senhorita Dragomir, pode ter sido você quem orquestrou o plano inteiro, como posso imaginar, mas, ainda assim, a responsabilidade de se certificar de que você não levasse o plano a cabo era *dela*. Se ela tivesse feito o seu dever, teria reportado esses planos a alguém. Se ela tivesse cumprido com o seu dever, ela a teria mantido a salvo.

Eu me revoltei.

— Eu *cumpri* com o meu dever! — gritei, levantando de um salto da minha cadeira. Dimitri e Alberta se sobressaltaram, mas me deixaram livre uma vez que eu não estava tentando bater em ninguém. Ainda. — Eu

a manteve a salvo, sim! Eu a mantive a salvo quando nenhum de *vocês*... — fiz um gesto largo abrangendo todo o escritório — pôde manter. Eu a levei embora e a protegi. Fiz o que eu tinha de fazer. Vocês certamente não iriam protegê-la.

Através do laço, senti Lissa tentando me mandar mensagens de calma, tentando me impedir mais uma vez de deixar que a raiva tomasse conta de mim. Tarde demais.

Kirova me encarou com uma expressão vazia.

— Senhorita Hathaway, perdoe-me se eu não pude perceber a lógica que a levou a concluir que tirar Lissa de um espaço altamente seguro, magicamente guardado, significava protegê-la. A não ser que exista algo que você não esteja nos contando.

Mordi o lábio.

— Compreendo. Bom, então. Pelas minhas estimativas, o único motivo que as levou a irem embora... tirando, evidentemente, a curiosidade pelo novo que havia nisso... foi evitar as consequências daquele golpe horrível e destrutivo que você lançou pouco antes de desaparecer.

— Não, isso não é...

— E isto torna as minhas decisões muito mais fáceis de serem tomadas. Como uma Moroi, a princesa deve permanecer aqui na Escola para a sua própria segurança, mas nós não temos nenhuma obrigação com relação a você. Você será mandada embora assim que for possível.

A minha insolência murchou.

— Eu... o quê?

Lissa levantou-se ao meu lado.

— A senhora não pode fazer isso! Ela é a minha guardiã.

— Ela não é nada disso, principalmente porque nem guardiã de verdade ela é. É ainda uma aprendiz.

— Mas os meus pais...

— Eu sei o que os seus pais desejavam, Deus guarde as suas almas, mas as coisas mudaram. A senhorita Hathaway é descartável. Ela não merece ser guardiã, e ela irá embora.

Encarei Kirova, incapaz de acreditar no que eu estava ouvindo.

— Para onde a senhora vai me mandar? Para ficar com a minha mãe, no Nepal? Será que ela sequer deu pela minha falta? Ou será que a senhora está pensando em me mandar para junto do meu *pai*?

Os olhos dela se aguçaram ao ouvir esta última palavra. Quando falei novamente, minha voz soou tão fria que mal a reconheci.

— Ou talvez a senhora tente fazer de mim uma prostituta de sangue. Tente isso, e nós estaremos bem longe até o final do dia.

— Senhorita Hathaway — sibilou ela. — Você está saindo da linha.

— Existe um laço entre elas. — O sotaque e a voz baixa de Dimitri quebraram a tensão pesada que havia no ambiente, e todos nós nos voltamos para ele. Acho que Kirova se esquecera de que ele estava lá, mas eu não. A presença dele era poderosa demais para ser ignorada. Ele continuou de pé contra a parede, uma espécie de caubói sentinela metido naquele casaco exageradamente longo que usava. Ele olhou para mim, não para Lissa, seus olhos negros voltados em minha direção como se não me enxergassem. — Rose sabe o que Vasilisa sente. Não sabe?

Eu pelo menos tive a satisfação de ver Kirova baixar a guarda quando olhou para mim e para Dimitri.

— Não... isso é impossível. Há séculos algo assim não acontece.

— É evidente — disse ele. — Eu suspeitei logo que comecei a observá-las.

Nem eu, nem Lissa respondemos, e evitei trocar olhares com ele.

— Isso é um dom — murmurou Victor, do canto onde estava sentado. — Algo raro e maravilhoso.

— Os melhores guardiões sempre tiveram este laço — acrescentou Dimitri. — Nas histórias...

A revolta de Kirova voltou.

— Histórias que têm centenas de anos — exclamou ela. — Certamente você não está sugerindo que a deixemos permanecer na Escola depois de tudo o que fez.

Ele deu de ombros.

— Ela pode ser malcriada e desrespeitosa, mas se tem potencial...

— Malcriada e desrespeitosa? — interrompi. — Quem é você, afinal? Algum tipo de ajuda terceirizada?

— O guardião Belikov é o guardião da princesa agora — disse Kirova. — O seu guardião *sancionado*.

— A senhora contratou mão de obra barata vinda do estrangeiro para proteger Lissa?

Fui bem cruel ao dizer isso — principalmente porque a maioria dos Moroi e seus guardiões são descendentes de russos ou de romenos —, mas o comentário pareceu mais inteligente no momento em que foi feito do que realmente era. E quem era eu para dizer aquilo? Eu fora criada nos Estados Unidos, mas meus pais haviam nascido fora do país. Minha mãe vampira era escocesa — tinha os cabelos ruivos e um sotaque ridículo —, e me contaram que meu pai Moroi era turco. Por causa dessa combinação genética, minha pele tinha a cor da parte de dentro de uma amêndoa, e a isso se somavam as feições de uma princesa meio exótica do deserto, ou era assim que eu gostava de me ver. Grandes olhos negros e cabelos de um castanho tão escuro que muitas vezes parecia preto. Eu não teria me importado de ter herdado os cabelos ruivos, mas temos que gostar do que nos coube.

Kirova lançou as mãos para o alto em exasperação e depois voltou-se para ele.

— Está vendo? Completamente indisciplinada! Um laço psíquico e um potencial *muito* bruto não valem esta insolência. Ter um guardião sem disciplina é pior do que não ter guardião algum.

— Então ensine-a a ser disciplinada. As aulas acabaram de começar. Coloque-a de volta na escola e recomece o seu treinamento.

— Impossível. Ela inevitavelmente continuaria atrasada com relação aos seus colegas.

— Não, eu não vou ficar atrasada — argumentei. Ninguém me ouviu.

— Então dê a ela sessões de treinamento extraclasse — disse ele.

Eles continuaram a discussão enquanto nós assistíamos à troca de ideias como se fosse uma partida de pingue-pongue. Meu orgulho ainda estava ferido por causa da facilidade com que Dimitri nos encurralara, mas me ocorreu que ele bem que podia me manter ali com Lissa. Melhor ficar nesse buraco de inferno do que ficar sem ela. Através do nosso laço, eu pude sentir as gotas de esperança que vinham dela.

— E quem vai se encarregar do tempo extra? — disse Kirova com autoridade. — Você?

O argumento foi como uma fredda brusca para Dimitri.

— Bom, não era isso o que eu...

Kirova cruzou os braços com satisfação.

— É. Era o que eu imaginava.

Claramente perdido, ele franziu o cenho. Seus olhos hesitaram entre mim e Lissa, e me perguntei o que ele estaria vendo. Duas garotas patéticas, olhando para ele com olhos arregalados e suplicantes? Ou duas fugitivas que tinham furado o bloqueio de uma escola altamente segura e roubado metade da herança de Lissa?

— Sim — disse ele finalmente. — Eu posso ser o mentor de Rose. Eu lhe darei sessões extras, complementando as suas aulas regulares.

— E então? — contrapôs Kirova, com raiva. — Ela fica sem castigo?

— Encontre outra maneira de castigá-la — respondeu Dimitri. — O número de guardiões diminuiu demais para que possamos nos arriscar a perder mais uma. Principalmente uma garota.

As palavras não ditas dele me fizeram estremecer, me fazendo lembrar do que eu dissera antes sobre “prostitutas de sangue”. Poucas garotas dâmpiras se tornavam guardiãs agora.

Victor subitamente disse algo de onde estava.

— Estou inclinado a concordar com o guardião Belikov. Mandar Rose embora seria uma pena, um desperdício de talento.

A diretora Kirova olhou para fora pela janela. Estava inteiramente escuro lá. Com a agenda noturna da Escola, *manhãs* e *tardes* eram termos relativos. Acrescente-se a isso o fato de as janelas serem pintadas para bloquear o excesso de luz.

Quando ela se voltou novamente, Lissa cruzou seu olhar com o dela.

— Por favor, diretora. Deixe Rose ficar.

“Ai, Lissa”, pensei. “Cuidado.” Usar compulsão numa outra Moroi era perigoso — especialmente na frente de testemunhas. Mas Lissa estava usando apenas um bocadinho, e nós precisávamos de toda a ajuda que pudéssemos obter. Felizmente ninguém pareceu perceber o que acabara de acontecer.

Eu mesma nem sei se a compulsão fez alguma diferença, mas, finalmente, Kirova suspirou.

— Se a senhorita Hathaway ficar, então as coisas funcionarão da seguinte maneira. — Ela virou-se para mim. — A manutenção da sua matrícula na São Vladimir é estritamente probatória. Saia da linha *uma só vez*, e você estará expulsa. Você vai frequentar todas as aulas e os treinamentos exigidos para uma aprendiz da sua idade. Você também será treinada pelo guardião Belikov em todas as horas vagas que tiver, antes e depois das aulas. Tirando essas atividades, você estará banida de todas as atividades sociais, com exceção das refeições, e ficará no seu dormitório. Se falhar em cumprir com qualquer uma dessas exigências, você será mandada... embora.

Dei uma gargalhada ríspida.

— Banida de todas as atividades sociais? A senhora está tentando nos manter distantes? — indiquei com a cabeça para a direção de Lissa. — Está com medo de que nós fujamos novamente?

— Estou tomando precauções. Como estou certa de que você se recorda, você nunca foi devidamente punida por ter destruído propriedades da escola. Você tem muito o que compensar. — Ela apertou os lábios finos formando uma linha reta. — Estou lhe oferecendo um acordo bastante generoso. Sugiro que você não deixe sua arrogância pôr isso em risco.

Comecei a dizer que a oferta não era nada generosa, mas logo vi o olhar de Dimitri. Foi difícil decifrar. Ele podia estar tentando me dizer que acreditava em mim. Podia estar tentando me dizer que eu era uma idiota de querer continuar brigando com Kirova. Eu não soube decifrá-lo.

Desviei de seu olhar pela segunda vez durante a reunião e olhei para o chão, consciente da presença de Lissa ao meu lado e de seu encorajamento queimando através do nosso laço. Ao fim e ao cabo, suspirei e olhei de volta para a diretora.

— Tudo bem. Eu aceito.

Três

Mandar-nos direto para a sala de aula logo depois da reunião seria mais do que cruel, mas foi exatamente isso o que Kirova fez. Lissa foi levada para longe, e eu assisti a isso contente, porque o laço que nos unia me permitiria continuar medindo sua temperatura emocional.

Eles na verdade me mandaram primeiro para um dos orientadores educacionais. Era um velho Moroi, e eu me lembrava dele de antes da fuga. E honestamente não podia acreditar que ele ainda estivesse circulando por lá. O sujeito era tão absurdamente velho que já devia ter se aposentado. Ou morrido.

A reunião não levou mais do que cinco minutos. Ele não disse nada sobre a minha volta e fez algumas perguntas sobre quais matérias eu estudara em Chicago e em Portland. Comparou-as ao meu antigo histórico e rabiscou apressadamente um novo horário. Eu o apanhei mal-humorada e segui para a minha primeira aula.

1º tempo Técnicas avançadas de combate para guardiões

2º tempo Teoria de guarda-costas e defesa pessoal III

3º tempo Treinamento de peso e condicionamento

4º tempo Linguagens artísticas avançadas (aprendizes)

Almoço

5º tempo Comportamento dos animais e fisiologia

6º tempo Pré-cálculo

7º tempo Cultura Moroi IV

8º tempo Arte eslava

Ai! Eu esquecera como o dia letivo era longo na São Vladimir. Aprendizes e Moroi tinham aulas separadas na primeira parte do dia, o que significava que eu só veria Lissa depois do almoço — se tivéssemos alguma aula juntas na parte da tarde. A maior parte delas eram matérias regulares do último ano do ensino médio, então achei que minhas chances eram grandes. Arte eslava me parecia uma eletiva na qual ninguém se matriculava, então tive a esperança de que a tivessem posto nessa aula também.

Dimitri e Alberta me escoltaram até o ginásio dos guardiões para o primeiro tempo, os dois ignorando solenemente a minha existência. Percebi, enquanto caminhava atrás deles, que Alberta usava um corte de cabelo curto estilo duende, o que deixava à mostra sua marca da promessa e suas marcas *molnija*. Muitas

guardiãs faziam isso. Para mim não fazia muita diferença agora, uma vez que na minha nuca não havia qualquer tatuagem ainda, mas eu queria nunca ter que cortar o meu cabelo.

Ela e Dimitri não disseram nada e caminharam juntos como se aquele fosse um dia comum. Quando nós chegamos, a reação dos meus colegas indicava que era tudo, menos um dia comum. Eles estavam montando os equipamentos para a aula quando entramos no ginásio, e, exatamente como acontecera no refeitório, todos os olhares se voltaram para mim. Não sabia se me sentia como uma estrela de rock ou como uma figura de circo.

Tudo bem, então. Se eu teria de ficar presa ali durante algum tempo, não devia mais me comportar como se tivesse medo deles todos. Lissa e eu já tínhamos conquistado o respeito da escola uma vez, e estava na hora de lembrar a todos disso. Passando os olhos pelos aprendizes que me encaravam boquiabertos, procurei por rostos familiares. A maioria deles era de garotos. Um deles cruzou o olhar com o meu e eu mal pude segurar um sorriso.

— Ei, Mason, limpe a baba escorrendo da boca. Se você vai ficar me imaginando nua, faça isso num horário só seu.

Alguns risinhos e risos reprimidos quebraram o silêncio de reverência, e Mason Ashford saiu do estado catatônico e me lançou um sorriso torto. Com seus cabelos ruivos que viviam prendendo em toda parte e poucas sardas, ele era bonitinho, embora não fosse exatamente um gato. Ele era também um dos caras mais engraçados que eu conhecia. Tínhamos sido bons amigos no passado.

— Esse é o meu horário, Hathaway. Eu vou liderar a sessão de hoje.

— Ah, vai? — retruquei. — Hum. Bom, acho que esse é um bom momento para me imaginar nua, então.

— Sempre é um bom momento para imaginar você nua — acrescentou alguém que estava ali por perto, quebrando ainda mais a tensão. Eddie Castile. Um outro amigo meu.

Dimitri balançou a cabeça e saiu andando, murmurando alguma coisa em russo que não parecia um elogio. Mas quanto a mim... bem, simples assim, eu voltei a ser uma das aprendizas novamente. Eles formavam um grupo fácil de lidar, menos preocupados com *pedigree* e hierarquias do que os alunos Moroi.

A turma partiu para cima de mim, e, quando me dei conta, estava rindo e revendo aqueles de quem eu quase me esquecera. Todos queriam saber por onde nós andáramos; parece que Lissa e eu tínhamos nos tornado verdadeiras lendas. Não pude contar a eles por que nós fugíamos, é claro, então lancei vários comentários provocativos e disse coisas do tipo vocês-não-iam-querer-saber. E isso funcionou muito bem.

A confraternização durou ainda alguns minutos antes que o guardião adulto que supervisionava o treinamento assumisse a liderança e repreendesse Mason por negligenciar suas responsabilidades. Ainda com um sorriso largo no rosto, ele latiu ordens para todos, explicando que exercícios dariam início ao treinamento. Desconfortável, me dei conta de que não conhecia a maior parte deles.

— Venha, Hathaway — disse Mason, pegando-me pelo braço. — Você pode ser minha parceira. Vamos ver o que você andou fazendo durante todo esse tempo.

Uma hora depois ele teve a resposta.

— Não andou treinando, hein?

— Hum — grunhi, de repente incapaz de enunciar uma fala normal.

Ele estendeu a mão e me ajudou a levantar do tatame no qual me derrubara umas... cinquenta vezes.

— Odeio você — disse a ele, esfregando uma mancha na minha coxa que ia virar um hematoma feio no dia seguinte.

— Você me odiaria ainda mais se eu tivesse pegado leve com você.

— É. Isso é verdade — concordei, cambaleando para longe enquanto os outros arrumavam os

equipamentos.

— Você se saiu bem, na verdade.

— O quê? Acabei de levar uma surra das boas.

— Bom, é claro que você levou. Dois anos sem treinar. Mas, olhe só, você ainda está andando. Isso já é alguma coisa. — Ele sorriu, debochando.

— Eu já disse que odeio você?

Mason me lançou um outro sorriso, que logo se desmanchou, e o seu rosto ganhou uma expressão mais séria.

— Não leve a mal... você é realmente uma guerreira, mas não vai ter jeito de passar nos testes na primavera...

— Vão me fazer ter aulas práticas extras — expliquei. Não que isso tivesse importância. Eu planejava tirar Lissa e a mim mesma dali antes que essas aulas de fato acontecessem. — Estarei preparada para os testes.

— Aulas extras com quem?

— Com aquele cara alto. Dimitri.

Mason parou de andar e me encarou.

— Você vai ter aulas particulares com Belikov?

— Vou, e daí?

— O cara é um *deus*.

— Não acha que está exagerando, não? — perguntei.

— Não, estou falando sério. Ele é geralmente todo na dele e bem antissocial, mas quando está lutando...

Uau. Se você está com dor agora, vai estar morta quando ele tiver acabado com você.

Ótimo. Mais uma coisa para animar o meu dia.

Dei uma cotovelada nele e segui para o meu segundo tempo. Essa disciplina cobria tudo a respeito de como ser um guarda-costas e era obrigatória para todos os alunos do último ano. Na verdade ela era a terceira parte de um assunto que a gente começava a aprender no primeiro ano do ensino médio. Isso significava que nessa matéria eu também estava atrasada, mas tinha esperanças de que a prática de proteger Lissa no mundo real tivesse me dado algumas dicas.

Nosso instrutor era Stan Alto, a quem nós nos referíamos simplesmente como “Stan” quando ele não estava presente, e como “Guardião Alto” quando falávamos formalmente. Era um pouco mais velho do que Dimitri, mas bem mais baixo, e parecia estar sempre zangado. Naquele dia, o seu semblante se intensificara quando ele entrou na sala e me vira sentada ali. Seus olhos se arregalaram, fingindo ter sido surpreendido enquanto dava a volta na sala e se punha de pé ao lado da minha carteira.

— Mas o que é isso? Ninguém me contou que teríamos uma palestrante convidada aqui hoje. Rose Hathaway. Que privilégio! Que grande *generosidade* da sua parte ceder algum tempo da sua agenda tão cheia de compromissos para dividir um pouco do seu conhecimento aqui conosco.

Senti minhas bochechas arderem, mas, mostrando grande capacidade de autocontrole, eu me segurei para não mandá-lo ir para o inferno. Tenho certeza, no entanto, de que a expressão do meu rosto me traiu, pois o tom sarcástico de Stan aumentou. Ele, então, fez um gesto para que eu me levantasse.

— Bom, vamos, vamos. Não fique aí sentada! Venha para a frente da sala para me ajudar a dar a aula.

Eu me afundei na cadeira.

— Você não está falando sério...

O sorriso sarcástico desapareceu.

— Estou falando muito sério, Hathaway. Vá para a frente da sala.

Um silêncio pesado envolveu o ambiente. Stan era um instrutor aterrador, e a maioria da turma ainda estava petrificada demais para rir da minha desgraça. Eu me recusei a demonstrar fraqueza. Fui pisando firme até a frente da sala e me virei para encarar a turma. Olhei para todos corajosamente e joguei os cabelos sobre os ombros, torcendo para que me viessem alguns sorrisos de solidariedade dos amigos. Percebi então que eu tinha um público maior do que o esperado. Alguns guardiões — incluindo Dimitri — permaneciam no fundo da sala. Fora da Escola, os guardiões se concentravam em uma só pessoa para proteger. Ali, os guardiões tinham muito mais gente para proteger *e ainda* tinham de treinar os aprendizes. Então, em vez de seguir uma só pessoa o tempo todo, eles trabalhavam em turnos, tomando conta da escola como um todo e monitorando as aulas.

— Então, Hathaway — disse Stan alegremente, caminhando com firmeza para a frente da sala, onde eu estava. — Instrua-nos com as suas técnicas de proteção.

— Minhas... técnicas?

— É claro. Pois seria de se esperar que você tivesse algum tipo de plano que todos nós não pudemos compreender quando você levou uma Moroi da realeza, menor de idade, para fora da Escola e a expôs a constantes ameaças dos Strigoi.

Eu estava ouvindo novamente o sermão de Kirova, só que, dessa vez, com um número maior de espectadores.

— Nós nunca esbarramos com nenhum Strigoi — respondi com firmeza.

— Evidentemente — disse ele, com um riso maldoso. — Eu já havia concluído isso, uma vez que vocês duas ainda estão vivas.

A minha vontade foi gritar que eu poderia ter derrotado um Strigoi, mas que, depois de ter levado uma surra na aula anterior, suspeitava agora que não poderia sobreviver a um ataque de Mason, muito menos ao de um verdadeiro Strigoi.

Como eu não disse nada, Stan começou a caminhar de um lado para o outro na frente da turma.

— Então, o que você fazia? Como você se certificava de que ela estava a salvo? Vocês evitavam sair durante a noite?

— Às vezes. — Isso era verdade, principalmente no início. Nós relaxamos um pouco depois de alguns meses sem nenhum ataque.

— Às vezes — repetiu ele, elevando o timbre da voz a um tom agudo, e fazendo com que a minha resposta parecesse incrivelmente idiota. — Bem, então, eu imagino que você dormia durante o dia e ficava em estado de alerta durante a noite.

— É... Não.

— Não? Mas esta é uma das primeiras lições mencionadas no capítulo sobre como proteger sozinho uma só pessoa. Ah, não, você não conhece esta lição, pois você *não estava aqui*.

Engoli mais alguns palavrões.

— Eu examinava a área todas as vezes que nós saíamos — disse, pois precisava me defender.

— Mesmo? Bom, isso já é alguma coisa. Você usou o Método Carnegie de Fiscalização Quadrante ou preferiu a Fiscalização Rotacional?

Eu não disse nada.

— Ah. Imagino que você tenha usado o Método Hathaway Dá-Uma-Olhada-Em-Volta-Quando-Você-Lembrar.

— Não! — exclamei com raiva. — Isso não é verdade. Eu a protegi. Ela ainda está viva, não está?

Ele veio andando em minha direção e se inclinou para perto do meu rosto.

— Porque você teve *sorte*.

— Os Strigoi não estão escondidos em todas as esquinas lá fora — eu atirei de volta. — Não é como nos ensinam aqui. É mais seguro do que vocês fazem parecer.

— Seguro? *Seguro*? Nós estamos em meio a uma guerra contra os Strigoi! — gritou Stan. Ele estava tão perto que eu pude sentir o cheiro do café em seu hálito. — Um deles poderia ter ido direto até você e quebrado seu lindo pescocinho sem que você sequer chegasse a perceber a presença dele, e não derramaria nem mesmo uma gota de suor fazendo isso. Você pode ser mais veloz e mais forte do que um Moroi ou do que um humano, mas você não é nada, *nada*, se comparada a um Strigoi. Eles são letais e poderosos. E você sabe o que os torna mais poderosos?

Eu não ia deixar aquele babaca me fazer chorar nem a pau. Tentei me concentrar em alguma outra coisa, olhando para longe dele. Meus olhos pousaram em Dimitri e nos outros guardiões. Eles estavam assistindo à minha humilhação, sem qualquer expressão facial.

— Sangue Moroi — sussurrei.

— O que foi que você disse? — perguntou Stan em voz alta. — Eu não ouvi.

Eu me virei de volta para olhar diretamente para ele.

— Sangue Moroi! É o sangue Moroi que os fortalece.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, satisfeito com a resposta.

— Exatamente. O sangue Moroi torna-os mais fortes e mais indestrutíveis. Eles matam e bebem sangue de humanos e de vampiros, mas o que eles anseiam mais do que qualquer outra coisa é o sangue Moroi. Eles o buscam. Eles se voltaram para o lado negro para ganhar imortalidade, e querem fazer o que for preciso para manter essa conquista. Strigoi desesperados já atacaram Moroi em público. Grupos de Strigoi já tomaram de assalto escolas exatamente como esta. Existem Strigoi que viveram durante milhões de anos alimentando-se de gerações de Moroi. É quase impossível matá-los. E é *por isso* que o número de Moroi está diminuindo. Não são fortes o suficiente, mesmo com seus guardiões, para se protegerem. Alguns Moroi não veem nem mesmo mais por que continuar fugindo e estão simplesmente transformando-se em Strigoi por escolha. E se os Moroi desaparecerem...

— Os vampiros desaparecem também — completei a frase dele.

— Bem — disse ele, tirando com a língua as gotas de cuspe do lábio. — Parece que você aprendeu alguma coisa, afinal. Agora vamos ver se você consegue aprender o suficiente para passar nesta matéria e se qualificar para a experiência de campo no próximo semestre.

Ai. Eu passei o resto daquela aula horrível — na minha cadeira, graças aos céus — reprisando aquelas últimas palavras na minha cabeça. A experiência de campo do último ano era a melhor parte da educação escolar de um aprendiz. Nós não tínhamos mais nenhuma aula durante metade do semestre. Em vez de aulas, cada um de nós seria responsável por um aluno Moroi, por mantê-lo a salvo e segui-lo onde quer que fosse. Os guardiões adultos nos monitorariam e nos testariam com ataques ensaiados e outras ameaças. A atuação de um aprendiz durante essa experiência de campo era quase tão importante quanto todas as suas demais notas somadas. Poderia inclusive influenciar na escolha do Moroi de quem você seria o guardião depois da formatura.

E quanto a mim? Havia apenas uma Moroi que eu queria.

Duas aulas depois, finalmente consegui meu merecido intervalo durante o horário de almoço. Enquanto eu mancava pelo campus para chegar ao refeitório, Dimitri surgiu no meu caminho. Não estava exatamente

semelhante a um deus — a não ser por suas feições, belas como as de um.

— Imagino que você tenha visto o que aconteceu na aula de Stan — perguntei, sem me preocupar com formalidades no modo de tratamento.

— Vi.

— E você não acha que foi injusto?

— Ele não estava certo? Você acha que estava inteiramente preparada para proteger Vasilisa?

Olhei para baixo, para o chão.

— Eu a mantive viva — murmurei.

— Como você se saiu hoje, lutando com os seus colegas de classe?

A pergunta foi cruel. Eu não respondi e sabia que não precisava fazê-lo. Tivera outra aula de treinamento depois da de Stan, e sem dúvida Dimitri me vira levar outra surra.

— Se você não consegue lutar contra *eles*...

— Eu sei, eu sei — respondi de mau jeito.

Ele diminuiu a velocidade dos seus passos largos para acompanhar o meu ritmo, diminuído pela dor.

— Você é forte e veloz por natureza. Só precisa continuar em forma. Você não praticou nenhum esporte enquanto esteve fora?

— Claro. — Eu dei de ombros. — De vez em quando.

— Não chegou a fazer parte de nenhum time?

— Dava muito trabalho. Se eu quisesse praticar tanto assim, teria ficado aqui.

Ele me lançou um olhar exasperado.

— Você nunca será capaz de realmente proteger a princesa se não aperfeiçoar as suas habilidades. Ficaré sempre faltando alguma coisa.

— Eu saberei como protegê-la — disse com firmeza.

— Não há qualquer garantia de que você vá ser a escolhida para protegê-la, sabe, seja durante a sua experiência de campo seja depois da formatura.

A voz de Dimitri era baixa e sem qualquer sinal de arrependimento. Eles não me indicaram como mentor alguém caloroso e pouco claro.

— Ninguém quer desperdiçar o laço, mas ninguém vai dar a ela uma guardiã inadequada também. Se quiser ficar ao lado dela, terá de se esforçar para conseguir isso. Você tem as suas aulas. Tem a mim. Pode fazer uso de nós ou não. Você é a escolha ideal para ser a guardiã de Vasilisa quando ambas se formarem, caso você de fato prove ser merecedora de exercer essa função. Eu espero que você o faça.

— Lissa, chame-a de Lissa — eu o corrigi. Ela odiava seu nome inteiro, preferia o apelido americanizado.

Ele se afastou dali, e, subitamente, eu não me senti mais tão temperamental.

Mas, àquela altura, eu havia perdido tempo demais saindo da aula. Quase todos já tinham corrido para o refeitório para almoçar, loucos para usar ao máximo seu momento de socialização. Eu estava quase chegando quando uma voz sob o portal me chamou.

— Rose?

Olhei para o lugar de onde vinha a voz e vislumbrei Victor Dashkov, a expressão gentil do seu rosto sorrindo para mim enquanto ele se apoiava numa bengala perto da parede do prédio. Seus dois guardiões estavam parados de pé mantendo uma distância educada.

— Senhor Dash, quero dizer, Sua Alteza. Olá.

Corrigi-me bem a tempo, quase me esquecendo dos termos usados para a realeza dos Moroi. Eu não os usara enquanto estivera vivendo entre os humanos. Os Moroi escolhiam seus governantes dentre doze

famílias reais. O mais velho da família ganhava o título de “príncipe” ou “princesa”. Lissa ganhara o título porque era a última que restara de sua linhagem.

— Como foi o seu primeiro dia? — perguntou ele.

— Ainda não acabou. — Tentei pensar em algo para dizer. — O senhor está aqui de visita por um tempo?

— Irei embora esta tarde, depois de falar com Natalie. Quando soube que Vasilisa e você estavam de volta, tive de vir vê-las.

Fiz que sim com a cabeça, sem saber o que mais dizer. Ele era mais amigo de Lissa do que meu.

— Eu queria dizer a você... — disse ele, hesitante. — Entendo a gravidade do que você fez, mas acho que a diretora Kirova falhou quando não reconheceu uma coisa. Você *de fato* manteve Vasilisa a salvo durante todo esse tempo. Isso é impressionante.

— Bom, não cheguei a ter de enfrentar um Strigoi nem nada semelhante — respondi.

— Mas você teve de enfrentar algumas coisas?

— Com certeza. Uma vez, a escola mandou cães de caça paranormais.

— Extraordinário.

— Não muito. Foi bem fácil me livrar deles.

Ele riu.

— Eu já cacei com eles antes. Não são *tão* fáceis de iludir, são muito inteligentes e poderosos.

Isso era verdade. Cães de caça paranormais são uma espécie entre as muitas criaturas mágicas que vagam pelo mundo, criaturas das quais os humanos nunca tomaram conhecimento e nem sequer acreditam que possam ter visto realmente. Os cães de caça andam em matilhas e possuem uma espécie de comunicação telepática que os torna uma ameaça particularmente letal para suas presas, assim como o fato de eles se parecerem com lobos mutantes.

— Você enfrentou mais alguma coisa?

Dei de ombros.

— Umas coisinhas aqui e ali.

— Extraordinário — repetiu ele.

— Sorte, eu acho. Na verdade, estou bastante atrasada em todas as matérias de guardiões. — Neste momento, eu parecia estar repetindo Stan.

— Você é uma garota inteligente. Vai alcançar os colegas. E além disso, você tem também o seu laço.

Eu desviei o olhar. Minha capacidade de “sentir” Lissa fora um segredo durante tanto tempo que parecia estranho outras pessoas saberem da nossa forma peculiar de ligação.

— A História está cheia de contos sobre guardiões que podiam pressentir quando seus protegidos estavam em perigo — continuou Victor. — O estudo dessas histórias e de alguns dos hábitos dos antigos tornou-se um hobby para mim. Soube que essa é uma habilidade e tanto.

— Parece. — Dei de ombros. “Que hobby mais chato”, pensei, imaginando-o debruçado sobre histórias da Idade da Pedra em alguma biblioteca cheia de mofo, coberta de teias de aranha.

Victor inclinou a cabeça para o lado, a curiosidade tomando-lhe todo o rosto. Kirova e os outros tinham feito a mesma cara quando mencionamos a nossa conexão, como se fôssemos ratos de laboratório.

— Como é? Se você não se importa que eu pergunte.

— É... eu não sei. Eu simplesmente convivo sempre com uma espécie de sussurro de como ela se sente. Geralmente são só emoções. Não podemos mandar mensagens uma para a outra, ou coisas desse tipo. — Não contei a ele sobre aquilo de entrar na cabeça dela. Essa parte do laço até para mim era difícil de

entender.

— Mas o contrário não acontece? Ela não consegue sentir você também?

Eu balancei a cabeça em sinal negativo.

O rosto dele brilhou maravilhado.

— Como foi que isso aconteceu?

— Não sei — disse, ainda desviando o meu olhar do dele. — Isso simplesmente começou a acontecer há dois anos.

Ele franziu o cenho.

— Perto da ocasião do acidente?

Fiz que sim com a cabeça, hesitante. O acidente *não era* um assunto sobre o qual eu tivesse vontade de conversar, disso eu tinha certeza. As lembranças de Lissa já eram terríveis demais sem que eu juntasse a elas as minhas próprias. Lataria retorcida. Uma sensação de calor, depois de frio, depois novamente de calor. Lissa gritando perto de mim, gritando para eu acordar, gritando para os pais e o irmão dela acordarem. Nenhum deles acordou, só eu. E os médicos disseram que fora um milagre. Disseram que não tinha como eu ter sobrevivido.

Victor pareceu sentir o meu desconforto e deixou passar o assunto. Voltou para a questão que o interessara antes.

— Eu mal posso acreditar nisso ainda. Aconteceu há tanto tempo. Se isso acontecesse com mais frequência... Imagine como essa habilidade poderia ser útil para a segurança de todos os Moroi. Se outros pudessem ter essa experiência também. Eu terei que pesquisar mais sobre isso e ver se podemos repetir algo assim com outros.

— Ah, é.

Eu estava ficando impaciente, apesar do quanto eu gostava dele. Natalie divagava muito, e estava bem claro que fora do pai que herdara aquela característica. A hora do almoço estava terminando, e, embora os Moroi e os aprendizes se juntassem para as aulas do período da tarde, Lissa e eu não tínhamos muito tempo para conversar.

— Talvez nós pudéssemos... — Ele começou a tossir, um ataque de tosse forte que fez todo o corpo dele estremecer. A sua doença, a síndrome de Sandovsky, tomava os pulmões enquanto arrastava o corpo para a morte. Lancei um olhar ansioso para os guardiões encarregados da segurança dele, e um deles veio até nós.

— Sua Alteza — disse ele, educadamente —, o senhor precisa entrar. Está muito frio aqui fora.

Victor fez que sim com a cabeça.

— Claro, claro. E tenho certeza de que Rose está querendo ir comer alguma coisa. — Ele se virou para mim. — Obrigado por conversar comigo. Nem sei como enfatizar o quanto significa para mim o fato de Vasilisa estar a salvo, e de você ter ajudado a mantê-la segura. Eu prometi ao pai dela que cuidaria dela se alguma coisa acontecesse a ele, e senti como se tivesse falhado quando vocês fugiram.

Uma angústia tomou o meu estômago enquanto eu o imaginava torturado pela culpa e pela preocupação por causa do nosso desaparecimento. Até aquele momento eu não tinha pensado sobre como os outros se sentiram com relação à nossa partida.

Nós então nos despedimos e eu finalmente consegui entrar na escola. Como sempre acontecia, eu senti a ansiedade de Lissa cravar em mim. Ignorando a dor nas pernas, apertei o passo até chegar ao refeitório.

E quase esbarrei direto nela.

Lissa, no entanto, não me viu. E nem as pessoas que estavam de pé à sua volta: Aaron e a garotinha com jeito de boneca. Eu parei e fiquei ouvindo, peguei apenas o final da conversa. A garota se inclinava em

direção a Lissa, que parecia estar mais atordoada do que qualquer outra coisa.

— Para *mim*, parece que isso veio de uma lojinha de coisas usadas. Eu pensava que uma preciosa Dragomir tivesse elevados padrões a seguir. — A palavra *Dragomir* saiu de sua boca respingando desprezo.

Agarrei aquela boneca pelos ombros e a lancei longe. Ela era tão leve que tropeçou a um metro e quase caiu.

— Ela tem, sim, padrões elevados — disse eu —, e é exatamente por isso que a sua conversa com ela acabou.

Quatro

Não conquistamos as atenções do refeitório inteiro desta vez, graças a Deus, mas alguns poucos passantes pararam para ver o que estava acontecendo.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou a garota com jeito de boneca, com seus olhos azuis bem arregalados e brilhando de fúria. Chegando mais perto, eu agora podia estudá-la melhor. Ela tinha o mesmo tipo físico esbelto que a maioria dos Moroi, mas lhe faltava a alta estatura, e era isso em parte que fazia com que parecesse tão jovem. O seu vestidinho roxo era lindo, e me fazia lembrar que eu estava usando roupas de brechó, mas, olhando mais de perto, desconfiei que o vestido fosse imitação de algum designer famoso.

Cruzei os braços na altura do peito.

— Você está perdida, garotinha? O jardim de infância fica mais para oeste no campus.

Suas bochechas imediatamente se avermelharam.

— Nunca mais encoste em mim. Se você aprontar alguma comigo, vai ter volta.

Caramba! Que bela deixa ela estava me dando. Não fosse por um sinal negativo de cabeça vindo de Lissa, eu teria soltado um monte de respostas irônicas para aquilo. Em vez disso, optei por resumir tudo num simples ataque brutal.

— E se você se meter com alguma de nós novamente, vou partir você ao meio. Se não acredita em mim, vá perguntar a Dawn Yarrow o que eu fiz com o braço dela no nono ano. Você devia estar na sua hora de nanar quando isso aconteceu.

O incidente com Dawn não fora um dos meus melhores momentos. Eu sinceramente não tivera a intenção de quebrar nenhum de seus ossos quando a empurrei contra uma árvore. O incidente me proporcionou, no entanto, a reputação de pessoa perigosa, além da fama de debochada que eu já tinha. A história ganhou o status de lenda, e eu gostava de pensar que ainda era contada, às altas horas da madrugada, em volta das fogueiras, nas noites de acampamento. A julgar pela expressão no rosto da garota, a história ainda circulava.

Um dos funcionários que fazia parte da patrulha passou trotando por nós bem naquele momento, lançando um olhar de suspeita para nosso grupinho. A garota com jeito de boneca se afastou agarrando Aaron pelo braço.

— Vamos — disse.

— Oi, Aaron — disse eu alegremente, lembrando que ele estava ali. — Bom ver você de novo.

Ele acenou rapidamente com a cabeça para mim e sorriu constrangido, enquanto a garota o arrastava para longe. O mesmo Aaron de sempre. Ele podia ser bonito e simpático, mas firme ele não era mesmo.

Voltei-me para Lissa.

— Você está bem? — Ela fez que sim com a cabeça. — Tem alguma ideia de quem é essa que eu acabei de ameaçar?

— Não tenho a menor ideia. — Comecei a acompanhá-la até a fila do almoço, mas ela balançou a cabeça para mim em sinal negativo. — Tenho que ir ver os fornecedores.

Um sentimento estranho pairou sobre mim. Estava tão acostumada a ser a sua principal fonte de sangue que a ideia de voltarmos à rotina normal de um Moroi soava estranha. Na verdade, isso quase me deixou chateada. Não deveria. Alimentar-se diariamente fazia parte da vida de um Moroi, e era algo que eu não tinha podido lhe oferecer enquanto vivêramos sozinhas. Era uma situação inconveniente, que enfraquecia a mim nos dias em que ela se alimentava, ou a ela, quando não se alimentava nos intervalos entre esses dias. Eu devia estar feliz de ela poder voltar a ter uma rotina normal.

Forcei um sorriso.

— Claro.

Andamos até o espaço reservado à alimentação, que ficava ao lado do refeitório. Era organizado em pequenos cubículos, dividindo-se o espaço da sala numa tentativa de oferecer privacidade. Uma mulher Moroi de cabelos negros nos recebeu na entrada e olhou para a sua prancheta, virando as páginas. Ao encontrar o que procurava, fez algumas anotações e depois fez sinal para que Lissa a seguisse. Olhou para mim intrigada, mas não me impediu de entrar.

Ela nos encaminhou para um dos cubículos, onde uma mulher gorducha de meia-idade estava sentada, passando os olhos numa revista. Ela levantou o olhar quando nos aproximamos e sorriu. No seu rosto, vi o olhar embaçado, vítreo e sonhador que a maioria dos fornecedores tinha. Ela provavelmente atingira a sua cota diária, a julgar pelo quanto parecia drogada.

Ao reconhecer Lissa, o sorriso se expandiu.

— Bem-vinda de volta, princesa.

A mulher que nos recebeu nos deixou sozinhas, e Lissa sentou-se na cadeira ao lado da outra mulher. Senti certo desconforto nela, um desconforto um pouco diferente do meu. Aquilo era estranho para ela também; fazia muito tempo. A fornecedora, no entanto, não demonstrou pudores. Um olhar ávido tomou-lhe o rosto — o olhar de uma viciada em drogas, pronta para receber a próxima dose.

Uma náusea me invadiu. Era um antigo impulso natural, que fora se infiltrando ao longo dos anos. Os fornecedores eram essenciais para a vida dos Moroi. Eram humanos que se voluntariavam para serem fontes regulares de sangue, humanos que viviam à margem da sociedade, que cediam suas vidas para o mundo secreto dos Moroi. Os Moroi davam-lhes todo o conforto de que precisavam e cuidavam bem deles. Mas a verdade é que eram usuários de drogas, viciados na saliva Moroi e no barato que ela oferecia a cada mordida. Os Moroi — e os guardiões — desprezavam este vício, muito embora sua sobrevivência dependesse dele, a não ser que passassem a atacar e a forçar suas vítimas a dar-lhes sangue. Era o supprassumo da hipocrisia.

A fornecedora deitou a cabeça sobre o ombro, oferecendo a Lissa livre acesso ao seu pescoço. A pele dela era marcada de cicatrizes pelos anos de mordidas diárias. As alimentações pouco frequentes que Lissa e eu tínhamos feito não deixaram marcas no meu pescoço; as feridas das mordidas não duravam mais do que um dia em mim.

Lissa se inclinou para a frente e seus caninos morderam a carne tenra de sua fornecedora. A mulher fechou os olhos emitindo um suave gemido de prazer. Eu engoli em seco, observando Lissa beber. Não vi

nenhum sangue, mas pude imaginar. Uma onda de sentimentos cresceu no meu peito: saudade. Ciúme. Eu desviei o olhar, fixei os olhos no chão. Intimamente me repreendi.

“O que há de errado com você? Por que está sentindo falta disso? Era só uma vez por dia que você fazia isso. Não é viciada, não desse jeito. E não quer ser uma viciada.”

Mas eu não consegui me controlar, não consegui impedir os sentimentos que me tomaram enquanto eu me lembrava do êxtase e do barato que uma mordida de vampiro desencadeia.

Lissa terminou e nós voltamos para o refeitório, para a fila do almoço. Estava menor agora que faltavam apenas quinze minutos para o horário acabar. Eu me adiantei e enchi meu prato de batatas fritas e de uns objetos redondos do tamanho de uma mordida, que se pareciam vagamente com nuggets de frango. Lissa pegou apenas um iogurte. Os Moroi precisam de comida, assim como os humanos e os dampiros, mas raramente tinham apetite depois de beber sangue.

— Então, como foram as aulas? — perguntei.

Ela deu de ombros. Seu rosto estava iluminado e cheio de vida agora.

— Foi bem. Muita gente me encarando. *Muita* gente olhando. Muitas perguntas sobre onde nós estávamos. Cochichos.

— Comigo foi a mesma coisa — disse eu. A servente checkou nossas bandejas e nós nos encaminhamos para as mesas. Lancei um longo olhar enviesado para Lissa. — Você está bem com isso de ficarem encarando? Eles não estão importunando você, estão?

— Não. Tudo bem. — Os sentimentos que me chegavam por intermédio do laço contradiziam as palavras dela. Como ela sabia que eu podia sentir, tentou mudar de assunto me mostrando o horário do dia. Passei os olhos.

1º tempo Russo II

2º tempo Literatura colonial norte-americana

3º tempo Controle básico dos elementos

4º tempo Poesia antiga

Almoço

5º tempo Comportamento dos animais e fisiologia

6º tempo Cálculo avançado

7º tempo Cultura Moroi IV

8º tempo Arte eslava

— Que nerd — disse eu. — Se você estivesse fazendo Matemática para burros, como eu, teríamos as mesmas aulas no período da tarde. — Parei de andar. — Por que você está fazendo Controle básico dos elementos? Essa matéria é para quem está no segundo ano.

Ela me olhou nos olhos.

— Porque os alunos do último ano têm aulas especializadas.

Nós ficamos em silêncio depois disso. Todos os Moroi dominavam o poder de controlar os elementos. Era uma das coisas que diferenciavam os vampiros vivos dos Strigoi, os vampiros mortos. Os Moroi viam a magia como um dom. Fazia parte de suas almas e os vinculava ao mundo.

Há muito tempo, eles haviam usado abertamente seus poderes, evitando desastres naturais e ajudando em problemas como obtenção de comida e água. Não precisavam mais fazer essas coisas, mas a magia ainda estava em seu sangue. Ela queimava dentro deles e os fazia querer sair para o mundo e usar seu poder.

Escolas como aquela existiam para ajudar os Moroi a controlar sua magia e a aprender a fazer coisas mais complexas com ela. Os alunos tinham também de aprender as regras que circundavam a magia, regras que vigoravam havia séculos e eram rigidamente cumpridas.

Todos os Moroi tinham uma pequena habilidade relacionada com cada um dos elementos. Ao chegarem mais ou menos na nossa idade, os estudantes se “especializavam” quando um dos elementos se tornava mais forte para eles do que os outros: terra, água, fogo ou ar. Não se especializar era como não passar pela puberdade.

E Lissa... bem, Lissa não se especializara ainda.

— Ainda é a professora Carmack que dá essa aula? O que ela pensa sobre isso?

— Ela disse que não está preocupada. Ela acha que o elemento virá cedo ou tarde.

— Você contou... você contou a ela sobre...

Lissa balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não. É claro que não.

Deixamos o assunto morrer. Pensávamos muito sobre aquele assunto, mas raramente conversávamos a respeito.

Voltamos a andar, olhando para as mesas, tentando decidir onde sentar. Alguns pares de olhos nos observavam com uma curiosidade ostensiva.

— Lissa! — uma voz ali por perto chamou. Estendendo o olhar, nós vimos Natalie acenando para nós. Lissa e eu trocamos olhares. Natalie era como uma prima para Lissa, já que era filha de Victor, que era como um tio para ela, mas nós nunca fomos muito próximas de Natalie.

Lissa deu de ombros e foi caminhando na direção dela.

— Por que não?

Eu a segui, relutante. Natalie era legal, mas era também uma das pessoas mais desinteressantes que eu conhecia. A maioria dos membros da realeza que estudavam na escola gozava de certo tipo de status de celebridade, mas Natalie nunca se encaixara nesse grupo. Ela era sem graça demais, não se interessava nem um pouco pelas hierarquias da Escola, e tão alienada que não conseguiria acompanhar as conversas habituais deles.

Os amigos de Natalie olharam para nós com uma curiosidade muda, mas ela não se conteve. Atirou os braços em volta de nós. Como Lissa, ela tinha olhos verde-água, mas os cabelos eram negros como ébano, como eram os de Victor antes de a doença torná-los grisalhos.

— Vocês voltaram! Eu sabia que voltariam! Todos disseram que vocês tinham ido embora para sempre, mas eu nunca acreditei. Eu sabia que não conseguiriam ficar longe daqui. Por que vocês partiram? Existem tantas histórias sobre os motivos da fuga de vocês!

Lissa e eu trocamos olhares enquanto Natalie continuava tagarelando.

— Camille disse que uma de vocês tinha ficado grávida e fugido para fazer um aborto, mas eu sabia que não era verdade. Outra pessoa disse que vocês tinham partido para ficar com a mãe de Rose, mas eu imaginei que a diretora Kirova e o papai não teriam ficado tão preocupados se vocês estivessem lá. Você sabia que nós vamos ser colegas de quarto? Eu estava falando com...

Ela falava sem parar, mostrando os caninos. Eu sorri educadamente e deixei Lissa lidar com aquele turbilhão de perguntas, até o momento em que Natalie lançou uma questão perigosa.

— Como você fazia para conseguir sangue, Lissa?

Toda a mesa olhou para nós esperando uma resposta. Lissa ficou paralisada, mas eu imediatamente me meti. A mentira saiu sem esforço dos meus lábios.

— Ah, é fácil. Tem um monte de humanos querendo ser mordidos.

— É mesmo? — perguntou um dos amigos de Natalie, com os olhos arregalados.

— Tem, sim. A gente os encontra em festas e baladas. Estão todos ansiosos por algum tipo de droga, e eles nem percebem que é um vampiro que está dando um barato neles: a maioria já está tão bêbada que nem se lembra de nada depois.

Os detalhes já meio vagos que eu estava fornecendo morreram, e então eu simplesmente encolhi os ombros tentando dar a impressão de que era tudo normal e de que eu estava segura do que dizia. Na verdade nenhum deles tinha muita informação sobre como era o mundo lá fora.

— É como eu disse. Fácil. Quase tão fácil quanto com os nossos próprios fornecedores.

Natalie aceitou a resposta e depois entrou em outro tópico. Lissa me lançou um olhar de gratidão.

Ignorando novamente a conversa, procurei pelos rostos mais conhecidos, tentando perceber quem estava se dando com quem e de que maneira as hierarquias mudaram dentro da escola. Mason, sentado com um grupo de aprendizes, cruzou os olhos com os meus, e eu sorri. Perto dele, um grupo de Moroi reais ria de alguma coisa. Aaron e a garota loura estavam sentados com eles.

— Escuta, Natalie — disse eu, me virando e interrompendo a fala dela. Ela não pareceu perceber ou se importar. — Quem é a nova namorada de Aaron?

— Quem? Ah. É Mia Rinaldi. — Vendo que eu não reagi ao nome, ela perguntou: — Você não se lembra dela?

— Eu deveria me lembrar? Ela estava aqui quando nós partimos?

— Ela sempre esteve aqui — disse Natalie. — É apenas um ano mais nova do que nós.

Lancei um olhar interrogativo para Lissa, que apenas deu de ombros.

— Por que ela tem tanta raiva de nós? — perguntei. — Nós nem a conhecemos.

— Não sei — respondeu Natalie. — Talvez tenha ciúmes de Aaron. Ela era uma pessoa qualquer quando vocês foram embora. Depois ela ficou *muito* popular, foi *muito* rápido. Ela não é da realeza nem nada, mas, depois que começou a namorar Aaron, ela...

— Certo, obrigada — interrompi. — Na verdade, não importa...

Meus olhos se levantaram do rosto de Natalie e encontraram o de Jesse Zeklos, bem quando ele passava pela nossa mesa. Ah, Jesse. Eu me esquecera dele. Eu gostava de flertar com Mason e com alguns dos outros aprendizes, mas Jesse pertencia a uma categoria inteiramente diferente. Eu flertava com os outros caras só por flertar. Mas flertava com Jesse na esperança de ficar seminua com ele. Ele era um Moroi real, e era tão lindo que deveria usar uma placa pendurada: “CUIDADO: INFLAMÁVEL”. Seus olhos cruzaram com os meus, e ele abriu um sorriso largo.

— Oi, Rose, bem-vinda de volta. Continua partindo corações?

— Você se habilita a ser o próximo?

Seu sorriso se alargou.

— Vamos conversar qualquer dia desses e descobrir. Se você conseguir a sua liberdade condicional.

Ele continuou andando, e eu o observei, admirando-o. Natalie e seus amigos me encaravam em devoção. Posso não ser uma deusa no sentido em que Dimitri é um deus, mas, para aquele grupo, Lissa e eu *éramos* deusas — ou pelo menos ex-deusas —, de uma outra natureza.

— Ai, meu Deus — exclamou uma garota. Não me lembrava do nome dela. — Aquele era o *Jesse*.

— Era — disse eu, sorrindo. — Era ele com certeza.

— Eu queria ser parecida com você — acrescentou ela com um suspiro.

Os olhos de todos se voltaram para mim. Tecnicamente eu era metade Moroi, mas tinha as feições de um

humano. Tive facilidade em me misturar com os humanos enquanto estivemos fora, tanto que eu raramente pensava sobre a minha aparência. Aqui, perto das garotas Moroi, magras e com seios pequenos, algumas curvas — estou falando dos meus seios mais desenvolvidos e dos meus quadris mais definidos — de fato chamavam a atenção. Eu bem sabia que era bonita, mas, para os garotos Moroi, o meu corpo era mais do que apenas bonito: era sexy a ponto de ser quase indecente. Os vampiros eram uma conquista exótica. Uma novidade que todos os garotos Moroi tinham vontade de “experimentar”.

Era irônico que os vampiros fizessem tanto sucesso aqui, pois as esbeltas garotas Moroi se pareciam demais com as modelos supermagras das passarelas de moda, tão apreciadas no mundo dos humanos. A maioria dos humanos não poderia nunca atingir aquela magreza “ideal”, assim como as garotas Moroi nunca teriam um corpo parecido com o meu. Todas querem o que não podem ter.

Lissa e eu nos sentamos juntas nas aulas da parte da tarde que ambas fazíamos, mas não conversamos muito. Os olhares que ela mencionara certamente nos perseguiram, mas eu achei que, quanto mais falava com as pessoas, mais o gelo ia se quebrando. Lentamente, aos poucos, elas pareciam se lembrar de quem nós éramos, e o assunto — embora não o mistério — da nossa fuga alucinada ia esfriando.

Ou talvez eu devesse dizer que eles se lembravam de quem *eu* era. Porque eu era a única que falava. Lissa olhava fixo para a frente, ouvindo, mas não tomava conhecimento nem participava das minhas tentativas de estabelecer contato. Eu podia sentir a angústia e a tristeza dela entrando em mim.

— Está bem — comentei quando as aulas finalmente terminaram. Nós estávamos fora dos prédios da escola, e eu estava bem consciente de que, ao fazer isso, já estava rompendo com os termos do meu acordo com Kirova. — Nós não vamos ficar aqui — disse a ela, olhando desconfortável para o campus ao nosso redor. — Vou arranjar um jeito de nos tirar daqui.

— Você acha que nós realmente conseguiríamos fazer isso pela segunda vez? — perguntou Lissa, calmamente.

— Com certeza — falei com segurança, mais uma vez aliviada por ela não poder ler os meus sentimentos. A primeira fuga fora arriscada o suficiente. Fugir de novo seria realmente difícil, mas não que eu não conseguisse imaginar alguma maneira.

— Você realmente faria isso, não faria? — Ela sorriu, mais para si mesma do que para mim, como se tivesse se lembrado de algo engraçado. — É claro que faria. É que, bom... — suspirou. — Eu não sei se a gente deve ir embora. Talvez... talvez devêssemos ficar.

Pisquei os olhos, chocada.

— O quê? — Não era uma das minhas respostas mais eloquentes, mas foi a melhor que eu pude dar naquele momento. Eu nunca esperaria isso dela.

— Eu vi você, Rose. Vi você conversando com os outros aprendizes durante as aulas, conversando sobre os treinamentos. Você sente falta disso.

— Mas não vale a pena — argumentei. — Não se... não se *você*...

Não consegui terminar, mas ela estava certa. Ela conseguira ler meus sentimentos. Eu sentira *mesmo* falta dos outros aprendizes. E até de alguns Moroi. Mas havia mais coisas ali além disso. O peso da minha inexperiência, o quanto eu ficara para trás, a consciência disso crescera ao longo do dia.

— Pode ser o melhor a fazer — contrapôs ela. — Eu não tenho tido tantas... você sabe, aquelas coisas acontecendo há algum tempo. Não estou sentindo como se alguém estivesse nos seguindo ou nos observando.

Não respondi a isso. Antes de fugirmos da Escola, ela sentia sempre que alguém a estava seguindo, como

se ela estivesse sendo caçada. Nunca vi evidências que comprovassem isso, mas certa vez ouvi um dos nossos professores falar continuamente sobre esse tipo de coisa. A professora Karp. Ela era uma bela Moroi, com feições ruivas e bochechas altas. E eu estava certa de que ela era doida.

“Você nunca sabe quem a está observando”, costumava dizer, andando rapidamente pela sala de aula enquanto fechava todas as persianas. “Ou quem está seguindo você. É melhor se precaver. É melhor se precaver *sempre*.” Nós ríamos dela sem que ela percebesse, porque é isso que alunos fazem com professores excêntricos ou paranoicos. Imaginar Lissa agindo como ela me incomodava.

— Qual é o problema? — perguntou Lissa, percebendo que eu estava perdida em meus pensamentos.

— O quê? Nada. Estava só pensando. — Suspirei, tentando colocar numa balança os meus próprios desejos e o que era melhor para ela. — Liss, a gente pode ficar, acho... mas com algumas condições.

Isso a fez rir.

— Um ultimato de Rose, é?

— Estou falando sério. — Palavras que eu não dizia com frequência. — Quero que você fique longe da realza. Não destes como Natalie, mas você sabe quais, os outros. Os jogadores poderosos. Camille. Carly. Esse grupo.

Até aquele momento ela estava se divertindo, e então ficou pasma de repente.

— Você está falando sério?

— Estou. Você nunca gostou deles mesmo.

— *Você* gostava.

— Não. Não de verdade. Eu gostava do que eles podiam oferecer. Das festas e tudo o mais.

— E você pode passar sem essas coisas agora? — Ela parecia descrente.

— Claro. Nós ficamos sem essas coisas em Portland.

— É, mas lá era diferente. — Os olhos dela se voltaram para outro lado, não pareciam se focar em nada específico. — Aqui... *aqui* eu tenho de fazer parte do grupo. Não posso evitar isso.

— Você não tem de fazer parte de nada. A Natalie fica distante daquilo tudo.

— A Natalie não vai herdar o título da família dela — retrucou Lissa. — Eu já herdei. Preciso me envolver, começar a fazer contatos. Andre...

— Liss — rugi. — Você *não* é o Andre. — Eu não podia acreditar que ela ainda se comparava ao irmão.

— Ele sempre se envolveu nessas coisas todas.

— Ah, sim — respondi como um tapa —, e agora ele está *morto*.

A expressão do rosto dela endureceu.

— Sabe de uma coisa? Às vezes você não é nada gentil.

— Você não me mantém por perto para que eu seja gentil. Quer que sejam gentis com você? Tem aí uma dúzia de carneirinhos que rasgariam as gargantas uns dos outros para serem os queridinhos da princesa Dragomir. Você me mantém por perto para ouvir de mim a verdade, e a verdade é essa. Andre está morto. Você é a herdeira agora, e vai ter de lidar com isso da maneira que puder. Mas, por agora, você precisa ficar longe dos outros nobres. A gente vai ficar no nosso canto. Sair pelas beiradas. Se você se envolver com essas coisas novamente, Liss, você vai acabar...

— *Louca*? — completou ela a minha frase interrompida.

Desta vez fui eu que desviei o olhar.

— Eu não quis dizer...

— Está bem — disse ela depois de um tempo. Suspirou e tocou o meu braço. — Está certo. Nós vamos ficar, e vamos nos manter longe de todas essas coisas. Nós vamos “sair pelas beiradas” como você quer.

Vamos andar com Natalie, pelo visto.

Para ser completamente franca, não era nada disso que eu queria. Eu queria ir a todas as festas da realeza e frequentar aquelas comemorações cheias de bebida, como fazíamos antes. Ficamos longe dessa vida durante anos até os pais e o irmão de Lissa morrerem. Seria Andre o futuro herdeiro do título da família, e ele costumava agir mesmo como um. Bonito e extrovertido, encantava a todos que conhecia e fora o líder de todas as panelinhas e clubes de alunos reais que existiam no campus. Depois da morte dele, Lissa tomou como um dever familiar o exercício dessas funções.

Acabei me envolvendo com esse mundo ao lado dela. Era fácil para mim, porque eu não precisava lidar com a política daquilo tudo. Eu era uma dampira bonita, alguém que não se importava em se meter em confusão nem em participar das façanhas mais loucas. Eu era uma novidade para eles. Eles gostavam de me ter ali só pela diversão.

Lissa tinha de se envolver com outros assuntos. Os Dragomir eram uma das doze famílias governantes. Ela ocuparia um lugar muito poderoso na sociedade Moroi, e os outros jovens da realeza Moroi queriam se dar bem com ela. Amigos falsos tentavam lhe contar fofocas e convencê-la a se unir a eles contra outras pessoas. Os alunos da realeza eram capazes de seduzir e atacar pelas costas num único suspiro — e isso era só *entre eles*. Para os dampiros e os que não são da realeza, eles eram completamente imprevisíveis.

Essa cultura cruel acabou magoando Lissa. Ela era por natureza sincera e gentil, e eu amava isso nela. E odiava vê-la chateada e tensa por causa dos joguinhos da realeza. Ela ficara fragilizada depois do acidente, e todas as festas do mundo não valiam o custo de vê-la magoada.

— Está certo, então — disse eu, finalmente. — Vamos ver como as coisas caminham. Se alguma coisa der errado, qualquer coisinha, nós vamos embora. Sem discussão.

Ela consentiu com a cabeça.

— Rose?

Nós duas levantamos os olhos e vimos a figura imponente de Dimitri. Tive esperança de que ele não tivesse escutado a parte da nossa conversa sobre irmos embora.

— Você está atrasada para o treinamento — disse ele de igual para igual. Ao ver Lissa, ele fez, educadamente, uma curta reverência com a cabeça. — Princesa.

Enquanto ele e eu saíamos juntos, eu me preocupava com Lissa e me perguntava se ficar na escola era a melhor opção para ela. Não percebi pelo laço qualquer sensação alarmante vinda dela, mas os seus sentimentos punham para todo lado. Confusão. Nostalgia. Medo. Expectativa. Fortes e poderosos, eles me inundavam.

Senti o puxão pouco antes de acontecer. Foi exatamente como o que acontecera no avião: as emoções dela cresceram de modo tão intenso que me “sugaram” para dentro de sua cabeça antes que pudesse impedi-las. Eu agora podia ver e sentir as mesmas coisas que Lissa.

Ela andava lentamente pelo refeitório, em direção à pequena capela russa ortodoxa que atendia a maior parte das necessidades religiosas da escola. Lissa sempre frequentara com regularidade a missa. Eu não.

Eu tinha um acordo estável com Deus. Concordara em acreditar na existência dele — mal acreditar —, contanto que ele me deixasse dormir até mais tarde aos domingos.

Mas, quando ela entrou na capela, pude sentir que não estava ali para rezar. Tinha outro objetivo, obedecia a um propósito que era desconhecido para mim. Olhando em volta, certificou-se de que nem o padre, nem os fiéis circulavam por ali naquele momento. O lugar estava vazio.

Entrando por uma porta nos fundos da capela, ela subiu uma escada estreita cujos degraus estalavam e chegou até o sótão. Ali era escuro e empoeirado. A única luz vinha de uma enorme janela de vitrais que

fraturavam o brilho leve do nascer do sol em pequenas pérolas multicoloridas espalhadas pelo chão.

Eu não sabia até então que aquele lugar era um refúgio regular de Lissa. Mas agora eu podia sentir isso, sentir as lembranças dela, de como ela costumava escapar para lá para ficar só e pensar. A angústia que eu pressentira nela se amainou, foi sumindo levemente até desaparecer por completo à medida que ela se integrava àquele ambiente familiar. Ela subiu até o banco que ficava junto à janela e recostou a cabeça para trás, momentaneamente arrebatada pelo silêncio e pela luz.

Os Moroi podiam suportar alguma luz — ao contrário dos Strigoi —, mas eles tinham de limitar a exposição. Sentada ali, ela podia quase fingir que estava sob o sol, protegida pelos desenhos coloridos do vidro que diluíam os raios.

— Respire, só respire — disse ela a si mesma. — Vai ficar tudo bem. Rose vai cuidar de tudo.

Ela acreditou ardorosamente nisso, como sempre, e relaxou ainda mais.

Então uma voz baixa soou no escuro.

— Você pode ter a Escola toda, mas não o banco da janela.

Ela se levantou de um salto com o coração aos pulos. Senti a angústia dela e a minha própria pulsação acelerando.

— Quem está aí?

Um instante depois, um vulto surgiu de trás de uma pilha de engradados que estava fora de seu campo de visão. A figura se aproximou, e, sob a luz fraca, as feições familiares se materializaram. Cabelos pretos despenteados. Olhos azul-claros. Um perpétuo sorrisinho cínico na cara.

Christian Ozero.

— Não se preocupe — disse ele. — Não vou morder. Bem, ao menos não do jeito que você está pensando e que mete medo em você. — Então riu da própria piada.

Ela não achou nada engraçada. Ela se esquecera completamente de Christian. Eu também.

Não importa o que aconteça no nosso mundo, algumas verdades básicas sobre vampiros não mudam jamais. Os Moroi são vivos; os Strigoi são mortos-vivos. Os Moroi são mortais; os Strigoi são imortais. Os Moroi nascem Moroi; os Strigoi *se transformam* em Strigoi.

E há duas maneiras de se transformar num Strigoi. Os Strigoi podiam transformar humanos, dampiros ou Moroi com uma só mordida. Os Moroi, tentados pela promessa de imortalidade, podiam se transformar em Strigoi por livre escolha se eles propositadamente matassem outra pessoa enquanto se alimentavam. Fazer isso era considerado algo mau e um desvio de caráter, o maior de todos os pecados, tanto contra o estilo de vida dos Moroi quanto contra a própria natureza. Os Moroi que escolhiam esse caminho do mal perdiam a capacidade de se conectarem com a magia de manipular os elementos e outros poderes do mundo. Era por isso que não podiam mais se expor ao sol.

Foi isso o que aconteceu com os pais de Christian. Eles eram Strigoi.

Çinco

Ou melhor, eles *foram* Strigoi. Um regimento de guardiões os caçou e os matou. Se os boatos forem verdadeiros, Christian assistiu a tudo quando era muito pequeno. Embora ele próprio não fosse um Strigoi, algumas pessoas achavam que ele não estava muito longe de ser um, pois se vestia sempre de preto e não convivia muito com os outros.

Strigoi ou não, eu não confiava nele. Era um tolo, e eu gritei silenciosamente para que Lissa saísse dali, mas de nada adiantou. Esse nosso laço idiota tinha uma via de mão única.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Admirando a paisagem, é claro. Aquela poltrona coberta de lona impermeável fica especialmente agradável nesta época do ano. Ali adiante temos uma velha caixa cheia dos escritos do abençoado e louco são Vladimir. E não esqueçamos aquela bela mesa sem pés, ali no canto.

— Que seja. — Ela revirou os olhos e foi caminhando em direção à porta, tentando sair, mas ele bloqueou o caminho.

— Bom, e *você*? — perguntou ele com escárnio. — Por que você está aqui em cima? Não tem festas para ir ou vidas para destruir?

Um pouco da velha faísca de Lissa retornou.

— Incrível, isso é hilário. Será que eu sou um rito de passagem agora? Se conseguir irritar Lissa, isso provará que você é um cara maneiro? Uma garota que eu nem conheço gritou comigo hoje, e agora tenho de aturar você? O que eu preciso fazer para me deixarem em paz?

— Ah. Então é por isso que você está aqui em cima. Para curtir uma onda de autopiedade.

— Isso não é uma piada. Eu estou falando sério. — Pude perceber que Lissa estava ficando zangada. Aquilo estava superando o desgaste que ela tivera antes.

Ele deu de ombros e se recostou casualmente contra a parede inclinada.

— Eu também. Adoro curtir autopiedade. Pena que eu não trouxe os lenços. Do que você quer se lamentar primeiro? Do dia inteiro que você vai perder para reconquistar a sua popularidade e ser querida novamente? Ou de ter de esperar uma semana inteirinha até que a Hollister mande novas roupas? Se pedir uma encomenda rápida, pode ser que não demore tanto.

— Deixe-me sair — disse ela, com raiva, empurrando-o para o lado, desta vez.

— Espera — disse Christian quando ela chegou até a porta. O sarcasmo desaparecera do seu tom de voz.

— Como... como era?

— Como era *o quê?* — perguntou ela, irritada.

— Estar lá fora. Longe da Escola.

Ela hesitou um instante antes de responder, pega de surpresa por uma pergunta que parecia uma tentativa genuína de conversa.

— Era ótimo. Ninguém sabia quem eu era. Eu era só mais um rosto. Não era Moroi. Nem da realeza. Nem nada. — Ela baixou o olhar para o chão. — Todos aqui pensam que sabem quem eu sou.

— É. É meio difícil sobreviver ao seu passado — disse ele, com amargura.

Só naquele momento ocorreu a Lissa — e a mim por tabela — o quanto devia ser difícil estar na pele de Christian. Na maior parte do tempo, as pessoas o tratavam como se ele não existisse. Como se fosse um fantasma. Não falavam com ele, nem sobre ele. Simplesmente não o notavam. O estigma do crime dos pais dele era forte demais, deixara uma sombra sobre toda a família Ozero.

Ainda assim ele a perturbava e ela não estava com vontade de ficar sentindo pena dele.

— Espere aí, agora é a sua onda de autopiedade que estamos curtindo?

Ele riu, quase aprovando.

— É nesta sala que eu venho curtir minha onda de autopiedade já há quase um ano.

— Desculpe — disse Lissa, irritada. — Eu já vinha aqui antes de fugir. Tenho prioridade.

— Direito de posse. Salvo o fato de que eu preciso estar por perto da capela o máximo que eu puder para que as pessoas não pensem que já virei Strigoi... — O tom amargo ressurgiu.

— Eu sempre via você na missa. É só por isso que você costuma frequentá-la? Para parecer bom? — Os Strigoi não podiam pisar em chão sagrado. E isso também tem a ver com aquela história de pecar contra o mundo.

— Claro — disse ele. — Por que outra razão eu iria? Para o bem de nossa *alma*?

— Talvez — disse Lissa, que claramente tinha uma opinião diferente da dele. — Vou deixá-lo sozinho, então.

— Espere — disse ele novamente. Ele parecia não querer que ela saísse. — Vou fazer um trato com você. Você pode ficar aqui também se me contar uma coisa.

— O quê? — Ela olhou para ele de volta.

Ele se inclinou para a frente.

— De todos os boatos que eu ouvi sobre você hoje... e, acredite, eu ouvi vários, mesmo que ninguém os estivesse contando diretamente a mim... teve um que não me convenceu muito. As pessoas dissecaram todo o resto: por que você fugiu, o que vocês fizeram lá fora, por que voltaram, a especialização, o que Rose disse a Mia, blá, blá, blá. E de todos, ninguém, ninguém nunca duvidou daquela história absurda que Rose contou sobre existir todo tipo de gente marginal por aí que deixa você tirar o sangue delas de bom grado.

Ela desviou o olhar, e eu comecei a sentir suas bochechas arderem.

— Não é absurdo, nem é mentira.

Ele riu levemente.

— Eu já vivi no meio de humanos. Minha tia e eu ficamos afastados depois que meus pais... morreram. Não é tão fácil conseguir sangue. — Ela não respondeu, e ele riu novamente. — Era Rose, não era? Ela foi a sua fornecedora.

Um medo renovado tomou a mim e a ela. Ninguém na escola podia saber disso. Kirova e os guardiões que nos apanharam sabiam, mas guardaram esse segredo.

— Bom, se isso não é amizade, eu não sei o que é — disse ele.

— Você não pode contar a ninguém — disse ela, sem pensar.

Era disso que nós precisávamos. Eu acabara de ver na minha frente uma cena que me fizera lembrar que os fornecedores eram viciados em mordida de vampiro. Nós aceitávamos isso como parte da vida, mas, ainda assim, os desprezávamos por serem viciados. Para todos os outros, principalmente um dampiro, deixar um Moroi tirar sangue de você era quase, bem, era uma coisa quase obscena. Na verdade, uma das coisas mais pervertidas, praticamente pornográfica, que um dampiro podia fazer era deixar um Moroi beber seu sangue durante o ato sexual.

Lissa e eu não tínhamos feito sexo, é claro, mas nós duas sabíamos o que os outros iam pensar se descobrissem que eu era sua fornecedora.

— Não conte a ninguém — repetiu Lissa.

Ele meteu as mãos nos bolsos do casaco e sentou-se num dos engradados.

— A quem eu vou contar? Olha, pode ficar com o banco da janela. Você pode se sentar nele hoje e ficar aqui um pouco. A menos que ainda esteja com medo de mim.

Ela hesitou, estudando-o. Ele parecia um cara sombrio e grosseiro, os lábios expressando uma espécie de sorriso típico de sujeito rebelde. Mas não parecia muito perigoso. Não parecia um Strigoi. Com cuidado, ela sentou-se mais uma vez no banco da janela, inconscientemente esfregando os braços de frio.

Christian a observava, e um instante depois o ambiente ficou consideravelmente aquecido.

Os olhos de Lissa se cruzaram com os de Christian e ela sorriu, surpresa de nunca ter percebido como eles eram azuis cor de gelo.

— Sua especialidade é o fogo?

Ele fez que sim com a cabeça e puxou uma cadeira quebrada.

— Agora temos acomodações de luxo.

Eu fui puxada para fora da visão de Lissa.

— Rose? Rose?

Pisquei e foquei o olhar no rosto de Dimitri. Ele estava se inclinando para perto de mim, e suas mãos agarravam meus ombros. Eu parara de andar; nós estávamos de pé no meio do pátio que separava os prédios do ensino médio.

— Você está bem?

— Eu... Sim. Eu estava com Lissa... — Coloquei a mão na testa. Nunca tivera uma experiência tão longa ou clara como aquela. — Eu estava na cabeça dela.

— Na cabeça... dela?

— É. Uma coisa que faz parte do laço. — Eu não estava com vontade nenhuma de dar mais explicações.

— Ela está bem?

— Está, ela está... — Eu hesitei. *Será* que ela estava bem? Christian Oзера acabara de convidá-la para ficar na companhia dele. Não era uma coisa boa. Eu sugerira a ela “sair pelas beiradas”, e não virar-se para o lado negro. Mas o sentimento que sussurrava através do nosso laço não era mais de medo ou de raiva. Ela estava quase alegre, embora ainda um pouco nervosa. — Ela não está em perigo — disse, finalmente. Eu esperava que não estivesse.

— Você consegue continuar andando?

O guerreiro duro e estoico que eu conhecera mais cedo sumira — só por um instante — e ele parecia preocupado de verdade. Realmente apreensivo. Sentir o olhar dele em mim daquele jeito fez alguma coisa palpitar por dentro — o que era ridículo, claro. Eu não tinha por que ficar toda abobada só porque o cara era lindo. E além do mais ele era um deus antissocial, segundo Mason. Um deus que supostamente me deixaria tomada por todo tipo de dor.

— Consigo. Estou bem.

Entrei no vestiário do ginásio e vesti as roupas de ginástica que alguém finalmente pensara em me dar depois de eu ter passado um dia inteiro treinando de calça jeans e camiseta. Nojo. O fato de Lissa estar na companhia de Christian me perturbava, mas tentei deixar para pensar nisso depois, uma vez que meus músculos me diziam que não queriam fazer mais nenhum exercício naquele dia.

Então eu sugeri a Dimitri que talvez ele devesse me deixar descansar dessa vez.

Ele riu, e eu tive certeza de que ria de mim e não comigo.

— Qual o motivo de tanta graça?

— Ah — disse ele, fechando o sorriso. — Você estava falando sério.

— Claro que eu estava! Olhe aqui, tecnicamente eu estou acordada há *dois* dias. Por que você precisa começar este treinamento agora? Deixe que eu durma um pouco — choraminguei. — É só uma hora.

Ele cruzou os braços e me olhou de cima. A preocupação que ele sentira antes tinha sumido. Ele se mostrava bem profissional agora. Linha-dura.

— Como você se sente agora, depois do treino que fez até aqui?

— O corpo todo dói muito.

— Vai se sentir pior amanhã.

— E daí?

— E daí que é melhor começarmos agora, enquanto você ainda não se sente... tão mal.

— Que tipo de lógica é essa? — retruquei.

Mas não argumentei mais, pois ele foi logo me levando para a sala de pesos. Mostrou-me os pesos e o repertório de exercícios que queria que eu fizesse, depois se afastou para um canto da sala com um velho romance de faroeste na mão. Aquilo era um deus?

Quando eu terminei, ele ficou de pé ao meu lado e demonstrou alguns exercícios relaxantes de alongamento.

— Como foi que você acabou se tornando o guardião de Lissa? — perguntei. — Você nem estava aqui alguns anos atrás. Você pelo menos foi treinado nesta escola?

Ele não respondeu de imediato. Percebi que não falava muito sobre si mesmo.

— Não. Fui treinado numa escola na Sibéria.

— Caramba. Deve ser o único lugar pior do que Montana.

Um brilho de alguma coisa — talvez de divertimento — reluziu nos olhos dele, mas ele não tomou conhecimento da piada.

— Depois que me formei, fui guardião de um lorde chamado Zeklos. Ele foi morto recentemente. — O sorriso desapareceu, e a expressão dele ficou sombria. — Mandaram-me para cá porque precisavam de segurança extra para o campus. Quando a princesa reapareceu, já que eu estava por aqui, eles me nomearam guardião dela. Mas isso não faz diferença enquanto ela estiver no campus.

Pensei no que ele dissera antes. Algum Strigoi matou o cara de quem ele deveria estar tomando conta?

— Esse lorde morreu durante o seu turno?

— Não. Ele estava com o outro guardião. Eu estava fora.

Dimitri ficou em silêncio, seu pensamento estava certamente em algum outro lugar. Os Moroi esperavam muito de nós, mas eles reconheciam que os guardiões eram — mais ou menos — apenas humanos. Então os guardiões recebiam salários e se revezavam em turnos, assim como em qualquer outro trabalho. Alguns guardiões mais exigentes consigo mesmos, como a minha mãe, se recusavam a ter férias, e faziam votos de nunca sair de perto dos seus Moroi. Olhando para Dimitri agora, eu tive a sensação de que ele poderia

muito bem se tornar um desses guardiões. Se ele estava fora no seu horário de folga, não podia se culpar pelo que acontecera ao cara. Ainda assim, ele provavelmente o fazia. Eu também me culparia se alguma coisa acontecesse a Lissa.

— Escuta — disse eu, desejando de repente animá-lo —, foi você que arquitetou o plano para conseguir nos trazer de volta? Porque foi um plano muito bom. Brutal e tudo.

Ele arqueou uma das sobrancelhas fazendo uma expressão que eu achei curiosa. Legal. Sempre quis ser capaz de fazer isso.

— Você está me elogiando por aquilo?

— Bom, foi um plano mil vezes melhor do que o último que eles tentaram realizar.

— O último?

— É. Em Chicago. Com a matilha de cães de caça paranormais.

— Esta foi a primeira e única vez que nós encontramos vocês. Em Portland.

Eu parei o alongamento, sentei-me e cruzei as pernas.

— Hum... Eu acho que os cães de caça paranormais não foram fruto da minha imaginação. Quem mais poderia tê-los enviado? Eles só atendem aos chamados dos Moroi. Talvez ninguém tenha contado a você sobre esse primeiro plano.

— Talvez — disse ele, indiferente. Pude ver pela expressão do seu rosto que ele não acreditara nisso.

Depois daquilo, voltei para o dormitório dos aprendizes. Os alunos Moroi moravam no outro lado do pátio, perto do refeitório. A organização dos dormitórios baseava-se, em parte, na conveniência. Morar ali mantinha a nós, aprendizes, próximos dos ginásios e campos de treinamento. Mas nós também vivíamos separados por causa das diferenças entre os estilos de vida dos Moroi e dos dâmpiros. Os dormitórios deles quase não tinham janelas, com exceção de algumas com filtros que diminuía a intensidade da luz do sol. Eles também tinham uma seção especial onde os fornecedores eram mantidos sempre a postos. Os dormitórios dos aprendizes possuíam uma arquitetura mais aberta, que deixava entrar mais luminosidade.

Eu tinha o meu próprio quarto porque havia muito poucos aprendizes, e garotas, então, menos ainda. O quarto que me deram era pequeno e simples, com uma cama dupla e uma escrivaninha com um computador. Meus poucos pertences tinham sido misteriosamente trazidos de Portland e agora estavam lá, espalhados, dentro de caixas. Vasculhei um pouco as caixas até encontrar uma camiseta para dormir. Enquanto mexia nelas encontrei duas fotos, uma de Lissa e de mim num jogo de futebol americano em Portland e outra tirada quando eu saíra de férias com a família dela, um ano antes do acidente.

Arrumei-as sobre a escrivaninha e liguei o computador. Alguém do setor técnico me deixara, generosamente, uma folha de instruções que ensinava como renovar minha conta de e-mail e criar uma senha. Ativei a conta e criei a senha, feliz ao perceber que ninguém se dera conta de que a internet serviria como um meio para que eu pudesse me comunicar com Lissa. Eu me sentia cansada demais para escrever para ela naquele momento e estava prestes a desligar tudo quando vi que havia uma mensagem para mim. De Janine Hathaway. Era breve.

Estou feliz que você esteja de volta. O que você fez foi imperdoável.

— Também amo você, mãe — murmurei, desligando o computador.

Quando fui para a cama depois disso, caí desmaiada antes mesmo de afofar o travesseiro, e, bem como Dimitri previra, eu me senti dez vezes pior quando acordei na manhã seguinte. Deitada ali, reconsiderei as vantagens de fugir. Logo que me lembrei da surra que levava percebi, no entanto, que a única maneira de impedir que algo assim acontecesse de novo era aguentar um pouco mais de pancada naquela manhã.

As dores fizeram com que tudo fosse ainda pior no segundo dia, mas eu sobrevivi ao treino com Dimitri

antes das aulas e às aulas seguintes sem desmaiar nem desvanecer.

No almoço, tirei Lissa da mesa de Natalie imediatamente e passei-lhe um sermão, ao estilo de Kirova, sobre Christian — repreendendo-a principalmente por ter deixado aquele garoto saber que eu fora a fonte de sangue dela. Se aquilo se espalhasse, nós estaríamos liquidadas socialmente, e eu não acreditava que ele fosse guardar segredo.

Lissa estava preocupada com outras coisas.

— Você esteve na minha cabeça outra vez? — exclamou. — Durante *todo* esse tempo?

— Não foi de propósito — argumentei. — Aconteceu. E não é isso que importa. Quanto tempo você ficou lá com ele depois?

— Não muito tempo. Foi meio... divertido.

— Bom, você não pode fazer isso de novo. Se as pessoas descobrirem que você está andando com ele, vão crucificá-la. — Olhei para ela cuidadosamente. — Você não está, talvez, gostando dele, está?

Ela zombou.

— Não. É claro que não.

— Bom. Porque se você vai sair atrás de algum garoto, roube Aaron de volta para você. — Era meio chato, sim, mas com ele Lissa estava segura. Assim como com Natalie. Por que será que todas as pessoas inofensivas são tão chatinhas? Talvez essa seja a definição de segurança.

Ela riu.

— Mia me arrancaria os olhos fora com as garras dela.

— Com ela a gente se vira. Além do mais, ele merece alguém que não compre roupas na Gap infantil.

— Rose, você precisa parar de dizer essas coisas.

— Só estou dizendo o que você não diz.

— Ela é só um ano mais nova — disse Lissa. Ela riu. — Não posso acreditar que você pense que sou eu quem vai nos meter em confusão.

Sorrindo, enquanto caminhávamos rápido para a aula, dei uma olhadela de lado para ela e disse:

— Mas Aaron está bem bonito, não está?

Ela sorriu de volta e evitou o meu olhar.

— É. Está bem bonito.

— Arrá. Está vendo? Você devia ir atrás dele.

— Ah, sei lá. Estou achando bom sermos amigos agora.

— Amigos que costumavam enfiar as línguas dentro das gargantas um do outro.

Ela revirou os olhos.

— Está bem — continuei provocando. — Vamos deixar Aaron lá na creche. Mas só se você ficar longe de Christian. Ele é perigoso.

— Você está exagerando. Ele não vai virar um Strigoi.

— Ele é má influência.

Ela riu.

— Você acha que eu estou correndo o risco de virar Strigoi?

Ela nem esperou pela minha resposta. Abriu a porta da sala de ciências. De pé, ali, eu repeti para mim mesma, com desconforto, as palavras dela e entrei na sala um instante depois. Ao entrar, dei de cara com o poder da realeza em ação. Alguns garotos — junto com certas meninas que olhavam e davam risadinhas — estavam perturbando um garoto Moroi alto, magro demais e bastante desajeitado. Eu não o conhecia muito bem, mas sabia que ele era pobre e com certeza não era da realeza. Dois de seus algozes eram especialistas

na magia de manipular o ar, e faziam voar os papéis de cima da carteira dele e depois, em correntes de ar provocadas por eles, deixavam as folhas rodopiando pela sala enquanto o garoto tentava inutilmente apanhá-las.

Meus instintos me impulsionaram a fazer alguma coisa, talvez dar um soco num dos manipuladores de ar. Mas eu não podia arrumar briga com todos que me incomodassem, e com um grupo real é que eu não podia mesmo — especialmente quando Lissa precisava se manter fora do radar deles. Eu, então, pude apenas lançar um olhar de nojo para eles enquanto caminhava até a minha mesa. Antes de chegar lá, porém, a mão de alguém me pegou pelo braço. Jesse.

— Epa! — disse eu, brincando. Felizmente, ele não parecia estar participando da sessão de tortura. — Não toque na mercadoria.

Ele me lançou um sorriso, mas continuou segurando o meu braço.

— Rose, conte para Paul a briga que você armou na aula da professora Karp.

Eu, bem atrevida, levantei a cabeça e sorri jocosamente para ele.

— Eu armei muitas brigas na aula dela.

— Aquela com o caranguejo-ermitão e o gerbo.

Eu me diverti recordando.

— Ah, sei. Era um hamster, acho. Eu só o joguei dentro do aquário do caranguejo, e eles estavam agitados por estarem tão perto de mim e então começaram a brigar.

Paul, um cara que estava sentado ali perto e que eu não conhecia, também riu. Ele fora transferido de escola no ano anterior, parece, e não conhecia a história.

— Quem ganhou?

Eu olhei para Jesse tentando me recordar.

— Não lembro mais. E você?

— Também não. Eu só me lembro de Karp ficando histérica. — Ele se virou para Paul. — Cara, você tinha que conhecer essa professora totalmente doida que a gente tinha. Ela achava que tinha gente que a estava perseguindo, se esquentava com qualquer coisinha e dizia coisas sem o menor sentido. Era maluca. Costumava vagar pelo campus quando todo mundo estava dormindo.

Dei um sorriso tenso, como se achasse aquilo engraçado. Não achava. Pensei na professora Karp novamente, surpresa de estar pensando nela pela segunda vez em dois dias. Jesse estava certo — ela realmente vagava muito pelo campus quando ainda trabalhava aqui. Era bastante assustador. Eu me deparei com ela uma vez — inesperadamente.

Eu tinha pulado a janela do meu dormitório para sair com umas pessoas. Já era tarde e, supostamente, nós todos devíamos estar em nossos quartos dormindo há muito tempo. Essas táticas de fuga eram uma prática regular para mim. Eu era boa nelas.

Mas naquele dia eu caí. Meu quarto ficava no segundo andar, e as minhas mãos escorregaram na metade da descida. Sentindo o chão se aproximar de mim, tentei desesperadamente agarrar alguma coisa para amortecer o tombo. As pedras ásperas do prédio rasgaram-me a pele, mas eu estava preocupada demais para sentir os cortes. Caí feio no gramado, de costas, vencida pela queda.

— Está em má forma, Rosemarie. Você devia tomar mais cuidado. Seus treinadores ficariam decepcionados.

Espiando por entre meus cabelos despenteados, vi a professora Karp de pé, olhando de cima para mim, enquanto uma expressão confusa dominava a sua fisionomia. Nesse meio-tempo, a dor tomou conta de todo o meu corpo.

Tentando ignorá-la da melhor maneira possível, acabei me levantando. Estar numa sala de aula com a Karp Doida, rodeada de outros alunos, era uma coisa. Estar sozinha com ela do lado de fora dos prédios era outra coisa, muito diferente. Ela sempre tinha um brilho lúgubre e distraído no olho que arrepiava até o último fio de cabelo.

Havia também uma grande possibilidade de ela me arrastar para Kirova e eu acabar em detenção. O que também era apavorante.

Em vez de fazer isso, ela apenas sorriu e estendeu a mão para segurar as minhas. Eu estremeci, mas deixei. Ela fez um ar de preocupação quando viu os arranhões. Apertando sua mão sobre eles, franziu levemente o cenho. Um formigamento queimou a minha pele, deixando-me envolta numa espécie de zumbido agradável, e então as feridas se fecharam. Tive uma breve sensação de tontura. A minha temperatura subiu rápido. O sangue desapareceu, assim como a dor no meu quadril e na minha perna.

Sem fôlego, retraí minhas mãos. Eu já vira muitas magias feitas pelos Moroi, mas jamais algo daquela ordem.

— O que... o que você fez?

Ela me lançou aquele sorriso estranho novamente.

— Volte para o seu quarto, Rose. Há coisas ruins aqui fora. Nunca se sabe o que está seguindo você.

Eu ainda estava olhando fixamente para as minhas mãos.

— Mas...

Olhei novamente para ela e pela primeira vez percebi que tinha cicatrizes nos cantos da testa. Como se unhas tivessem sido cravadas na pele dela. Ela piscou.

— Eu não vou contar coisa alguma sobre você se você também não contar nada a meu respeito.

Voltei para o momento presente, desconfortável pela lembrança daquela noite bizarra. Jesse, nesse meio-tempo, estava me falando de uma festa.

— Você tem que conseguir escapar da sua coleira essa noite. Nós vamos para aquele lugar no meio do bosque por volta das oito e meia. Mark tem um baseado.

Eu suspirei saudosa, o pesar substituindo o arrepio que eu sentira por causa da lembrança da professora Karp.

— Não posso escapar dessa coleira. Estou com o meu carcereiro russo.

Ele soltou o meu braço, parecendo decepcionado, e passou a mão nos seus cabelos castanhos cor de bronze. Puxa. Não poder sair com ele era uma verdadeira lástima. Eu ia ter de dar um jeito nisso qualquer dia desses.

— Será que você nunca vai poder sair por bom comportamento? — brincou ele.

Eu lancei para ele um sorriso que eu esperava parecesse sedutor, enquanto tentava encontrar a carteira onde devia me sentar.

— Claro — disse eu, por cima do ombro. — Se eu algum dia ficar boazinha.

Seis

Por mais que o encontro entre Lissa e Christian tivesse me incomodado, no dia seguinte ele me daria uma ideia.

— Ei, Kirova, quer dizer, diretora Kirova — disse eu de pé na porta do escritório, sem ao menos ter marcado hora para visitá-la. Ela levantou os olhos dos papéis nos quais estava trabalhando, visivelmente aborrecida de me ver ali.

— Sim, senhorita Hathaway?

— A minha prisão domiciliar me proíbe de frequentar a igreja?

— Não entendi.

— A senhora disse que, se eu não estiver em sala de aula ou em treinamento, tenho de ficar no dormitório. Mas e as missas de domingo? Eu não acho que seja justo a escola me manter afastada das minhas necessidades... religiosas. — Ou me excluir de mais uma ocasião, por mais chata e breve que fosse, de estar com Lissa.

Ela empurrou os óculos mais para cima do nariz.

— Eu não estava informada de que você tivesse necessidades religiosas.

— Eu encontrei Jesus quando estava fora da escola.

— Sua mãe não é atea? — perguntou ela, descrente.

— E o meu pai é provavelmente muçulmano. Mas eu fui buscar o meu próprio caminho. A senhora não deveria me privar da religião.

Ela fez um som que mais pareceu um engasgo.

— Não, senhorita Hathaway, não vou privá-la. Muito bem. Você pode frequentar a igreja aos domingos.

Mas a sensação de vitória durou pouco tempo, pois, quando fui à igreja alguns dias depois, a missa demonstrou ser tão enfadonha quanto eu já a achara antes. Ao menos pude de fato sentar-me ao lado de Lissa, o que me deu a sensação de estar obtendo, de certo modo, algum ganho. O que eu fiz, na maior parte do tempo, foi observar as pessoas. Ir à igreja era opcional para os alunos, mas, com tantas famílias da Europa oriental, muitos alunos eram cristãos ortodoxos e frequentavam o culto ou porque acreditavam, ou porque os pais os obrigavam.

Christian sentou-se no lado oposto do corredor, entre os bancos, fingindo ser tão crente quanto dissera. Por mais que eu não gostasse dele, a sua falsa fé ainda assim me divertia. Dimitri sentou-se no banco de trás, linhas de sombras cruzando-lhe o rosto, e, como eu, ele também não comungou. Por mais atento que ele

parecesse, fiquei me perguntando se estaria realmente ouvindo a missa. Eu focava e perdia a concentração o tempo todo.

— Seguir os caminhos de Deus nunca é fácil — dizia o padre. — Mesmo são Vladimir, o patrono desta escola, passou por um momento difícil. Ele tinha um espírito tão forte que as pessoas frequentemente se agrupavam ao seu redor, fascinadas só por estarem perto dele e ouvirem as suas palavras. Tão magnânimo era o seu espírito, dizem as velhas escrituras, que ele podia curar os doentes. E, no entanto, apesar desses dons, muitos não o respeitavam. Debochavam dele, dizendo que estava desencaminhado e confuso.

O que era uma maneira gentil de dizer que Vladimir era maluco. Todos sabiam disso. Ele era um dos poucos santos Moroi que existiam, então o padre gostava muito de falar a respeito. Antes da nossa fuga, eu já ouvira todas as histórias mais conhecidas sobre ele, repetidas vezes. Ótimo. Pelo visto eu teria uma eternidade de domingos para ouvir sua história outras incontáveis vezes.

— ...e assim foi com Anna, beijada pelas sombras.

Eu ergui a cabeça num sobressalto. Não fazia ideia sobre o que o padre falava agora, pois não o estava ouvindo já havia algum tempo. Mas aquelas palavras queimaram dentro de mim. “Beijada pelas sombras.” Fazia tempo que eu as escutara pela última vez, mas nunca poderia esquecê-las. Esperei, ansiosa de que ele continuasse, mas ele já mudara de assunto e passara para a parte seguinte da missa. O sermão acabara.

Ao final da missa, Lissa se virou para ir embora e eu acenei com a cabeça para ela.

— Espere por mim. Já volto.

Fui me espremendo para passar pela multidão e chegar até a frente da igreja, onde o padre falava com algumas pessoas. Esperei impaciente enquanto ele terminava a conversa. Natalie estava no meio do grupo, perguntando a ele sobre os trabalhos voluntários que poderia fazer. Argh. Quando ela terminou, foi embora, cumprimentando-me ao passar.

O padre ergueu uma sobrancelha ao se aperceber da minha presença.

— Como vai, Rose? Que bom vê-la novamente.

— É... o senhor também — disse eu. — Ouvi o senhor falar sobre Anna. Sobre como ela foi “beijada pelas sombras”. O que isso significa?

Ele franziu o cenho.

— Eu não sei ao certo. Ela viveu há muitos anos. Era muito comum se referir às pessoas por alcunhas que refletiam algum de seus traços. Esta designação pode ter sido atribuída a ela para realçar-lhe a força.

Tentei esconder minha decepção.

— Ah, sim. Então, quem era ela?

Desta vez ele franziu as sobrancelhas numa expressão desaprovadora em vez de pensativa.

— Eu mencionei isso diversas vezes.

— Ah, provavelmente não... compreendi bem.

A expressão de desaprovação se acentuou ainda mais, e ele virou-me as costas.

— Espere só um minuto.

Desapareceu pela porta próxima ao altar, a mesma que Lissa usara para chegar ao sótão. Considerei a possibilidade de sair rápido dali, mas pensei que Deus talvez fosse capaz de me lançar em desgraça por isso. Menos de um minuto depois, o padre retornou com um livro, que entregou para mim: *Santos Moroi*.

— Você pode se instruir a respeito dela aqui. Na próxima vez em que nos encontrarmos, vou querer saber o que você aprendeu.

Fui embora danada da vida. Maravilha. Dever de casa passado pelo padre.

Na entrada da capela, encontrei Lissa conversando com Aaron. Ela sorria enquanto falava, e os

sentimentos que passavam dela para mim eram de alegria, porém certamente não de paixão.

— Você está brincando! — exclamou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Não.

Ao me ver passar com passos largos, ela se virou na minha direção.

— Rose, você não vai acreditar nisso. Sabe o Abby Badica? E o Xander? O guardião deles quer se demitir.

E se casar com *outra* guardiã.

Bom, *isso sim* era uma fofoca quente. Um escândalo, na verdade.

— É sério? E eles vão, tipo, fugir juntos?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Estão comprando uma casa. Vão arrumar empregos com os humanos, eu acho.

Olhei para Aaron, que ficara subitamente tímido com a minha presença.

— E como Abby e Xander estão reagindo a isso?

— Bem. Constrangidos. Eles acham uma estupidez. — Então ele se deu conta de com quem estava falando. — Quer dizer, eu não estava dizendo que...

— Tudo bem — disse, com um sorriso amarelo. — *É* mesmo uma estupidez.

Uau. Eu estava chocada. O meu lado rebelde amava histórias nas quais as pessoas “lutavam contra o sistema”. Só que, neste caso, eles estavam lutando contra o *meu* sistema, contra o sistema no qual eu fora educada e preparada para acreditar pelo resto da vida.

Os vampiros e os Moroi tinham um acordo estranho. Originalmente os vampiros surgiram de uniões entre Moroi e humanos. Infelizmente, vampiros não podiam se reproduzir uns com os outros — nem com humanos. Era uma herança genética esquisita. Com as mulas é assim também, me contaram, embora essa não fosse uma comparação que me agradasse muito. Vampiros e Moroi puros *podiam* ter filhos juntos, e, devido a outra herança genética bizarra, seus filhos nasciam vampiros comuns, com genes metade humanos, metade vampiros.

Como os Moroi eram os únicos com quem os vampiros podiam se reproduzir, nós tínhamos de estar sempre perto deles e nos mesclar com eles. Do mesmo jeito que se tornou importante para nós fazer com que os Moroi ao menos *sobrevivessem*. Sem eles, estaríamos acabados. E como os Strigoi adoravam abater os Moroi um por um, a sobrevivência deles tornou-se uma preocupação legítima para nós.

Foi assim que o sistema de guardiões se desenvolveu. Os vampiros não podiam fazer magias, mas eram grandes guerreiros. Herdávamos dos nossos genes vampirescos sentidos e reflexos aguçados e, dos humanos, força e resistência maiores. Também não éramos limitados pela necessidade de sangue ou por problemas com a luz do sol. Com certeza não éramos tão poderosos quanto os Strigoi, mas treinávamos com afinco, e os guardiões vinham fazendo um excelente trabalho no que se referia a manter os Moroi a salvo. Muitos vampiros acreditavam que valia a pena pôr a própria vida em risco para se assegurarem de que nossa espécie pudesse continuar se reproduzindo.

Uma vez que os Moroi geralmente preferiam ter e criar crianças Moroi, não se encontravam muitos romances duradouros entre Moroi e vampiros. Não se viam, sobretudo, muitas mulheres Moroi se relacionando amorosamente com homens vampiros. Mas diversos jovens Moroi gostavam de ter namoricos com mulheres vampiras, muito embora eles geralmente acabassem se casando mesmo com as mulheres de sua própria espécie. Isso resultava num número considerável de mães solteiras vampiras, mas nós éramos fortes e podíamos dar conta disso.

Muitas mães vampiras, no entanto, preferiam não se tornar guardiãs para poderem criar seus filhos. Essas

mulheres às vezes tinham empregos regulares com os Moroi ou entre os humanos; algumas viviam juntas em comunidades. Esses agrupamentos costumavam gozar, no entanto, de má reputação. Não sei o quanto disso é verdade, mas reza a lenda que homens Moroi os visitam *o tempo todo* em busca de sexo. E que algumas mulheres dampirãs os deixavam beber do seu sangue enquanto faziam sexo. Eram prostitutas de sangue.

Quase todos os guardiões, então, eram homens, o que significava que havia muito mais Moroi do que guardiões. Muitos homens dambiros aceitavam o fato de que não teriam filhos. Sabiam que era o seu dever proteger os Moroi e deixavam a procriação a cargo de suas irmãs e primas.

Algumas mulheres dampirãs, como a minha mãe, ainda sentiam que era dever delas serem guardiãs — mesmo que isso significasse não criar os próprios filhos. Depois que eu nasci, ela me entregou para ser criada pelos Moroi. Os Moroi e os dambiros começam sua educação escolar ainda bem novos, e, no meu caso, a escola praticamente assumiu o papel dos meus pais quando eu ainda tinha quatro anos.

O exemplo dado por minha mãe e a minha vida na escola fizeram com que eu acreditasse de todo o coração que o trabalho de um dambiro era mesmo o de proteger os Moroi. Era parte da nossa herança, e a única maneira de garantir a sobrevivência da nossa espécie. Era simples assim.

E isso era o que tornava tão chocante o que o guardião dos Badica fizera. Ele abandonara o seu Moroi e fugira com outra guardiã, o que significava que ela abandonara o Moroi *dela*. Eles nem poderiam ter filhos juntos, e agora duas famílias estavam sem proteção. Por que razão fazer algo assim? Ninguém ligava se dambiros adolescentes namorassem entre si, ou se dambiros adultos tivessem casos esporádicos. Mas um relacionamento duradouro? Ainda mais um que os obrigava a fugir? Era um desperdício total. E uma desgraça.

Depois de mais algumas especulações a respeito dos Badica, Lissa e eu nos despedimos de Aaron. Assim que pusemos os pés do lado de fora da capela, ouvi um estranho barulho de alguma coisa se movendo e depois de algo escorregando. Quando me dei conta do que estava acontecendo, já era tarde demais. Pois foi na hora exata em que um amontoado de neve escorregou do teto da capela e caiu bem em cima de nós. Era início de outubro, e uma tempestade de neve caía meio fora de época na noite anterior e começara a derreter quase que imediatamente. O resultado foi que a neve que caía sobre nós estava muito úmida e fria.

Lissa foi apanhada em cheio por ela, mas eu ainda gritei quando senti aquela água gelada caindo no meu cabelo e escorregando pelo pescoço. Outras pessoas perto de nós também soltaram gritinhos agudos, atingidas pelos respingos da miniavalanche.

— Você está bem? — perguntei a Lissa. Seu casaco estava encharcado, e seu cabelo platinado ficara grudado no rosto.

— E-estou b-bem — disse ela, batendo os dentes de frio.

Eu tirei o casaco e o dei a ela. Tinha uma superfície impermeável e bloqueara boa parte da água.

— Tire o seu.

— Mas você vai ficar...

— Pegue este.

Ela pegou, e enquanto vestia o meu casaco, eu finalmente prestei atenção nas gargalhadas que geralmente se seguem a situações como essa. Evitei os olhares, concentrando-me em segurar o casaco molhado de Lissa enquanto ela o trocava pelo outro.

— Eu preferia que você não estivesse usando um casaco, Rose — disse Ralf Sarcozy, um garoto de físico excepcionalmente volumoso e roliço para um Moroi. Eu o odiava. — Essa blusa teria ficado uma beleza, molhada.

— Essa blusa é tão feia que deveria ser queimada. Onde você conseguiu isso? Era de algum mendigo?

Levantei o olhar e vi Mia caminhar para perto e enlaçar o seu braço no de Aaron. Seus cachos louros estavam perfeitamente penteados, e ela calçava um par espetacular de sapatos altos pretos, que ficariam muito mais bonitos nos meus pés. Ao menos tinham feito com que ela parecesse mais alta. Isso eu tinha que admitir. Aaron estava apenas alguns passos atrás de nós, mas miraculosamente evitara ser atingido pela neve. Ao ver como Mia parecia cheia de si, vi que isso não fora milagre algum.

— Imagino que você esteja se oferecendo para queimá-la, não é? — perguntei, recusando-me a deixá-la perceber o quanto a sua afronta me irritara. Eu sabia perfeitamente bem que parara de acompanhar a moda ao menos durante os dois últimos anos. — Ah, não, espere aí, o seu elemento não é o fogo, não é mesmo? Você trabalha com a água. Que coincidência ter caído tanta na nossa cabeça.

Mia olhou-nos como se tivesse sido insultada, mas o brilho em seus olhos revelava que ela estava se divertindo demais com aquilo para ter sido apenas uma inocente espectadora.

— O que você está querendo dizer com isso?

— Não estou querendo dizer nada. Mas a diretora Kirova provavelmente vai ter alguma coisa para dizer quando descobrir que você usou magia contra outro aluno.

— Não foi um ataque — zombou ela. — E não fui eu quem provocou. Foi um ato de Deus.

Alguns riram, para o deleite dela. Na minha imaginação, eu respondia: “E isso também”, e depois a jogava contra o muro da igreja. Mas na vida real, Lissa apenas me cutucou e disse:

— Vamos embora.

Eu e ela fomos caminhando cada uma para o seu dormitório, deixando para trás as risadinhas e as piadas sobre nós termos ficado encharcadas e sobre Lissa ainda não saber nada sobre a especialização que lhe caberia. Por dentro, eu fervia de raiva. Precisava fazer alguma coisa para acabar com a raça de Mia. Além da irritação habitual que as suas provocações me causavam, eu também não queria que Lissa fosse obrigada a lidar com mais motivos de tensão do que os que ela já tinha. Nós passáramos bem a primeira semana depois da volta à escola, e eu queria que as coisas continuassem assim.

— Sabe — disse eu —, estou achando cada vez mais que é uma boa ideia você roubar o Aaron de volta. Vai ser uma boa lição para aquela bonequinha escrota. Aposto como vai ser fácil também. Ele ainda é louquinho por você.

— Eu não quero dar lição alguma em ninguém — disse Lissa. — E *eu* não sou louquinha por ele.

— Vai, ela arruma briga e fala mal de nós pelas costas. Ela ontem me acusou de ter arrumado meus jeans no Exército da Salvação.

— Mas seus jeans *são* do Exército da Salvação.

— É, eu sei — bufei —, mas ela não tem direito de fazer piada com as minhas roupas quando ela mesma veste Target.

— Ei, não vejo problema algum na Target. Eu gosto da Target.

— Eu também. Não é essa a questão. Ela está tentando fazer com que acreditem que as roupas dela são de grife, tipo Stella McCartney.

— E isso é crime?

Eu imitei uma expressão solene.

— É, sim, senhora. Você tem que se vingar.

— Já disse, não estou interessada em vingança. — Lissa me lançou um olhar enviesado. — E você também não deveria estar.

Eu armei o sorriso mais inocente que pude, e quando nos separamos, cada uma para seu dormitório, me

senti aliviada novamente por ela não poder ler os meus pensamentos.

— Então, quando vai ser a grande briga de gatas?

Mason estava esperando por mim do lado de fora do dormitório depois que eu tomei o caminho oposto ao de Lissa. Ele parecia relaxado e lindo recostado contra o muro com os braços cruzados, me observando.

— Do que você está falando? Eu não faço a menor ideia.

Ele descruzou os braços e entrou comigo no prédio, me emprestando o casaco dele, já que eu deixara Lissa ficar com o meu, que estava seco.

— Eu vi vocês brigando do lado de fora da capela. Será que você não tem nenhum respeito pela casa de Deus?

Eu bufei.

— Você tem tanto respeito pela casa de Deus quanto eu, seu bárbaro. Você nem frequenta. Além do mais, como você disse, nós estávamos *do lado de fora*.

— E você ainda não respondeu à minha pergunta.

Eu apenas dei um sorriso e vesti o casaco dele.

Nós estávamos na área comum do nosso dormitório, um espaço muito bem-supervisionado, com uma sala de estar e um local de estudos onde rapazes e garotas podiam ficar e levar convidados Moroi. Como era domingo, o lugar estava apinhado de alunos que se preparavam na última hora para alguma prova no dia seguinte. Vislumbrei uma mesa vazia e pequena e agarrei o braço de Mason, levando-o para lá.

— Você não tem que ir direto para o seu quarto?

Afundi-me na cadeira, olhando em volta cautelosamente.

— Tem tanta gente aqui hoje que vai levar algum tempo até me virem. Caramba, eu estou tão cansada de ficar trancada no quarto. E só passou uma semana.

— Eu também estou achando isso muito chato. Nós sentimos a sua falta ontem à noite. Uma galera foi jogar bilhar na sala de jogos. Eddie estava detonando.

Eu rugi.

— Não me conte. Não quero saber da sua glamorosa vida social.

— Tudo bem. — Ele apoiou os cotovelos na mesa e descansou o queixo nas mãos. — Conte-me então sobre Mia. Qualquer dia você vai virar e enfiar um soco na cara dela, não vai? Acho que já vi você fazer isso umas dez vezes, no mínimo, com pessoas que irritavam você.

— Você está falando com uma nova e convertida Rose — disse eu, empenhando-me ao máximo para passar a imagem de garota ajuizada. E não me saí muito bem. Ele soltou uma gargalhada meio engasgada. — Além do mais, se eu fizer isso, vou quebrar meu período probatório com a Kirova. Tenho que andar na linha.

— Em outras palavras, encontrar outro jeito de dar o troco em Mia sem se meter em confusão.

Senti um pequeno sorriso se formando nos cantos dos meus lábios.

— Sabe do que eu gosto em você, Mason? Você pensa igualzinho a mim.

— Um conceito assustador esse — respondeu secamente. — Me diz então o que você acha disso: pode ser que eu saiba alguma coisa sobre ela, mas eu provavelmente não deveria contar a você...

Inclinei-me, interessada, para a frente.

— Ah, agora você já me deixou curiosa. *Vai ter* que me contar.

— Não seria correto — provocou-me ele. — Como vou saber se você vai usar essa informação para o bem e não para o mal?

Eu pisquei, então, como quem exhibe os cílios.

— Você consegue resistir a um rostinho como este?

Ele ficou um tempo me estudando.

— Não, na verdade eu não consigo. Está bem, lá vai: Mia não é da realeza.

Eu me recostei novamente na cadeira.

— Jura? Eu já sabia disso. Eu sei quem é e quem não é da realeza desde que eu tinha dois anos.

— É, mas tem mais coisa além disso. Os pais dela trabalham para um dos lordes Drozdov. — Eu fiz um

gesto impaciente com a mão. Muitos Moroi trabalhavam no mundo dos humanos, mas a sociedade Moroi também oferecia muitos empregos para os de sua espécie. Alguém precisava fazer esses serviços. — Trabalhos de faxina. São praticamente serventes. O pai dela corta a grama, e a mãe é empregada doméstica.

Eu na verdade tinha um respeito saudável por qualquer pessoa que encarasse um dia inteiro de trabalho, não importava de que tipo fosse. Pessoas em toda a parte precisavam fazer trabalhos mais humildes para se sustentar. Mas, assim como no caso das roupas da Target, a conversa era diferente quando a pessoa tentava se fazer passar por outra coisa. E, durante a semana em que eu retomara o cotidiano escolar, já pudera perceber o quanto Mia tentava desesperadamente se entrosar com os estudantes que pertenciam à realeza.

— Ninguém sabe — murmurei, pensativa.

— E ela não quer que saibam. Você sabe como são os alunos da realeza. — Ele fez uma pausa. — Bom, com exceção de Lissa, claro. Eles seriam cruéis com Mia se descobrissem.

— Como é que você sabe disso tudo?

— Meu tio é guardião dos Drozdovs.

— E você vem guardando esse segredo, hein?

— Até você o arrancar de mim. Então, qual é o caminho que você vai escolher: o do bem ou o do mal?

— Acho que vou conceder a ela uma graça...

— Senhorita Hathaway, você sabe que não deveria estar aqui.

Uma das inspetoras do dormitório estava de pé ao nosso lado, a desaprovação estampada em seu rosto.

Eu não estava brincando quando dissera a Mason que pensávamos de um jeito parecido. Ele sabia mentir tão bem quanto eu.

— Nós temos um trabalho de grupo para a aula de ciências humanas. Como vamos fazer o trabalho juntos se Rose estiver no seu isolamento?

A inspetora estreitou seu olhar.

— Vocês não parecem estar fazendo trabalho algum.

Trouxe o livro que o padre me dera para mais perto e o abri numa página qualquer. Eu o colocara sobre a mesa quando nós nos sentamos.

— Nós estamos... trabalhando nisso aqui.

Ela ainda parecia desconfiada.

— Uma hora. Vou dar mais uma hora para vocês, e acho melhor vê-los trabalhando.

— Sim, senhora — disse Mason, seriíssimo. — Com certeza.

Ela foi se distanciando, ainda olhando para nós.

— Meu herói — declarei.

Ele apontou para o livro.

— O que é isso?

— Um livro que o padre me deu. Eu fiz uma pergunta sobre a missa.

Ele me encarou, pasmo.

— Ah, pare com isso e finja interesse. — Eu examinei o índice. — Estou tentando encontrar uma mulher chamada Anna.

Mason deslizou a cadeira para ficar ao meu lado.

— Está certo. Vamos estudar.

Encontrei o número da página, e ela me levou — o que não era de se estranhar — ao capítulo sobre São Vladimir. Nós lemos o capítulo, procurando pelo nome de Anna. Quando o encontramos, não havia muita informação sobre ela. Mas havia um trecho escrito por algum sujeito que teria vivido na mesma época que São Vladimir:

E com Vladimir sempre está Anna, a filha de Fyodor. O amor dos dois é tão casto e puro quanto o de um irmão e uma irmã, e muitas vezes ela o defende dos Strigoi que querem destruí-lo e à sua santidade. Ademais, é ela que o consola quando o espírito é intenso demais para suportar e as trevas de Satã tentam sufocá-lo e enfraquecer-lhe a saúde e o corpo. Contra isso ela também o protege, pois os dois estão enlaçados um ao outro desde que ele lhe salvou a vida quando Anna era criança. É um sinal do amor de Deus Ele ter mandado para Vladimir uma guardiã como Anna, uma guardiã beijada pelas sombras e que sempre sabia o que se passava no coração e na mente dele.

— Aí está — disse Mason. — Ela era a guardiã dele.

— Mas aí não diz o que significa “beijada pelas sombras”.

— Talvez não signifique nada.

Algo em mim não acreditava naquilo. Li o trecho novamente, tentando compreender o sentido entranhado naquele linguajar antigo. Mason me observava curioso, parecendo realmente querer me ajudar.

— Talvez eles tivessem um caso — sugeriu ele.

Eu ri.

— Ele era um *santo*.

— E daí? Os santos provavelmente gostam de sexo também. Essa história de “irmão e irmã” aí é provavelmente um disfarce. — Ele apontou para uma das frases. — Olha só. Eles estão “enlaçados” um ao outro. — Ele deu uma piscadela. — Isso é um código.

Enlaçados. Laço. Essa palavra era uma escolha estranha mesmo, mas não significava necessariamente que Anna e Vladimir tinham andado arrancando as roupas um do outro.

— Eu não acho, não. Eles eram apenas amigos íntimos. Homens e mulheres podem ser apenas amigos — insinuei, e ele me lançou um olhar seco.

— É? Nós somos amigos, e eu não sei o que se passa no seu “coração” e na sua “mente”. — Mason fez cara de filósofo. — Evidentemente, alguns podem argumentar que é impossível saber o que se passa no coração de uma mulher...

— Ah, dá um tempo — grunhi, dando um soco no braço dele.

— Pois elas são criaturas estranhas e misteriosas — continuou ele com sua voz professoral —, e o homem precisa ser um leitor de pensamentos se deseja fazê-las felizes.

Eu comecei a rir, descontrolada, e vi que provavelmente teria problemas outra vez.

— Bom, tente ler o meu pensamento e pare de ser um...

Eu parei de rir e olhei para o livro de novo.

“Enlaçados um ao outro” e “sempre sabia o que se passava no coração e na mente dele”.

Eles tinham um laço, só então me dei conta. Poderia apostar tudo o que eu tinha — e não era muito — nisso. A revelação era surpreendente. Havia muitas histórias vagas e mitos sobre o fato de guardiões e Moroi “antigamente terem laços”. Mas essa era a primeira vez em que eu ouvia falar de alguém específico com quem isso teria acontecido.

Mason percebera a minha reação de espanto.

— Tudo bem? Você ficou meio estranha.

Eu saí do estado de estupefação.

— Não, eu estou bem.

Sete

Umas duas semanas se passaram depois daquilo, as atividades da Escola me ocuparam o tempo e eu logo esqueci a história de Anna. O impacto causado pela nossa volta diminuiu um pouco, e começamos a entrar numa rotina quase confortável. Meus dias giravam entre a igreja, os almoços com Lissa e qualquer tipo de vida social que eu conseguisse extrair entre esses momentos. Como o tempo livre me fora negado, não tive muita dificuldade em me manter meio à margem, embora ainda assim conseguisse chamar a atenção aqui e ali, apesar do meu nobre discurso para Lissa sobre a necessidade de “andar pelas beiradas”. Eu não conseguia evitar. Gostava de paquerar, gostava de grupos, e gostava de fazer comentários espertinhos em sala de aula.

O novo comportamento incógnito atraía a atenção por ser bem diferente daquele de antes de fugirmos, quando Lissa frequentava e participava muito da vida social da realeza. A maioria das pessoas logo a deixou em paz, aceitando o fato de a princesa Dragomir estar se distanciando dos holofotes da vida social e se contentando em andar com Natalie e seu grupo. As divagações de Natalie ainda me deixavam, às vezes, com vontade de dar com a cabeça na parede, mas ela era realmente legal — mais legal do que quase todos os outros alunos da realeza — e, na maior parte das vezes, eu gostava de estar com ela.

E, exatamente como Kirova prescrevera, eu estava me dedicando a treinar e me exercitar o tempo todo. E, com o tempo, meu corpo parou de me odiar. Os músculos ficaram mais fortes, e a minha resistência aumentou. Eu ainda apanhava bastante durante os treinos, mas não tanto quanto antes, o que já era alguma coisa. Quem mais pagava o pato, no entanto, era a minha pele. Ficar tanto tempo do lado de fora, no frio, estava rachando o meu rosto, e só os cremes para cuidados com a pele constantemente fornecidos por Lissa me impediam de envelhecer antes da hora. Já quanto às bolhas nas minhas mãos e nos meus pés, ela não podia mesmo fazer nada.

Também se criou uma rotina entre mim e Dimitri. Mason estava certo ao dizer que ele era antissocial. Quase não víamos Dimitri na companhia de outros guardiões, embora fosse claro que todos o respeitavam. E quanto mais eu treinava com ele, mais eu o respeitava também, embora não entendesse bem os seus métodos. Não pareciam muito cruéis comigo. Sempre começávamos com um alongamento no ginásio, e ultimamente ele me mandava correr do lado de fora, enfrentando o outono de Montana, que esfriava mais a cada dia.

Três semanas depois da minha volta para a Escola, entrei no ginásio antes das aulas e o encontrei largado numa esteira lendo um livro de Louis L’Amour. Alguém trouxera um CD player portátil e isso me alegrou

bastante. Por outro lado, a música que vinha do aparelho não me alegrou nadinha: “When Doves Cry”, do Prince. Era constrangedor saber o título da canção, alguma coisa como “Quando os pombos choram”, mas é que um dos colegas que dividiam a casa conosco enquanto estivemos fora era obcecado pela década de 1980.

— Caramba, Dimitri — disse eu, jogando minha mochila no chão —, eu entendo que este seja mesmo um sucesso bem atual na Europa oriental, mas você não acha que talvez a gente possa ouvir alguma coisa que não tenha sido gravada antes de eu ter nascido?

Só os seus olhos se viraram de leve para mim; o resto do seu corpo permaneceu na mesma posição.

— E isso importa para você? Sou eu que vou ficar ouvindo. Você vai correr lá fora.

Eu fiz cara de quem não gostou e coloquei o pé numa das barras para alongar os tendões. Pensando bem, Dimitri até que mantinha uma tolerância bem-humorada com relação à minha atitude irritadiça. Desde que eu não relaxasse no treinamento, ele não se incomodava com meus comentários incessantes.

— Ei — perguntei, passando para a sessão seguinte de alongamentos —, por que isso de correr tanto, afinal? Quero dizer, eu entendo a importância de aumentar a resistência e tudo, mas eu não deveria estar passando agora para alguma prática de luta? Eles ainda estão me matando nos treinamentos em grupo.

— Talvez você devesse bater com mais força — respondeu secamente.

— Estou falando sério.

— É difícil perceber quando. — Ele baixou o livro, mas não saiu da sua posição relaxada. — O meu trabalho é prepará-la para defender a princesa das criaturas do mal, certo?

— Certo.

— Então me conte uma coisa: imagine que você arruma um jeito de raptá-la novamente e a leva para um shopping. Enquanto vocês estão lá, um Strigoi se aproxima. O que você faz?

— Depende da loja em que a gente estiver.

Ele me olhou sério.

— Bem, eu cravo uma estaca de prata nele.

Dimitri então se sentou, cruzando as pernas longas num movimento fluido. Eu ainda não conseguira entender como alguém tão alto podia ser tão elegante.

— Ah, é? — Ele ergueu as sobrancelhas escuras. — E você tem uma estaca de prata? Você ao menos sabe usar uma?

Desviei os olhos do corpo dele e franzi as sobrancelhas. Feitas de magia elementar, as estacas de prata eram a arma mais mortal de um guardião. Atravessar a estaca no coração de um Strigoi o matava na hora. As lâminas eram letais também para os Moroi, então não eram facilmente entregues aos aprendizes. Meus colegas de classe tinham começado recentemente o aprendizado para usá-las. Eu treinara com um revólver antes, mas ninguém ainda me deixara sequer chegar perto de uma estaca. Felizmente existiam duas outras maneiras de matar um Strigoi.

— Está bem. Eu cortaria a cabeça dele fora.

— Ignorando o fato de que você não tem uma arma capaz de executar essa ação, como você vai cortar a cabeça de um Strigoi, que deve ser uns trinta centímetros mais alto do que você?

Eu estava me alongando, tocando os pés com as mãos, e, naquele momento, me sentei reta, chateada.

— Tudo bem, eu o ataco com fogo.

— E eu pergunto novamente: de onde vai sair esse fogo?

— Certo. Eu desisto. Você já tem a resposta. Está só me provocando. Estou num shopping e vejo um Strigoi. O que eu faço?

Ele olhou bem para mim sem piscar.

— Você corre.

Eu reprimi o impulso de atirar algo nele. Quando terminei de me alongar, ele disse que iria correr comigo. Aquela foi a primeira vez. Talvez correr me ajudasse a entender a reputação de matador que Dimitri tinha.

Nós saímos para o entardecer gelado de outubro. Estar de volta ao “fuso horário” vampiresco ainda era estranho para mim. Com as aulas prestes a começar dali a uma hora, eu esperava que o sol estivesse nascendo e não se pondo. Mas ele estava afundando no horizonte oeste, iluminando as montanhas de picos nevados com um brilho alaranjado. Isso não aqueceu propriamente as coisas, e eu logo senti o frio perfurar os meus pulmões enquanto minha necessidade de oxigênio aumentava. Nós não conversamos. Ele diminuiu a velocidade para acompanhar o meu ritmo, de modo que pudéssemos correr juntos.

Alguma coisa naquilo me incomodou; eu subitamente passei a querer muito a aprovação dele. Então acelerei o ritmo, trabalhando os meus pulmões e os meus músculos com mais afinho. Doze voltas completas pela trilha faziam cinco quilômetros; faltavam ainda nove voltas.

Quando chegamos à penúltima volta, dois outros aprendizes passaram, preparando-se para o treinamento em grupo do qual eu logo participaria também. Ao me ver, Mason fez uma saudação.

— Está em boa forma, Rose!

Sorri e acenei de volta.

— Sua velocidade está caindo — disse Dimitri friamente, desviando o meu olhar dos meninos. A dureza do seu tom de voz me espantou. — É por isso que os seus tempos não estão melhorando? Você se distrai facilmente?

Constrangida, aumentei de novo a velocidade, apesar de o meu corpo já estar esbravejando para mim com palavreado obsceno. Terminamos as doze voltas, e, quando ele chegou, descobriu que nós tínhamos tirado dois minutos do meu melhor tempo.

— Nada mal, não é? — disse eu quando entramos de novo no ginásio para a minha série de alongamentos relaxantes. — Parece que eu poderia chegar até a última loja antes de o Strigoi conseguir me apanhar no shopping. Não sei como Lissa se sairia.

— Se ela estivesse com você, estaria bem.

Olhei surpresa em sua direção. Era o primeiro elogio verdadeiro que eu recebia desde que começara a treinar com ele. Seus olhos castanhos me observavam, com aprovação e satisfação.

E foi então que aconteceu.

Senti como se alguém tivesse atirado em mim. Um terror agudo e mordaz explodiu dentro do meu corpo e da minha cabeça. Pequenas navalhadas de dor. Minha visão ficou turva, e, por um momento, eu, de repente, não estava mais em pé ali. Estava correndo escada abaixo, apavorada e desesperada, precisando sair dali, precisando encontrar... a mim mesma.

Minha visão voltou ao normal, trazendo-me de volta para o ginásio e para fora da cabeça de Lissa. Sem dizer nada a Dimitri, saí em disparada, correndo o mais rápido que podia em direção ao dormitório dos Moroi. Não me preocupei com o fato de ter acabado de correr uma minimaratona. Minhas pernas trabalharam rápido e com eficiência, como se estivessem novinhas em folha. Já distante, eu me dei conta de que Dimitri estava me alcançando, perguntando-me o que havia de errado. Mas eu não pude responder a ele. Eu tinha apenas uma tarefa: chegar até o dormitório.

As formas indistintas e cobertas de hera do dormitório dos Moroi estavam começando a entrar no meu campo visual quando Lissa veio ao nosso encontro, com o rosto coberto de lágrimas. Freei a corrida

bruscamente, os pulmões quase explodindo.

— O que houve? O que há de errado? — perguntei, agarrando os braços dela, forçando-a a me olhar nos olhos.

Mas ela não conseguiu responder. Apenas jogou os seus braços em volta de mim e ficou soluçando no meu peito. Eu a abracei, acariciando seu cabelo liso e aveludado enquanto lhe dizia que tudo ficaria bem — fosse lá o que tivesse acontecido. E, honestamente, naquele momento eu não estava interessada no que acontecera antes. Ela estava comigo, e estava a salvo, e era só isso que importava. Dimitri ficou perto de nós, alerta e pronto para qualquer ameaça, seu corpo todo preparado para atacar. Eu me senti segura com ele ao nosso lado.

Meia hora mais tarde, nós estávamos enfiados no quarto de Lissa com outros três guardiões, mais a diretora Kirova e a inspetora do hall. Esta foi a primeira vez que eu vi o quarto de Lissa. Natalie tinha mesmo dado um jeito de ser a companheira de quarto dela, e os dois lados do quarto eram um ensaio sobre os contrastes. O de Natalie parecia cheio de vida, com retratos na parede e uma colcha de babados que não pertencia ao dormitório. Lissa tinha poucos objetos seus, assim como eu, o que fazia com que o seu lado do quarto parecesse notoriamente nu. Lissa tinha, sim, um retrato colado na parede, um retrato tirado no último dia das bruxas, quando nós nos vestimos de fadas, com asas e maquiagem de purpurina. A visão daquela foto e a lembrança de como as coisas costumavam ser fizeram com que uma dor melancólica tomasse conta do meu peito.

Com toda aquela excitação, ninguém pareceu se lembrar de que eu não deveria estar ali. Do lado de fora, no saguão, outras garotas Moroi se agruparam, tentando entender o que estava acontecendo. Natalie atravessou a multidão, se perguntando qual o motivo de tanta comoção no seu quarto. Quando descobriu o que era, deu uma parada brusca acompanhada de um grito agudo.

Choque e náusea apareceram nas expressões de todos quando vimos a cama de Lissa. Havia uma raposa no travesseiro. Seu pelo era vermelho alaranjado, com manchas brancas. Parecia tão macia e fofinha que poderia ser um bichinho de estimação, um gato talvez, algo que se poderia segurar nos braços e se aconchegar com ele.

Tirando o fato de que alguém passara uma lâmina na sua garganta.

A parte de dentro da garganta era cor-de-rosa e tinha uma consistência de geleia. O sangue manchava seu pelo macio e escorrera para a colcha amarela da cama, formando uma piscina escura que se espalhava pelo tecido. Os olhos da raposa apontavam fixamente para cima, vidrados, e tinham uma espécie de choque em sua expressão, como se a raposa não pudesse acreditar que aquilo estivesse realmente acontecendo.

A náusea cresceu no meu estômago, mas eu me obriguei a continuar olhando. Não podia me dar ao luxo de ser sensível demais. Estaria matando um Strigoi qualquer dia desses. Se não pudesse ver o pescoço aberto de uma raposa, jamais sobreviveria a matanças mais violentas.

O que acontecera com a raposa era algo perverso e doentio, obviamente feito por alguém com a cabeça já ruim demais para ser capaz de pôr isso em palavras. Lissa olhava fixo para ela, com o rosto pálido como a morte, e deu alguns passos em sua direção, as mãos involuntariamente se estendendo para alcançá-la. Aquele ato repugnante a atingira com força, eu sabia, por causa do amor que tinha pelos animais. Ela os amava, e eles a amavam. Enquanto estivemos sozinhas no mundo dos humanos, ela frequentemente me implorava para ter um bicho de estimação, mas eu sempre recusei e lembrava a ela que não poderíamos tomar conta de um se talvez precisássemos fugir de uma hora para outra. E, além do mais, eles me odiavam. Então ela se contentava em ajudar e tratar das feridas de alguns bichos abandonados com que nós nos deparávamos e em fazer amizade com os animais de outras pessoas, como com o gato Oscar.

Ela não pôde, no entanto, cuidar da ferida daquela raposa. Não havia volta para ela, mas eu vi em seu rosto que Lissa queria salvá-la, como salvava tudo. Eu peguei-lhe as mãos e as afastei da raposa, lembrando-me subitamente de uma conversa que tivéramos dois anos antes:

— *O que é isso? É uma gralha?*

— *Grande demais. É um corvo.*

— *Está morto?*

— *Está. Mortinho. Não toque nele.*

Ela não me ouvira na ocasião. Tive esperanças de que desta vez pudesse seguir os meus conselhos.

— Ainda estava viva quando eu voltei — sussurrou Lissa para mim, agarrando-me o braço. — Um fio de vida. Ai, Deus, ela estava se contorcendo. Deve ter sofrido tanto...!

Senti a bile subir até a garganta nesse momento. Eu não ia vomitar de jeito nenhum.

— Você tentou...?

— Não. Eu quis... Eu comecei...

— Então esqueça — disse eu com veemência. — É uma estupidez. Uma brincadeira idiota que alguém fez. Eles vão limpar tudo. Talvez até deem a você um outro quarto se você quiser.

Ela olhou para mim com um olhar quase plácido.

— Rose... você se lembra... naquela vez...

— Pare com isso. Esqueça esse assunto. Não é a mesma coisa desta vez.

— E se alguém tiver visto? E se alguém souber...?

Apertei o braço dela com mais força, quase cravando nele as minhas unhas para conseguir prender a sua atenção. Ela estremeceu.

— Não. Não é a mesma coisa. É totalmente diferente do que aconteceu daquela vez. Você está me ouvindo? — Eu podia sentir os olhos de Natalie e Dimitri atentos a nós. — Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Parecendo não acreditar em mim de jeito algum, Lissa concordava com a cabeça.

— Limpe tudo isso — Kirova ordenou à inspetora. — E descubra se alguém viu alguma coisa.

Alguém finalmente se deu conta de que eu estava lá e ordenou a Dimitri que me levasse embora, apesar das minhas súplicas para que me deixassem ficar com Lissa. Ele me levou, caminhando, de volta para o dormitório dos aprendizes. Não disse nada até estarmos quase lá.

— Você sabe de alguma coisa. Alguma coisa sobre o que aconteceu. É sobre isso que você falava quando disse à diretora Kirova que Lissa estava em perigo?

— Eu não sei de nada. É apenas uma brincadeira de mau gosto.

— Você tem alguma ideia de quem poderia ter feito isso? Ou por quê?

Pensei sobre isso. Antes de fugirmos, poderia ter sido um monte de gente. É assim que são as coisas quando se é popular. Algumas pessoas o amam, outras o odeiam. Mas agora? Lissa, até certo ponto, deixara de ser o centro das atenções. A única pessoa que real e verdadeiramente a desprezava era Mia, mas esta parecia travar suas batalhas com palavras, e não com ações. E mesmo que ela decidisse realmente fazer algo agressivo, por que isso? Não parecia o tipo de coisa que ela faria. Havia um milhão de outras maneiras de se vingar de uma pessoa.

— Não — respondi. — Não faço ideia.

— Rose, se você souber de alguma coisa, me conte. Estamos do mesmo lado. Nós dois queremos protegê-la. Isso é sério.

Eu virei o jogo, descontando toda a minha raiva do episódio da raposa nele.

— É, é sério mesmo. É tudo muito sério. E você me faz ficar só correndo todos os dias, quando eu deveria estar aprendendo a lutar e a defendê-la! Se você quer ajudá-la, então me ensine alguma coisa! *Me ensine a lutar*. Fugir eu já sei.

Eu não tinha me dado conta até aquele momento do quanto eu realmente queria aprender, do quanto eu queria provar para ele, para Lissa e para todo mundo que eu era capaz de ser uma guardiã. O incidente com a raposa fez com que me sentisse impotente, e eu não gostava nada disso. Eu queria fazer alguma coisa. *Qualquer coisa*.

Dimitri observou calmamente o meu acesso de raiva, sem sequer mudar a expressão do rosto. Quando terminei, ele simplesmente fez um sinal para que eu continuasse andando, como se eu não tivesse dito nada.

— Vamos. Você está atrasada para o treino.

Oito

Queimando de ódio, treinei com mais afinco e melhor do que nunca naquele dia com os aprendizes. Tanto que finalmente acabei vencendo uma luta corpo a corpo. Aniquilei Shane Reyes. Nós sempre nos demos bem, e ele levou a derrota numa boa, aplaudindo o meu desempenho junto com alguns outros colegas.

— A revanche está começando — comentou Mason depois da aula.

— Parece que sim.

Ele tocou gentilmente no meu braço.

— Como está Lissa?

Não me surpreendi por ele saber. As fofocas às vezes se espalhavam tão depressa por ali que dava até a impressão de que todos dispunham de algum laço psíquico.

— Está bem. Enfrentando a situação. — Não dei muitas explicações sobre como eu sabia disso. O nosso laço era um segredo para os alunos. — Mason, você diz que conhece Mia. Você acha que ela poderia ter feito aquilo?

— Ei, espere aí, eu não sou um especialista sobre a vida da Mia nem nada. Mas quer que eu diga honestamente o que eu acho? Acho que não. Mia não encara nem a dissecação na aula de biologia. Não consigo imaginá-la sequer capturando uma raposa, quanto mais matando uma.

— Sabe se ela tem algum amigo que poderia ter feito o serviço por ela?

Ele balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não mesmo. Eles também não são do tipo que gosta de sujar as mãos. Mas nunca se sabe.

Lissa ainda estava abalada quando eu a encontrei mais tarde no almoço, e o estado emocional dela foi piorando enquanto Natalie e seus amigos não paravam de falar sobre a raposa. Pelo visto Natalie superara seu asco à exposição pública a ponto de poder aproveitar com satisfação a atenção que ela mesma angariara devido ao espetáculo. Talvez a situação dela, à margem dos grupos mais populares da escola, ao contrário do que eu sempre acreditara, não a contentasse tão plenamente quanto parecia.

— E ela estava bem *ali* — explicava Natalie, gesticulando para dar ênfase. — Bem no meio da cama. Havia sangue *por todo lado*.

Lissa foi ficando verde, da cor do suéter que estava usando. Eu a tirei de lá, antes mesmo de terminar meu almoço, e comecei imediatamente a dizer um monte de obscenidades contra o traquejo social de Natalie.

— Ela é legal — disse Lissa, de modo automático. — Outro dia mesmo você estava me falando sobre o quanto gostava dela.

— E gosto, mas é que ela não tem a menor noção de como lidar com certas coisas.

Estávamos na porta da sala onde teríamos nossa aula sobre comportamento dos animais, e eu percebi que as pessoas estavam olhando curiosas para nós e sussurrando coisas enquanto passavam. Suspirei.

— Como você está lidando com tudo isso?

Um meio sorriso atravessou o rosto de Lissa.

— Você não percebe como eu estou me sentindo?

— Sim, mas quero ouvir de você.

— Eu não sei. Vou ficar bem. Só não queria que todas as pessoas ficassem me encarando como se eu fosse uma atração de circo.

Minha raiva explodiu novamente. O episódio da raposa tinha sido péssimo. O fato de as pessoas a estarem chateando tornava a coisa toda ainda pior, mas pelo menos eu podia fazer algo a respeito delas.

— Quem anda perturbando você?

— Rose, você não pode sair batendo em todas as pessoas com quem nós temos problemas.

— É Mia? — adivinhei.

— E outros — disse ela, evasiva. — Olha, não importa. O que eu quero saber é como foi possível... Quer dizer, eu não consigo parar de pensar naquela vez...

— Não fale — eu a adverti.

— Por que você insiste em fingir que não aconteceu? Logo você. Você debochou de Natalie por ficar falando sem parar, mas você mesma não tem tanto controle assim sobre o que diz. Você normalmente fala sobre tudo.

— Mas sobre *aquilo* não. Nós temos que esquecer aquilo. Foi há muito tempo. E nem sabemos ao certo o que aconteceu.

Ela me olhou com aqueles enormes olhos verdes, avaliando qual poderia ser o seu próximo argumento.

— Oi, Rose.

Nossa conversa morreu quando Jesse se aproximou de nós. Eu acionei o meu sorriso mais sedutor.

— Oi.

Ele acenou cordialmente com a cabeça para Lissa.

— Esta noite vou ao seu dormitório fazer um trabalho de grupo. Então... Você acha que... talvez...

Esquecendo Lissa momentaneamente, foquei toda a minha atenção em Jesse. De repente senti que precisava *muito* fazer alguma loucura. Coisas demais aconteceram naquele dia.

— Claro.

Ele me disse a que horas estaria lá, e eu disse a ele que o encontraria numa das áreas comuns para fornecer os... passos seguintes.

Lissa olhava fixo para mim quando ele foi embora.

— Você está em prisão domiciliar. Não vão deixar você ficar passeando e conversando com ele.

— Eu não quero exatamente “conversar” com ele. Nós vamos escapar das rédeas.

Ela grunhiu.

— Eu simplesmente não reconheço você às vezes.

— Isso é porque você é a cautelosa, e eu sou a intrépida.

Quando começou a aula de comportamento dos animais, ponderei sobre a probabilidade de Mia ter sido mesmo a responsável por tudo. Pela expressão pretensiosa do seu rostinho psicopata-angelical, dava para notar que ela certamente parecia satisfeita com o sucesso da raposa ensanguentada. Mas isso não queria

dizer que ela era a culpada, e, depois de observá-la ao longo das últimas duas semanas, eu sabia que ela ficaria animada com qualquer coisa que pudesse aborrecer a Lissa e a mim. Mesmo que não tivesse sido ela a arquitetar a coisa toda.

— Os lobos, como muitas outras espécies, distinguem, no interior da alcateia, os machos alfa e as fêmeas alfa, aos quais os outros se submetem. Os alfa são quase sempre os fisicamente mais fortes, embora muitas vezes, nos confrontos, conte mais a personalidade e a força de vontade. Quando um alfa é desafiado e se vê substituído na posição central que ocupa, ele pode vir a ser excluído do grupo ou até mesmo atacado pelos outros.

Eu abandonei as minhas divagações e comecei a prestar atenção ao que a professora Meisser dizia.

— A maioria das provocações costuma ocorrer durante o período de acasalamento — continuou ela. Isso, naturalmente, provocou risadinhas na turma. — Em muitas matilhas, o par alfa é o *único* que acasala. Se o macho alfa é um lobo mais velho e vivido, um candidato mais jovem pode achar que tem chances. A veracidade disso se verifica em estudos de caso. O mais jovem frequentemente não percebe o quanto ele é imaturo se comparado aos mais experientes.

Com exceção da história do lobo velho e do lobo jovem, achei o resto bastante relevante. Certamente, na estrutura social da escola, pensei com amargura, parecia haver muitos alfas e muitos desafios.

Mia levantou a mão.

— E quanto às raposas? Elas *também* têm alfas?

A turma inteira parou de respirar por um segundo, o que se fez acompanhar, em seguida, por algumas risadinhas nervosas. Ninguém podia acreditar que Mia fosse capaz de ir tão longe.

A professora Meisser enrubescou. De raiva, eu imaginei.

— Nós estamos estudando os lobos hoje, senhorita Rinaldi.

Mia pareceu não se importar com o fora sutil que levava. E quando a turma foi dividida em duplas para fazer um exercício, ela passou a maior parte do tempo olhando para nós e rindo. Através do laço, pude sentir que Lissa ia ficando cada vez mais nervosa enquanto imagens da raposa surgiam como flashes na sua cabeça.

— Não se preocupe — disse a ela. — Eu sei um jeito...

— Ei, Lissa — interrompeu alguém.

Nós duas levantamos o olhar e vimos Ralf Sarkozy de pé ao lado das nossas carteiras. Tinha no rosto o sorriso estúpido que era a sua marca registrada, e eu tive a impressão de que ele viera até nós porque seus amigos o tinham desafiado.

— Então, confesse — disse ele. — Você matou a raposa. Está tentando convencer Kirova de que é louca para conseguir se mandar daqui novamente.

— Vá se foder — sussurrei para ele.

— Você está se oferecendo?

— Pelo que eu soube não há muito o que foder aí — respondi à altura.

— Uau — disse ele, debochando. — Você mudou *mesmo*. Se eu bem me lembro, você não costumava ser muito exigente no que dizia respeito a com quem você tirava as roupas.

— E se *eu* bem me lembro, as únicas pessoas que você já viu peladas na vida estavam na internet.

Ele enfiou a cabeça entre os ombros de um jeito exageradamente dramático.

— Ei, eu acabei de descobrir: foi você, não foi? — Ele olhou para Lissa e depois para mim novamente. — Ela pediu a *você* para matar a raposa, não foi? Algum tipo bizarro de vudu lésbic... aaahh!

Ralf começou a pegar fogo.

Eu me levantei de um pulo e empurrei Lissa para longe, o que não foi fácil, já que estávamos sentadas em nossas próprias carteiras. Nós duas acabamos no chão enquanto os gritos — especialmente os de Ralf — enchiam a sala de aula e a professora Meissner corria para pegar o extintor de incêndio.

E então, subitamente, as chamas desapareceram. Ralf ainda estava berrando e se debatendo no chão, mas não havia nele nem uma queimadura. O único indício do que acabara de acontecer era o cheiro de fumaça que permanecia no ar.

Durante vários segundos, a turma inteira congelou. Depois, lentamente, todos se recuperaram. Todos conheciam bem as especialidades mágicas de cada um, e, depois de passar os olhos por toda a sala, identifiquei três manipuladores de fogo: Ralf, seu amigo Jacob e...

Christian Ozero.

Já que nem Jacob, nem o próprio Ralf teriam feito isso, o culpado ficou evidente. O fato de Christian estar rindo de maneira histérica também o entregou.

A professora Meissner mudou de cor, do vermelho para o roxo profundo.

— Senhor Ozero! — gritou. — Como o senhor ousa... O senhor tem alguma ideia... Vá para a sala da diretora Kirova agora!

Christian, completamente indiferente, levantou-se e jogou a mochila sobre um dos ombros. O meio sorriso continuou em seu rosto.

— Claro, professora.

Ele seguiu andando, passou por Ralf, que rapidamente se esquivou. O resto da turma o encarava, de boca aberta.

Depois disso, a professora Meissner tentou conduzir a turma de volta a alguma normalidade, mas foi uma tentativa vã. Ninguém conseguia parar de falar sobre o que acontecera. Fora chocante por uma série de razões diferentes. Primeiro, ninguém nunca vira um feitiço como aquele antes: um fogaréu que não deixava nada queimado. Segundo, Christian usara sua magia de maneira ofensiva. Ele atacara outra pessoa. Os Moroi nunca faziam isso. Eles acreditavam que a magia deveria ser usada em benefício da Terra, para ajudar as pessoas a terem vidas melhores. Ela nunca, jamais, deveria ser usada como arma. Os instrutores de magia nunca ensinavam esse tipo de feitiço; eu acho que eles nem conheciam algum. E, finalmente, o mais louco de tudo, fora *Christian* quem fizera aquilo. Christian, que sempre passara despercebido por todos, e com o qual ninguém se importava. Bem, agora todos prestaram atenção nele.

Parece que havia alguém que ainda conhecia feitiços ofensivos, afinal de contas, e, por mais que eu tivesse gostado do olhar de pavor no rosto de Ralf, de repente me ocorreu que Christian poderia ser realmente insano.

— Liss — disse eu, quando saímos da sala —, por favor, me diga que você não voltou a andar com ele.

A culpa que pulsou através do laço me revelou mais do que qualquer explicação.

— Liss! — Eu agarrei o braço dela.

— Não nos vimos tanto assim — disse ela, desconfortável. — Ele é um cara legal. Mesmo.

— Legal? *Legal*? — As pessoas no corredor olhavam para nós. Me dei conta de que eu estava praticamente gritando. — Ele está louco. *Ele tacou fogo em Ralf*. Eu achei que nós tínhamos decidido que você não iria mais vê-lo.

— Você decidiu, Rose. Eu não. — Havia uma rispidez em sua voz com a qual eu não me defrontava fazia algum tempo.

— O que está acontecendo? Vocês dois... Vocês estão...?

— Não! — insistiu ela. — Eu já disse a você que não. Meu Deus. — Ela me lançou um olhar de nojo. —

Nem todo mundo pensa e age como você.

Eu hesitei diante das palavras dela. Depois percebemos que Mia estava passando. Ela não ouvira a conversa, mas percebera o tom. Um sorriso malicioso se espalhou pelo seu rosto.

— Problemas no paraíso?

— Vá procurar sua chupeta e cale essa sua boca — retruquei, sem esperar para ouvir a resposta. O queixo de Mia caiu e depois ela armou uma carranca.

Lissa e eu saímos caminhando em silêncio, e de repente Lissa explodiu numa gargalhada. Com isso, nossa briga se dispersou.

— Rose... — Seu tom abrandara agora.

— Lissa, ele é perigoso. Eu não gosto dele. Por favor, seja cautelosa.

Ela tocou o meu braço.

— Eu sou. Eu sou a cautelosa, lembra? Você é que é a intrépida.

Eu esperava que aquilo ainda fosse verdade.

Mais tarde, porém, depois das aulas, tive minhas dúvidas. Eu estava no meu quarto fazendo os deveres de casa quando senti um escoar, algo que só poderia ser o caminhar furtivo que vinha de Lissa. Parei de fazer os deveres, e olhei fixamente para o nada, tentando captar uma compreensão mais detalhada do que estava acontecendo com ela. Se havia um momento especialmente apropriado para eu escorregar para dentro da cabeça de Lissa, era aquele, mas eu não sabia como controlar isso.

Franzindo a testa, tentei lembrar o que normalmente fazia com que isso acontecesse. Em geral ela estava sentindo alguma emoção forte, uma emoção tão poderosa que tentava explodir para dentro da minha cabeça. Eu tinha que trabalhar duro para lutar contra aquilo; sempre mantinha erguida uma espécie de parede mental.

Concentrando-me nela agora, tentei remover essa parede. Estabilizei, então, a minha respiração e esvaziei a minha cabeça. Não importavam os meus pensamentos, apenas os dela. Eu precisava me abrir para ela e deixar que a nossa conexão se estabelecesse.

Nunca fizera nada parecido com aquilo antes; não tinha muita paciência para a meditação. Mas eu precisava tanto que me forcei a um relaxamento intenso e concentrado. Eu precisava saber o que estava acontecendo com ela, e, depois de alguns poucos minutos, meus esforços foram recompensados.

Eu estava dentro.

Nove

Çaí dentro da cabeça de Lissa, vendo o que ela fazia e experimentando diretamente, mais uma vez, tudo o que se passava com ela.

Ela estava outra vez se encaminhando furtivamente para dentro da capela, confirmando, assim, meus maiores temores. Como da outra vez, ela não encontrou qualquer impedimento para entrar. “Deus do céu”, pensei, “será que esse padre não podia ser um pouco menos negligente com relação à segurança de sua própria capela?”.

O nascer do sol iluminou os vitrais da janela, e a silhueta de Christian se desenhou contra eles: ele estava sentado no banco junto à janela.

— Você está atrasada — disse a Lissa. — Estou esperando há algum tempo.

Lissa apanhou uma das frágeis cadeiras e limpou a poeira do assento.

— Eu imaginei que você estivesse retido na sala da diretora Kirova.

Ele fez que não com a cabeça.

— Não demorou muito. Eles me suspenderam por uma semana. Foi só isso. Não foi difícil escapar logo de lá. — Ele fez um gesto com as mãos. — Como você pode ver.

— Estou surpresa de você não ter sido suspenso por mais tempo.

Um raio de luz do sol nascente iluminou-lhe os olhos azuis como cristais.

— Está decepcionada?

Ela olhou chocada.

— Você tacou fogo numa pessoa!

— Não, eu não fiz isso. Você viu alguma queimadura nele?

— Ele ficou coberto de chamas.

— Elas estavam sob o meu controle. Eu as mantive afastadas do corpo dele.

Lissa suspirou.

— Você não devia ter feito aquilo.

Christian sentou, saindo de sua posição mais relaxada, e se inclinou na direção de Lissa.

— Foi por você que eu fiz.

— Você atacou uma pessoa por mim?

— Claro. Ele estava perturbando você e Rose. Ela estava se saindo bem, defendendo-se de Ralf, eu acho, mas imaginei que uma ajuda extra pudesse ser útil. E depois, isso também vai servir para calar logo a boca

de todo mundo sobre a história da raposa.

— Você não devia ter feito aquilo — repetiu ela, desviando o olhar. Ela não sabia o que sentir com relação àquela “generosidade”. — E não venha me dizer que foi tudo por mim. Você *gostou* de fazer aquilo. Parte de você queria tacar fogo nele. Só por tacar.

Christian, que estava todo cheio de si, desmontou o sorriso e mostrou-se extremamente surpreso. Lissa não é nenhuma médium, mas tem uma habilidade surpreendente para decifrar as pessoas.

Ao ver que ele baixara a guarda, continuou:

— Usar magia para atacar uma pessoa é proibido, e foi *exatamente* por isso que você quis fazer aquilo. Deu um barato em você, uma excitação.

— Essas regras são idiotas. Se usássemos a magia como arma, em vez de usá-la apenas para aquecer ambientes e outras bobagens, os Strigoi não continuariam matando tantos de nós.

— Está errado — disse ela, com firmeza. — A magia é um dom. É pacífica.

— Só porque eles querem que seja assim. Você está repetindo o pensamento político que nós fomos obrigados a ouvir durante toda a nossa vida. — Christian se levantou e começou a andar de um lado para o outro no pequeno espaço do sótão. — Não foi sempre assim, sabe? Nós costumávamos lutar ao lado dos guardiões, há centenas de anos. Depois as pessoas começaram a ficar com medo e pararam. Acharam que era mais seguro simplesmente esconder a magia. Esqueceram os feitiços de ataque.

— Então como você conhecia aquele?

Ele lançou um sorriso torto para Lissa.

— Nem todos esqueceram.

— Quem? A sua família, por exemplo? Seus pais?

O sorriso desapareceu do rosto dele.

— Você não sabe nada sobre os meus pais.

A expressão do rosto de Christian se fechou, o seu olhar ficou severo. Para a maioria das pessoas, ele pareceria assustador e intimidante, mas, enquanto Lissa estudava e admirava suas feições, ele de repente lhe pareceu muito, muito vulnerável.

— Você tem razão — admitiu ela, gentilmente, depois de um momento. — Eu não sei mesmo. Peço desculpas.

Pela segunda vez naquele encontro, Christian se surpreendeu. Provavelmente ninguém pedia desculpas a ele com frequência. Caramba, ninguém nem conversava com ele com tanta frequência. E certamente ninguém nunca sequer o escutara. Como sempre, ele depressa assumiu um ar de presunção.

— Tudo bem. Esquece. — Subitamente parou de andar de um lado para o outro e se ajoelhou na frente dela para que pudessem se olhar bem nos olhos. Sentir a proximidade dele fez com que Lissa prendesse a respiração. Um sorriso perigoso se desenhava nos lábios de Christian. — E, sinceramente, eu não entendo *por que* logo você ficou tão ultrajada com o fato de eu fazer uso de magia “proibida”.

— Logo eu? O que você está querendo dizer com isso?

— Pode bancar a inocente se quiser, e você se sai muito bem nesse papel. Mas eu sei a verdade.

— Que verdade é essa? — Ela não conseguiu esconder o desconforto nem de mim, nem de Christian.

Ele se inclinou para mais perto ainda.

— A verdade é que você usa a compulsão. O tempo todo.

— Não. Não uso, não — disse ela imediatamente.

— Claro que usa. Eu passei noites em claro, tentando entender como afinal vocês duas conseguiram alugar um local para morar e se matricular numa escola de ensino médio sem que ninguém quisesse

conhecer os seus pais. Até que desvendei o mistério. Você só podia estar usando a compulsão. E provavelmente foi assim também que você conseguiu furar a segurança para sair daqui.

— Sei. Você simplesmente desvendou o mistério. Sem ter nenhuma prova.

— Consegui todas as provas de que precisava só de observar você.

— Você andou me observando? Me espionando? Para provar que eu estou usando a compulsão?

Ele deu de ombros.

— Não. Na verdade andei observando você porque eu gosto de fazer isso. A descoberta sobre a compulsão foi só um bônus. E percebi outro dia que você a estava usando para ter mais tempo naquela prova de matemática. E também a usou com a professora Carmack quando ela quis que você fizesse mais testes.

— Então você concluiu que era compulsão? Talvez eu seja apenas boa em convencer as pessoas.

Havia um tom desafiador na sua voz, o que era bem compreensível, levando em conta o medo e a raiva que Lissa estava sentindo. Só que ela disse essas palavras jogando os cabelos para trás. Gesto que, se eu não a conhecesse bem, poderia ser considerado um flerte. Mas eu a conhecia bem... certo? De repente eu não tive mais tanta certeza.

Christian continuou, mas alguma coisa em seus olhos me disse que ele percebera o gesto de Lissa com os cabelos, que ele sempre percebera tudo sobre ela.

— As pessoas ficam com aquele olhar abobado no rosto quando você fala com elas. E não é só com qualquer pessoa que você faz isso. Você é capaz de usar a compulsão com os Moroi. E provavelmente com vampiros também. Agora, *isso* sim é doido. Eu nem sabia que era possível. Você é uma espécie de superestrela. Alguma espécie de superestrela do mal que sai abusando dos outros por meio da compulsão.

Isso era uma acusação, mas o tom com que fazia isso e todo o seu comportamento irradiavam o mesmo jogo de sedução que Lissa irradiara.

Ela não soube o que dizer. Christian estava certo. Tudo o que ele dissera era verdade. Foi mesmo por meio da compulsão que nós driblamos as autoridades e conseguimos nos virar no mundo fora da escola sem a ajuda de nenhum adulto. Foi por meio da compulsão que nós convencemos o banco a deixá-la meter a mão em sua herança.

E fazer algo assim era considerado tão errado quanto usar a magia como arma. Por que não seria? Era *de fato* uma arma. Uma arma poderosa, uma arma da qual se podia abusar muito facilmente. As crianças Moroi aprendiam desde cedo que usar a compulsão era muito, muito errado. Não se ensinava ninguém a manejá-la, embora, tecnicamente, todos os Moroi possuíssem tal habilidade. Lissa simplesmente descobrira como usá-la — e muito bem —, até mesmo com os Moroi, de modo idêntico ao que fazia com os humanos e os vampiros, como Christian notara.

— O que você vai fazer, então? Vai me entregar?

Ele fez que não com a cabeça e sorriu.

— Não. Eu acho isso extremamente sedutor.

Ela o encarou com os olhos bem abertos e o coração em disparada. Algo com relação ao formato dos lábios dele a deixou intrigada.

— Rose acha que você é perigoso — disse Lissa nervosamente, num impulso. — Ela pensa que você pode ter matado a raposa.

Eu não sei o que senti ao me ver sendo mencionada naquela conversa bizarra. Algumas pessoas tinham medo de mim. Talvez ele também tivesse.

A julgar pelo deleite em sua voz, quando respondeu, ele não parecia ter medo algum.

— As pessoas pensam que eu sou descontrolado, mas vou dizer uma coisa a você: Rose é dez vezes mais. É claro que isso dificulta muito as coisas para as pessoas que querem sacanear *você*, então eu sou totalmente a favor de ela ser assim. — Ele se recostou para trás sobre os calcanhares e finalmente quebrou o espaço de proximidade íntima entre eles. — E eu juro por tudo a você que não fui eu que fiz *aquilo*. Mas descubra quem foi, e o que eu fiz com o Ralf vai parecer uma bobagem.

A oferta galante de uma vingança assustadora não surtiu propriamente o efeito de confortar Lissa. Mas excitou-a um pouco.

— Não quero que você faça nada. E ainda não sei quem foi.

Ele se aproximou novamente dela e segurou-a pelos pulsos. Começou então a dizer alguma coisa, depois parou e olhou, surpreso, para baixo, passando os polegares sobre três leves cicatrizes que quase não se viam. Quando olhou de volta para o rosto de Lissa, havia uma estranha — para ele — doçura em sua expressão.

— Você pode não saber quem foi. Mas você sabe alguma coisa. Alguma coisa da qual você não está falando.

Ela olhou bem para Christian, um redemoinho de emoções se agitava em seu peito.

— Você não pode saber todos os meus segredos — murmurou.

Ele olhou de volta para os pulsos dela e depois os soltou, e aquele sorriso seco, que lhe era característico, voltou para o seu rosto.

— Não. Acho que não posso.

Um sentimento de paz se apossou dela, um sentimento que eu achava que só eu podia proporcionar a Lissa. Voltando à minha própria cabeça e ao meu próprio quarto, eu me encontrei sentada no chão olhando para o meu livro de matemática. Depois, por motivos que eu mesma não compreendi, fechei o livro com força e o atirei contra a parede.

Passei o resto da noite remoendo aquilo até a hora em que combinara de encontrar Jesse quando ele viesse ao dormitório. Desci sorrateiramente as escadas e fui para a cozinha — um lugar ao qual eu estava autorizada a ir, desde que ficasse lá por pouco tempo — e cruzei os olhos com os dele quando passei pela sala de visitas principal.

Ao passar por Jesse, parei um instante e sussurrei:

— Tem uma saleta no quarto andar que ninguém costuma usar. Suba pela escada que fica do outro lado dos banheiros e me encontre lá daqui a uns três ou cinco minutos. A tranca da porta está quebrada.

Ele obedeceu a cada orientação, e nós encontramos a saleta escura, empoeirada e deserta. A queda no número de guardiões ao longo dos anos fizera com que muitos lugares do dormitório ficassem vazios, um triste sinal para a sociedade Moroi, mas perfeitamente conveniente naquele momento.

Ele se sentou no sofá, e eu me deitei de costas, colocando os pés no colo dele. Ainda estava perturbada depois do romance bizarro de Lissa e Christian no sótão e queria apenas esquecer um pouco aquilo.

— Você está aqui para estudar mesmo, ou foi só uma desculpa? — perguntei.

— Não. Era verdade. Eu tinha que fazer um trabalho com a Meredith. — O seu tom de voz indicava que ele não estava nada animado com aquilo.

— Oooh — provoquei. — Trabalhar com uma dampira está abaixo dos padrões exigidos pelo seu sangue nobre? Será que eu devo me sentir ofendida?

Ele sorriu, exibindo uma boca cheia de dentes perfeitos e caninos.

— Você é muito mais sexy do que ela.

— Fico feliz de atender aos seus padrões. — Havia uma espécie de calor nos olhos dele que me excitava,

e as suas mãos escorregavam pelas minhas pernas acima. Mas eu precisava fazer uma coisa antes. Estava na hora da minha vingança. — Mia, então, também deve atender aos padrões, já que vocês a deixam participar do grupo. Ela não é da realeza.

Os dedos dele cutucaram jocosamente minha panturrilha.

— Ela está com Aaron. E eu tenho muitos amigos que não são da realeza. E amigos dampiros. Não sou um completo idiota.

— É, mas você sabia que os pais dela são praticamente os caseiros dos Drozdov?

A mão que corria pela minha perna parou. Eu exagerara, mas ele adorava uma fofoca — e era famoso por espalhá-las.

— É sério?

— Sério. Eles esfregam o chão e coisas desse tipo.

— Hum.

Pude ver as ideias girarem dentro dos olhos azul-escuros dele e tive que esconder um sorriso. A semente fora plantada.

Sentei, aproximei-me mais dele e joguei uma perna por sobre o seu colo. Enlacei os braços em volta dele, e, sem mais delongas, os pensamentos sobre Mia desapareceram assim que a testosterona de Jesse se lançou inteira sobre mim. Ele me beijou avidamente — beijos molhados —, me empurrando contra o encosto do sofá, e eu relaxei naquela que seria a primeira atividade física agradável a que eu me dedicaria em semanas.

Ficamos nos beijando assim durante um bom tempo, e eu não o impedi quando ele tirou a minha blusa.

— Não vou transar — avisei, entre beijos. Eu não tinha a menor intenção de perder minha virgindade num sofá de uma saleta abandonada.

Ele fez uma pausa, pensou a respeito e finalmente decidiu não insistir.

— Tudo bem.

Mas me jogou no sofá, deitou em cima de mim, ainda me beijando com a mesma avidez. Seus lábios passearam até o meu pescoço, e, quando as pontas afiadas dos seus caninos encostaram na minha pele, não pude evitar um suspiro de excitação.

Ele levantou o corpo e olhou para mim sem esconder a surpresa. Por um momento, eu mal pude respirar, lembrando o êxtase de prazer que a mordida de um vampiro podia me proporcionar, imaginando como seria sentir aquilo enquanto estivesse namorando. Mas logo os velhos tabus me interromperam os pensamentos. Mesmo se nós não fizéssemos sexo, dar sangue enquanto nos agarrávamos daquele jeito ainda era errado, ainda era sujo.

— Não — eu o adverti.

— Você quer. — Na voz dele havia um espanto e uma excitação. — Eu sinto.

— Não, eu não quero.

Os olhos dele brilharam.

— Você quer. Como... Espere aí, você já fez isso antes?

— Não — zombei. — É claro que não.

Aqueles belos olhos azuis me observavam, e eu pude ver neles o pensamento andando rápido. Jesse podia ser paquerador, e fofoqueiro, mas ele não era nada burro.

— Você agiu como se já tivesse feito. Ficou excitada quando eu cheguei no seu pescoço.

— Você beija bem — rebati, apesar de não ser inteiramente verdade. Ele salivava um pouco mais do que eu gostaria. — Você não acha que todo mundo ia saber se eu estivesse fornecendo sangue?

Ele foi pego de surpresa pela revelação que lhe ocorria.

— A não ser que você não fizesse isso antes de fugir. Você fez enquanto esteve fora, não foi? Você foi a fonte de Lissa.

— É claro que não — repeti.

Mas ele estava descobrindo alguma coisa, e sabia disso.

— Era o único jeito. Vocês não tinham fornecedores. Caramba!

— Ela encontrou alguns — menti. Era a mesma mentira que nós tínhamos inventado para Natalie e que ela contara para todo mundo, e que ninguém, com exceção de Christian, jamais questionara. — Tem muitos humanos que gostam.

— Claro — disse ele com um sorriso. E encostou sua boca novamente no meu pescoço.

— Eu não sou uma prostituta de sangue — devolvi, como num tapa, me afastando dele.

— Mas você *quer*. Você gosta. Todas as garotas dâmpiras gostam. — Seus dentes estavam na minha pele mais uma vez. Afiados. Maravilhosos.

Tive a impressão de que ser hostil apenas tornaria as coisas piores, então neutralizei a situação com uma provocação.

— Pare — disse docemente, colocando um dedo na frente dos lábios dele. — Eu já disse, não sou desse tipo. Mas se você quer fazer alguma coisa com a sua boca, posso dar algumas ideias.

Isso prendeu o interesse dele.

— É? Que ideias...?

E foi aí que a porta se abriu.

Nós nos afastamos num salto. Eu estava pronta para encarar algum colega de classe ou talvez até a inspetora. Mas não estava pronta para encarar Dimitri.

Ele abriu a porta com violência como se já esperasse nos encontrar, e, naquele momento horrível, com Dimitri enfurecido como uma tempestade, eu entendi por que Mason o chamara de deus. Num piscar de olhos, ele cruzou a sala e agarrou Jesse pela camisa, quase suspendendo o Moroí do chão.

— Qual é o seu nome? — latiu Dimitri.

— J-Jesse, senhor. Jesse Zeklos, senhor.

— Senhor Zeklos, o senhor tem permissão para estar nesta parte do dormitório?

— Não, senhor.

— O senhor conhece as regras sobre a interação entre homens e mulheres aqui?

— Conheço, sim, senhor.

— Então eu sugiro que saia daqui o mais rápido que puder, antes que eu o entregue a alguém que o punirá de acordo. Se encontrá-lo desse jeito mais uma vez — Dimitri apontou para onde eu me encolhia, meio vestida, no sofá —, sou *eu* que vou puni-lo. E vai doer. Muito. Está me entendendo?

Jesse engoliu em seco, com os olhos arregalados. Todo o ar presunçoso que ele geralmente demonstrava sumiu naquele instante. Acho que, na verdade, havia uma grande diferença entre exibir presunção pela escola e ser, subitamente, agarrado pela camisa por um cara russo, alto de verdade, forte de verdade e com raiva de verdade. Ia tudo por água abaixo num momento como aquele.

— Estou, sim, senhor!

— Então *vá embora daqui*. — Dimitri o largou, e, se é que era possível, Jesse saiu de lá mais rápido ainda do que Dimitri entrara. Meu instrutor, então, virou-se para mim, com um lampejo perigoso no olhar. Não disse nada, mas a mensagem de raiva e de desaprovação chegou a mim alto e bom som.

E depois a expressão de Dimitri mudou.

Era quase como se tivesse sido pego de surpresa, como se nunca tivesse me notado antes. Se fosse

qualquer outro cara, eu diria que ele estava me dando uma conferida. E, ao contrário do que se esperaria, ele definitivamente estava me estudando. Estudando o meu rosto, o meu corpo. E eu de repente me dei conta de que estava apenas de calça jeans e sutiã, sutiã preto, aliás. Eu sabia perfeitamente bem que não havia muitas garotas naquela escola que ficassem tão bem quanto eu usando apenas um sutiã. Mesmo um sujeito como Dimitri, que parecia tão concentrado no trabalho e no treinamento, seria capaz de apreciar isso.

E, por fim, percebi que uma onda de calor estava se espalhando por todo o meu corpo, e que o olhar de Dimitri me causava mais sensações do que os beijos de Jesse. Dimitri era calado e distante às vezes, mas ele também tinha uma dedicação e uma intensidade que eu nunca vira em nenhuma outra pessoa. Eu me vi imaginando, então, como toda aquela força e aquele poder se traduziriam em... bem, sexo. Fiquei pensando como seria, para ele, me tocar e... droga!

O que eu estava pensando? Será que eu estava maluca? Constrangida, encobri meus sentimentos armando uma atitude de provocação.

— Está gostando do que vê? — perguntei.

— Vista-se.

A sua boca endureceu, e o que quer que fosse que ele estivesse sentindo desapareceu. A ferocidade dele me deixou imediatamente sóbria e me fez esquecer a minha própria reação confusa. Vesti a blusa depressa, sentindo-me desconfortável com o lado implacável de Dimitri que se mostrava evidente ali.

— Como você me encontrou? Anda me seguindo para ter certeza de que não vou fugir?

— Cale a boca — disse ele rispidamente, abaixando-se de modo que nossos olhos ficassem no mesmo nível. — Um zelador viu você e nos informou imediatamente. Você tem alguma ideia da estupidez que foi isso?

— Eu sei, eu sei, é a fase probatória, não é?

— Não é só isso. Eu estou falando, em primeiro lugar, da estupidez de se meter *nesse* tipo de situação.

— Eu me meto *nesse* tipo de situação o tempo todo, camarada. Não tem problema algum. — A raiva substituiu o medo. Eu não gostei nada de ser tratada como criança.

— Pare de me chamar de camarada. Você nem sabe do que está falando.

— É claro que eu sei. Eu tive que fazer um trabalho sobre a Rússia e sobre a USRR ano passado.

— É URSS. E *tem* problema, sim, quando um Moroi fica com uma menina dampira. Eles gostam de se gabar.

— E daí?

— *E daí?* — Ele parecia enojado. — Então você não se dá ao respeito? Pense em Lissa. Isso está fazendo com que você pareça vulgar. Assim você corrobora aquilo que muita gente pensa sobre as garotas dampiras, e isso reflete *nela*. E reflete em mim também.

— Ah, entendo. Então é essa a questão? Eu estou ferindo o seu grande orgulho de macho forte? Está com medo de que eu vá arruinar a sua reputação.

— A minha reputação eu já estabeleci, Rose. Afirmei meus princípios e vivo de acordo com eles há muito tempo. Já o que *você* vai fazer com a sua reputação, isso nós ainda vamos ver. — O tom da sua voz endureceu novamente. — Agora volte para o seu quarto, se você conseguir fazer isso sem se jogar em cima de mais alguém.

— Esse é o seu jeito sutil de me chamar de vagabunda?

— Eu ouço as histórias que vocês, alunos, contam. Ouvi histórias sobre você.

Eu quis gritar que não era da conta dele o que eu fazia com o meu corpo, mas alguma coisa na raiva e na decepção que pude notar na expressão do seu rosto me fez titubear. Eu não sabia o que era. “Decepcionar”

alguém como Kirova não tinha importância, mas Dimitri...? Lembrei-me de como fiquei orgulhosa quando ele me elogiou nas nossas últimas sessões de treinamento. Ver aquela admiração desaparecer de seu olhar... bem, fez com que eu me sentisse tão vulgar quanto ele concluía que eu era.

Algo se quebrou dentro de mim. Contendo as lágrimas, eu disse:

— Por que é errado... sei lá... se divertir? Eu tenho dezessete anos, sabe? Eu deveria poder viver de acordo com a minha idade.

— Você tem dezessete anos, e em menos de um ano a vida e a morte de uma pessoa estarão nas suas mãos. — A voz dele ainda soava dura, mas havia alguma doçura nela também. — Se você fosse humana ou Moroi, você poderia se divertir. Você poderia fazer coisas que as outras garotas fazem.

— Mas você está dizendo que eu não posso.

Ele olhou para longe, seus olhos negros pareceram perder o foco. Estava pensando em algo muito distante dali.

— Quando eu tinha dezessete anos, conheci Ivan Zeklos. Nós não éramos como você e Lissa, mas ficamos amigos, e ele me pediu que fosse o seu guardião quando me formei. Eu era o melhor aluno da minha escola. Prestava atenção a tudo nas aulas, mas, ao fim e ao cabo, isso não foi suficiente. Nesse tipo de vida é assim. Uma escorregadela, uma distração... — Ele suspirou. — E já é tarde demais.

Um caroço de angústia se formou na minha garganta quando eu pensei na hipótese de uma escorregadela, uma distração, poder custar a vida de Lissa.

— Jesse é um Zeklos — disse eu, me dando conta subitamente de que Dimitri acabara de dar uma bronca num parente do seu antigo amigo e protegido.

— Eu sei.

— Isso incomoda você? Ele faz você se lembrar de Ivan?

— Não importa o que eu sinto. Não importa o que nenhum de nós sente.

— Mas isso realmente incomoda você. — Aquilo ficou de súbito muito evidente para mim. Eu podia perceber a dor dele, embora Dimitri claramente se esforçasse com bravura para escondê-la. — Você sofre. Diariamente. Não sofre? Você tem saudade dele.

Dimitri pareceu surpreso, como se não quisesse que eu soubesse, como se eu tivesse desnudado alguma parte secreta dele. E eu pensara que ele era um cara reservado, durão e antissocial, quando, ao contrário, ele talvez se mantivesse afastado das outras pessoas apenas para não sofrer caso as perdesse. A morte de Ivan com certeza deixara nele uma marca permanente.

Perguntei a mim mesma, então, se Dimitri se sentiria solitário.

O olhar surpreso desapareceu, e a expressão séria, que lhe era característica, retornou.

— Não importa como eu me sinto. *Eles* vêm primeiro. Protegê-los é o mais importante.

Pensei em Lissa mais uma vez.

— É. Eles vêm na frente.

Um longo silêncio caiu sobre nós antes que ele falasse novamente.

— Você me disse que queria lutar, lutar *de verdade*. Isso ainda é verdade?

— É. Lógico que sim.

— Rose... eu posso ensinar você a lutar de verdade, mas preciso acreditar na sua dedicação. Não dá para você se distrair com coisas como essas. — Ele fez um gesto largo mostrando a saleta. — Posso confiar em você?

Diante daquele olhar, diante da seriedade do que ele me pedia, fiquei novamente com vontade de chorar. Não entendia como ele conseguia exercer um efeito tão poderoso sobre mim. Nunca antes eu me importara

tanto com a opinião de alguém.

— Pode confiar. Eu prometo.

— Está certo. Eu vou treiná-la, mas preciso que você esteja forte. Sei que você detesta correr, mas é necessário. Você não faz ideia de como são os Strigoi. A escola tenta preparar vocês, mas até verem o quanto eles são fortes e rápidos... Bem, você nem pode imaginar. Então eu não posso parar com os treinamentos de corrida e de condicionamento físico. Se você quer aprender mais sobre luta, vamos precisar de mais sessões de treino. Vou tomar mais o seu tempo. Não vai sobrar muito para os deveres de casa ou qualquer outra coisa. Você vai ficar cansada. Muito mesmo.

Eu pensei sobre isso, sobre ele e sobre Lissa.

— Não importa. O que você me disser para fazer eu faço.

Ele me estudou muito, como se estivesse ainda tentando descobrir se podia acreditar em mim. Finalmente, parecendo satisfeito, ele me deu uma ordem severa.

— Começamos amanhã.

Dez

— Professor Nagy, desculpe-me, mas eu não consigo me concentrar de jeito nenhum com Lissa e Rose passando bilhetinhos uma para a outra ali atrás.

Mia tentava desviar a atenção dos outros sobre si mesma e o fato de não estar conseguindo responder às perguntas do professor Nagy, e estava arruinando, assim, um dia que, não fosse por isso, se mostrava até aquele momento francamente promissor. Alguns dos boatos ligados ao caso da raposa ainda circulavam, mas a maior parte das pessoas preferia falar agora sobre o ataque de Christian contra Ralf. Eu ainda não tirara Christian inteiramente da lista de suspeitos do incidente da raposa — estava certa de que ele era insano o suficiente para ter feito aquilo como um sinal absurdo de afeto por Lissa —, mas, quaisquer que fossem os seus motivos, ele conseguira desviar as atenções dela, exatamente como dissera.

O professor Nagy, famoso por sua habilidade para humilhar os alunos lendo seus bilhetinhos mútuos em voz alta, veio em nossa direção como um míssil. Arrancou os bilhetes de nós, e a turma se preparou, excitada, para uma leitura pública de todo o material que ele confiscara. Tive que sufocar um grunhido, e tentei parecer o mais calma e despreocupada que pude. Ao meu lado, Lissa estava com cara de quem queria morrer.

— Ó, Deus — disse ele, inspecionando o bilhete. — Quem me dera os alunos escrevessem tanto assim nos seus trabalhos escolares. Uma de vocês duas tem uma letra consideravelmente pior do que a outra, então desculpem-me se eu entender mal alguma coisa aqui. — Ele limpou a garganta. — “*Então, eu estive com J ontem à noite*”, assim começa a que tem letra ruim, para a qual a resposta é: “*O que aconteceu?*”, pergunta enfatizada por não menos do que cinco pontos de interrogação. Compreensível, uma vez que uma interrogação, quanto mais quatro, é algo que pode não ser compreendido facilmente, não é mesmo? — A turma riu, e eu vi Mia me lançando um sorriso especialmente maldoso. — A primeira missivista responde: “*E o que você acha que aconteceu? Nós nos embolamos numa das saletas vazias.*”

O professor Nagy tirou os olhos do bilhete e virou-se para a turma depois de ouvir algumas risadinhas. Seu sotaque britânico ainda contribuía para aumentar a hilaridade da leitura.

— Eu devo deduzir, por esta reação, que o uso da expressão “nos embolamos” pertence a uma aplicação mais recente, digamos, *carnal* do termo do que a acepção mais leve, cujo uso eu cresci ouvindo?

Mais risinhos se seguiram a essa pergunta. Endireitando-me na cadeira, eu disse corajosamente:

— Sim, professor. É exatamente isso, professor. — Muitas pessoas na turma riram escancaradamente.

— Obrigado pela confirmação, senhorita Hathaway. Bem, onde eu estava? Ah, sim, a outra missivista,

então, pergunta: “*Como foi?*”, e a resposta é: “*Bom*”, pontuada com o desenho de um rosto sorridente para confirmar o adjetivo. Bem, imagino que os elogios sejam para o misterioso J, hum? “*Então, tipo assim, até onde vocês foram?*” Hum, senhoritas — disse o professor Nagy —, eu imagino que isso seja impróprio para menores. “*Não muito longe.*” E mais uma vez temos uma ilustração que sugere a gravidade da situação, o desenho de um rosto infeliz. “*O que aconteceu?*” “*Dimitri apareceu. Ele pôs Jesse para fora e depois me deu uma bronca que foi foda.*”

Ao ouvir o professor Nagy dizer a palavra “foda” e ao distinguir finalmente os nomes mencionados nos bilhetes, a turma se descontrolou completamente.

— Então, senhor Zeklos, seria o senhor o J anteriormente mencionado? O que mereceu o desenho de um rosto sorridente rascunhado pela escritora de letra relaxada?

As bochechas de Jesse ficaram roxas como uma beterraba, mas ele não pareceu inteiramente insatisfeito ao ver as próprias proezas serem reveladas na frente de seus amigos. Ele mantivera a façanha da noite anterior em segredo até aquele momento, inclusive a conversa sobre o sangue que houve entre nós, provavelmente porque Dimitri o assustara até o último fio de cabelo.

— Bem, enquanto eu aprovo uma boa desventura tanto quanto o próximo professor cujo tempo for inteiramente desperdiçado, no futuro lembrem aos “amigos” de vocês que a minha sala de aula não é uma sala de bate-papo. — Ele jogou, então, o bilhete de volta na carteira de Lissa. — Senhorita Hathaway, parece que, a essa altura, já não há mais nenhuma maneira viável de puni-la, uma vez que você já alcançou as penalidades máximas por aqui. Consequentemente, a senhorita Dragomir sofrerá duas detenções em vez de apenas uma, a suplementar em nome da sua amiga. Fique aqui quando tocar o sinal, por favor.

Depois da aula, Jesse me encontrou, com um olhar apreensivo.

— Ei, é... Sobre aquilo do bilhete... você sabe que eu não tive nada a ver com aquilo. Se Belikov descobrir... você vai dizer a ele? Quer dizer, você vai contar que eu não...

— Claro, claro — eu o interrompi. — Não se preocupe, você está fora de risco.

De pé, ao meu lado, Lissa presenciou a saída dele da sala. Ao me lembrar da facilidade com que Dimitri o carregara para lá e para cá — e de sua covardia evidente —, não pude deixar de comentar:

— Sabe de uma coisa, de repente deixei de achar o Jesse tão bonito quanto eu achava antes.

Ela apenas riu.

— É melhor você ir. Eu tenho que lavar as carteiras.

Deixei-a e fui direto para o meu dormitório. Enquanto caminhava até lá, passei por vários alunos reunidos em pequenos grupos do lado de fora do prédio. Olhei para eles, nostálgica, desejando que eu tivesse tempo livre para a vida social também.

— Não, é verdade — escutei uma voz dizer com segurança. Era Camille Conta. Bela e popular, Camille pertencia a uma das mais prestigiosas famílias do clã dos Conta. Ela e Lissa foram um pouco amigas antes de partirmos da escola. Uma amizade meio desconfortável, pois eram duas forças poderosas mantendo uma a outra sob vigilância. — Eles fazem coisas do tipo “lavar os banheiros”.

— Ai, meu Deus — disse a amiga dela. — Eu morreria se fosse Mia.

Eu sorri. Jesse com certeza já espalhara algumas das histórias que eu contara a ele na noite passada. Infelizmente, a conversa seguinte que eu escutei destruiu a minha vitória.

— ...ouvi dizer que ela ainda estava *viva*. Tipo, se contorcendo na cama dela.

— Que nojo! Por que alguém a colocaria lá?

— Eu não sei. Antes de mais nada, por que matá-la?

— Você acha que Ralf tinha razão? Que Lissa e Rose fizeram aquilo para serem expulsas...?

Elas me viram e pararam de falar.

Franzindo as sobrancelhas, me esquivei pelo pátio quadrangular. “Ainda estava viva, ainda estava viva.”

Eu me recusava a deixar Lissa falar sobre as semelhanças entre o caso da raposa e o que acontecera dois anos antes. Eu não queria acreditar que houvesse alguma ligação entre os dois fatos, e eu certamente não queria que ela acreditasse nisso também.

Mas eu não conseguia parar de pensar sobre aquele incidente, não apenas porque fora apavorante, mas também porque realmente me fazia lembrar do que acabara de acontecer no quarto dela.

Nós estávamos no bosque perto do campus certa tarde, matando a última aula do dia. Eu dera a Abby Badica um lindo par de sandálias decoradas com pedrinhas coloridas de vidro em troca de uma garrafa de aguardente de pêssego, que ela conseguira de algum jeito — atitude de quem está no desespero, eu sei, mas em Montana a gente é capaz de tudo. Lissa balançara a cabeça em sinal de desaprovação quando eu sugeri que matássemos a aula e fôssemos dar cabo da bebida de uma vez, mas ela foi comigo ainda assim. Como sempre costuma fazer.

Encontramos um velho tronco de árvore para nos sentarmos, perto de um pântano verde espumoso. Uma meia-lua derramava uma luz prateada sobre nós, e era uma iluminação mais do que suficiente para que vampiros e meio-vampiros pudessem enxergar. Enquanto bebíamos e passávamos a garrafa uma para a outra, eu a atormentava com perguntas sobre Aaron. Ela confessara ter transado com ele no final de semana anterior, e eu senti uma onda de inveja por ela ter sido a primeira de nós duas a fazer sexo.

— Então, como foi?

Ela deu de ombros e tomou mais um gole.

— Não sei. Não foi nada de mais.

— Como assim não foi nada de mais? A Terra não se moveu nem os planetas se alinharam, nem nada desse tipo aconteceu?

— Não — disse ela, reprimindo o riso. — É claro que não.

Eu realmente não entendi qual era a graça, mas pude perceber que ela não queria falar sobre o assunto. Isso aconteceu na ocasião em que o laço começara a se formar, e os sentimentos dela começavam a rastejar lentamente para dentro de mim de vez em quando. Segurei bem a garrafa e olhei para ela.

— Eu acho que esse troço não está dando onda.

— É porque quase não tem álcool aí...

Veio bem de perto, então, o ruído de algo se movendo no mato. Parei imediatamente de falar e procurei protegê-la do barulho usando o meu corpo como escudo.

— É algum bicho — disse ela, depois de um minuto de silêncio.

Isso não significava que não fosse perigoso. A vigilância da escola mantinha longe os Strigoi, mas animais selvagens frequentemente vagavam dentro dos limites do campus, e eram bem ameaçadores. Ursos. Pumas.

— Vamos — disse a ela. — Vamos voltar.

Nós ainda não tínhamos ido muito longe quando eu ouvi novamente algo se movendo, e uma pessoa surgiu na nossa frente.

— Senhoritas.

Professora Karp.

Nós ficamos paralisadas e, ao contrário da reação instantânea que eu tivera antes, perto do pântano, desta vez demorei alguns segundos para esconder a garrafa atrás das costas.

Um meio sorriso atravessou-lhe o rosto, e a professora Karp estendeu a mão em nossa direção.

Entreguei a garrafa a ela obedientemente, e ela a colocou debaixo do braço. Virou-se sem dizer nada e nós a seguimos, sabendo que teríamos que lidar com as consequências de nossos atos.

— Vocês pensam que ninguém presta atenção quando metade da turma desaparece de repente? — perguntou ela depois de um tempo.

— Metade da turma?

— Pelo visto alguns de vocês escolheram o dia de hoje para matar aula. Deve ser o clima agradável. A febre da primavera.

Lissa e eu marchávamos juntas. Nunca mais me sentira confortável perto da professora Karp desde o dia em que ela curara minhas mãos. Seu comportamento bizarro e paranoico adquirira para mim um caráter estranho — muito mais estranho do que antes. Apavorante até. E ultimamente eu não conseguia olhar para ela sem notar aquelas marcas na sua testa. Seus cabelos pesados e ruivos geralmente as cobriam, mas nem sempre. Às vezes apareciam novas marcas; às vezes as antigas pareciam sumir.

Um ruído estranho de alvoroço soou à minha direita. Nós três paramos.

— Imagino que seja um de seus colegas — murmurou a professora Karp, virando-se em direção ao ruído.

Quando chegamos, no entanto, ao lugar de onde ele vinha, encontramos um enorme pássaro negro deitado no chão. Os pássaros — assim como a maioria dos animais — não me atraíam muito, mas mesmo eu não pude deixar de admirar suas penas lustrosas e seu bico ameaçador. Este poderia provavelmente arrancar os olhos de alguém em trinta segundos — se não estivesse agonizando, é lógico. Depois de um último e frágil tremor, o pássaro finalmente ficou estático.

— *O que é isso? É uma gralha?* — perguntei.

— *É grande demais* — disse a professora Karp. — *É um corvo.*

— *Está morto?* — perguntou Lissa.

Eu o examinei.

— *Está. Mortinho. Não toque nele.*

— Deve ter sido atacado por algum outro pássaro — observou a professora Karp. — Eles brigam por território e por alimento às vezes.

Lissa se ajoelhou, a compaixão tomava-lhe a expressão do rosto. Eu não me surpreendera, já que ela sempre gostara de animais. Ela me perturbara durante dias depois que eu instigara aquela briga infame entre o hamster e o caranguejo. Para mim, a luta era um teste entre oponentes respeitáveis. Para ela, era uma crueldade com os animais.

Como num transe, ela estendeu a mão em direção ao corvo.

— Liss! — exclamei, horrorizada. — Ele deve estar com alguma doença.

Mas a sua mão se movia como se ela nem tivesse me escutado. A professora Karp continuou de pé, parada como uma estátua, com uma expressão fantasmagórica no rosto. Os dedos de Lissa foram de encontro às asas do corvo.

— Liss — repeti, começando a me mover em direção a ela, para arrancá-la de lá. De repente, uma sensação estranha inundou a minha cabeça, uma doçura bela e cheia de vida. O sentimento era tão intenso que interrompeu o meu movimento.

E então o corvo se movimentou.

Lissa soltou um gritinho e afastou a mão do corpo do pássaro. Nós duas ficamos com os olhos arregalados, fixos no animal.

O corvo bateu as asas, lentamente tentando se ajeitar e se reerguer. Quando conseguiu, virou-se para nós, olhou para Lissa com um olhar que parecia inteligente demais para um pássaro. Os olhos dele capturaram os dela, e eu não consegui ler a reação de Lissa através do laço. Depois de um tempo, o corvo parou de olhar e voou pelos ares, e suas asas fortes o levaram para longe.

O único som que restou, em seguida, foi o do vento batendo nas folhas.

— Ai, meu Deus — suspirou Lissa. — O que foi isso que acabou de acontecer?

— Eu é que não sei — respondi, escondendo meu completo pavor.

A professora Karp deu passos largos e agarrou o braço de Lissa, forçando-a a se virar e ficar de frente para ela. Eu me aproximei imediatamente, pronta para agir caso a insana Karp tentasse alguma coisa contra Lissa, embora até mesmo eu tivesse escrúpulos quanto a derrubar algum professor.

— Não aconteceu nada — disse a professora Karp com um tom de urgência na voz e um olhar arregalado. — Você está me ouvindo? Nada. E você não pode contar nada a ninguém, *ninguém* mesmo, sobre o que você viu. Todas as duas. Prometam-me isso. Prometam que não vão nunca mais falar sobre isso.

Lissa e eu trocamos olhares desconfortáveis.

— Está bem — disse ela, com a voz baixa.

A força com que a professora Karp segurava o braço de Lissa diminuiu um pouco.

— E não faça isso nunca mais. Se você fizer, eles vão descobrir. E vão tentar encontrá-la. — Ela se virou para mim. — Você não pode deixar ela fazer isso novamente. Nunca mais.

No pátio quadrangular, do lado de fora do meu dormitório, alguém estava me chamando.

— Ei, Rose! Eu chamei você milhares de vezes.

Esqueci a professora Karp e o corvo e olhei para Mason, que pelo jeito começara a caminhar comigo em direção ao dormitório enquanto eu estava perdida no mundo da lua.

— Desculpe — murmurei. — Eu estava longe. Estou só... cansada.

— A noite passada foi muito agitada?

Eu lancei um olhar firme em direção a ele.

— Nada que eu não pudesse controlar.

— Faço ideia. — Ele riu, embora não parecesse exatamente estar se divertindo com aquilo. — Parece que foi Jesse quem não pôde se segurar.

— Ele se saiu bem.

— Se você acha isso... Mas, sinceramente, na minha opinião, você tem mau gosto.

Eu parei de andar.

— E na *minha opinião* isso não é problema seu.

Ele desviou o olhar, chateado.

— Você fez com que isso se tornasse problema da turma inteira.

— Epa, não foi de propósito.

— Todo mundo saberia, de qualquer maneira. Jesse é o maior fofoqueiro.

— Ele não teria contado.

— Sei... — disse Mason. — Porque ele é tão lindo e tem uma família tão importante...

— Deixe de ser idiota — respondi, rápida como uma bala. — E por que você está tão preocupado? Está com ciúmes de eu não ter saído com você?

O rubor dele aumentou, e chegou às raízes de seus cabelos ruivos.

— É que eu não gosto de ouvir as pessoas falando mal de você, só isso. Tem um monte de piadinhas

desagradáveis rolando por aí. Estão chamando você de piranha.

— Podem me chamar como quiserem, eu não me importo.

— Ah, é. Você é a maior durona. Não precisa de ninguém.

Eu parei.

— Não preciso mesmo. Sou uma das melhores aprendizas deste maldito lugar. Não preciso que você venha todo galante em minha defesa. Não me trate como se eu fosse uma menininha desamparada.

Virei-me e continuei andando, mas ele me alcançou facilmente. As desgraças de ter um metro e setenta.

— Ei... eu não quis chatear você. Só estou preocupado.

Dei uma gargalhada ríspida.

— É sério. Espere... — começou ele. — Eu, hum... eu fiz uma coisa para você. Meio que fiz uma coisa.

Fui até a biblioteca ontem à noite e tentei fazer uma pesquisa sobre São Vladimir.

Eu parei novamente.

— Você fez isso?

— Fiz, mas não havia muita coisa sobre Anna. Todos os livros falavam de modo meio genérico. Sobre Vladimir ser capaz de curar as pessoas, de trazê-las de volta quando estavam já à beira da morte.

A última frase dele me fisionou.

— Havia... Havia mais alguma coisa? — gaguejei.

Ele fez que não com a cabeça.

— Você provavelmente vai precisar de alguma fonte primária, mas nós não temos nenhuma aqui.

— Fonte o quê?

Ele zombou de mim, abrindo um sorriso.

— Você faz mais alguma coisa além de mandar bilhetinhos? Nós falamos outro dia mesmo sobre isso na aula de Andrew. São livros escritos no período histórico que você quer estudar. Fontes secundárias são livros escritos por pessoas que vivem nos dias de hoje. Você vai conseguir melhores informações se encontrar algo escrito pelo próprio cara. Ou por alguém que o conheceu pessoalmente.

— Hum... Está bem. Quer dizer que você agora é o quê? Um geniozinho, é?

Mason me deu um soco leve no braço.

— Eu presto atenção, só isso. Você é muito distraída. Não percebe um monte de coisas. — Ele sorriu nervosamente. — E olha... eu sinto muito mesmo de ter dito aquelas coisas. Eu estava só...

Com ciúmes, me dei conta. Pude ver nos olhos dele. Como é que eu nunca notara isso antes? Ele era louco por mim. Eu acho que sou mesmo distraída.

— Tudo bem, Mase. Esqueça. — Sorri. — E obrigada por fazer a pesquisa.

Mason sorriu de volta e eu entrei no prédio, triste por não sentir por ele o mesmo que ele sentia por mim.

Onze

— Você precisa de alguma roupa emprestada? — perguntou Lissa.

— Ahn?

Eu olhei para ela. Estávamos esperando a aula de arte eslava do professor Nagy começar, e eu me mantinha ocupada ouvindo Mia negar firmemente os boatos sobre os pais dela para uma de suas amigas.

— Eles não são caseiros, nem nada parecido — exclamou, evidentemente perturbada. Fez, então, uma cara séria e tentou assumir um ar altivo. — Eles são praticamente conselheiros. Os Drozdov não decidem *nada* sem consultá-los.

Eu reprimi uma gargalhada, e Lissa balançou a cabeça em sinal de repreensão.

— Você está adorando isso tudo mais do que devia.

— Porque é maravilhoso. O que foi que você acabou de me perguntar? — Enfiei a mão na bolsa, procurando, na confusão de coisas amontoadas ali, o meu brilho para os lábios. Fiz uma careta de desânimo quando o encontrei. Estava quase no fim; eu não sabia como conseguir outro.

— Eu perguntei se você vai precisar de alguma roupa emprestada para hoje à noite — disse ela.

— Bom, *sim*, é claro que vou. Mas nenhuma das suas roupas cabe em mim.

— O que você vai fazer?

Dei de ombros.

— Vou improvisar, como sempre. Não me importo muito, na verdade. Estou contente só de Kirova ter me deixado ir.

Nós tínhamos um baile aquela noite. Era primeiro de novembro, dia de Todos os Santos — o que também significava que já estávamos de volta à Escola havia quase um mês. Membros da realeza estavam visitando a instituição, entre os quais se incluía a própria rainha Tatiana. Sinceramente, não era nada disso que me empolgava. Ela já visitara a Escola antes. Era uma coisa muito comum e bem menos deslumbrante do que poderia parecer. Além do mais, depois de viver entre os humanos e seus líderes eleitos, passei a não achar mais tão interessante a alta realeza. No entanto, eu conseguira permissão para ir à festa e todos os outros estariam lá. Era uma oportunidade de estar de fato cercada de gente, para variar, e não presa no meu quarto. Compensava ouvir alguns discursos chatos em troca de um pouco de liberdade.

Depois das aulas, não fiquei para conversar com Lissa, como fazia normalmente. Dimitri mantivera a promessa de me orientar em treinamentos extras, e eu tentava manter o compromisso que assumira com ele. Eu tinha agora mais duas horas de treino suplementar, uma antes e uma depois das aulas. Quanto mais eu o

via em ação, mais entendia a fama dele de ser o tal, o melhor em tudo. Ele claramente sabia muito — as seis marcas *molnija* que tinha na nuca provavam o quanto — e eu ficava fora de mim de empolgação ao pensar que ele ia me ensinar tudo o que sabia.

Quando cheguei ao ginásio, vi que ele estava usando uma camiseta e calças largas de correr, em vez da calça jeans de sempre. Ele ficava muito bem naqueles trajes novos. Muito bem mesmo. “Pare de olhar”, disse a mim mesma imediatamente.

Ele me posicionou sobre o tatame de modo que ficássemos um de frente para o outro e cruzou os braços.

— Qual é o primeiro problema que você vai enfrentar ao se deparar com um Strigoi?

— A imortalidade deles?

— Pense em algo mais básico.

Mais básico do que isso? Pensei.

— Eles podem ser maiores do que eu. E mais fortes.

A maioria dos Strigoi — a não ser que tenham sido humanos antes — tem a mesma altura de seus primos Moroi. Os Strigoi são também mais fortes, têm reflexos mais rápidos e sentidos mais aguçados do que os vampiros. É por isso que os guardiões fazem um treinamento tão pesado; temos que compensar essa desvantagem.

Dimitri fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Isso torna as coisas difíceis, mas não impossíveis. Você pode, por exemplo, usar o excesso de peso e de altura de uma pessoa contra ela mesma.

Ele se virou e demonstrou diversas manobras, apontando para onde era melhor se mover e como se devia atacar alguém. Ao fazer alguns dos movimentos com ele, pude ter alguma noção de por que eu estava apanhando tão regularmente durante os treinos de grupo. Absorvi rapidamente as técnicas ensinadas por Dimitri e mal podia esperar para usá-las. Perto do final do nosso tempo juntos, ele me deixou tentar.

— Vá em frente — disse. — Tente me acertar.

Não precisei que ele pedisse duas vezes. Dando um bote, eu me esforcei para acertar um soco e fui prontamente bloqueada e derrubada no tatame. Todo o meu corpo ficou dolorido, mas me recusei a desistir. Levantei de um salto e o ataquei na esperança de pegá-lo desprevenido. Não peguei.

Depois de falhar em diversas outras tentativas, levantei-me e ergui as mãos num gesto de trégua.

— Está bem, o que eu estou fazendo de errado?

— Nada.

Não me deixei convencer.

— Se eu não estivesse fazendo alguma coisa errada, a esta altura, já teria nocauteado você.

— Seria difícil. Os movimentos estão todos corretos, mas esta foi a primeira vez em que você realmente tentou. Eu venho fazendo isso há anos.

Balancei a cabeça e revirei os olhos, ironizando a banca que ele estava botando de cara mais velho e mais sábio. Ele me disse certa vez que tinha vinte e quatro anos.

— Tudo bem, vovô. Podemos tentar novamente?

— Nosso tempo acabou. Você não quer ir se arrumar?

Eu olhei para o relógio empoeirado na parede e ganhei energia nova. Estava quase na hora do banquete. A lembrança da festa me deu uma espécie de vertigem. A minha sensação foi a de uma Cinderela, mas sem as roupas.

— Diabos! Claro que eu quero!

Ele saiu andando na minha frente. Estudando-o cuidadosamente, me dei conta de que não podia deixar

passar a oportunidade. Eu podia saltar nas costas dele, posicionando-me exatamente como ele me ensinara. A meu favor, eu tinha o elemento surpresa. Tudo parecia perfeito, e ele nem veria a minha movimentação.

Antes que eu pudesse fazer contato, porém, ele se virou com uma velocidade absurda. E, com um movimento ágil, agarrou-me como se eu não pesasse nada e me atirou no chão, imobilizando-me ali.

Eu grunhi.

— Eu não fiz nada de errado!

Seus olhos se nivelaram aos meus enquanto ele me segurava pelos pulsos, mas ele não parecia tão sério quanto durante o treino. Parecia achar alguma graça naquilo tudo.

— O grito de guerra foi o que entregou você. Tente não gritar da próxima vez.

— Teria mesmo feito alguma diferença se eu tivesse ficado calada?

Ele refletiu um pouco.

— Não. Provavelmente não.

Suspirei alto, ainda de muito bom humor para deixar que aquela decepção me abatesse. Havia algumas vantagens em ter um instrutor tão bom — um instrutor mais alto que eu trinta centímetros e consideravelmente mais pesado também. E isso sem levar em conta a sua força. Ele não era bombado, mas a musculatura do seu corpo era toda dura e longilínea. Se eu pudesse algum dia bater *nele*, sei que estaria pronta para bater em qualquer um.

De repente me dei conta de que Dimitri ainda me mantinha imobilizada no chão. A pele dos seus dedos estava quente segurando juntos os meus pulsos. O rosto dele estava a centímetros do meu, e suas pernas e seu tronco estavam de fato pressionados contra o meu corpo. Mechas do seu longo cabelo castanho caíam-lhe rente ao rosto, e ele parecia estar me observando também, quase do mesmo jeito com que me estudara naquela noite na saleta. E, *ai, meu Deus*, que cheiro bom ele tinha. Então foi ficando difícil eu respirar, e isso não tinha nada a ver com os exercícios ou com o fato de meus pulmões estarem sendo esmagados.

Eu teria dado tudo para ser capaz de ler a mente dele bem naquele momento. Desde aquela noite na saleta, eu percebera que ele me olhava com uma expressão de quem estuda o outro. Na verdade ele nunca fizera isso durante os treinamentos — aqueles eram momentos de *trabalho*. Mas, antes e depois, ele às vezes ficava um pouco menos sério, e eu o sentia me observar com um olhar quase de admiração. E às vezes, se eu estivesse com muita, muita sorte mesmo, ele sorria para mim. Um sorriso verdadeiro também, não o sorriso seco que acompanhava as ironias que nós lançávamos um para o outro tão frequentemente. Eu não queria confessar isso para ninguém — nem para Lissa e nem para mim mesma —, mas havia alguns dias que eu passava o tempo todo à espera daqueles sorrisos. Eles iluminavam o rosto dele. Lindo já nem era mais a palavra adequada para defini-lo.

Tentando parecer calma, pensei em alguma coisa bem profissional e relacionada com o treinamento para dizer. Em vez disso, o que conseguir dizer foi:

— Então... é... Você tem mais algum outro movimento para me mostrar?

Os lábios dele iniciaram um pequeno movimento, e por um momento eu pensei que ia ganhar um daqueles sorrisos. Meu coração pareceu saltar dentro do peito. Depois, com visível esforço, ele recolheu o sorriso e voltou outra vez a ser o instrutor linha-dura de sempre. Saiu de cima de mim, apoiou-se nos calcanhares e se pôs de pé.

— Vamos. Está na hora.

Eu me levantei rapidamente e o segui em direção à porta de saída do ginásio. Ele não olhou para trás nenhuma vez enquanto andava, e eu me dei uma bronca interna enquanto caminhava para o quarto.

Eu estava me apaixonando pelo meu instrutor. Estava me apaixonando pelo meu instrutor *mais velho*. Eu

só podia estar fora de mim. Ele era sete anos mais velho do que eu. Tinha idade para ser meu... bom, está certo, meu... nada. Mas, mesmo assim, era mais velho do que eu. Sete anos é muito. Ele já estava aprendendo a escrever quando eu nasci. Quando eu estava aprendendo a ler e a jogar livros nos meus professores, ele provavelmente já estava beijando meninas. Muitas meninas, provavelmente, se levarmos em conta o quanto ele era bonito.

Eu não precisava *mesmo* de uma complicação dessas naquela altura da minha vida.

Encontrei um suéter razoável quando cheguei ao meu quarto e, depois de um banho rápido, atravessei o campus em direção à recepção que estava sendo oferecida pela escola aos visitantes da realeza.

Apesar dos misteriosos muros de pedra, das estátuas e torres extravagantes que se viam do lado de fora dos prédios, a parte de dentro da Escola era bem moderna. Tínhamos ambiente Wi-Fi, luzes fluorescentes e tudo o mais que a tecnologia moderna podia oferecer. O refeitório, especialmente, se parecia muito com as cantinas em que eu estive em Portland e Chicago. Tinha mesas retangulares simples, paredes pintadas de uma suave cor cinza-amarronzada e um pequeno espaço lateral, onde eram servidas nossas refeições prontas, preparadas de maneira um tanto duvidosa. Alguém ainda se dera o trabalho de ao menos pendurar fotografias em preto e branco emolduradas ao longo das paredes num esforço de decoração do ambiente, mas eu não conseguia considerar “arte” aquele conjunto de fotos de vasos e de árvores sem folhas.

Naquela noite, no entanto, alguém conseguira transformar o visual normalmente tedioso do refeitório numa autêntica sala de jantar. Vasos e mais vasos de rosas vermelhas e de delicados lírios brancos. Velas acesas. Toalhas de mesa feitas de — escute só isto — linho vermelho-sangue. O efeito era maravilhoso. Era difícil acreditar que aquele era o mesmo lugar em que eu costumava comer hambúrgueres de frango. Parecia decorado para receber uma... bem, uma rainha.

As mesas foram agrupadas em linhas retas paralelas, criando um corredor no meio da sala. Cada um de nós tinha um lugar marcado, e eu, naturalmente, não pude sentar perto de Lissa. Ela sentou-se na frente, bem visível, ao lado dos outros Moroi; eu fiquei atrás, junto com os outros aprendizes. Mas ela cruzou o olhar com o meu quando entrei e abriu um sorriso. Ela pegara emprestado um vestido de Natalie — azul, sedoso e sem alças — que ficara belíssimo sobre sua pele clara. Quem poderia imaginar que Natalie tinha algo de tão boa qualidade? Diante dele o meu suéter perdeu alguns pontos.

Eles sempre organizavam esses banquetes formais do mesmo jeito. A mesa principal era posta sobre uma plataforma, em posição de destaque na sala, de modo que, durante o jantar, nós todos pudéssemos observar e nos deslumbrar com a presença da rainha Tatiana e de outros membros da realeza. Guardiões se enfileiravam contra as paredes, todos com postura rígida e formal, como se fossem estátuas. Dimitri estava de pé entre eles, e um sentimento estranho revirou o meu estômago quando recordei o que acontecera mais cedo no ginásio. Seu olhar se mantinha fixo para a frente, como se estivesse focado ao mesmo tempo em nada e em tudo que se passava na sala.

Quando chegou o momento da entrada da realeza, todos nos levantamos respeitosamente e os observamos caminhar pelo corredor. Eu reconheci alguns, em particular os que tinham filhos estudando na Escola. Victor Dashkov estava entre eles, andando lentamente e com uma bengala. Se, por um lado, me alegrei em vê-lo, por outro, era para mim um martírio assistir a cada passo agonizante que ele dava em direção à frente da sala.

Depois que passou o grupo de visitantes da realeza, entraram no refeitório quatro guardiões solenes trajando ternos vermelhos e pretos risca de giz. Todos, com exceção dos guardiões encostados nas paredes, ajoelharam-se numa tola demonstração de lealdade.

Quanta cerimônia e pose, pensei, enfasiada. Os monarcas Moroi eram escolhidos, dentre as famílias reais, pelos monarcas anteriores. O rei ou a rainha não podiam escolher nenhum de seus descendentes diretos, e um conselho formado por membros das famílias reais e nobres podia contestar a escolha se houvesse motivos suficientes. Isso, no entanto, quase nunca chegava a acontecer.

A rainha Tatiana, usando um conjunto composto de um vestido de seda vermelho, coberto por um casaco, foi seguida por um grupo de guardiões. Ela estava no início dos seus sessenta anos e seus cabelos escuros grisalhos, num corte estilo Chanel, caíam até a altura do queixo e eram coroados por uma tiara ao estilo de Miss Estados Unidos. Ela moveu-se lentamente para dentro da sala, como se estivesse fazendo um passeio, enquanto outros quatro guardiões a seguiam de perto.

Ela passou bem depressa pela seção dos aprendizes, embora tivesse acenado com a cabeça e dado alguns sorrisos aqui e ali. Dampiros podem muito bem ser os filhos ilegítimos e metade humanos dos Moroi, mas treinam duro e dedicam suas vidas a servi-los e protegê-los. Havia uma forte probabilidade de muitos de nós, reunidos ali naquele momento, morrerem cedo, e a rainha precisava mostrar o respeito que tinha por toda essa dedicação.

Quando ela chegou à seção dos Moroi, andou mais devagar e até se dirigiu diretamente a alguns dos alunos. Era muito importante ser reconhecido, era principalmente um sinal de que a rainha tinha em boa conta os pais dos alunos com os quais falava. Aqueles que pertenciam à realeza angariavam mais atenção, é claro. Na maior parte das vezes, ela não dizia coisas particularmente significativas para eles, nada além de algumas palavras simpáticas.

— Vasilisa Dragomir.

Minha mente pareceu se calar. Ao ouvir o som do nome dela, um sobressalto atravessou o laço e chegou a mim. Quebrando o protocolo, saí do meu lugar e me meti entre os outros para ver melhor, sabendo que ninguém olharia para mim enquanto a rainha destacava pessoalmente a última dos Dragomir. Todos estavam ansiosos para ver o que a monarca tinha a dizer para Lissa, a princesa fugitiva.

— Soubemos que você retornara à escola. Estamos felizes de ter os Dragomir de volta, mesmo que, de toda a família, nos tenha restado apenas uma única representante. Sentimos profundamente a perda de seus pais e de seu irmão; eles estavam entre os mais admiráveis Moroi. A morte deles foi uma verdadeira tragédia.

Eu nunca entendera completamente essa história do uso do plural majestático, mas de resto tudo me pareceu muito bem.

— Você tem um nome interessante — continuou ela. — Muitas heroínas dos contos de fadas russos se chamam Vasilisa. Vasilisa, a Brava; Vasilisa, a Bela. São jovens mulheres diversas, todas com o mesmo nome e as mesmas excelentes qualidades: força, inteligência, disciplina e virtude. Todas realizam grandes feitos, e triunfam sobre seus adversários.

“Da mesma maneira, o nome Dragomir impõe também respeito. Reis e rainhas de nome Dragomir reinaram com sabedoria e justiça ao longo da nossa História. Usaram seu poder com finalidades milagrosas. Eles mataram muitos Strigoi, lutando lado a lado com seus guardiões. Têm motivos para serem da *realeza*.”

Ela esperou um momento, deixando o peso de suas palavras fazerem efeito. Senti a mudança da vibração no interior da sala, bem como a surpresa e o prazer tímido que vinham de Lissa. Isso ia com certeza sacudir o equilíbrio social. Nós podíamos ir nos preparando desde já para alguns alpinistas sociais que certamente tentariam se aproximar e ficar amigos de Lissa no dia seguinte.

— Sim — continuou a rainha Tatiana —, você foi duplamente batizada com nomes de grande poder. Esses nomes representam as melhores qualidades que as pessoas têm a oferecer e remontam ao passado, a proezas grandiosas e de extremo valor. — Ela fez, então, uma pequena pausa. — Mas, como você mesma

nos demonstrou, nomes, apenas, *não* fazem uma pessoa. E nem cabe a eles qualquer responsabilidade pelo destino da pessoa que os porta.

E com essa bofetada verbal, ela se virou e deu prosseguimento à passagem de sua comitiva.

Um estado de choque coletivo tomou conta da sala. Refleti brevemente a respeito e em seguida rejeitei qualquer tentativa de pular do corredor e atacar a rainha. Meia dúzia de guardiões teria me derrubado antes de eu chegar a dar cinco passos que fossem. Mantive-me, então, sentada no meu lugar, mas sentindo forte impaciência ao longo de todo o jantar, acometida pelo sentimento de humilhação que me vinha diretamente de Lissa.

Quando se iniciou a recepção após o jantar, Lissa tomou o caminho mais curto para as portas que levavam até o pátio. Eu a segui, mas me atrasei, pois tive que acenar e evitar as pessoas interessadas em socializar.

Ela caminhou sem rumo para um pátio adjacente, um que tinha o mesmo estilo grandioso da parte de fora da Escola. Um telhado de madeira trabalhada e retorcida cobria o jardim, com alguns buracos aqui e ali para deixar entrar alguma luz, mas não muita, para não causar danos aos Moroi. Árvores, agora sem folhas por causa do inverno, circundavam a área e também as trilhas que levavam para outros jardins, pátios, e para o quadrângulo central. Um lago, também vazio durante o inverno, jazia num dos cantos, e, erguida sobre ele, havia uma estátua imponente do próprio são Vladimir. Esculpida em pedra cinza, nela o santo está retratado de barba e bigode e portando um longo manto.

Ao fazer a curva para entrar, parei quando vi que Natalie chegara antes de mim até Lissa. Pensei em interrompê-las, mas dei um passo atrás antes que me vissem. Espiar pode ser uma coisa feia, mas eu fiquei subitamente muito curiosa para saber o que Natalie teria a dizer para Lissa.

— Ela não devia ter dito aquilo — comentou Natalie. Ela estava com um vestido amarelo que tinha um corte parecido com o que Lissa estava usando, mas que, de alguma maneira, perdia em graciosidade e caimento em comparação com o outro. Amarelo também era uma péssima cor para ela. Não combinava com o seu cabelo preto, que ela prendera num coque desajustado. — Não foi certo — continuou ela. — Não deixe que isso aborreça você.

— Meio tarde para isso. — Os olhos de Lissa estavam firmemente presos ao chão de pedra.

— Ela está errada.

— Ela está *certa* — exclamou Lissa. — Os meus pais... e Andre... Eles teriam me odiado por eu ter feito o que fiz.

— Não, eles não teriam — disse Natalie, com um tom suave na voz.

— Foi uma estupidez ter fugido. Uma irresponsabilidade.

— E daí? Você errou. Eu erro toda hora. Outro dia, eu estava fazendo uma prova de ciências, e era sobre o capítulo dez, e eu tinha lido o capítulo onze... — Natalie se interrompeu e, numa demonstração extraordinária de autocontrole, voltou para o assunto que interessava. — As pessoas mudam. Nós estamos sempre mudando, não estamos? Você não é a mesma de quando fugiu. Eu não sou a mesma desde aquela época.

Na verdade, Natalie parecia *exatamente* a mesma para mim, mas isso não me incomodava mais. Ela subira no meu conceito.

— Além do mais — acrescentou ela —, será que foi mesmo um erro fugir? Você deve ter tido um bom motivo para fazer isso. Você deve ter aprendido com isso, não foi? Havia uma porção de coisas ruins acontecendo com você, não havia? Com os seus pais e o seu irmão. Quero dizer que talvez essa fosse a coisa

certa a fazer àquela altura.

Lissa escondeu um sorriso. Nós duas tivemos certeza absoluta, naquele momento, de que Natalie estava tentando descobrir por que nós tínhamos fugido — assim como todas as outras pessoas na escola. Ela era mesmo péssima para arrancar segredos de alguém.

— Eu não sei se foi a coisa certa, não — respondeu Lissa. — Eu fui fraca. Andre não teria fugido. Ele era muito bom. Bom em tudo. Era bom em fazer amizade com as pessoas e em lidar com toda essa baboseira de realeza.

— Você é boa nisso também.

— Pode ser. Mas eu não gosto. Quer dizer, eu gosto das pessoas... mas quase tudo que elas fazem é muito falso. É disso que eu não gosto.

— Então não se sinta mal de não se envolver — disse Natalie. — Eu também não sou amiga de todas essas pessoas, e olhe para *mim*. Eu estou ótima. Papai diz que não se importa se eu sou amiga do pessoal da realeza ou não. Ele quer apenas que eu seja feliz.

— E é por isso — disse eu, finalmente fazendo a minha entrada em cena — que é *ele* quem devia estar governando em vez dessa rainha de merda. Ele foi usurpado.

Natalie quase pulou três metros para trás. Eu tive certeza quase que absoluta de que o vocabulário de palavrões dela não passava de “caraca” e “droga”.

— Eu estava pensando onde você tinha se metido — disse Lissa.

Natalie olhou para mim e para ela algumas vezes, e de repente se sentiu um pouco constrangida de estar bem no meio da dupla dinâmica, da intimidade de duas melhores amigas. Ela mudou de posição, parecendo sentir-se desconfortável, e passou uma mecha de cabelo que estava fora do lugar para trás da orelha.

— Bem... eu tenho que ir encontrar papai. Vejo você depois no quarto.

— Até mais tarde — disse Lissa. — E obrigada.

Natalie foi embora rápido.

— Ela chama mesmo ele de “papai”?

Lissa me lançou um olhar de censura.

— Deixe-a em paz. Ela é legal.

— É mesmo. Ouvi o que ela disse, e, por mais que eu odeie admitir isso, ela não falou nada que pudesse dar margem para qualquer gozação. Era tudo verdade. — Fiz uma pausa. — Eu vou matá-la, sabia? A rainha, não Natalie. Que se danem os guardiões. Eu vou matá-la. Ela não pode sair ilesa do que fez.

— Meu Deus, Rose! Não diga isso. Eles prenderiam você por traição. Deixe para lá.

— Deixar para lá? Depois do que ela disse para você? Na frente de todo mundo?

Lissa não respondeu nem olhou para mim. Em vez disso, ficou brincando, ausente, com os galhos de uma moita irregular que parecera adormecer durante o inverno. Havia um olhar vulnerável nela que eu reconhecia — e temia.

— Ei. — Eu abaixei o tom da minha voz. — Não fique assim. Ela não sabe do que está falando, está bem? Não deixe isso abater você. Você não fez nada que não devesse ter feito.

Lissa me olhou de volta.

— Vai acontecer novamente, não vai? — sussurrou ela. Suas mãos, que ainda estavam agarradas ao arbusto, começaram a tremer.

— Não se você não deixar que aconteça. — Tentei olhar para os pulsos dela sem que ela percebesse. — Você não...?

— Não. — Ela balançou a cabeça e lutou contra as lágrimas. — Eu não tenho sentido vontade. Fiquei chateada por causa da raposa, mas agora está tudo bem. Eu gosto de ficar nas beiradas, longe do centro das atenções. Sinto falta de estar com você, mas está tudo bem. Eu gosto do... — Ela fez uma pausa.

Ouvi a palavra se formar na mente dela.

— Christian.

— Eu gostaria que você não conseguisse fazer isso. Ou não fizesse.

— Sinto muito. Preciso passar novamente o sermão sobre Christian ser um zé-ninguém sem juízo algum?

— Acho que já sei esse sermão de cor, depois de ouvi-lo umas dez vezes — resmungou ela.

Eu ia começando a passá-lo pela décima primeira vez quando ouvi o som de uma gargalhada e um bater de saltos nas pedras. Mia caminhava em nossa direção com alguns amigos atrás, mas sem Aaron. Imediatamente se armaram as minhas defesas.

Por dentro, Lissa ainda estava abalada por causa dos comentários da rainha. Tristeza e humilhação ainda giravam em sua mente. Ela se sentia constrangida pelo que os outros poderiam pensar sobre ela naquele momento e não parava de pensar que sua família a teria odiado por ter fugido. Eu não achava que eles a odiariam, mas para ela o sentimento era genuíno, e suas emoções mais sombrias se agitavam violentamente. Ela *não estava* bem, por mais que tentasse agir da forma mais casual que pudesse, como acabara de fazer, e eu estava preocupada com a possibilidade de Lissa acabar tomando alguma atitude precipitada. Mia era a última pessoa que precisava ver nesse momento.

— O que você quer? — perguntei.

Mia deu um sorriso arrogante para Lissa e me ignorou, dando alguns passos à frente.

— Só queria saber como é ser *tão* importante e *tão* nobre. Você deve estar muito empolgada de a rainha ter falado com você. — Algumas risadinhas vieram do grupo que estava com ela.

— Você está perto demais. — Eu me coloquei entre elas, e Mia estremeceu um pouco, provavelmente ainda com medo de que eu lhe quebrasse o braço. — E, escute aqui, pelo menos a rainha sabia o nome dela, o que é mais do que o que eu posso dizer de você e toda a sua atitude de alpinista social. *Ou* dos seus pais.

Vi a dor que isso causou a ela. Caramba, ela queria muito ser da realeza.

— Pelo menos eu *vejo* os meus pais — retrucou ela. — Pelo menos eu sei quem eles são. Só Deus sabe quem é o seu pai. E a sua mãe é uma das guardiãs mais famosas que existem, mas ela não está nem aí para você. Todo mundo sabe que ela nunca vem visitar você. Ficou provavelmente bem feliz, até, quando você sumiu. Se é que ela sequer *percebeu*.

Aquilo doeu. Eu trinquei os dentes.

— É, bom, ao menos ela é famosa. Ela realmente dá conselhos a membros da realeza e a nobres. Ela não fica limpando o que eles sujam.

Ouvi, atrás dela, um dos seus amigos sufocar um riso. Mia abriu a boca, sem dúvida para soltar alguma daquelas respostas que ela forjara desde que a história começara a circular, quando de repente pareceu se dar conta.

— Foi *você* — disse, com os olhos arregalados. — Alguém me disse que tinha sido Jesse quem começou a falar sobre isso, mas ele não tinha como saber nada sobre mim. Ele soube por você. Quando você *dormiu* com ele.

Agora ela estava realmente começando a me encher.

— Eu não dormi com ele.

Mia apontou para Lissa e olhou de volta para mim.

— Então é isso, não é? Você faz o serviço sujo para ela porque ela é boba demais para fazê-lo sozinha. Você não vai poder defendê-la sempre — advertiu —, *você* também não está a salvo.

Ameaças vazias. Eu me inclinei para a frente, fazendo a voz mais ameaçadora que eu pude. No estado em que eu estava, isso não foi difícil.

— Ah, é? Tente encostar em mim agora e você vai ver.

Eu esperava que ela tivesse encostado em mim. Queria, até. Nós não precisávamos das vinganças sujas dela nas nossas vidas naquele momento. Ela era uma distração apenas. E eu estava com uma vontade danada de lhe dar um soco ali mesmo.

Olhando por cima dela, vi Dimitri caminhar do lado de fora do jardim, com o olhar de quem procura alguma coisa — ou alguém. Eu fazia uma boa ideia de quem era essa pessoa. Quando ele me viu, deu passos largos em nossa direção, mudando o foco da sua atenção ao perceber o pequeno amontoado de gente que se juntara à nossa volta. Os guardiões conseguem farejar uma briga a quilômetros de distância. É claro, porém, que daquela briga até uma criança de seis anos teria sentido o cheiro.

Dimitri se colocou ao meu lado e cruzou os braços.

— Está tudo bem?

— Claro que sim, guardião Belikov. — Sorri ao dizer isso, mas estava furiosa. Espumando de fúria, até. Todo o confronto com Mia só fizera Lissa se sentir ainda pior. — Nós estamos apenas trocando histórias de família. Você já ouviu a de Mia? É *fascinante*.

— Vamos — disse Mia para os seus seguidores. Ela os levou para fora, mas não sem antes me lançar um último olhar gélido. Eu não precisava ler os pensamentos dela para saber o que significava. Aquele assunto não acabara ali. Ela tentaria se vingar de uma de nós ou de nós duas. Tudo bem. Manda ver, Mia.

— Eu tenho que levar você de volta para o seu dormitório — me disse Dimitri, secamente. — Você não estava prestes a iniciar uma briga, estava?

— É claro que não — disse eu, com os olhos ainda fixos na porta de entrada agora vazia por onde Mia sumira. — Eu não começo brigas onde as pessoas possam vê-las.

— Rose — rugiu Lissa.

— Vamos. Boa noite, princesa.

Ele se virou, mas eu não me movi.

— Liss, você vai ficar bem?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Estou bem.

Era uma mentira completamente absurda. Não podia acreditar que ela tivera a coragem de tentar me enganar. Eu nem precisava do laço para ver as lágrimas brilhando nos olhos dela. Nós nunca devíamos ter voltado para esse lugar, percebi, desolada.

— Liss...

Ela me lançou um sorriso pequeno e triste e fez um sinal com a cabeça na direção de Dimitri.

— Eu disse a você, estou bem. Você precisa ir.

Eu o segui, relutante. Ele me encaminhou para fora em direção ao outro lado do jardim.

— Talvez nós tenhamos que acrescentar um treinamento extra de autocontrole — ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Eu tenho autocontrole o suficiente... Ei!

Parei de falar quando vi Christian passar por nós em silêncio, tomando o caminho de onde nós acabáramos de sair. Eu não o vi na recepção, mas, se Kirova me liberara para vir naquela noite, imaginei

que ela teria feito o mesmo por ele.

— Você vai se encontrar com Lissa? — perguntei, lançando a minha raiva por Mia sobre ele.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e me lançou aquele olhar indiferente de “bad boy”.

— E se eu for?

— Rose, este não é o momento — disse Dimitri.

Mas era *exatamente* o momento. Lissa ignorara os meus avisos sobre Christian durante semanas, e estava na hora de ir direto à fonte e acabar com aquele flerte ridículo de uma vez por todas.

— Por que você simplesmente não a deixa em paz? Será que você é tão perturbado e desesperado para chamar a atenção que nem consegue perceber quando uma pessoa não gosta de você? — Ele franziu o cenho. — Você é um perseguidor maluco, e ela sabe disso. Ela me contou tudo sobre a sua obsessão esquisita, sobre vocês estarem o tempo todo se encontrando no sótão, sobre você ter tacado fogo em Ralf só para impressioná-la. Lissa acha você uma aberração, mas ela é gentil demais para lhe dizer isso.

O rosto dele ficou pálido, e uma sombra tomou conta dos seus olhos.

— Mas *você* não é tão gentil, não é?

— Não. Nem quando sinto pena da pessoa.

— Chega — disse Dimitri, me afastando para longe.

— Obrigado por “ajudar”, então — disse Christian secamente, enquanto pingava ressentimento de sua voz.

— Não há de quê — gritei de volta por sobre o meu ombro.

Quando nos distanciamos mais um pouco, dei uma olhada para trás e vi Christian do lado de fora do jardim. Ele parara de andar e estava de pé olhando para a trilha de pedras que levava até Lissa, no jardim. Uma expressão sombria cobriu-lhe o rosto enquanto ele ponderava, e então, depois de alguns segundos, ele se virou e caminhou em direção ao dormitório dos Moroi.

Doze

Demorei para dormir aquela noite, fiquei agitada, me revirando durante algum tempo antes de finalmente ceder ao cansaço.

Pouco mais de uma hora depois, eu me sentei na cama, tentando relaxar e compreender os sentimentos que chegavam até mim. Era Lissa. Apavorada e perturbada. Instável. Os acontecimentos da noite de repente passaram depressa pela minha cabeça enquanto eu tentava entender o que a podia estar incomodando. A rainha a humilhara. Mia. Talvez até Christian — ele podia tê-la encontrado mais tarde.

E no entanto... nada disso parecia ser problema para Lissa naquele momento. Queimando dentro dela, havia algo mais. Algo terrivelmente errado.

Eu saí da cama, vesti-me depressa e pensei nas opções que eu tinha naquele momento. Meu quarto ficava no terceiro andar — alto demais para descer pelo muro, principalmente porque eu não teria a professora Karp para cicatrizar as minhas feridas desta vez. Eu jamais conseguiria passar despercebida pelo corredor principal. A única chance seria tentar usar os meios “apropriados”.

— Aonde você pensa que vai?

Da cadeira onde estava sentada, uma das inspetoras que supervisionava o meu andar olhou para o alto. Ela ficava sentada no final do corredor, perto das escadas. Durante o dia, aquele vão de escada era pouco supervisionado. À noite, era como se estivéssemos numa prisão.

Cruzei os braços.

— Eu preciso falar com Dim... com o guardião Belikov.

— Está tarde.

— É uma emergência.

Ela me olhou de cima a baixo.

— Você me parece estar muito bem.

— Você vai enfrentar um problema bem grande amanhã quando todos descobrirem que me impediu de reportar o que eu sei.

— Conte para mim.

— É assunto confidencial entre guardiões.

Eu a olhei do modo mais firme que pude. Deve ter dado certo, porque ela finalmente se levantou e apanhou um telefone celular. Telefonou para alguém — Dimitri, eu esperava —, mas sussurrou tão baixo que eu não consegui ouvir. Esperamos vários minutos, e então a porta que dava para a escada se abriu.

Dimitri apareceu, inteiramente vestido e desperto, embora eu estivesse certa de que nós o tínhamos tirado da cama.

Ele me olhou e disse logo:

— Lissa.

Eu fiz que sim com a cabeça.

Sem mais uma palavra, ele se virou e começou a descer as escadas. Eu o segui. Nós atravessamos o pátio em silêncio, em direção ao imponente dormitório dos Moroi. Era “noite” para os vampiros, o que significava que era dia para o resto do mundo. Um sol de início de tarde brilhava com uma luz fria e dourada sobre nós. Os meus genes humanos saudaram o sol e sempre se ressentiam de a sensibilidade dos Moroi à luz nos obrigar a viver no escuro a maior parte do tempo.

A inspetora do corredor de Lissa ficou boquiaberta ao nos ver, mas Dimitri era uma figura intimidadora demais para alguém se opor a ele.

— Ela está no banheiro — disse eu a eles. Quando a inspetora começou a me seguir para dentro do banheiro, eu a impedi. — Ela está muito perturbada. Deixe-me falar com ela sozinha primeiro.

Dimitri respeitou.

— Está bem. Dê um minuto a elas.

Eu abri a porta.

— Liss?

Um barulho suave, como um soluço, veio lá de dentro. Eu passei por cinco cubículos e encontrei um único fechado. Bati de leve.

— Deixe-me entrar — disse, na esperança de ter soado calma e firme.

Ouvi uma fungada, e, alguns segundos depois, a porta se abriu. Eu não estava preparada para o que vi. Lissa de pé na minha frente...

Coberta de sangue.

Horrorizada, eu sufoquei um grito e quase pedi socorro. Olhando mais de perto, vi que muito daquele sangue não vinha dela, na verdade. Estava lambuzado nela, como se estivesse em suas mãos e ela as tivesse passado no rosto. Lissa caiu no chão, e eu a acompanhei ajoelhando-me diante dela.

— Você está bem? — sussurrei. — O que aconteceu?

Ela apenas fez que não com a cabeça, mas eu vi o seu rosto se enrugar e mais lágrimas saírem de seus olhos. Peguei as mãos dela.

— Venha. Vamos lavar você...

Eu parei. Ela estava sangrando, afinal. Linhas perfeitas atravessavam o seu pulso, longe de qualquer veia crucial, mas o suficiente para deixar marcas úmidas e vermelhas sobre a sua pele. Ela não atingiu as próprias veias quando fez aquilo; não tinha a intenção de morrer. Olhou nos meus olhos.

— Desculpe-me... Eu não quis... Por favor, não deixe que eles saibam... — soluçou ela. — Quando eu me deparei com *ele*, perdi o controle. — Ela mostrou os pulsos com a cabeça. — Isso aconteceu sem que eu pudesse evitar. Eu estava aflita...

— Tudo bem — disse eu, de forma automática, me perguntando o que seria aquele tal *ele*. — Venha.

Bateram na porta.

— Rose?

— Só um segundo — respondi.

Eu a levei até a pia e lavei o sangue dos seus pulsos. Apanhei o kit de primeiros socorros e coloquei rapidamente uns band-aids sobre os cortes. O sangramento já estava estancando.

— Nós estamos entrando — avisou a inspetora.

Eu tirei meu casaco de moleton com capuz e o entreguei depressa a Lissa. Ela mal acabara de vesti-lo quando Dimitri e a inspetora entraram. Ele correu para junto de nós em um segundo e eu me dei conta de que havia escondido os pulsos de Lissa, mas me esquecera do sangue em seu rosto.

— Não é meu esse sangue — disse ela depressa, vendo a expressão de Dimitri. — É do... É do coelho.

Dimitri a examinou, e eu tive esperanças de que ele não olhasse para os pulsos dela. Quando ele pareceu convencido de que ela não tinha nenhuma ferida aberta, perguntou:

— Que coelho?

Eu estava com a mesma pergunta na cabeça.

Com as mãos trêmulas, ela apontou para o cesto de lixo.

— Eu o limpei. Para que Natalie não o visse.

Dimitri e eu fomos até o cesto e olhamos lá dentro. Eu me afastei imediatamente, prendendo a ânsia de vômito. Não sei como Lissa sabia que era um coelho. Só consegui ver sangue. Sangue e toalhas de papel ensopadas de sangue. Massas de sangue coagulado foi o que eu pude identificar. O cheiro era horrível.

Dimitri se aproximou de Lissa, e se inclinou para ficar bem à altura dos olhos dela.

— Conte o que aconteceu. — Entregou a ela vários lenços de papel.

— Eu voltei para o quarto uma hora atrás. E ele estava lá. Bem no meio do chão. Rasgado ao meio. Era como se ele tivesse... explodido. — Ela fungou. — Eu não quis que Natalie descobrisse, não quis apavorá-la... então eu... eu limpei tudo. Depois não consegui mais... não consegui mais voltar para o quarto... — Ela começou a chorar sacudindo os ombros.

Pude imaginar o resto, a parte que ela não contou a Dimitri. Ela encontrara o coelho, limpara tudo, e perdera o controle. Então se cortara, e esse era o jeito esquisito que Lissa tinha de suportar as coisas que a perturbavam.

— Ninguém deveria poder entrar nesses quartos! — exclamou a inspetora. — Como isso está acontecendo?

— Você sabe quem fez isso? — A voz de Dimitri era suave.

Lissa meteu a mão no bolso do seu pijama e tirou de lá um pedaço de papel amassado. Estava tão ensopado de sangue, que eu mal consegui ler quando ele o apanhou e o abriu.

Eu sei o que você é. Você não vai sobreviver por muito tempo se ficar aqui. Vou cuidar disso. Vá embora agora. É o único jeito de você sobreviver a isso.

O choque da inspetora se transformou em determinação, e ela se dirigiu para a porta.

— Vou chamar Ellen.

Demorei um segundo para lembrar que Ellen era o primeiro nome de Kirova.

— Diga a ela que estaremos na clínica — disse Dimitri. Quando a inspetora saiu, ele se virou para Lissa.

— Você precisa se deitar.

Ela não se moveu. Eu enlacei o meu braço no dela.

— Venha, Liss. Vamos sair daqui.

Lentamente ela ia dando os passos necessários e nos deixou guiá-la até o posto médico da Escola. Normalmente havia dois médicos de plantão, mas, àquela hora da noite, apenas uma enfermeira estava lá.

Ela se ofereceu para acordar um dos médicos, mas Dimitri recusou.

— Ela só precisa descansar.

Lissa acabara de se deitar numa cama estreita quando Kirova e alguns outros apareceram e começaram a interrogá-la.

Eu me coloquei na frente deles, bloqueando o acesso a Lissa.

— Deixem que ela fique em paz! Vocês não veem que ela não quer falar sobre isso? Deixem que ela durma um pouco antes!

— Senhorita Hathaway — declarou a diretora Kirova —, você está saindo dos trilhos, como sempre. Eu nem sei o que está fazendo aqui.

Dimitri perguntou se podia conversar com Kirova a sós e a levou para o corredor. Ouvi sussurros raivosos vindos dela, e sussurros calmos e firmes vindos dele. Quando eles voltaram, Kirova disse, secamente:

— Você pode ficar com Lissa alguns instantes. Vamos pedir aos zeladores que limpem e inspecionem o banheiro e o seu quarto, senhorita Dragomir, e depois, pela manhã, discutiremos a situação.

— Não acorde Natalie — murmurou Lissa. — Não quero assustá-la. Eu já limpei tudo no quarto.

Kirova olhou duvidosa. A enfermeira perguntou se Lissa gostaria de algo para beber ou comer. Ela disse que não, e o grupo então se retirou. Quando ficamos sozinhas, eu me deitei ao seu lado e a abracei.

— Não vou deixar que eles descubram — disse a ela, sentindo a sua preocupação com relação aos pulsos. — Mas eu preferia que você tivesse falado comigo antes de eu ir embora da recepção. Você me disse que sempre falaria comigo primeiro.

— Mas naquela hora eu não ia fazer isso — disse ela, com os olhos inexpressivos mirando o vazio. — Juro que não ia fazer isso. Eu estava aflita... Mas eu pensei... pensei que podia aguentar. Estava fazendo um esforço enorme... estava mesmo, Rose. Eu estava. Então voltei para o quarto, e foi quando vi *ele*, e aí eu... simplesmente perdi o controle. Foi a gota d'água, entende? E eu sabia que tinha que limpar aquilo tudo. Que eu tinha que limpar antes que eles vissem, antes que eles descobrissem, mas havia tanto sangue... e depois de tudo, depois que eu limpei, foi demais para mim, e eu senti como se eu fosse... nem sei... explodir, e foi demais para mim, eu tinha de deixar essa sensação sair, entende? Eu tinha que...

Eu interrompi a histeria que parecia tomá-la.

— Está tudo bem, eu entendo.

Eu menti. Não conseguia compreender aquela história de ela se cortar de jeito algum. Ela vinha fazendo isso esporadicamente, desde o acidente, e toda vez que isso acontecia eu ficava assustada. Ela tentara me explicar que não queria de fato morrer, que só precisava tirar *aquilo* de dentro de si de alguma maneira. Os sentimentos eram tão fortes, dizia ela, que um escape físico — uma dor física — era a única maneira de estancar a dor interna. Era o único jeito de controlar os próprios sentimentos.

— Por que isso está acontecendo? — Ela chorava sobre o travesseiro. — Por que eu sou uma aberração?

— Você não é uma aberração.

— Essas coisas não acontecem com mais ninguém. Ninguém além de mim faz a magia que eu faço.

— Você tentou fazer magia? — Não houve resposta. — Liss? Você tentou curar o coelho?

— Eu toquei nele, só para ver se eu conseguia salvá-lo, mas havia sangue demais... Eu não consegui.

“Quanto mais ela usar essa magia, pior vai ficar. Impeça-a, Rose.”

Lissa estava certa. A magia dos Moroi podia invocar o fogo e a água, mover pedras e outros pedaços de terra. Mas ninguém era capaz de curar ou devolver a vida a animais mortos. Ninguém, com exceção da professora Karp.

“Impeça-a antes que eles descubram, antes que eles descubram e a levem embora também. Tire-a daqui.”

Eu odiava carregar esse segredo, principalmente porque não sabia o que fazer com ele. Eu não gostava de me sentir impotente. Precisava protegê-la disso — e de si mesma. E, além do mais, eu precisava, ao mesmo tempo, protegê-la *deles* também.

— Nós temos que ir embora — disse num impulso. — Nós vamos fugir.

— Rose...

— Está acontecendo de novo. E é pior agora. Pior do que da última vez.

— Você está com medo do bilhete.

— Não estou com medo de bilhete algum. Mas este lugar não é seguro.

Subitamente senti saudades de Portland mais uma vez. Podia ser mais sujo e mais cheio de gente do que a paisagem austera de Montana, mas lá, ao menos, sabíamos o que esperar... Não era como aqui. Aqui na Escola, o passado e o presente guerreavam um com o outro. A construção podia ter belos muros e jardins antigos, mas, por dentro, coisas modernas se introduziam. As pessoas não sabiam lidar com aquilo. Era exatamente como os próprios Moroi. Suas arcaicas famílias reais superficialmente ainda tinham o poder, mas as pessoas estavam cada vez mais insatisfeitas. Dampiros que queriam mais da vida. Moroi como Christian, que queriam lutar contra os Strigoi. Os membros da realeza ainda se agarravam às suas tradições, ainda faziam demonstrações de poder dirigidas aos demais, assim como os portões trabalhados de ferro da Escola representavam tradição e invencibilidade.

E, ah, sim, havia as mentiras e os segredos. Eles corriam pelos corredores e se escondiam nos cantos. Alguém aqui odiava Lissa, alguém que provavelmente se mostrava sorridente na frente dela e que fingia ser seu amigo. Eu não podia deixar que a destruíssem.

— Você precisa dormir um pouco — disse eu a ela.

— Não consigo.

— Claro que consegue. Eu estou aqui. Você não vai ficar sozinha.

Angústia, medo e outros sentimentos perturbadores chegavam a mim, vindos dela. Mas por fim as necessidades do seu corpo a venceram. Depois de algum tempo, eu vi seus olhos se fecharem. A respiração dela se normalizou, e o laço se aquietou.

Eu a observei dormir, tomada por tanta adrenalina que era impossível permitir a mim mesma algum descanso. Acho que talvez uma hora já tivesse se passado quando a enfermeira voltou e me disse que eu precisava sair.

— Não posso — disse eu. — Prometi a ela que não a deixaria sozinha.

A enfermeira era alta, até mesmo para uma Moroi, e tinha doces olhos castanhos.

— Ela não vai ficar sozinha. Vou estar aqui com ela.

Olhei para ela, incrédula.

— Eu prometo.

De volta ao meu quarto, tive, então, a minha própria crise. O medo e a agitação tinham me desgastado, e, por um momento, desejei poder ter uma vida normal e uma melhor amiga normal também. Imediatamente descartei esse pensamento. Ninguém é normal, não de verdade. E eu jamais teria uma amiga melhor do que Lissa... Mas, caramba, era bem difícil às vezes.

Dormi pesadamente até a manhã seguinte. Fui hesitante para a minha primeira aula, com medo de que fofocas sobre a noite anterior já tivessem se espalhado. Como era de se esperar, as pessoas *estavam* falando sobre a noite anterior, mas a atenção delas ainda estava concentrada na rainha e na recepção. Ainda não

sabiam nada sobre o coelho. Por mais que seja difícil de acreditar, eu quase esquecera aquele outro assunto. Mesmo assim, a recepção parecia realmente uma coisa menor se comparada ao fato de alguém ter ocasionado uma explosão de sangue no quarto de Lissa.

Conforme o dia avançou, no entanto, fui percebendo algo estranho. As pessoas pararam de olhar tanto para Lissa. Elas começaram a olhar para *mim*. Que se danem. Ignorando-as, saí para procurar Lissa e a encontrei terminando de se alimentar com um dos fornecedores. Aquele sentimento esquisito que me abatia sempre ressurgia quando eu via a boca de Lissa contra o pescoço do fornecedor, bebendo o seu sangue. Um fio vermelho correu pelo pescoço dele, contrastando com sua pele pálida. Os fornecedores, embora fossem humanos, eram quase tão pálidos quanto os Moroi, por causa da quantidade de sangue que perdiam. Ele pareceu não perceber; estava muito distante, sob o efeito da mordida. Sufocando de inveja, decidi que precisava de terapia.

— Você está bem? — perguntei mais tarde para ela, quando íamos para a aula. Ela estava usando mangas compridas, escondendo os pulsos de propósito.

— Estou... Ainda não consigo parar de pensar naquele coelho... Foi tão horrível. A imagem dele fica ressurgindo na minha cabeça. E depois o que eu fiz. — Ela apertou bem os olhos, por um segundo, e depois os abriu novamente. — As pessoas estão falando de nós.

— Eu sei. Ignore-as.

— Eu odeio isso — disse ela, com raiva. Uma expressão sombria caiu-lhe sobre o rosto e foi passada para mim através do laço, o que me fez estremecer. A minha melhor amiga tinha o coração puro e era doce. Ela não tinha sentimentos como aquele. — Eu odeio essa fofocada toda. É uma coisa tão estúpida. Como é que elas podem ser tão fúteis?

— Ignore-as — repeti suavemente. — Você foi inteligente de parar de andar com elas.

Ignorá-las foi ficando cada vez mais difícil, no entanto. Os sussurros e olhares aumentaram. Na disciplina sobre o comportamento e a fisiologia dos animais, isso ficou tão evidente que eu já nem conseguia mais me concentrar na aula do que se tornara a minha matéria preferida. A professora Meissner começara a falar sobre a evolução e a sobrevivência dos mais adaptados e sobre como os animais procuravam pares que tinham bons genes. Isso me fascinou, mas até ela enfrentou dificuldades para dar a aula, e foi obrigada a ficar pedindo às pessoas que parassem de falar e prestassem atenção.

— Tem alguma coisa acontecendo — disse eu à Lissa entre uma aula e outra. — Não sei o que é, mas eles descobriram algo novo.

— Mais alguma coisa? Além de a rainha ter me odiado? O que mais pode haver?

— Bem que eu queria saber.

As coisas finalmente se esclareceram durante a nossa última aula do dia, arte eslava. Começou quando um cara que eu mal conhecia me fez uma proposta bastante explícita, e quase obscena, enquanto todos nós trabalhávamos em projetos individuais. Eu respondi no mesmo tom, dizendo a ele exatamente o que ele podia fazer com aquela proposta.

Ele apenas riu.

— Vamos lá, Rose. Eu *sangro* por você.

Risadinhas altas se seguiram, e Mia nos lançou um olhar de reprovação.

— Espere aí, é Rose que sangra, não é?

Mais gargalhadas. A compreensão do que estava acontecendo foi como um tapa na minha cara. Puxei Lissa para longe dele.

— Eles sabem.

— Sabem o quê?

— Sobre nós. Sobre como você... Você sabe, sobre eu ter sido a sua fornecedora enquanto estivemos fora.

O queixo dela caiu.

— Como?

— Como você acha que descobriram? Foi, com certeza, o seu “amigo” Christian.

— Não — disse ela prontamente. — Ele não faria isso.

— Quem mais sabia?

A confiança dela em Christian transpareceu em seus olhos e atravessou o nosso laço. Mas ela não sabia o que eu sabia. Lissa não sabia o que eu dissera a ele na noite anterior, como eu o fizera pensar que ela o odiava. O cara era descontrolado. Espalhar o nosso grande segredo — bem, um deles — seria uma vingança à altura. Talvez ele tivesse matado o coelho também. Afinal, o bicho aparecera morto apenas umas duas horas depois que eu mandara Christian se afastar de Lissa.

Sem dar ouvidos aos protestos dela, fui até o outro lado da sala, onde Christian estava, como sempre, trabalhando sozinho. Lissa me seguiu de perto. Sem me importar se as pessoas estavam olhando para nós, eu me inclinei sobre a carteira dele, aproximando o meu rosto do dele.

— Eu vou matar você.

Os olhos dele moveram-se como uma flecha na direção de Lissa. Havia um vago vislumbre de desejo neles, que logo se apagou, e uma carranca tomou o seu semblante.

— Por quê? É algum crédito extra para os guardiões, me matar?

— Pare de bancar o engraçadinho — eu o alertei, conferindo um tom grave à minha voz. — Você contou. Você contou que eu precisei ser a fornecedora de Lissa.

— Diga a ela — disse Lissa, desesperadamente. — Diga a Rose que ela está errada.

Christian arrastou seu olhar de mim para ela, e, enquanto eles se olhavam, senti uma onda tão forte de atração, que foi incrível ela não ter me derrubado. O coração dela batia em seus olhos. Ficou evidente para mim que ele sentia o mesmo por ela, mas Lissa não podia ver isso, principalmente porque ele ainda a estava encarando.

— Você pode parar com isso, ouviu? — disse Christian. — Não precisa mais fingir.

A atração vertiginosa de Lissa desapareceu, e foi substituída pela mágoa e pelo choque que o tom da voz dele provocou.

— Eu... O quê? Fingir o quê...?

— Você *sabe* o quê. Pode parar. Pode interromper a cena.

Lissa o encarou, os seus olhos se arregalaram, ofendidos. Ela não fazia ideia de que eu estourara para cima dele na noite anterior. Ela não fazia ideia de que Christian acreditava que ela o odiava.

— Pare de ficar sentindo pena de si mesmo e nos conte o que está acontecendo — disse eu duramente para ele. — Você contou ou não para eles?

Ele fixou em mim um olhar desafiador.

— Não. Eu não contei.

— Eu não acredito em você.

— Eu acredito — disse Lissa.

— Eu sei que é impossível acreditar que uma *aberração* como eu é capaz de manter a boca fechada, principalmente quando nenhuma de vocês duas consegue, mas eu tenho coisas melhores para fazer do que espalhar fofocas idiotas. Estão procurando alguém para pôr a culpa? Culpem o rapaz lourinho que está logo

ali.

Segui o olhar dele até onde Jesse estava rindo de alguma coisa com aquele idiota do Ralf.

— Jesse não sabe — disse Lissa em tom desafiador.

Os olhos de Christian estavam grudados em mim.

— Ele sabe, *sim*. Não sabe, Rose? Ele sabe.

O meu estômago afundou dentro de mim. Sim. Jesse sabia. Ele percebera naquela noite na saleta.

— Eu não achei... não achei que ele contaria. Ele estava com muito medo de Dimitri.

— Você *contou* para ele? — exclamou Lissa.

— Não, ele adivinhou. — Eu estava começando a ficar enjoada.

— Parece que ele fez mais do que só adivinhar — sussurrou Christian.

Eu me virei para ele.

— O que você está querendo dizer com isso?

— Ah. Você não sabe.

— Juro por Deus, Christian, eu vou quebrar o seu pescoço depois da aula.

— Caramba, você é mesmo descontrolada. — Ele disse isso quase feliz, mas suas palavras seguintes foram mais sérias. Ele ainda exibia aquele sorriso de escárnio, ainda brilhando de raiva, mas, quando falou, pude perceber um leve constrangimento no tom da sua voz. — Ele meio que desenvolveu o que você escreveu naquele bilhete. Deu mais detalhes.

— Ah, já entendi. Ele disse que nós transamos. — Eu não precisava medir as palavras. Christian fez que sim com a cabeça. Então Jesse estava tentando incrementar a reputação dele. Tudo bem. Com isso eu podia lidar. Não que a minha reputação fosse impecável, para início de conversa. Todo mundo já pensava que eu saía transando por aí o tempo todo.

— E, bem, Ralf também disse que ele e você...

— Ralf? Nem todo o álcool do mundo ou qualquer substância alucinógena me fariam tocar nele. — Que eu... o quê? Eu transei com Ralf também?

Christian fez que sim com a cabeça.

— Aquele babaca! Eu vou...

— E tem mais.

— O quê? Eu dormi com um time inteiro de basquete, agora?

— Ele disse... os dois disseram... que você deixou eles... bem, que você deixou eles beberem seu sangue.

Isso me paralisou. Beber sangue durante o ato sexual. A mais pervertida das perversões. Era sujo. Era pior do que ser fácil ou ser uma piranha. Um milhão de vezes pior do que deixar Lissa beber o meu sangue para sobreviver. Isso fazia parte do campo da prostituição de sangue.

— Isso é absurdo! — gritou Lissa. — Rose nunca iria... Rose?

Mas eu já não estava mais ouvindo. Estava envolta no meu próprio mundo, um mundo que me levou a atravessar a sala de aula até onde Jesse e Ralf estavam sentados. Ambos levantaram o olhar, suas expressões metade orgulhosas, metade... nervosas, eu diria, se tivesse que adivinhar. Era de se esperar, uma vez que ambos estavam mentindo até as raízes dos cabelos.

A turma inteira ficou paralisada. Parecia que estavam esperando algum tipo de confronto aberto. Queriam ver a minha fama de pessoa descontrolada em ação.

— O que diabos vocês pensam que estão fazendo? — perguntei, com uma voz baixa e ameaçadora.

A expressão de nervosismo de Jesse se transformou numa expressão de terror. Ele podia ser mais alto do que eu, mas nós dois sabíamos quem venceria caso eu partisse para a violência. Ralf, no entanto, me lançou

um sorriso arrogante.

— Nós não fizemos nada que você não estivesse querendo. — O sorriso dele ficou cruel. — E nem pense em tocar em nós. Se você começar uma briga, Kirova manda você embora daqui, para ir viver com as outras prostitutas de sangue.

Os outros alunos estavam na expectativa, querendo ver o que nós íamos fazer. Eu não sei como o professor Nagy pôde se manter absorto da trama que se desenrolava em sua sala de aula.

Eu queria socar os dois, bater tanto neles que faria a bronca que Dimitri dera em Jesse parecer um tapinha nas costas. Eu queria varrer aquele sorrisinho besta da cara de Ralf.

Mas, babaca ou não, ele estava certo. Se eu tocasse neles, Kirova me expulsaria num piscar de olhos. E, se eu fosse expulsa, Lissa ficaria sozinha. Respirei fundo, e tomei uma das decisões mais difíceis da minha vida.

Não fiz nada e saí andando.

O resto do dia foi horrível. Ao me esquivar da briga, abri a guarda para quem quisesse gozar com a minha cara. Os rumores e os sussurros ganharam mais voz. As pessoas me encaravam abertamente. As pessoas riam. Lissa tentava conversar comigo, me consolar, mas eu ignorei até mesmo ela. Passei o resto das aulas como um zumbi, e depois fui direto, o mais depressa que pude, para o treinamento com Dimitri. Ele me olhou sem compreender o que acontecera, mas não fez perguntas.

Sozinha no quarto, mais tarde, chorei pela primeira vez em anos.

Depois de desabafar com o choro, já ia colocar o pijama quando ouvi alguém bater na minha porta. Era Dimitri. Ele estudou bem o meu rosto e depois desviou o olhar, ciente, é claro, de que eu estivera chorando. Pude perceber, também, que as fofocas finalmente tinham chegado a ele. Ele sabia.

— Você está bem?

— Não importa se eu estou bem, lembra? — Levantei o olhar para ver o rosto dele. — Lissa está bem? Isso vai ser duro para ela.

Uma expressão curiosa atravessou sua fisionomia. Acho que ele se espantou de eu ainda me preocupar com Lissa num momento como aquele. Ele fez um sinal para que eu o seguisse e me levou até uma escada nos fundos, uma escada que geralmente ficava trancada para os alunos. Naquela noite, porém, estava aberta, e ele gesticulou para que eu descesse.

— Cinco minutos — alertou.

Mais curiosa do que nunca, eu desci. Lissa estava lá. Eu devia ter sentido a proximidade dela, mas os meus próprios sentimentos fora de controle tinham obscurecido os dela. Sem dizer uma palavra, ela colocou os braços em volta de mim e me abraçou durante um longo tempo. Eu tive que segurar mais lágrimas que ameaçaram cair. Quando nos separamos, ela me olhou com uma expressão calma e firme.

— Desculpe-me — disse eu.

— Não é culpa sua. Vai passar.

Ela claramente duvidou disso. E eu também.

— A culpa é minha — disse Lissa. — Ela fez isso para se vingar de mim.

— Ela?

— Mia. Jesse e Ralf não são inteligentes o suficiente para bolarem uma coisa dessas sozinhos. Você mesma disse: Jesse estava com muito medo de Dimitri para espalhar qualquer coisa sobre o que aconteceu. E por que ele esperaria até agora? Já aconteceu há algum tempo. Se ele quisesse espalhar coisas por aí, teria feito isso naquela ocasião. Mia está fazendo isso para castigar você por ter falado sobre os pais dela. Não sei como ela conseguiu fazer isso, mas foi ela quem os fez dizer aquelas coisas.

Minha intuição me dizia que Lissa estava certa. Jesse e Ralf foram as ferramentas; Mia fora a idealizadora

do plano.

— Não há nada a fazer agora — suspirei.

— Rose...

— Esqueça, Liss. O que está feito está feito, está bem?

Ela me observou calmamente durante alguns segundos.

— Há muito tempo que eu não vejo você chorar.

— Eu não estava chorando.

Uma sensação de coração partido e de compaixão chegou a mim através do laço.

— Ela não pode fazer isso com você — protestou Lissa.

Eu ri com amargura, meio surpresa com a minha própria desesperança.

— Ela já fez. Ela disse que se vingaria de mim, que eu não poderia proteger você. Foi o que ela fez.

Quando eu voltar para as aulas...

Uma sensação de enjoo tomou o meu estômago. Pensei nos amigos e no respeito que eu conseguira manter a custo, apesar da nossa vida meio antissocial. Isso acabara. Não era possível dar a volta por cima depois de uma coisa dessas. Uma vez prostituta de sangue, para sempre prostituta de sangue. E o que piorava tudo era que uma parte secreta e obscura dentro de mim realmente gostava de ser mordida.

— Você não devia ter que me proteger — disse Lissa.

Eu ri.

— Mas esse é o meu trabalho. Eu vou ser a sua guardiã.

— Eu sei, o que eu quero dizer é que você não devia ter que me proteger desse jeito. Você não devia sofrer por minha causa. Você não devia estar sempre tomando conta de mim. E no entanto é o que você faz. Você me tirou daqui. Você cuidou de tudo quando nós estávamos sozinhas. Desde que nós voltamos... foi sempre você quem fez todo o trabalho. Toda vez que eu entro em crise, como ontem à noite, você está sempre lá. Quanto a mim, eu sou *fraca*. Não sou como você.

Fiz que não com a cabeça.

— Isso não importa. É como eu gosto de agir. Não me importo.

— Está bem, mas olhe o que aconteceu! O problema dela é comigo. Ela tem algo contra mim, apesar de eu ainda não entender por quê. Seja lá o que for, isso não vai mais nos incomodar. Eu vou proteger *você* de agora em diante.

Havia uma determinação na expressão dela, uma enorme confiança irradiava dela. Parecia a Lissa que eu conhecera antes do acidente. Ao mesmo tempo, pude sentir uma outra coisa nela... algo sombrio, uma raiva profundamente enterrada. Eu já vira este lado dela antes também, e não gostara dele. Não queria que ela brincasse com esses sentimentos. Só queria que se sentisse segura.

— Lissa, você não pode me proteger.

— Eu posso — disse ela, com firmeza. — Tem uma coisa que Mia quer mais do que destruir a você e a mim. Ela quer ser aceita. Ela quer se dar bem com o pessoal da realeza e se sentir como se fosse um deles. Eu posso tirar isso dela. — Lissa sorriu. — Posso fazer com que eles se voltem contra ela.

— Como?

— *Contando* a eles. — Os olhos dela faiscaram.

Minha mente estava lenta demais aquela noite. Levei algum tempo para entender.

— Liss, não. Você não pode usar a compulsão. Não aqui na Escola.

— Eu posso muito bem tirar partido desses poderes idiotas.

“Quanto mais ela usar essa magia, pior vai ficar. Impeça-a, Rose. Impeça-a antes que eles descubram,

antes que eles descubram e a levem embora também. Tire-a daqui.”

— Liss, se você for pega...

Dimitri apareceu do vão da escada.

— Você precisa entrar, Rose, antes que alguém encontre você.

Lancei um olhar de pânico para Lissa, mas ela já estava se retirando.

— Vou tomar conta de tudo desta vez, Rose. *De tudo*.

Treze

As consequências das mentiras de Jesse e Ralf foram tão terríveis quanto eu imaginava que seriam. O único jeito que encontrei para sobreviver foi colocando uma cortina imaginária na minha frente, e ignorando a tudo e a todos. Isso me manteve — parcamente — sã, mas eu odiava ter que fazer isso. Tinha vontade de chorar o tempo todo. Perdi o apetite e passei a dormir mal.

E, no entanto, por mais que as coisas tivessem ficado bem difíceis para mim, eu me preocupei mais com Lissa do que comigo mesma. Ela manteve a promessa de mudar as coisas. Foi um processo lento, no início, mas, aos poucos, eu via, vez por outra, um ou dois alunos da realeza irem até ela durante o almoço e a cumprimentarem. Ela dava um belo sorriso, ria e conversava com eles como se fossem seus melhores amigos.

No começo não entendi como ela estava conseguindo aquilo. Ela me sugerira que usaria a compulsão para conseguir a amizade daquelas pessoas e fazê-las se voltarem contra Mia. Mas eu não *via* isso acontecendo. Era possível, claro, que ela estivesse conquistando o afeto de todos sem o uso da compulsão. Afinal de contas, Lissa era divertida, inteligente e legal. Qualquer um que a conhecesse melhor gostaria dela. Mas alguma coisa me dizia que ela não estava fazendo amizades à moda antiga, e finalmente me dei conta do que se passava.

Ela usava a compulsão, mas quando eu não estava por perto. Eu a via, ao longo do dia, apenas durante um curto período de tempo, e, como ela sabia que eu não aprovava essa prática, só fazia uso desse poder quando eu não estava presente.

Depois de alguns dias percebendo que Lissa estava usando a compulsão em segredo, me dei conta do que me cabia fazer: eu tinha que entrar na cabeça de Lissa novamente. Por livre escolha. Eu já fizera isso antes; podia fazer de novo.

Pelo menos foi isso o que eu disse a mim mesma certo dia, sentada e distraída durante a aula de Stan. Mas não foi fácil como eu imaginava que seria, em parte porque eu estava ansiosa demais para relaxar e me abrir para os pensamentos dela. Também tive problemas porque escolhi um momento em que ela se mostrava relativamente calma. E Lissa se deixava penetrar mentalmente com mais facilidade quando as suas emoções estavam muito intensas.

Mesmo assim, tentei repetir o que fizera antes, quando espionei Lissa e Christian. Comecei pela meditação que empregara da outra vez. Respiração lenta. Olhos fechados. Alcançar uma concentração mental como essa não era nada fácil para mim ainda, mas, depois de muito esforço, consegui fazer a

transição, escorregando de novo para dentro da cabeça dela e vendo o mundo como ela o via. Lissa estava de pé durante a aula de literatura americana, fazendo um trabalho em grupo, mas, como a maior parte dos alunos, ela não estava exatamente trabalhando. Ela e Camille Conta se achavam recostadas contra a parede do fundo da sala, conversando aos sussurros.

— É nojento — disse Camille, com firmeza, franzindo o lindo rosto enquanto falava. Ela vestia uma saia azul feita de tecido aveludado, e, possivelmente violando as regras de vestimenta da escola, curta o suficiente para que pudesse exibir, assim, suas longas pernas. — Se vocês duas estavam fazendo isso, eu não me surpreendo de ela ter ficado viciada e ter feito a mesma coisa com Jesse também.

— Ela *não* fez nada disso com Jesse — insistiu Lissa. — E não é como se nós tivéssemos feito *sexo*. Nós só não tínhamos fornecedores, foi só isso. — Lissa concentrou toda a sua atenção em Camille e sorriu. — Não tem nada de mais. As pessoas estão fazendo muito barulho por nada.

Camille parecia duvidar seriamente disso, e então, quanto mais ela olhava para Lissa, mais desfocados seus olhos foram ficando. Um olhar inexpressivo tomou conta de seu semblante.

— Está bem? — perguntou Lissa, com uma voz de seda. — Não tem nada de mais.

Camille tentou se livrar da compulsão e franziu a testa por um instante. O fato de Lissa ter conseguido chegar tão longe já era inacreditável. Como Christian observara, usar a compulsão num Moroi era algo jamais visto.

Camille, apesar de sua força de vontade, perdeu a batalha.

— Claro — disse lentamente. — Não é mesmo nada de mais.

— E Jesse está mentindo.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Com certeza, ele está mentindo.

Uma forte tensão mental queimou dentro de Lissa enquanto ela mantinha Camille sob compulsão. Foi um esforço enorme, mas ainda não tinha acabado.

— O que vocês vão fazer hoje à noite?

— Carly e eu vamos estudar para a prova do Mattheson no quarto dela.

— Me convide.

Camille pensou um pouco.

— Ei, você quer vir estudar conosco?

— Claro — disse Lissa, sorrindo para ela. Camille sorriu de volta.

Lissa interrompeu a compulsão, e foi tomada por uma onda de tontura. Ela se sentiu fraca. Camille olhou em volta, momentaneamente surpresa, depois espantou a sensação estranha que a invadira.

— Vejo você depois do jantar, então.

— Até mais tarde — murmurou Lissa, vendo-a sair andando. Quando Camille se afastou, Lissa levantou as mãos para prender o cabelo num rabo de cavalo. Seus dedos não estavam conseguindo apanhar todas as mechas, e, de repente, outro par de mãos se adiantou e a ajudou. Ela se virou de costas e se deparou com os olhos azuis cristalinos de Christian. Ela se afastou rapidamente dele.

— Não faça isso! — exclamou, arrepiando-se ao perceber que os dedos *dele* tocaram nela.

Ele lançou para ela o seu sorriso lânguido, levemente torto, e afastou umas mechas de cabelos pretos despenteados que lhe caíam sobre o rosto.

— Você está me pedindo ou está me dando uma *ordem*?

— Cale a boca. — Ela olhou em volta, para evitar o olhar dele e para se certificar de que ninguém mais os estava vendo juntos.

— Qual é o problema? Preocupada com o que os seus escravos vão pensar se virem você conversando comigo?

— Eles são meus *amigos* — retrucou ela.

— Ah. Claro. É evidente que são seus amigos. Quer dizer, pelo que eu acabei de ver, Camille provavelmente faria *qualquer coisa* por você, não é? Amigas até o fim.

Ele cruzou os braços. Apesar da raiva que estava sentindo, Lissa não pôde deixar de perceber como o cinza-prateado da cor da camisa dele realçava seus cabelos negros e seus olhos azuis.

— Pelo menos ela não é como você. Ela não finge ser minha amiga num dia e de repente passa a me ignorar sem motivo algum.

Uma expressão de incerteza atravessou o rosto dele. Tensão e raiva cresceram entre os dois ao longo da última semana, depois que eu gritara com Christian no final da recepção para a realeza. Acreditando no que eu lhe dissera naquela noite, Christian parara de falar com Lissa e passara a tratá-la de forma rude toda vez em que ela tentava iniciar alguma conversa. Magoada e confusa, ela agora desistira de tentar ser gentil. A situação foi piorando a cada dia.

Olhando para Christian através dos olhos de Lissa, pude ver que ele ainda gostava dela e que ainda a desejava. O seu orgulho, no entanto, fora ferido, e ele não estava com vontade alguma de se mostrar frágil.

— Ah, é? — disse ele, com um tom de voz baixo e cruel. — Pensei que era assim que todas as pessoas da realeza deviam agir. Você certamente parecia estar se saindo muito bem neste quesito. Ou talvez você apenas esteja usando a compulsão em mim para me fazer acreditar que você é uma imbecil de duas caras. Talvez você realmente não seja, mas eu duvido muito.

Lissa enrubesceu ao ouvir a palavra *compulsão* — e deu uma outra olhada tensa à sua volta —, mas decidiu não dar a ele a satisfação de continuar discutindo. Ela simplesmente lançou-lhe um último olhar antes de sair depressa para se juntar a alguns Moroi da realeza que se amontoavam naquele momento para discutir um trabalho escolar.

Voltando a mim, eu olhei sem expressão para a sala de aula, tentando processar o que acabara de ver. Uma pequeníssima parte de mim começava a sentir pena de Christian. Mas era só uma pequena parte, de modo que foi muito fácil ignorá-la.

No começo do dia seguinte, fui direto encontrar Dimitri. Essas sessões de treinamento passaram a ser agora o melhor momento do meu dia, em parte por causa do meu encanto absurdo por ele e em parte porque ali eu não precisava estar na companhia dos outros.

Ele e eu começamos, como sempre, com a corrida, e ele correu comigo, calmo e quase gentil na sua maneira de me instruir, provavelmente com medo de me causar algum tipo de crise. Ele, de alguma maneira, estava ciente dos rumores, mas nunca mencionou nada para mim.

Quando terminamos, ele me guiou num exercício de ataque no qual eu podia usar qualquer arma improvisada para atacá-lo. Para minha surpresa, consegui acertar alguns golpes nele, embora eles tenham parecido causar maiores estragos em *mim* do que em Dimitri. Os impactos sempre faziam com que eu cambaleasse para trás, enquanto ele nem saía do lugar. O que, ainda assim, não me impediu de atacar e atacar, de lutar com uma raiva quase cega. Não sei quem eu de fato estava atacando naqueles momentos: se Mia ou Jesse ou Ralf. Talvez todos eles.

Dimitri finalmente deu um intervalo. Nós carregamos, então, o equipamento que usamos no campo e o levamos para a sala de armazenamento. Enquanto o guardávamos, ele me olhou, desviou os olhos, e logo em seguida olhou de novo rapidamente.

— As suas mãos. — Ele soltou um palavrão em russo. Eu já reconhecia a palavra àquela altura, mas ele se recusava a me ensinar o significado dela. — Onde estão as suas luvas?

Baixei os olhos para as minhas mãos. Elas vinham sofrendo havia semanas, e o treinamento daquele dia apenas piorara o estado delas. O frio deixara a pele áspera e rachada, e em algumas partes elas estavam até sangrando um pouco. As bolhas incharam.

— Eu não tenho. Nunca precisei de luvas em Portland.

Ele repetiu o palavrão e fez um gesto para que eu fosse me sentar numa cadeira enquanto ele buscava um kit de primeiros socorros. Limpando o sangue com um pano molhado, ele me disse, asperamente:

— Vamos arrumar luvas para você.

Olhei para baixo, para as minhas mãos destruídas, enquanto ele trabalhava.

— Isso está apenas começando, não é?

— Começando o quê?

— A transformação. Eu estou me transformando em Alberta. Ela... e todas as outras guardiãs. Elas são todas rígidas e com músculos estufados. Isso de treinar e lutar e estar sempre ao ar livre... Elas acabam não ficando mais bonitas. — Eu fiz uma pausa. — Essa... essa vida. Ela as destrói. Quero dizer, destrói a beleza delas.

Ele hesitou por um momento, tirou os olhos das minhas mãos e voltou-os para o meu rosto. Aqueles olhos castanhos, quentes, me avaliaram, e alguma coisa apertou dentro do meu peito. Que droga. Eu tinha que parar de sentir aquelas coisas perto dele.

— Isso não vai acontecer *com você*. Você é muito... — Ele procurou a palavra certa, e eu, na minha cabeça, imaginei várias possibilidades. “Linda como uma deusa. Muito quente e sensual.” Desistindo, ele simplesmente repetiu: — Com você não vai acontecer.

Ele voltou a se concentrar nas minhas mãos. Será que ele... será que ele me achava *bonita*? Nunca duvidei da reação que eu provocava nos garotos da minha idade, mas, com ele, eu não tinha certeza. O aperto dentro do meu peito aumentou.

— Aconteceu com a minha mãe. Ela era bonita. Eu acho que ainda é, um pouco. Mas não como ela era.

— Acrescentei com amargura: — Não a vejo há algum tempo. Ela pode estar totalmente diferente agora.

— Você não gosta da sua mãe — observou ele.

— Você percebeu isso, não é?

— Você mal a conhece.

— É essa a questão. Ela me abandonou. Ela me mandou para cá, para ser criada pela Escola.

Quando ele terminou de limpar minhas feridas abertas, encontrou um tubo de pomada e começou a esfregá-la nas partes mais ásperas da minha pele. Eu meio que me perdi no prazer de sentir as mãos dele massageando as minhas.

— Você diz isso... mas o que mais ela poderia ter feito? Eu sei que você quer ser guardiã. Eu sei quanto isso significa para você. Você acha que para ela é diferente? Você acha que ela deveria ter largado tudo para criar você, quando você teria que passar a maior parte da sua vida na escola, de todo modo?

Eu não gostava quando alguém tinha argumentos razoáveis para me jogar na cara.

— Você está dizendo que eu sou uma hipócrita?

— Estou apenas dizendo que talvez você não devesse ser tão dura com a sua mãe. Ela é uma dampira muito respeitada. Ela colocou você no mesmo caminho, esperando que se tornasse o mesmo que ela.

— Se ela viesse me visitar mais... Isso não iria matá-la — resmunguei. — Mas eu acho que você tem razão. Alguma razão. Poderia ter sido pior, imagino. Eu poderia ter sido criada numa comunidade de

prostitutas de sangue.

Dimitri levantou o olhar.

— Eu fui criado numa comunidade de vampiros. Elas não são tão ruins quanto você imagina.

— Oh. — Eu me senti uma idiota, de repente. — Eu não quis dizer...

— Tudo bem. — Ele voltou a se concentrar nas minhas mãos.

— Então, você tinha algo como uma família lá? Cresceu com eles?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Minha mãe e duas irmãs. Não as vi muito desde que fui estudar, mas nós ainda mantemos contato. As comunidades são formadas principalmente por famílias. Há muito amor e afeto nelas, não dê ouvidos às histórias que você ouve.

A minha amargura voltou, e eu abaixei os olhos para esconder o sentimento ruim. Dimitri tivera uma vida em família mais feliz, com a sua mãe desgraçada e com seus parentes, bem mais feliz do que a que eu tive com a minha mãe guardiã tão “respeitada”. Com absoluta certeza, ele conhecia melhor a mãe dele do que eu a minha.

— É, mas... não é estranho? Não tem um monte de homens Moroi que vão visitá-las para... você sabe...?

As mãos dele faziam movimentos circulares nas minhas.

— Às vezes.

Havia algo no seu tom de voz, algo que me indicava estar em terreno perigoso, que me dizia não ser aquele um assunto muito bem-vindo para ele.

— Eu... eu peço desculpas. Não tive a intenção de trazer à tona alguma coisa ruim...

— Na verdade... você provavelmente não acharia uma coisa ruim — disse ele, quase um minuto depois.

Um pequeno sorriso se formou em seus lábios. — Você não conhece o seu pai, conhece?

Eu fiz que não com a cabeça.

— Não. Tudo o que eu sei dele é que deve ter um cabelo danado de lindo.

Dimitri olhou para cima, e os seus olhos me examinaram rapidamente.

— É, sim. Ele deve ter. — Voltando às minhas mãos, ele disse calmamente: — Eu conheci o meu.

Eu congelei.

— É mesmo? A maioria dos garotos Moroi não ficam, quero dizer, alguns sim, mas você sabe, eles normalmente... simplesmente...

— Bem, ele gostava da minha mãe. — Ele não disse a palavra “gostava” de um jeito gentil. — E ele a visitava muito. Ele é o pai da minha irmã também. Mas quando ele aparecia... bom, ele não tratava a minha mãe muito bem. Fazia umas coisas horríveis.

— Tipo... — Eu hesitei. Era da mãe de Dimitri que nós estávamos falando. Eu não sabia até onde meus comentários podiam ir. — Coisas que se fazem com prostitutas de sangue?

— Coisas como bater muito nela — respondeu ele, direto, sem rodeios.

Ele terminara os curativos, mas ainda segurava as minhas mãos. Eu nem sei se ele percebera. Eu certamente percebi. As mãos dele eram grandes e quentes, e tinham dedos longos e graciosos. Dedos que, em alguma outra vida, poderiam ser de um pianista.

— Meu Deus — disse eu. Que horror. Eu apertei as minhas mãos nas dele. Ele retribuiu o aperto. — Isso é horrível. E ela... ela simplesmente deixava que ele batesse nela?

— Ela deixava. — O canto da sua boca virou para cima, formando um sorriso ardiloso e triste. — Mas eu não deixei.

A excitação tomou conta de mim.

— Me conte, *me conte*, você bateu nele até não poder mais?

O sorriso dele aumentou.

— Bati.

— Uau. — Não podia imaginar que Dimitri pudesse ser ainda mais bacana do que ele já era, mas eu estava errada. — Você deu uma surra no seu pai. Quer dizer, é realmente uma coisa horrível... isso tudo. Mas, *uau*. Você é realmente um deus.

Ele piscou o olho sem entender bem.

— O quê?

— É... nada. — Tentei mudar rapidamente de assunto. — Quantos anos você tinha?

Ele ainda parecia estar tentando entender aquele comentário sobre ele ser um deus.

— Treze.

Uau. Definitivamente um deus.

— Você deu uma surra no seu pai quando tinha *treze anos*?

— Não foi tão difícil. Eu era mais forte, e quase tão alto quanto ele. Eu não podia permitir que ele continuasse fazendo aquilo. Ele tinha que aprender que não era por ser de uma família real e Moroi que tinha o direito de fazer o que bem entendesse com as outras pessoas, mesmo que fossem prostitutas de sangue.

Eu olhei fixamente. Não podia acreditar no que ele acabara de dizer sobre a própria mãe.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem.

As peças se juntaram na minha cabeça.

— Foi por isso que você ficou tão chateado com o Jesse, não foi? Ele era outro garoto da realeza, tentando tirar vantagem de uma garota dampira.

Dimitri desviou o olhar.

— Fiquei chateado com aquilo por muitos motivos. Você, afinal de contas, estava desrespeitando as regras, e...

Ele não terminou, mas me encarou de um jeito que fez com que uma onda de calor se formasse entre nós.

Lembrar de Jesse, infelizmente, logo me entristeceu. Eu olhei para baixo.

— Eu sei que você ouviu o que as pessoas estão comentando, que eu...

— Eu sei que não é verdade — interrompeu ele.

A resposta imediata e segura me surpreendeu, e eu burramente me vi questionando a certeza dele.

— É, mas como você...

— Porque eu conheço você — respondeu ele, com firmeza. — Conheço o seu caráter. Sei que você vai ser uma excelente guardiã.

A confiança dele em mim fez com que aquele sentimento caloroso e agradável retornasse.

— Fico feliz que alguém acredite nisso. Todas as outras pessoas pensam que eu sou completamente irresponsável.

— Do jeito que você se preocupa mais com Lissa do que consigo mesma... — Ele balançou a cabeça. — Não. Você compreende as suas responsabilidades melhor do que alguns guardiões com o dobro da sua idade. Você fará o que tiver que fazer para ser uma guardiã de primeira.

Pensei um pouco sobre o que ele dissera.

— Não sei se posso fazer tudo o que tenho que fazer.

Ele levantou uma das sobrancelhas daquele jeito charmoso dele.

— Não quero cortar o meu cabelo — expliquei.

Ele pareceu intrigado.

— Você não tem que cortar o seu cabelo. Não é obrigatório.

— Todas as outras guardiãs cortam. Elas deixam suas tatuagens à mostra.

Inesperadamente, ele soltou as minhas mãos e se inclinou para a frente. Devagar, ele esticou o braço, segurou uma mecha do meu cabelo, e ficou enrolando-a num de seus dedos com um ar pensativo. Eu congelei, e, por um momento, não havia mais nada acontecendo no mundo. Só havia ele mexendo no meu cabelo. Dimitri soltou a mecha e pareceu surpreso — e constrangido — com o que acabara de fazer.

— Não corte — disse bruscamente.

Nem sei como, mas consegui voltar a falar.

— Mas ninguém vai ver as minhas tatuagens se eu não cortar.

Ele foi caminhando em direção à porta, com um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

— Use o cabelo preso.

Quatorze

Continuei espionando Lissa durante os dois dias seguintes, sentindo-me levemente culpada a cada vez que invadia sua cabeça. Ela sempre odiara quando isso acontecia por acaso, e agora eu o estava fazendo de propósito.

Calmamente eu a observava se reintegrando ao convívio com os mais poderosos alunos da realeza, um a um. Ela não conseguia usar a compulsão se o alvo fosse um grupo inteiro de pessoas, mas, ao capturar uma pessoa sozinha, o método surtia o efeito desejado, embora fosse um processo mais lento. E, na verdade, muitos deles nem precisavam ser compelidos a voltar a sair com ela. Muitos não eram tão fúteis quanto pareciam; eles se lembravam de Lissa e gostavam dela apenas pelo que ela era. Eles se amontoavam à sua volta, e agora, um mês e meio depois do nosso retorno à Escola, passavam a se comportar como se ela nunca tivesse fugido. E, ao longo desse movimento em direção ao estrelato, ela me defendia dos boatos, ao mesmo tempo que ridicularizava Mia e Jesse.

Certa manhã eu me sintonizei em Lissa enquanto ela ainda se arrumava para o café da manhã. Ela passara os últimos vinte minutos secando e alisando o cabelo, coisa que não fazia havia algum tempo. Natalie, sentada na cama, no quarto das duas, observava todo o processo com curiosidade. Quando Lissa ia passar para a maquiagem, Natalie finalmente comentou:

— Ei, nós vamos assistir a um filme no quarto de Erin depois da escola. Você vem? — Eu sempre fizera piadas sobre Natalie ser chatinha, mas sua amiga Erin tinha uma personalidade comparável à de uma parede de gesso.

— Não posso. Vou ajudar Camille a clarear o cabelo de Carly.

— Você agora anda passando mesmo bastante tempo com elas, não é?

— É, acho que sim. — Lissa passava rímel em seus cílios, o que fez com que seus olhos imediatamente parecessem maiores.

— Eu pensei que você não gostasse mais desse pessoal.

— Mudei de ideia.

— Eles parecem gostar muito de você agora. Quer dizer, é claro que qualquer um poderia gostar de você, mas, assim que você voltou e ficou um tempo sem falar com eles, eles pareceram não se importar e a ignoraram também. Eu os ouvi falarem de você à beça. Mas isso não era de surpreender, pois são amigos de Mia também, mas não é estranho eles passarem de repente a gostar tanto de você? Por exemplo, agora eu sempre os vejo esperando para ver o que você quer fazer antes de planejarem qualquer coisa. E muitos deles

passaram a defender Rose, o que é *realmente muito louco*. Não que eu acredite em qualquer dessas coisas que falam sobre ela, mas nunca pensei que fosse possível...

Nas entrelinhas da tagarelice de Natalie estavam as sementes da suspeita, e Lissa percebeu isso logo. Natalie provavelmente nunca nem sonharia com a ideia da compulsão, mas Lissa não podia deixar que perguntas inocentes se transformassem em algo mais do que apenas perguntas inocentes.

— Quer saber do que mais? — interrompeu. — Talvez eu apareça no quarto de Erin, sim. Aposto como não vamos demorar muito clareando o cabelo de Carly.

A aceitação do convite descarrilhou o fluxo de pensamento de Natalie.

— Vai mesmo? Ah, uau, vai ser ótimo. Ela andou me falando que fica muito triste por você não estar mais saindo tanto com a gente, e eu disse a ela...

E seguiu em frente. Lissa continuou a usar a compulsão e a ir reconquistando a sua popularidade. Eu assistia àquilo tudo em silêncio, sempre preocupada, apesar de os esforços dela estarem começando a reduzir os olhares e as fofocas a meu respeito.

— Esse tiro vai acabar saindo pela culatra — sussurrei para ela, na igreja, certo dia. — Alguém vai acabar desconfiando e vai começar a fazer perguntas.

— Pare de ser tão melodramática. As hierarquias mudam por aqui o tempo todo.

— Mas não desse jeito.

— Você não acha possível que a minha personalidade cativante seja capaz de conquistar as pessoas sem para isso contar com qualquer ajuda extra?

— É claro que eu acho, mas se Christian percebeu de imediato, então alguma outra pessoa também vai acabar...

Minhas palavras foram interrompidas quando dois garotos sentados um pouco mais adiante no banco explodiram em risadinhas. Levantei o olhar e me dei conta de que eles olhavam diretamente para mim, sem sequer se preocuparem em esconder as caras de deboche.

Desviei os olhos e tentei ignorá-los, esperando ansiosamente que o padre começasse logo a missa. Mas Lissa os encarou, e uma fúria súbita iluminou seu rosto. Ela não disse uma palavra sequer, mas a risada deles foi diminuindo progressivamente diante do olhar pesado dela.

— Peçam desculpas a ela — disse Lissa a eles. — E eu quero que ela acredite que vocês estão arrependidos de verdade.

Um segundo depois, eles praticamente se dobravam sobre si mesmos me pedindo desculpas e implorando o meu perdão. Eu não podia acreditar no que estava vendo. Ela usara a compulsão em público — e na igreja, ainda por cima. *E* com duas pessoas ao mesmo tempo.

Eles afinal esgotaram seus estoques de pedidos de desculpas, mas Lissa ainda não terminara.

— Isso é o *melhor* que vocês conseguem fazer? — disse ela com rispidez.

Os dois arregalaram os olhos, alarmados. Estavam aterrorizados com a possibilidade de a terem irritado.

— Liss — disse eu depressa, tocando-lhe o braço —, está tudo bem. Eu... aceito as desculpas deles.

Seu semblante ainda irradiava desaprovação, mas ela finalmente fez um sinal afirmativo com a cabeça. Os garotos puderam, então, relaxar os corpos, aliviados.

Céus! Nunca me senti tão aliviada com o início de uma missa. Através do laço, senti uma espécie de satisfação perversa vinda de Lissa. Não era algo característico dela, e eu não gostei nada daquilo.

Para me distrair daquele comportamento perturbador, eu comecei, como faço frequentemente, a observar as outras pessoas presentes. Ali por perto, Christian olhava sem disfarçar para Lissa. Havia um ar preocupado em sua fisionomia. Quando me viu observando-o, franziu o cenho e voltou-se para outro lado.

Dimitri estava sentado no banco de trás, como de costume, mas, desta vez, não estava examinando cada canto, em alerta para algum perigo. Sua atenção estava voltada para dentro, e sua expressão era quase de dor. Eu ainda não sabia por que ele frequentava a igreja. Ele sempre parecia estar lutando contra alguma coisa.

Lá na frente, o padre voltava a falar sobre são Vladimir.

— Seu espírito era forte, e ele foi verdadeiramente abençoado por Deus. Quando tocava neles, os aleijados andavam, e os cegos passavam a enxergar. Por onde passava, as flores desabrochavam.

Caramba, os Moroi estavam precisando arrumar outros santos...

Curava os aleijados e os cegos?

Eu esquecera tudo sobre são Vladimir. Mason falara sobre o dom que Vladimir tinha de trazer as pessoas mortas de volta à vida, e, naquele momento, isso me lembrara Lissa. Depois outras coisas me distraíram. Durante algum tempo, não pensei mais no santo nem em sua guardiã, “beijada pelas sombras” — ou no laço que havia entre eles. Como pude não perceber isso? Que a professora Karp não era a única outra Moroi que podia curar, como Lissa? Que Vladimir também tivera esse poder?

— E todo o tempo, as massas se juntavam a ele, amando-o, ansiosas por seguir seus ensinamentos e ouvi-lo proferir a palavra de Deus...

Virei-me e olhei bem para Lissa. Ela me olhou intrigada.

— O que foi?

Não tive tempo de desenvolver o que me passara pela cabeça — nem sei se eu teria conseguido pôr aquilo em palavras — porque fui içada de volta para a minha prisão assim que me levantei ao final da missa.

De volta ao meu quarto, entrei na internet para pesquisar sobre são Vladimir, mas não encontrei nada de relevante. Droga. Mason passara os olhos nos livros da biblioteca e dissera haver pouca informação lá também. E isso me deixava em que situação? Eu não tinha como aprender mais sobre aquele velho santo empoeirado.

Ou tinha? O que fora mesmo que Christian dissera naquele primeiro dia com Lissa?

“Ali adiante temos uma velha caixa cheia dos escritos do abençoado e louco são Vladimir.”

O depósito, no sótão da capela. Estavam lá os escritos. Christian os mostrara. Eu precisava vê-los, mas como? Eu não podia pedir ao padre. Como ele reagiria se descobrisse que os alunos estavam subindo lá? Isso acabaria com o esconderijo de Christian. Mas talvez... talvez o próprio Christian pudesse ajudar. Era domingo, porém, e eu só o veria na segunda-feira à tarde. E, mesmo assim, não sabia se teria oportunidade de falar com ele a sós.

Mais tarde, enquanto caminhava para o treinamento, parei na cozinha do dormitório para apanhar uma barra de granola. Lá, eu me deparei com dois aprendizes, Miles e Anthony. Miles assobiou quando me viu.

— Como vai, Rose? Está se sentindo sozinha? Precisa de companhia?

Anthony riu.

— Eu não posso morder você, mas posso dar outra coisa que sei que você quer.

Para sair, eu tinha que passar pela porta que eles estavam bloqueando naquele momento. Mantendo o olhar fixo para a frente, forcei a passagem, mas Miles me agarrou pela cintura e suas mãos foram escorregando em direção à minha bunda.

— Tire a mão da minha bunda ou eu quebro a sua cara — disse a ele, afastando-me num ímpeto. Mas, aí, esbarrei em Anthony.

— Pode vir — disse Anthony —, pensei que você gostasse de encarar dois caras ao mesmo tempo.

Uma outra voz disse alto.

— Se vocês não forem embora agora, *sou eu quem vai* encarar todos os dois. — Era Mason. Meu herói.

— Você é tão cheio de si, Ashford — disse Miles. Ele era o maior dentre os dois e me deixou de lado para se preparar para enfrentar Mason. Anthony me largou, e ficou mais interessado em saber se haveria briga ou não. Tinha tanta testosterona no ar que eu senti como se precisasse de uma máscara de gás.

— Você vai dormir com ela também? — perguntou Miles a Mason. — Não quer dividir?

— Se você disser mais uma palavra sobre ela, eu arranco a sua cabeça fora.

— Por quê? Ela é só uma prostituta de sangue barat...

Mason deu-lhe um soco. Não chegou a arrancar a cabeça de Miles, não quebrou nenhum osso, nem houve sangramento, mas o golpe parecia ter doído. Miles arregalou os olhos e mergulhou na direção de Mason. O barulho de portas se abrindo no corredor fez todos congelarem. Os aprendizes se metiam em muita encrenca por causa de brigas.

— Provavelmente alguns guardiões estão vindo. — Mason sorriu. — Você quer que eles saibam que você estava batendo numa garota?

Miles e Anthony trocaram olhares.

— Venha — disse Anthony. — Vamos embora. Não temos tempo para isso.

Miles o seguiu relutante.

— Eu vou pegar você depois, Ashford.

Quando eles foram embora eu me virei para Mason.

— Batendo numa garota?

— Disponha — disse ele simplesmente.

— Eu não precisava da sua ajuda.

— Claro. Você estava se saindo muito bem ali sozinha.

— Eles me pegaram de surpresa, só isso. Eu poderia ter dado cabo dos dois.

— Escute, não desconte em mim a raiva que você ficou sentindo deles.

— Eu só não gosto de ser tratada como... uma garota.

— Você é uma garota. E eu só estava tentando ajudar.

Eu olhei para ele e vi o carinho estampado em seu rosto. A sua intenção era boa. Não tinha por que brigar com ele quando havia tantas outras pessoas para eu odiar ultimamente.

— Bem... obrigada. Desculpe-me por ter sido grossa com você.

Nós conversamos um pouco, e eu consegui fazer com que ele me contasse mais algumas fofocas da escola. Ele percebera o ganho de status de Lissa, mas não parecia achar isso estranho. Enquanto conversávamos, eu percebia o ar de adoração na sua fisionomia sempre que ele estava perto de mim. Eu me sentia meio triste de ele ter esses sentimentos por mim. Ficava me sentindo um pouco culpada, até.

Não seria tão difícil, pensei, sair com ele. Mason era legal, divertido e razoavelmente bonito. Nós nos dávamos bem. Por que eu vivia arrumando confusão com outros caras, quando tinha bem ali, na minha frente, um cara perfeito e gentil e que gostava de mim? Por que eu não podia simplesmente corresponder aos sentimentos dele?

A resposta veio para mim antes mesmo que eu terminasse de me fazer a pergunta. Eu não podia ser a namorada de Mason porque quando imaginava alguém me abraçando e sussurrando coisas obscenas no meu ouvido, esse alguém tinha sotaque russo.

Mason continuava me observando com admiração, sem se dar conta do que passava pela minha cabeça. E, ao ver essa adoração, percebi de repente como podia usar isso a meu favor.

Com certo sentimento de culpa, mudei o rumo da conversa para um estilo mais próximo do flerte e vi o brilho no olhar de Mason aumentar.

Recostei-me ao seu lado no muro de modo a fazer com que nossos braços se tocassem, e lancei um sorriso lânguido para ele.

— Sabe de uma coisa, eu ainda não aprovo integralmente essa sua atitude de herói, mas você os assustou mesmo. Isso quase fez valer a pena ter colocado toda aquela banca.

— Mas você não aprova?

Eu fiz meus dedos subirem ao longo do braço dele.

— Não. Quer dizer, na teoria é uma coisa excitante, mas não na prática.

Ele riu.

— Até parece que não. — Ele agarrou a minha mão e me lançou um olhar de quem sabe o que está dizendo. — Às vezes você precisa ser salva. Eu acho que você gosta de ser salva às vezes, e simplesmente não consegue admitir isso.

— E eu acho que *você* sente prazer em salvar as pessoas e simplesmente não consegue admitir isso.

— Eu acho que você não sabe o que me dá prazer. Salvar donzelas como você é apenas uma coisa honrosa a se fazer — declarou ele, cheio de pompa.

Eu reprimi o impulso de bater nele por ter usado a palavra *donzela*.

— Então prove. Faça-me um favor apenas porque é a coisa certa a fazer.

— Claro — disse ele imediatamente. — Pode pedir.

— Eu preciso que você mande uma mensagem para Christian Ozerá.

A impetuosidade dele esmoreceu.

— Mas o que...? Você não está falando sério.

— Estou sim. Muito sério.

— Rose... eu não posso falar com ele. Você sabe disso.

— Eu achei que você tivesse dito que queria ajudar. Achei que você tivesse dito que ajudar “donzelas” era uma coisa honrosa que devia ser feita.

— Não sei onde é que entra a honra nesse caso. — Eu lancei para ele o olhar mais sensual que consegui. Ele cedeu. — O que você quer que eu diga a ele?

— Diga a ele que eu preciso dos livros de São Vladimir. Dos que estão no depósito. Ele precisa passá-los logo para mim. Diga a ele que é por Lissa. E diga a ele... diga que eu menti na noite da recepção. — Eu hesitei. — Diga que peço desculpas.

— Isso tudo não faz sentido algum.

— Faz sentido, sim. Faça isso por mim, por favor... — acionei meu sorriso mais sedutor outra vez.

Com a promessa impaciente de que veria o que podia fazer, ele saiu para o almoço, e eu fui para o treinamento.

Quinze

Mason deu o recado.

Quando encontrou comigo no dia seguinte, antes das aulas, ele estava carregando uma caixa de livros.

— Consegui os livros — avisou. — Ande, pegue a caixa e guarde antes que você arrume encrenca por estar aqui falando comigo.

Ele me passou a caixa e resmungou um pouco. Estava pesada.

— O Christian entregou os livros para você? — perguntei.

— Entregou. Dei um jeito de falar com ele sem que ninguém percebesse. Ele tem uma espécie de arrogância, você já reparou isso nele?

— É, já reparei. — Agradei a Mason com um sorriso que o deixou nas nuvens. — Obrigada. Isso significa muito para mim.

Carreguei, então, para o meu quarto, os livros afanados do depósito da igreja, inteiramente ciente do quão estranho era o fato de que uma pessoa que odiava estudar, como eu, estava prestes a se enterrar num amontoado de porcaria empoeirada do século XIV. Quando abri o primeiro volume, porém, vi que aquelas deviam ser, provavelmente, reedições de reedições de reedições, pois qualquer coisa tão antiga assim já teria caído aos pedaços há muito tempo.

Ao separar com cuidado os volumes, descobri que eles podiam ser divididos em três categorias: livros escritos por pessoas que viveram depois que São Vladimir morreu, livros escritos por outras pessoas na época em que ele ainda estava vivo, e um diário com anotações escritas por ele. O que era mesmo que Mason tinha comentado sobre fontes primárias e fontes secundárias? Os dois últimos grupos de livros eram os que eu de fato estava procurando.

A pessoa que os reeditara atualizara a ortografia das palavras, de modo que eu não precisei ler os livros numa linguagem arcaica. Nem em russo, como imagino que tenham sido originalmente escritos. Pois São Vladimir viveu naquele velho país.

Hoje eu curei a mãe de Sava, que há muito tempo sofria de dores agudas no estômago. Seu mal agora acabou, mas Deus não me permitiu realizar esta cura com leveza. Estou fraco e tonto, e a loucura está tentando se infiltrar na minha cabeça. Agradeço a Deus todos os dias por ter ao meu lado Anna, beijada pelas sombras, pois, sem ela, eu certamente não poderia suportar.

Fala-se de Anna novamente. E de ela ter sido “beijada pelas sombras”. Ele fala muitas vezes sobre ela, no

meio de várias outras coisas. Muitas vezes ele escreve longos sermões semelhantes aos que eu ouvia na igreja. Chatíssimos. Mas, em outras ocasiões, o livro em que se acham compiladas as anotações dele tomava mesmo os contornos de um diário, no qual são Vladimir ia recapitulando o que fizera ao longo de cada dia. E, se aquilo não era apenas um monte de mentiras, ele fazia curas o tempo todo. Pessoas doentes. Pessoas feridas. Até plantas. Ele dava vida a colheitas que estavam inteiramente arruinadas, para salvar as pessoas que estavam passando fome. Às vezes, só porque lhe dava na telha, fazia com que certas flores desabrochassem.

Continuando a leitura, descobri por que era uma boa coisa para “são Vlad” ter a Anna por perto, pois ele parecia ser mesmo completamente insano. Quanto mais usava o seu poder, mais essas ações o deixavam perturbado. Ele era tomado por uma raiva e uma tristeza irracionais. Culpava os demônios e outras coisas idiotas como essa, mas era evidente que ele sofria de depressão. Numa das páginas de seu diário, ele confessa ter tentado se suicidar. E fora Anna que o impedira.

Mais tarde, folheando o livro escrito por um sujeito que conhecera Vladimir, eu li o seguinte:

E muitos pensam ser milagroso também o poder que o abençoado Vladimir demonstra possuir sobre os outros. Moroi e dampiros se amontoam à sua volta e ouvem as suas palavras, felizes só por estarem perto dele. Alguns dizem que é a loucura que o toca e não o espírito, mas a maioria o adora e faria qualquer coisa que ele pedisse. É assim que Deus marca os seus favoritos, e, se tais momentos são seguidos de alucinações e desespero, este é um sacrifício pequeno pela liderança que exerce e pela extensão da bondade que ele é capaz de demonstrar para com as pessoas.

Parecia muito com o que o padre dissera, mas eu intuía que havia ali mais do que apenas uma “personalidade cativante”. As pessoas o adoravam, faziam qualquer coisa que ele lhes pedisse. É, Vladimir usava a compulsão ao se relacionar com os seus seguidores, disso eu estava certa. Muitos Moroi usavam a compulsão, antes de o exercício desse dom ser banido, mas eles não o punham em prática em outros Moroi e nos dampiros. Não eram capazes de fazer isso. Apenas Lissa é capaz.

Fechei, então, o livro e me recostei na cabeceira da minha cama. Vladimir curava plantas e animais. Ele podia usar a compulsão em grandes proporções. E, segundo todas as narrativas, foi por fazer largo uso desses poderes que acabou sendo levado à loucura e à depressão.

Além disso, o que tornava as coisas ainda mais estranhas era o fato de todo mundo descrever a guardiã dele como tendo recebido o “beijo das sombras”. Aquela expressão me incomodara desde a primeira vez em que a ouvi...

— Você foi *beijada pelas sombras*! Você tem que tomar conta dela!

A professora Karp gritara aquelas palavras para mim, suas mãos agarravam a minha blusa e me puxavam para perto dela. Isso aconteceu certa noite, dois anos antes, quando eu me encontrava na seção principal do ensino médio para devolver um livro na biblioteca. Estava quase passando da hora de recolher, e os corredores estavam vazios. Ouvi uma agitação, e logo depois surgiu, repentinamente, de um dos corredores, a professora Karp, que parecia extremamente perturbada, quase fora de si.

Ela me empurrou, então, com certa violência, contra uma parede, e, enquanto ainda me segurava, indagou.

— Você está entendendo?

Eu já tinha bastante conhecimento de autodefesa naquela época e provavelmente poderia tê-la empurrado, mas, de tão chocada, fiquei paralisada da cabeça aos pés.

— Não.

— Eles estão vindo me buscar. Virão buscá-la também.

— Quem?

— Lissa. Você tem que protegê-la. Quanto mais ela usar essa magia, pior vai ficar. Impeça-a, Rose.

Impeça-a antes que eles descubram, antes que eles descubram e a levem embora também. Tire-a daqui.

— Eu... O que a senhora está dizendo? Tirá-la... A senhora quer dizer, da Escola?

— Exatamente! Vocês precisam ir embora. Vocês têm um laço. Só depende de você. Leve-a para longe

deste lugar.

O que ela dizia era absurdo. Ninguém saía da Escola. E, no entanto, enquanto ela me segurava ali, com os olhos fixos nos meus, eu comecei a me sentir esquisita. Um sentimento confuso turvou minha mente. O que ela me dizia subitamente pareceu bastante razoável, como se fosse a coisa mais lógica do mundo. Era isso. Eu precisava levar Lissa para longe, levá-la embora dali...

Ouvi, então, passos pesados vindo em nossa direção, e um grupo de guardiões circundou o canto onde estávamos. Não os reconheci; não eram da escola. Eles a arrancaram de perto de mim, dominando-a em sua agitação desvairada. Alguém me perguntou se eu estava bem, mas eu apenas continuei com os olhos fixos na professora Karp.

— Não a deixe usar a magia! — gritava ela. — Salve-a. Salve-a de si mesma!

Os guardiões me explicaram depois que a professora não estava bem e que teria que ser levada para um lugar onde poderia se recuperar. Ela estaria segura e seria bem tratada lá, foi o que eles me asseguraram. Garantiram que iria se recuperar.

Só que ela não se recuperou.

De volta ao presente, olhei para os livros e tentei juntar as peças. Lissa, professora Karp, são Vladimir.

O que será que eu devia fazer?

Alguém bateu na minha porta, e eu fui arrancada daquelas lembranças. Ninguém me visitava desde a minha suspensão, nem funcionários da escola. Quando abri a porta, vi Mason no corredor.

— Duas vezes no mesmo dia? — perguntei. — E como foi que você conseguiu chegar aqui em cima?

Ele abriu seu sorriso reconfortante.

— Alguém pôs um fósforo aceso numa das lixeiras do banheiro. Que pena. Os funcionários estão meio... ocupados... com isso. Venha, eu estou libertando você.

Balancei a cabeça em sinal negativo. Colocar fogo parecia estar virando a mais nova manifestação de afeto. Christian fizera isso, e agora era a vez de Mason.

— Desculpe, Mason, mas não vai dar para você me salvar esta noite. Se eu for pega...

— Ordens de Lissa.

Diante disso, calei a boca e deixei que ele me tirasse clandestinamente do prédio. Ele me levou, então, para o dormitório dos Moroi e, como por milagre, conseguiu me colocar para dentro do prédio e me levar até o quarto de Lissa sem que eu fosse vista por ninguém. Cheguei a me perguntar se não haveria um banheiro em chamadas distraindo os funcionários daquele prédio também.

Dentro do quarto dela, encontrei uma festa que já estava no auge da animação. Lissa, Camille, Carly, Aaron e alguns outros alunos da realeza estavam sentados, rindo, escutando música bem alto e passando garrafas de uísque de mão em mão. Nem Mia, nem Jesse estavam lá. Natalie, eu percebi algum tempo depois, estava meio afastada do grupo, visivelmente insegura sobre como agir diante daquelas pessoas. O constrangimento dela era bastante evidente.

Lissa tropeçava nos próprios pés, os sentimentos indistintos que me chegavam através do laço indicavam que ela já estava bebendo havia algum tempo.

— Rose! — Ela se virou para Mason com um sorriso deslumbrante. — Você a trouxe.

Ele fez uma reverência pomposa e exagerada para ela.

— Estou às suas ordens.

Tive esperança de que ele tivesse me trazido apenas pelo prazer da transgressão e não tivesse feito isso sob o efeito da compulsão. Lissa passou um braço pela minha cintura e me fez sentar com os outros.

— Junte-se à nossa celebração.

— E o que nós estamos celebrando mesmo?

— Não sei. A liberdade que você conseguiu esta noite?

Algumas pessoas ergueram seus copos de plástico, e brindaram a mim e a essa pequena conquista. Xander Badica encheu mais dois copos e os entregou para mim e para Mason. Peguei o meu com um sorriso, sentindo-me, ao mesmo tempo, desconfortável com as reviravoltas causadas pela série de acontecimentos daquela noite. Há não muito tempo eu teria recebido com alegria uma festa como aquela e teria engolido minha bebida em trinta segundos. Mas havia muita coisa me preocupando. Como o fato de essas pessoas da realeza estarem tratando Lissa como uma espécie de deusa. Como o fato de nenhum deles parecer lembrar que pouco tempo antes eu fora acusada de ser uma prostituta de sangue. Como o fato de Lissa estar inteiramente infeliz apesar dos muitos sorrisos e gargalhadas.

— Onde vocês conseguiram tanto uísque? — perguntei.

— Com o professor Nagy — disse Aaron, que estava sentado bem perto de Lissa.

Todo mundo sabia que o professor Nagy sempre bebia depois das aulas e tinha um esconderijo de bebidas no campus. Ele vivia inventando lugares diferentes para esconder as garrafas — mas os alunos estavam sempre descobrindo os novos esconderijos.

Lissa se recostou, então, nos ombros de Aaron.

— Aaron me ajudou a entrar na sala do professor e apanhar as garrafas. Ele as escondia embaixo do armário que serve de depósito de tinta.

Os outros riram, e Aaron olhou para Lissa com total e absoluta adoração. Com satisfação eu me dei conta de que ela não precisara usar de qualquer tipo de compulsão com ele. Aaron era mesmo louco por ela. Sempre fora.

— Por que você não está bebendo? — Mason me perguntou baixinho no ouvido um pouco mais tarde.

Eu olhei para baixo, para o meu copo, meio surpresa ao ver que ele ainda estava cheio.

— Não sei. Acho que os guardiões não devem beber quando estão perto daqueles a quem devem proteger.

— Ela ainda não é sua protegida! Você agora não está trabalhando. E não vai estar durante um bom tempo. Desde quando você é tão responsável?

Eu realmente não achava que estivesse me comportando de maneira tão responsável assim. Mas eu realmente *estava* pensando no que Dimitri me dissera quanto a equilibrar diversão e obrigação. E apenas parecia errado me deixar levar pela bebida, quando Lissa se encontrava num estado tão vulnerável nos últimos tempos. Saindo de onde estava, entre ela e Mason, atravessei o quarto e fui me sentar ao lado de Natalie.

— Oi, Nat, você está bem calada esta noite.

Ela segurava um copo tão cheio quanto o meu.

— E você também.

Eu sorri suavemente.

— É, parece que sim.

Ela inclinou a cabeça, observando Mason e os alunos da realeza atentamente, como se eles fossem algum tipo de amostra científica. Eles estavam bebendo ainda mais desde que eu chegara, e a tolice parecia dominar completamente o ambiente.

— Estranho, não é? Você costumava ser o centro das atenções. Agora é ela.

Pisquei os olhos, surpresa. Eu não via as coisas desse jeito. Era um ponto de vista diferente o dela.

— É, parece que sim.

— Ei, Rose — disse Xander, quase derramando a bebida enquanto caminhava até onde eu estava. —

Como era?

— Como era o quê?

— Deixar alguém beber seu sangue.

Os outros ficaram em silêncio, e uma espécie de expectativa pareceu tomar conta de todos.

— Ela não fez isso — disse Lissa, com um tom de advertência na voz. — Eu disse a você.

— Sim, sim, eu sei que não aconteceu nada do que Jesse e Ralf contaram. Mas vocês duas fizeram isso, não fizeram? Enquanto estiveram fora da escola?

— Deixe isso pra lá — disse Lissa. A compulsão funcionava melhor quando havia contato visual direto, e a atenção de Xander estava concentrada em mim, naquele momento, não nela.

— Tudo bem, não tem nada de mais, eu já sei. Vocês duas fizeram o que tinham que fazer, certo? Você não é nenhuma fornecedora. Eu só queria saber como é a sensação. A Danielle Szelsky deixou que eu a morderse uma vez. Ela disse que não sentiu barato algum.

Houve, então, uma manifestação coletiva de nojo entre as meninas. Sexo e sangue com os vampiros já era uma coisa suja; mas, em se tratando de dois Moroi, aí já virava algo próximo a uma espécie de canibalismo.

— Você é um mentiroso — disse Camille.

— Não, é sério. Foi só uma mordida pequena. Ela não ficou doidona como os fornecedores. *Você* ficava?

— Ele passou um dos braços por sobre o meu ombro. — Você gostava?

O rosto de Lissa ficou pálido e gélido. O álcool amortecera a intensidade plena dos seus sentimentos, mas eu pude ler o seu pensamento o suficiente para saber o que ela estava sentindo naquele instante. Pensamentos sombrios, amedrontados, escoaram para dentro de mim — sublinhados pela raiva. Ela geralmente exercia um controle seguro sobre a própria raiva — ao contrário de mim —, mas eu já a vira explodir de ódio antes. Aconteceu certa vez numa festa bem parecida com aquela, apenas algumas semanas depois de a professora Karp ter sido levada embora.

Greg Dashkov — um primo distante de Natalie — dera a festa em seu quarto. Os pais dele provavelmente conheciam alguém que conhecia alguém, enfim, tinham algum bom contato, porque ele ficara com um dos maiores quartos do dormitório. Antes do acidente, Greg era amigo do irmão de Lissa, e ficara mais do que feliz de trazer a irmã mais nova de Andre para o convívio do círculo social dele. Também gostara bastante de me incluir, e nós dois ficamos juntos durante toda aquela noite. Para uma aluna do segundo ano como eu, ficar com um Moroi do último ano era o máximo.

Eu tinha bebido muito naquela festa, mas ainda assim consegui ficar de olho em Lissa. Ela sempre ficava um pouco angustiada no meio daquela gente toda, mas ninguém notava, pois ela conseguia interagir muito bem com eles. Como eu estava sob o efeito da bebida, muitos dos sentimentos de Lissa não conseguiam chegar até mim, mas, desde que ela parecesse estar bem, eu não me preocupava.

Em meio aos beijos, no entanto, Greg subitamente parou e olhou, por sobre o meu ombro, para alguma coisa. Nós dois estávamos sentados na mesma cadeira, eu em seu colo. Virei o pescoço para tentar ver também.

— O que é isso?

Ele balançou a cabeça numa mistura de surpresa e exasperação.

— Wade trouxe uma fornecedora.

Segui então o olhar dele até onde estava Wade Voda com o braço em torno de uma garota frágil, mais ou menos da mesma idade que eu. Era humana e bonita, tinha pesados cabelos louros e pele branca como porcelana, ainda mais pálida pela perda de sangue. Alguns garotos foram para perto dela e ficaram com Wade, rindo e mexendo nos cabelos e na pele da garota.

— Ela já forneceu sangue demais hoje — disse eu, observando a coloração de sua pele e o seu olhar, que parecia inteiramente confuso.

Greg passou a mão pela minha nuca e me virou de volta para ele.

— Eles não vão machucá-la.

Nós nos beijamos durante mais algum tempo e então eu senti alguém me dar um tapinha leve no ombro.

— Rose.

Eu olhei para cima, para o rosto de Lissa. A expressão de angústia dela me apanhou de surpresa, pois eu não pudera sentir as emoções que a dominavam. Fora bebida demais para mim. Muita cerveja. Saí então do colo de Greg.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— Volto já. — Puxei Lissa para um canto, desejando subitamente estar sóbria. — Qual é o problema?

— Eles.

Ela apontou com a cabeça em direção aos rapazes que estavam com a fornecedora. Ainda havia um grupo que a rodeava, e quando a garota se virou para olhar para um deles, vi pequenas feridas vermelhas rasgadas em seu pescoço. Eles estavam praticando uma espécie de alimentação em grupo, mordendo-a um de cada vez enquanto faziam sugestões indecentes alto e bom som. Drogada e absorta, ela não estava em condições de reagir.

— Eles não podem fazer isso — disse-me Lissa.

— Ela é uma fornecedora. Ninguém vai conseguir impedi-los.

Lissa me olhou suplicante. Os olhos dela estavam cheios de mágoa, indignação e raiva.

— *Você* vai deixar?

Eu sempre fora a agressiva, tomando conta dela desde que éramos pequenas. Vê-la ali naquela hora, tão aborrecida e olhando para mim, pedindo-me para consertar as coisas, era mais do que eu podia suportar. Fiz um gesto firme com a cabeça para ela, e cambaleei em direção ao grupo.

— Está tão desesperado para conseguir se dar bem que está apelando para garotas drogadas agora, Wade? — perguntei.

Ele parou de passar os lábios pelo pescoço da menina e olhou para cima.

— Por quê? Você já terminou o assunto com Greg e está querendo mais?

Eu coloquei as mãos na cintura e tentei parecer firme. A verdade era que eu estava começando a me sentir um pouco enjoada por causa da cerveja.

— Não existem drogas suficientes no mundo para me fazerem desejar ficar perto de você — disse eu a Wade. Alguns dos amigos dele pareceram se divertir com a resposta. — Mas talvez você possa ir dar uns amassos naquele abajur ali. Ele parece estar fora de si o suficiente para querer fazer até alguém como você

feliz. Você não precisa mais *dela*. — Outras pessoas riram.

— Isso não é da sua conta — disse ele entre dentes. — Ela é só um lanchinho. — Referir-se aos fornecedores como refeições era talvez a única coisa pior do que chamar as damperas de prostitutas de sangue.

— Isso não é uma sala de alimentação. Ninguém quer ficar vendo isso.

— É — concordou uma garota do último ano. — É nojento. — Algumas das amigas dela concordaram imediatamente.

Wade olhou para todas nós, para mim em particular, com mais dureza.

— Está bem. Nenhuma de vocês precisa ver. Vamos. — Ele agarrou o braço da fornecedora e a carregou para fora. Desajeitadamente, ela foi tropeçando com ele para fora do quarto, soltando suaves gemidos de choro.

— Foi o melhor que eu pude fazer — disse à Lissa.

Ela me encarou, chocada.

— Ele vai simplesmente levá-la para o quarto dele. E vai fazer coisas ainda piores com ela por lá.

— Liss, eu também não gosto nada disso, mas não posso ir ao encalço dele ou algo assim. — Eu franzi a testa. — Eu poderia dar um soco nele ou fazer alguma coisa do gênero, mas estou sentindo, no estado em que estou, que vou acabar vomitando.

A expressão de Lissa ficou ainda mais sombria, e ela mordeu o lábio.

— Ele não pode fazer isso.

— Desculpe-me.

Voltei para a cadeira onde estava Greg, sentindo-me meio mal com o que acabara de acontecer. Eu, tanto quanto Lissa, não queria ver a fornecedora ser explorada — isso me lembrava demais do que os garotos Moroi achavam que podiam fazer com meninas damperas. Mas eu também não estava em condições de ganhar aquela batalha. Não naquela noite.

Greg me virou de lado para ver o meu pescoço de um ângulo melhor e foi aí que eu notei que Lissa já não estava mais no quarto havia alguns minutos. Praticamente caindo, desci do colo de Greg e olhei em volta.

— Onde está Lissa?

Ele esticou o braço para me trazer de volta.

— Deve ter ido ao banheiro.

Eu não conseguia sentir nada através do laço. O álcool o anestesiara. Saí para o corredor, dei um suspiro de alívio por ter me livrado da música alta e das vozes. Estava tudo calmo ali fora — com exceção do barulho de coisas quebrando que ouvi a uns dois quartos dali. A porta estava entreaberta, e eu a empurrei para entrar.

A garota fornecedora estava encolhida num canto, aterrorizada. Lissa estava de pé com os braços cruzados, a expressão do rosto dela era terrível, tomada de raiva. Ela encarava Wade com grande concentração, e ele a encarava de volta, enfeitiçado. Ele segurava um bastão de beisebol, e parecia já tê-lo usado, pois o quarto estava destruído: prateleiras de livros, aparelhagem de som, espelho...

— Quebre a janela também — pediu Lissa suavemente a ele. — Vamos. Não tem problema.

Hipnotizado, ele caminhou até a grande janela de vidro pintado. Eu assisti àquilo com o queixo tão caído que quase arrastava pelo chão. Ele levantou o bastão e o bateu contra o vidro, que se esfacelou, jogando cacos para todos os lados e deixando entrar a luz do início da manhã que normalmente ficava bloqueada. Quando a luz brilhou nos olhos dele, Wade se retraiu, mas não foi capaz de se afastar da janela.

— Lissa — exclamei. — Pare com isso. Faça-o parar.

— Ele devia ter parado antes.

Eu mal reconheci o olhar em seu rosto. Eu nunca a vira tão alterada, e certamente jamais a vira fazer nada parecido com aquilo. Eu sabia o que era, evidentemente. Soube assim que vi. Compulsão. Pelo que pude perceber, ela estava a segundos de fazer com que ele batesse em si mesmo com o bastão.

— Por favor, Lissa. Não faça mais isso. Por favor.

Em meio à tonteira e à confusão produzidas pelo álcool, senti um fio de sentimento escoando dela e me invadindo a mente. Era tão forte que praticamente me derrubou. Pesado. Raivoso. Impiedoso. Era surpreendente que aqueles sentimentos viessem da doce e estável Lissa. Eu a conhecia desde o jardim de infância, mas, naquele momento, eu mal era capaz de reconhecê-la.

E tive medo.

— Por favor, Lissa — repeti. — Ele não vale a pena. Deixe-o em paz.

Ela não olhou para mim. Seus olhos tempestuosos estavam inteiramente concentrados em Wade. Lenta, cuidadosamente, ele levantou o bastão, e foi inclinando-o de modo a alinhá-lo à própria cabeça.

— Liss — implorei. Meu Deus! Eu pensei que teria que atacá-la ou fazer algo extremo para tentar detê-la. — Não faça isso.

— Ele devia ter parado — disse Lissa, afinal. O bastão parou de se mover. Estava agora na distância ideal para ganhar velocidade e potência. — Ele não devia ter feito isso com ela. As pessoas não podem tratar as outras como elas querem e bem entendem, mesmo as fornecedoras.

— Mas você a está assustando — disse eu, de modo bem gentil. — Olhe para ela.

A princípio, nada aconteceu, então Lissa deixou seu olhar se voltar rapidamente para a fornecedora. A garota humana ainda estava enroscada num canto, com os braços enrolados em volta de si mesma, como quem tenta se proteger. Seus olhos azuis pareciam enormes, e a luz se refletia no seu rosto molhado de lágrimas. Ela soluçava, aterrorizada.

O rosto de Lissa permaneceu impassível. No seu interior, porém, eu pude sentir a verdadeira batalha que ela travava para se controlar. Uma parte dela não queria machucar Wade, mas a outra parte era tomada por uma raiva cega. Seu rosto se enrugou, e ela fechou os olhos, apertando-os fortemente. Sua mão direita se estendeu até o pulso esquerdo e o agarrou, as unhas cravaram-lhe fundo a pele até a carne. Ela estremeceu com a dor, mas, através do laço, senti o choque da dor desviar sua atenção de Wade.

Ela interrompeu a compulsão, e ele largou o bastão, subitamente voltando a si e parecendo confuso. Eu soltei o ar que estivera segurando. No corredor, ouvi passos. Eu deixara a porta aberta, e o barulho chamara a atenção. Alguns funcionários do dormitório adentraram o quarto com violência, e se detiveram ao constatarem o grau de destruição que se apresentava diante deles.

— O que aconteceu?

Nós três nos entreolhamos. Wade parecia completamente perdido. Olhava para o quarto, para o bastão, para Lissa e para mim.

— Eu não sei... Eu não consigo... — Ele voltou toda a atenção dele para mim, ficando repentinamente com raiva. — Mas o quê... Foi você! Você não ia mesmo deixar passar a nossa brincadeira com a fornecedora.

Os funcionários do dormitório olharam para mim, intrigados, e em poucos segundos eu tomei uma decisão.

“Você tem que protegê-la. Quanto mais ela usar essa magia, pior vai ficar. Impeça-a, Rose. Impeça-a antes que eles descubram, antes que eles descubram e a levem embora também. Tire-a daqui.”

Eu pude ver o rosto da professora Karp na minha mente, implorando freneticamente. Lancei um olhar

arrogante, sabendo muito bem que ninguém duvidaria de uma confissão minha e que jamais suspeitariam de Lissa.

— É, se você a tivesse deixado em paz — disse eu a ele —, eu não precisaria ter feito isso.

“Salve-a. Salve-a de si mesma.”

Depois daquela noite, eu nunca mais bebi. Recusei-me a baixar a guarda outra vez quando estivesse perto de Lissa. E dois dias depois, quando eu deveria estar suspensa por “destruição de propriedade”, peguei Lissa e fugi da Escola.

De volta ao quarto de Lissa, com o braço de Xander em torno do meu corpo, e diante da raiva e da perturbação que tomaram o olhar dela, ainda fixo em nós, eu não sabia se ela poderia vir a fazer alguma coisa drástica novamente. A situação, no entanto, lembrava demais aquela da festa de dois anos antes, e eu sabia que devia fazer alguma coisa para acalmar o ambiente.

— Só um pouquinho de sangue — dizia Xander. — Eu não vou tirar muito. Só quero saber qual é o gosto que uma dampira tem. Ninguém aqui se importa.

— Xander — rosnou Lissa —, deixe-a em paz.

Eu escorreguei para fora do abraço dele e sorri, procurando uma resposta engraçadinha em vez de uma que pudesse dar início a uma briga.

— Vamos lá — provoquei. — Eu tive que bater no último cara que me fez esse pedido, e você é bem mais arrumadinho do que Jesse. Seria um estrago desmanchar você todo.

— Arrumadinho? — perguntou ele. — O que você quer dizer com isso? Eu sou estonteantemente sexy, e não *arrumadinho*.

Carly riu.

— Não, você é arrumadinho, sim. Todd me contou que você compra uma espécie de gel francês para passar no cabelo.

Xander, como a maioria dos bêbados, se distraiu facilmente com o comentário e resolveu defender a própria honra, esquecendo-se de mim. A tensão foi desaparecendo, e ele reagiu com humor à provocação com relação ao cabelo dele.

Do outro lado do quarto, aliviada, Lissa cruzou os olhos com os meus. Ela sorriu e fez um sinal de agradecimento com a cabeça para mim, voltando depois a sua atenção para Aaron.

Dezesseis

Foi no dia seguinte que eu pude compreender de fato o quanto as coisas tinham mudado desde que os boatos forjados por Jesse e Ralf começaram a se espalhar. Para muita gente, eu me mantinha como um eterno objeto de potenciais sussurros e risadinhas. Por causa das transformações operadas por Lissa, no entanto, eu passara a receber, ao mesmo tempo, algumas manifestações de amizade e, ocasionalmente, palavras e gestos de apoio. De modo geral, acabei me dando conta de que, na verdade, nossos colegas de turma prestavam bem pouca atenção em mim agora. E isso se acentuou ainda mais quando a atenção de todos se voltou para algo novo que os distraiu e provocou manifestações generalizadas de interesse.

Lissa e Aaron.

Segundo comentam, Mia descobrira sobre a festa e ficara enfurecida ao saber que Aaron estivera lá sem ela. Mia deu uma bronca violenta nele e disse que, se ele queria continuar com ela, não podia andar por aí às voltas com Lissa. Aaron decidiu, então, que, na verdade, não queria ficar com ela. Desmanchou o namoro na manhã seguinte à festa... e seguiu em frente.

Desde então ele e Lissa eram vistos o tempo todo juntos. Andando abraçadinhos, nos corredores e na hora do almoço, eles estavam sempre rindo e conversando um com o outro. Os sentimentos de Lissa, que me chegavam através do laço, revelavam, no entanto, um interesse apenas moderado em Aaron, apesar de ela, ao olhar para ele, dar a impressão de que o considerava a coisa mais fascinante do planeta. Quase tudo era, sem ele saber, apenas exibição. Quanto a Aaron, parecia prestes a construir um santuário ao redor de Lissa.

E quanto a mim? Eu, na verdade, me sentia mal com aquilo tudo.

Meus sentimentos não eram nada, no entanto, se comparados aos de Mia. No almoço, ela procurava se sentar bem longe de nós no refeitório, olhando fixamente para a frente, e parecendo ignorar as palavras de consolo dos amigos que estavam ao seu lado. Suas bochechas redondas e pálidas exibiam agora manchas rosadas, e seus olhos se mostravam constantemente circundados por uma linha vermelha. Ela nem disse nada maldoso quando eu passei. Não fez nenhuma piada presunçosa também. Não me lançou qualquer olhar zombeteiro. Lissa conseguira destruí-la, exatamente como Mia jurara que nos destruiria.

A única pessoa ainda mais infeliz do que ela com a novidade era Christian. Ao contrário de Mia, porém, ele não tinha o menor pudor de ficar encarando abertamente o feliz casal, enquanto seu rosto se deixava dominar por um olhar de ódio. Como de costume, ninguém, a não ser eu, percebeu nada disso.

Depois de assistir ao namoro de Lissa e Aaron pela décima vez, saí do refeitório mais cedo e fui falar com

a professora Carmack, responsável pela disciplina de controle básico dos elementos. Já havia algum tempo eu andava querendo perguntar uma coisa a ela.

— O seu nome é Rose, não é? — Ela pareceu surpresa ao me ver, mas não manifestou aborrecimento ou irritação, ao contrário da maioria dos professores ultimamente.

— É. Eu tenho uma pergunta para a senhora sobre... magia.

Ela ergueu uma das sobrancelhas. Os aprendizes não tinham aulas de magia.

— Claro. O que você quer saber?

— Eu estava ouvindo o padre falar sobre são Vladimir outro dia... A senhora sabe em que elemento ele se especializou? Estou falando de Vladimir, não do padre.

Ela franziu o cenho.

— Estranho. Ele é tão famoso por aqui, e este assunto nunca é discutido. Eu não sou nenhuma especialista em são Vladimir, mas em todas as histórias que já ouvi, ele nunca aparece fazendo nada ligado especificamente a algum dos elementos. Ou é isso, ou ninguém até hoje registrou qual era a especialização dele.

— E o poder de cura que ele tinha? — perguntei, tentando obter mais alguma informação. — Existe algum elemento que faça com que a pessoa desenvolva este poder?

— Não. Não que eu saiba. — Os lábios dela se curvaram, formando um pequeno sorriso. — As pessoas que têm fé dizem que ele curava através do poder de Deus, e não usando algum tipo de magia ligada aos elementos. O fato é que há uma coisa sobre a qual as histórias não divergem. Todas elas afirmam que se tratava de alguém “repleto de espírito”.

— É possível que ele não tenha se especializado?

O sorriso dela esmoreceu.

— Rose, é mesmo em são Vladimir que você está interessada? Não será em Lissa?

— Não exatamente... — gaguejei.

— Eu sei que é difícil para ela, principalmente diante de todos os seus colegas de classe, mas ela precisa ter paciência — explicou a professora, gentilmente. — Vai acontecer. Sempre acontece.

— Mas às vezes não acontece.

— Raramente. Eu não acho que ela será uma dessas exceções. Ela possui uma aptidão maior do que a média dos estudantes para todos os quatro elementos, mesmo que ainda não tenha alcançado níveis de especialização. Um deles vai sobressair a qualquer momento.

Aquilo me deu uma ideia.

— É possível se especializar em mais de um elemento?

Ela riu e balançou a cabeça.

— Não. É poder demais. Ninguém poderia dar conta de tanta magia, não sem perder a sanidade mental.

Ah, sim. Que ótimo.

— Está bem. Obrigada. — Já estava prestes a ir embora quando me lembrei de outra coisa. — Ah, a senhora se lembra da professora Karp? Ela se especializou em quê?

A professora Carmack assumiu a expressão desconfortável que outros professores faziam quando alguém mencionava a professora Karp.

— Na verdade...

— O quê?

— Eu estava me esquecendo dela. Acho que a professora Karp era uma dessas raras exceções que nunca se especializaram. Ela procurava apenas manter simultaneamente um controle muito sutil sobre os quatro

elementos.

Passei o restante das aulas da tarde pensando nas coisas que a professora Carmack me dissera, tentando juntá-las à minha teoria que interligava Lissa, Karp e Vladimir. Também procurei observar Lissa. Havia tanta gente querendo falar com ela agora que ela mal notava o meu silêncio. De vez em quando, no entanto, eu a via olhar rapidamente para mim e sorrir, ao mesmo tempo exibindo um invariável olhar de cansaço. Rir e trocar confidências o dia inteiro com pessoas das quais ela não gostava tanto assim estava lhe cobrando um preço bem alto.

— Missão cumprida — disse eu a ela depois das aulas. — Podemos encerrar o projeto Lavagem Cerebral.

Nós nos sentamos num dos bancos do pátio, e ela ficou balançando as pernas para a frente e para trás.

— Por que você está dizendo isso?

— Você conseguiu o que pretendia. Impediu as pessoas de tornarem a minha vida intolerável. Você destruiu Mia. Roubou Aaron de volta. Brinque um pouco com ele por mais umas duas semanas e depois largue-o para lá assim como aos outros alunos da realeza. Você vai ficar mais feliz depois que fizer isso.

— Você acha que eu não estou feliz agora?

— Eu sei que não está. Algumas das festas são divertidas, mas você odeia fingir ser amiga de gente de que não gosta, e você não gosta da maioria deles. Eu sei o quanto a atitude de Xander chateou você no outro dia.

— Ele é um imbecil, mas eu posso lidar com isso. Se eu parar de andar com eles, tudo vai voltar a ficar como estava. Mia vai se reerguer novamente. Do jeito que as coisas estão agora, ela não tem como nos incomodar.

— Mas isso não vale a pena se todo o resto está incomodando você.

— Não tem nada me incomodando. — Ela pareceu um pouco na defensiva.

— Ah, não? — perguntei de forma irônica. — Quer dizer, então, que você está completamente apaixonada por Aaron? Quer dizer, então, que mal pode esperar para transar com ele mais uma vez?

Ela olhou bem para mim.

— Eu já disse que você consegue ser bem má às vezes?

Ignorei o comentário dela.

— Só estou dizendo que você já tem aborrecimentos demais para ainda ter que se preocupar com tudo isso também. Você está se desgastando demais forçando-se a usar toda essa compulsão com tanta gente.

— Rose! — Ela olhou em volta, nervosa. — Não fale!

— Mas é verdade. Fazer isso o tempo todo vai acabar com a sua cabeça. Vai ferrar com ela pra valer.

— Você não acha que está dando importância demais para isso?

— E a professora Karp?

A expressão de Lissa ficou gélida.

— O que tem ela?

— Você. Você é exatamente como ela.

— Não, eu não sou! — Os olhos verdes dela faiscaram de indignação.

— Ela também tinha o poder da cura.

Ouvir-me falar sobre isso a espantou. Este assunto fora um peso para nós durante muito tempo, mas quase nunca conversávamos a respeito.

— Isso não significa nada.

— Você acha que não? Você conhece mais alguém que tenha esse poder? Ou que possa usar a compulsão em vampiros e em Moroi?

— Ela nunca usou a compulsão desse jeito — argumentou Lissa.

— Usou, sim. Ela tentou usar a compulsão em mim na noite em que foi levada embora. Chegou a funcionar no começo, mas eles a carregaram antes que ela pudesse concluir o que começara. — Ou será que ela terminara? Afinal, apenas um mês depois do incidente, Lissa e eu fugimos da Escola. Eu sempre pensei que fora uma ideia minha, mas talvez a sugestão da professora Karp tenha sido a força motriz que, na verdade, me induziu a fazer aquilo.

Lissa cruzou os braços. E armou uma expressão desafiadora. Os sentimentos dela, entretanto, eram de desconforto.

— Está bem. E daí? Então ela era uma aberração como eu. Isso não significa nada. Ela ficou louca porque... bem, porque ela já era louca mesmo. Isso não tem nada a ver com o resto.

— Mas não é só ela — disse eu, lentamente. — Tem mais uma pessoa que é como vocês também. Uma pessoa que eu descobri. — Eu hesitei. — Você sabe quem. São Vladimir...

E foi aí que eu finalmente disse tudo a ela. Contei tudo. Sobre como ela, a professora Karp e São Vladimir, todos os três, podiam curar e usar uma supercompulsão. Embora isso a tenha levado a se contorcer de aflição, eu também comentei que os dois facilmente se deixavam perturbar com os próprios dons, chegando, inclusive, em certas ocasiões, a tentar se ferir.

— Ele tentou se matar — disse eu, desviando meus olhos dos dela. — E eu costumava ver marcas na pele da professora Karp, como se ela tivesse enfiado as unhas no próprio rosto. Ela tentava escondê-las com o cabelo, mas eu via as cicatrizes antigas e sabia quando ela provocava novos ferimentos em si mesma.

— Isso não significa *nada* — insistiu Lissa. — É... é tudo coincidência.

Ela falou como se, na verdade, quisesse acreditar no que acabara de dizer, e algo nela realmente parecia acreditar nisso. Mas havia outra parte, uma parte desesperada dentro de Lissa, que há muito tempo desejava descobrir que ela não estava sozinha, que não era uma aberração. Mesmo que as notícias que eu lhe transmitia fossem ruins, agora, ao menos, Lissa sabia que existia mais gente como ela.

— É também uma coincidência o fato de nenhum dos três ter se especializado?

Eu narrei, então, para ela toda a conversa com a professora Carmack e expliquei a minha teoria sobre a possibilidade de alguém ser capaz de se especializar em todos os quatro elementos. E ainda acrescentei ao relato os comentários da professora Carmack sobre o fato de isso acarretar necessariamente um desgaste intolerável para o portador desse potencial.

Lissa esfregou as mãos nos olhos quando eu terminei, borrando um pouco a maquiagem. Lançou-me, então, um sorriso frágil.

— Não sei o que é mais louco: o que você está me contando agora ou o fato de você ter realmente se dedicado a *ler* alguma coisa para descobrir isso tudo.

Abri um sorriso largo, aliviada por ela ter tido força para fazer uma piada.

— Olhe aqui, eu também sei ler.

— Eu sei que você sabe. E também sei que você demorou um ano para ler *O código Da Vinci*. — Ela riu.

— Não foi culpa minha! E não tente mudar de assunto.

— Não estou mudando de assunto. — Ela sorriu e depois suspirou. — Só não sei o que pensar sobre essas coisas todas.

— Não há nada para pensar. Apenas não faça coisas que poderão vir a perturbar você. Lembra aquilo de andar pelas beiradas? Volte a adotar essa atitude. As coisas ficam mais leves para você.

Ela fez que não com a cabeça.

— Não posso fazer isso. Não por enquanto.

— Por que não? Eu já disse a você... — E parei, de repente, imaginando como eu não percebera antes. —

Não é só Mia, então. Você também está fazendo isso porque acha que tem que fazer. Você ainda está tentando ser o seu irmão Andre.

— Meus pais gostariam que eu...

— Seus pais gostariam que você fosse feliz.

— Não é tão fácil assim, Rose. Não posso ignorar essa gente para sempre. Afinal eu sou da realeza também.

— Quase todos são uns babacas.

— E muitos vão ajudar a liderar os Moroi. Andre sabia disso. Ele não era como os outros, mas fazia o que tinha que fazer porque sabia o quanto eles eram importantes.

Eu me recostei no banco.

— Bem, talvez seja este o problema. Decidir quem é “importante” com base apenas no histórico familiar. Aí acabamos tendo que lidar com idiotas tomando as decisões por nós. É por isso que o número dos Moroi está caindo e pessoas horríveis como Tatiana chegam a se tornar rainhas. Talvez todo o sistema monárquico tenha que ser repensado.

— Espere aí, Rose. É assim que as coisas são; e têm sido assim há séculos. Nós temos que viver nesse sistema tal como ele é. — Eu a encarei. — Está bem, o que você acha disso? — continuou ela. — Você está preocupada que eu me transforme no que *elas* se transformaram, a professora Karp e são Vladimir, não é isso? Bem, ela disse que eu não deveria usar os poderes, porque isso só iria piorar as coisas. E se eu simplesmente parasse? Com a compulsão, com a cura, tudo.

Eu a olhei diretamente nos olhos.

— Você acha que consegue fazer isso?

Tirando que a compulsão às vezes podia ser realmente conveniente, era exatamente isso o que eu queria que ela fizesse. A depressão surgira quando os poderes dela começaram a se manifestar, e isso foi logo depois do acidente. Eu só podia acreditar na existência de alguma ligação entre as duas ocorrências, principalmente com o exemplo e os avisos da professora Karp.

— Consigo.

O rosto de Lissa se mostrava perfeitamente composto, a expressão era séria e estável. Com os cabelos louros presos numa perfeita trança embutida e com uma jaqueta de camurça sobre o vestido, ela parecia capaz de assumir o lugar de sua família no conselho naquele exato momento.

— Você terá que desistir de tudo — avisei. — Não vai mais tentar curar coisa alguma, não importa o quanto o bicho possa parecer bonitinho ou acolhedor. E chega de compulsão para encantar os alunos da realeza.

Ela fez que sim com a cabeça seriamente.

— Eu consigo fazer isso. Vai fazer você se sentir melhor?

— Vai, mas eu me sentiria ainda melhor se você parasse com a magia *e* voltasse a sair com Natalie e o grupo de amigas dela.

— Eu sei, eu sei. Mas ainda não posso parar, pelo menos não agora.

Não consegui fazê-la ceder quanto a isso — *ainda* —, mas saber que ela evitaria usar seus poderes foi um alívio para mim.

— Está bem — disse eu, apanhando a minha mochila. Estava atrasada para o treinamento. Mais uma vez.

— Você pode continuar brincando com a elite mimada, contanto que mantenha as “outras coisas” sob controle. — Eu hesitei. — E, sabe, você já provou o que queria com relação a Aaron e Mia. Não precisa mais namorá-lo para continuar andando com a realeza.

— Por que eu estou sempre com a sensação de que você não gosta mais dele?

— Eu acho ele legal, e só. E é só isso que você acha dele também. E eu não acho que a gente deva ficar se agarrando com pessoas que a gente apenas acha “legais”.

Lissa arregalou os olhos fingindo estar abismada.

— É mesmo Rose Hathaway quem está falando? Você passou por uma reforma radical? Ou será que *você* conheceu alguém que é mais do que só “legal” para você?

— Opa — disse eu, meio sem graça —, estou só tomando conta de você. É só isso. E, também, eu nunca tinha percebido como Aaron era chato antes.

Ela debochou.

— Você acha todo mundo chato.

— Christian não é.

A frase escapuliu antes que eu pudesse detê-la. Lissa parou de sorrir.

— Ele é um *babaca*. Parou de falar comigo um belo dia sem qualquer motivo. — Ela cruzou os braços. — E não é você que o odeia?

— Eu posso continuar odiando o Christian e ao mesmo tempo reconhecer que ele é um cara interessante.

Mas eu também estava começando a achar que talvez tivesse cometido um grande erro com relação a Christian. Havia mesmo o seu jeito sombrio e assustador, e ele gostava de colocar fogo nas pessoas, tudo isso era verdade. Por outro lado, no entanto, ele era inteligente e divertido, de um jeito esquisito, é verdade, e, além disso, ele de alguma maneira era capaz de acalmar Lissa.

Mas eu estragara tudo. Deixara a minha raiva e o meu ciúme me dominarem e acabei sendo diretamente responsável pela separação dos dois. Se eu o tivesse deixado se encontrar com ela no jardim naquela noite, talvez Lissa não tivesse se alterado tanto ou chegado a se cortar daquela maneira. Quem sabe agora os dois estariam juntos, longe de toda a hierarquia da escola.

O destino devia estar pensando como eu, pois, cinco minutos depois de deixar Lissa, passei por Christian ao atravessar o pátio central. Nossos olhos se encontraram por um segundo antes de prosseguirmos cada um para um lado. Eu quase continuei andando. Quase. Mas respirei fundo e parei.

— Espere... Christian — chamei. Droga, eu estava muito atrasada para o treinamento. Dimitri ia me matar.

Christian se virou para olhar para mim, as mãos enfiadas nos bolsos do seu casaco longo e preto, a postura curvada e indiferente.

— O quê?

— Obrigada pelos livros. — Ele não respondeu. — Os que você entregou para o Mason.

— Ah, eu pensei que você estava falando de outros livros.

Convencido.

— Você não vai perguntar para que eu precisava deles?

— É assunto seu. Concluí que você estava entediada com a suspensão.

— Eu teria que estar mesmo muito entediada para chegar a esse ponto.

Ele não riu da minha piada.

— O que você quer, Rose? Eu tenho mais o que fazer.

Eu sabia que ele estava mentindo, mas o meu sarcasmo não parecia mais tão engraçado.

— Eu queria que você... bem, que você voltasse a sair com Lissa.

— Você está falando *sério*? — Ele me estudou de perto, muito desconfiado. — Depois do que você me disse?

— É, bem... Mason não falou para você...?

Os lábios de Christian se abriram num sorriso, zombando de mim.

— Ele me disse uma coisa qualquer.

— E então?

— Eu não quero ouvir essa história de Mason. — O sorrisinho se alargou no rosto dele quando eu o encarei. — Você o mandou me pedir desculpas por você. Seja corajosa e peça desculpas você mesma.

— Você é um babaca — disse a ele.

— Sei. E você é uma mentirosa. Quero ver você engolir o seu orgulho.

— Eu venho engolindo o meu orgulho há duas semanas — resmunguei.

Ele deu de ombros, virou-se de costas e foi saindo.

— Espere! — chamei, colocando a mão no ombro dele. Ele parou e me olhou de volta. — Tudo bem, tudo bem. Eu menti sobre os sentimentos de Lissa com relação a você. Ela nunca disse nada daquilo a seu respeito, está bem? Ela *gosta* de você. Eu inventei aquilo tudo porque *eu* não gosto de você.

— E mesmo assim você quer que eu fale com ela.

Quando as palavras seguintes saíram dos meus lábios, mal pude acreditar no que fui capaz de dizer.

— Eu acho... que talvez você... faça bem a ela.

Nós olhamos fixamente um para o outro durante alguns longos segundos. O sorriso irônico dele se desfez um pouco. Pouca coisa o surpreendia. Isso o surpreendeu.

— Sinto muito, mas eu não a ouvi bem. Será que você podia repetir o que acabou de dizer? — perguntou ele, finalmente.

Quase dei um soco na cara dele.

— Você quer parar com isso logo? Eu quero que você volte a sair com ela.

— Não.

— Escute, eu já disse para você, eu menti...

— Não é por isso. É *ela*. Você acha que eu posso falar com ela agora? Ela é a princesa Lissa mais uma vez.

— Pingava veneno das palavras dele. — Eu não posso chegar perto dela, não com ela rodeada de todos aqueles alunos da realeza.

— Você também é da realeza — disse eu, mais para mim mesma do que para ele. Eu vivia esquecendo que os Ozeras eram uma das doze famílias.

— Isso não significa muito numa família cheia de Strigoi, não acha?

— Mas *você* não é... espere. É por isso que vocês dois se entenderam tão bem. — Subitamente me dei conta disso.

— Porque eu vou virar um Strigoi? — perguntou ele, sarcasticamente.

— Não... porque você também perdeu os seus pais. Tanto você quanto ela viram os próprios pais morrerem.

— Ela viu os dela morrerem. Eu vi os meus serem assassinados.

Eu estremei.

— Eu sei. Desculpe-me. Deve ter sido... Bem, eu... eu não faço a menor ideia de como foi.

Aquelas duas bolas de cristal azuis que eram os olhos dele pareceram perder o foco.

— Foi como ver um exército da Morte invadir a minha casa.

— Você está falando... dos seus pais?

Ele fez que não com a cabeça.

— Estou falando dos guardiões que vieram para matá-los. Os meus pais eram assustadores, sim, mas eles continuavam sendo os meus pais, um pouco mais pálidos, é verdade. E tinham os olhos mais avermelhados. Mas eles andavam e falavam do mesmo jeito. Eu não sabia que havia algo errado com eles, mas a minha tia sabia. Ela estava cuidando de mim quando eles vieram me buscar.

— Eles pretendiam converter você? — Eu acabara me esquecendo da minha missão original ali, de tão presa que fiquei pela história. — Você era bem pequeno.

— Acho que eles iam esperar que eu ficasse mais velho, e só depois me transformariam. A minha tia Tasha não deixou que me levassem. Eles tentaram argumentar com ela, tentaram convertê-la também, mas quando ela se recusou a ouvi-los, tentaram arrastá-la à força. Minha tia lutou contra eles, ficou muito machucada, e aí os guardiões apareceram. — Os olhos dele se voltaram para mim outra vez. Ele sorriu, mas sem nenhuma alegria. — Como eu disse, um exército da Morte. Eu acho você maluca, Rose, mas, se acabar ficando igual aos outros guardiões, vai ser capaz de causar estragos sérios qualquer dia desses. Nem eu vou querer me meter com você.

Eu me senti horrível. Ele tinha uma vida miserável, e eu tirei dele uma das poucas coisas boas que havia nela.

— Christian, peço desculpas por ter estragado as coisas entre você e Lissa. Foi uma estupidez minha. Ela queria ficar com você. Acho que ela ainda quer. Se você pudesse apenas...

— Eu já disse a você, não posso.

— Estou preocupada com Lissa. Ela está metida com toda essa porcaria de realza para se vingar de Mia, está fazendo isso por mim.

— E você não está agradecida? — O sarcasmo voltou.

— Eu estou preocupada. Lissa não suporta participar dos joguinhos maliciosos da escola. Não é bom para ela, mas ela não me ouve. Eu estou precisando... precisando de ajuda.

— *Ela* está precisando de ajuda. Ei, não pareça tão surpresa. Eu sei que tem alguma coisa estranha acontecendo com Lissa. E não estou falando apenas dos pulsos.

Levei um susto.

— Ela contou a você...? — Por que não? Ela contou a ele tantas outras coisas...

— Ela não precisou — disse ele. — Eu tenho olhos. — Devo ter parecido patética, porque ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. — Olha, se eu conseguir encontrar Lissa sozinha... vou tentar falar com ela. Mas, sinceramente... se você quer mesmo ajudá-la... Bem, sei que eu deveria ser totalmente contra as instituições, mas você conseguiria uma ajuda melhor se conversasse com alguma outra pessoa. Kirova. Esse cara, o seu guardião. Não sei. Alguém que saiba alguma coisa. Alguém em quem você confie.

— Lissa não ia gostar disso — ponderei. — E nem eu.

— É, bem, todos nós temos que fazer coisas das quais não gostamos. É a vida.

A minha veia irritadiça se atçou.

— O que você é, algum aluno especial?

Um sorriso sombrio atravessou o seu rosto.

— Se você não fosse tão insana, seria divertido tê-la por perto.

— Estranho, eu também sinto a mesma coisa com relação a você.

Christian não disse mais nada, mas o seu sorriso foi ficando mais largo, e ele seguiu andando.

Dezessete

Alguns dias depois, Lissa veio ao meu encontro do lado de fora do refeitório e me deu uma notícia estarrecedora.

— O tio Victor vai tirar Natalie do campus este final de semana para fazer compras em Missoula. Para o baile. Ele mandou avisar que eu também posso ir junto.

Eu não disse nada. Ela se surpreendeu com o meu silêncio.

— Isso não é o máximo?

— Para *você*, pode ser. Não vejo nenhum shopping ou baile no meu futuro.

Ela sorriu entusiasmada.

— Ele disse a Natalie que ela podia levar mais duas pessoas além de mim. Eu a convenci a convidar você e Camille.

Levantei as mãos para o céu.

— Bem... Obrigada, mas eu não estou autorizada nem a ir até a biblioteca depois das aulas. Não vão me deixar ir até Missoula de jeito algum.

— O tio Victor acha que consegue convencer a diretora Kirova a deixar que você vá. O Dimitri também está tentando.

— Dimitri?

— É. Ele mesmo. Porque ele tem que ir junto comigo se eu sair do campus. — Lissa abriu um sorriso largo, confundindo o meu interesse em Dimitri com alguma possível animação pela ida ao shopping. — Eles finalmente descobriram qual é a minha conta bancária, e eu vou ter a minha mesada de volta. Então nós vamos poder comprar outras coisas além dos vestidos. E, você sabe, se eles deixarem você ir ao shopping, terão que deixá-la ir ao baile.

— E nós agora frequentamos bailes? — perguntei. Nós não fazíamos nada disso antes. Eventos sociais patrocinados pela escola? Não havia a menor chance de irmos.

— É claro que não. Mas você sabe que, ao mesmo tempo, vão acontecer outras festinhas secretas. Podemos aparecer no começo do baile e depois sair de fininho. — Ela suspirou de alegria. — Mia está com tanta inveja que mal pode suportar.

Lissa continuou falando sobre todas as lojas a que nós poderíamos ir, e sobre todas as coisas que poderíamos comprar. Admito que fiquei um pouco animada com a possibilidade de arranjar roupas novas, mas duvidava que aquela estonteante liberdade me fosse concedida.

— Ah, olhe só — disse ela, entusiasmada —, você precisa ver os sapatos que a Camille me emprestou. Eu nunca soube que nós calçássemos o mesmo número. Espere um pouco. — Ela abriu a mochila e começou a procurar lá dentro.

De repente ela soltou um grito e jogou a mochila no chão. Livros e sapatos foram cuspidos para fora. E, junto com eles, uma pomba morta.

Era uma dessas rolinhas de penas castanhas que pousam nos fios ao longo das estradas e costumam ficar sob as árvores do campus. Estava tão ensanguentada que eu nem pude ver onde era o ferimento. Quem poderia imaginar que um bicho tão pequeno pudesse ter tanto sangue? Seja como for, o pássaro estava indiscutivelmente morto.

Cobrindo a boca, Lissa estava vidrada e muda, com os olhos arregalados.

— Puta merda — xinguei. Sem hesitar, apanhei um graveto e afastei o pequeno corpo cheio de penas para o lado. Depois, comecei a recolocar as coisas de Lissa dentro da mochila, tentando não pensar nos possíveis micróbios do pássaro morto. — Porra, por que será que essas coisas continuam... Liss!

Eu saltei até ela e a puxei para longe. Ela estava ajoelhada no chão, com a mão esticada em direção à pomba. Acho que nem percebeu o que estava prestes a fazer. O instinto dela era tão forte que parecia agir por conta própria.

— Lissa — disse eu, apertando as mãos dela com as minhas. Ela ainda estava se inclinando em direção ao pássaro. — Não. Não faça isso.

— Eu posso salvá-lo.

— Não, não pode. Você prometeu, lembra? Algumas coisas têm que continuar mortas. Deixe este bichinho ir. — Ainda sentindo a tensão que a dominava, implorei: — Por favor, Liss. Você prometeu. Prometeu que não faria mais curas. Você disse que não faria. Prometeu para mim.

Depois de mais alguns segundos, senti a mão dela relaxar e o seu corpo se desmontar, recostado ao meu.

— Eu odeio isso, Rose. Odeio tudo isso.

Natalie se dirigia ao nosso encontro, completamente alheia à visão repulsiva que a esperava.

— Ei, vocês... Ai, meu Deus! — gritou ela ao ver o pássaro. — O que é isso?

Eu ajudei Lissa a se levantar.

— É mais uma... brincadeira de mau gosto.

— Está... morta? — Ela enrugou o rosto demonstrando nojo.

— Está — respondi com firmeza.

Natalie, percebendo certa tensão entre nós, olhou curiosa para as duas.

— Aconteceu mais alguma coisa?

— Não — disse eu, e entreguei a Lissa sua mochila. — Foi só uma brincadeira estúpida e doente de alguém, e eu vou contar a Kirova, para que limpem isso.

Natalie virou-se para outro lado, evitando olhar, com uma coloração verde tomando seu rosto, de enjoo.

— Por que as pessoas ficam fazendo isso com você? É horrível.

Lissa e eu nos entreolhamos.

— Não faço a menor ideia — disse eu. Enquanto caminhava em direção ao escritório de Kirova, no entanto, comecei a ponderar sobre o assunto.

Quando encontramos a raposa, Lissa sugerira que alguém talvez soubesse sobre o episódio do corvo. Eu não acreditara nisso. Afinal, nós estávamos sozinhas no bosque naquela noite, e a professora Karp não teria contado a ninguém. Mas e se alguém tivesse visto? E se estivessem fazendo isso não para assustá-la, mas para ver se ela usaria o poder de cura novamente? O bilhete que estava com o coelho dizia o quê, mesmo?

“Eu sei o que você é.”

Não comentei nada disso com Lissa; imaginei que ela não suportaria ouvir todas as minhas teorias conspiratórias. E, além disso, quando a encontrei no dia seguinte, ela já parecia praticamente esquecida da pomba, diante de outras novidades: Kirova me concedera permissão para sair com eles naquele final de semana. A perspectiva de sair para fazer compras pode ser um meio de dar vida nova a qualquer um numa situação ruim — mesmo que esteja assombrado pelo cruel assassinato de um animal —, e eu resolvi deixar um pouco de lado, ao menos por um tempo, as minhas preocupações.

Até o momento em que descobri que a minha libertação se fazia acompanhar de algumas amarras.

— A diretora Kirova acha que você vem se saindo bem desde que voltou — me contou Dimitri.

— Apesar de ter quase começado uma briga na sala de aula do professor Nagy?

— Ela não acha que a culpa foi sua. Não inteiramente sua. Eu a convenci de que você estava precisando de uma folga... e de que poderia usar esta folga como um exercício de treinamento.

— Exercício de treinamento?

Ele me explicou brevemente do que se tratava enquanto caminhávamos para encontrar os outros que iriam conosco. Victor Dashkov, mais doente do que nunca, estava lá com seus guardiões, e Natalie voou para perto dele. Ele sorriu e lhe deu um abraço carinhoso, que terminou subitamente quando ele se viu acometido por um ataque de tosse. Os olhos de Natalie se arregalaram de preocupação enquanto ela esperava o pai parar de tossir.

Ele disse estar bem o suficiente para nos acompanhar, e, ao mesmo tempo que admirei a sua determinação, achei que era esforço demais apenas para acompanhar garotas adolescentes numa ida às compras.

Nós fizemos o percurso de duas horas de carro até Missoula numa grande van escolar. Saímos logo depois do nascer do sol. Muitos Moroi viviam inteiramente separados dos humanos, mas muitos também viviam no meio deles, e, se o objetivo era fazer compras em shoppings de humanos, era preciso obedecer aos horários deles. As janelas de trás da van tinham vidros pintados para filtrar a luz e manter, assim, os vampiros longe do contato direto com ela.

Éramos um grupo de nove pessoas: Lissa, Victor, Natalie, Camille, Dimitri, eu e três outros guardiões. Dois deles, Ben e Spiridon, sempre viajavam com Victor. O terceiro era um dos guardiões da escola: Stan, o idiota que me humilhara no meu primeiro dia de volta à Escola.

— Camille e Natalie não têm guardiões pessoais ainda — me explicou Dimitri. — Ambas estão sob a proteção dos guardiões de suas famílias. Como elas são alunas da escola que estão saindo do campus com autorização oficial, um guardião da escola foi selecionado para acompanhá-las, o Stan. Eu vou porque sou o guardião designado para Lissa. A maioria das garotas da idade dela não teriam guardiões pessoais ainda, mas as circunstâncias a tornaram uma exceção.

Eu me sentei no banco de trás da van com ele e Spiridon, para que os dois pudessem dividir comigo a sua sabedoria de guardiões como parte do “exercício de treinamento” sugerido por Dimitri. Ben e Stan sentaram-se na frente, enquanto os outros se alojaram nos bancos centrais do veículo. Lissa e Victor conversaram bastante um com o outro, colocando as novidades em dia. Camille, criada para se comportar com educação quando estivesse na presença de membros da realeza mais velhos, se limitava a sorrir e concordar afirmativamente com a cabeça durante todo o trajeto. Natalie, por outro lado, parecia estar se sentindo meio deixada de lado e tentava incessantemente desviar a atenção de seu pai, de Lissa para ela. Em vão. Pelo visto, ele aprendera a ignorar a tagarelice da filha.

Eu me virei para Dimitri.

— Ela deveria ter dois guardiões. Todos os príncipes e princesas têm.

Spiridon tinha a idade de Dimitri, o cabelo louro espigado e uma atitude mais casual. Apesar do nome grego, ele tinha o sotaque arrastado do Sul.

— Não se preocupe, ela terá muitos quando chegar a hora. Dimitri já é um deles. É possível que você venha a ser uma das guardiãs dela também. E é por isso que você está aqui hoje.

— O treinamento — adivinhei.

— Exatamente. Você vai ser a parceira de Dimitri.

Criou-se, então, um silêncio meio constrangedor, mas ninguém percebeu, a não ser Dimitri e eu. Nossos olhares se cruzaram.

— Parceira de trabalho — esclareceu Dimitri, desnecessariamente, como se ele também estivesse pensando em outras possibilidades de parceria.

— Exatamente — concordou Spiridon.

Alheio à tensão que se instalara perto dele, Spiridon continuou explicando como funcionava o trabalho em dupla entre os guardiões. Eram os procedimentos-padrão, exatamente como aqueles descritos no nosso manual, mas que ganhavam um novo significado naquele momento, pois estariam sendo postos em prática no mundo real. Em geral, os guardiões eram designados aos Moroi de acordo com a importância destes. Eles costumavam trabalhar em dupla, e seria assim, em parceria, que eu provavelmente trabalharia na maior parte das vezes, ao zelar pela segurança de Lissa. Um guardião ficava mais perto do alvo, enquanto o outro se mantinha mais afastado e voltava sua atenção para o que se passava ao redor. Com grande obviedade, os guardiões que ocupavam essas posições eram chamados de guardião próximo e guardião distante.

— Você provavelmente vai ser sempre uma guardiã próxima — me disse Dimitri. — Você é mulher e tem a mesma idade da princesa. Pode ficar perto dela sem chamar muita atenção.

— E eu não posso nunca tirar os olhos dela — comentei. — Nem você.

Spiridon riu outra vez e deu uma cotovelada em Dimitri.

— Você tem uma aluna brilhante aqui. Já deu a ela uma estaca?

— Não. Ela ainda não está pronta.

— Eu estaria se *alguém* me ensinasse a usar uma — argumentei. Eu sabia que cada um dos guardiões que estavam na van tinha uma estaca e uma arma escondidas rente aos seus corpos.

— Mais do que apenas saber usar uma estaca — disse Dimitri com o seu jeito de velho sábio —, você precisa saber dominar os Strigoi. E você tem que ser capaz de matá-los.

— E por que eu não os mataria?

— Muitos Strigoi foram Moroi que se transformaram por vontade própria. Alguns são Moroi ou vampiros que foram transformados à força. Não importa. O fato é que há grandes chances de você conhecer alguns deles. Você acha que seria capaz de matar alguém que você costumava conhecer?

Aquela viagem estava ficando cada vez menos divertida.

— Acho que sim. Eu teria que matar, não é? Se for uma escolha entre eles ou Lissa...

— Ainda assim você pode hesitar — disse Dimitri. — E esta hesitação pode matar você. E a ela também.

— Então como se prevenir para não hesitar?

— Você tem que repetir para si mesma que eles *não são* as mesmas pessoas que você conheceu. Que eles se transformaram em algo tenebroso e maligno. Em algo abominável. Você tem que se preparar para se desvencilhar do afeto e fazer o que tem que fazer. Se eles ainda conservarem algum traço de suas antigas personalidades, provavelmente ficarão gratos.

— Gratos por eu os estar matando?

— Se alguém transformasse você numa Strigoi, o que você desejaria? — perguntou ele.

Eu não sabia como responder àquilo, então não disse nada. Sem tirar os olhos de mim, ele continuou insistindo.

— O que você iria querer se soubesse que seria convertida numa Strigoi contra a sua vontade? Se soubesse que perderia completamente os seus princípios e sua compreensão do que é certo e do que é errado? Se soubesse que viveria o resto de sua vida, de sua vida imortal, matando pessoas inocentes? O que você iria querer?

Um silêncio desconfortável tomou conta da van. Encarando Dimitri e oprimida por todas aquelas perguntas, subitamente compreendi por que havia aquela atração peculiar entre nós, para além do lado físico.

Eu nunca conhecera outra pessoa que levasse tão a sério o ofício de guardião, que compreendesse tão bem todas as consequências da dicotomia entre vida e morte. Com certeza, ninguém da minha idade a compreendia ainda; Mason não conseguira entender por que eu não podia simplesmente relaxar e beber, como os outros, na festa. Dimitri dissera que eu entendia o meu dever melhor do que muitos guardiões mais velhos, e eu não entendera o motivo, principalmente levando em consideração que eles já tinham visto muito mais mortes e enfrentado muito mais situações de perigo do que eu. Mas, naquele momento, eu soube que ele estava certo, que eu de fato tinha uma noção estranha de como a vida e a morte, o bem e o mal costumavam trabalhar juntos, funcionar um ao lado do outro.

E ele também tinha essa compreensão. Gente como nós pode se sentir sozinha, às vezes. Podemos ter que adiar nossos momentos de “diversão”. E talvez não pudéssemos viver a vida que queríamos para nós. Mas era assim que tinha de ser. Nós dois entendíamos um ao outro, sabíamos que havia outras pessoas que dependiam da nossa proteção. Nossas vidas nunca seriam fáceis.

E tomar decisões como a que ele me sugerira era parte disso.

— Se eu me tornasse uma Strigoi... Eu ia querer que me matassem.

— Eu também — disse ele, calmamente. Pude perceber que ele se dera conta disso ao mesmo tempo que eu. Era novamente aquela ligação que havia entre nós.

— Isso me faz lembrar de Mikhail caçando Sonya — murmurou Victor, pensativo.

— Quem são Mikhail e Sonya? — perguntou Lissa.

Victor pareceu surpreso.

— Como assim? Eu pensei que você a conhecesse. Sonya Karp.

— Sonya Kar... Está falando da professora Karp? O que tem ela? — Lissa olhava para mim e para o tio alternadamente.

— Ela... virou uma Strigoi — disse eu, evitando o olhar de Lissa. — Por vontade própria.

Eu sabia que Lissa descobriria algum dia. Era a peça final que faltava para completar a saga da professora Karp, um segredo que eu guardara comigo. Um segredo que constantemente me preocupava. A expressão de Lissa e o nosso laço registraram um choque brutal, que cresceu em intensidade quando ela percebeu que eu já sabia de tudo e nunca contara.

— Mas eu não sei quem é Mikhail — acrescentei.

— Mikhail Tanner — disse Spiridon.

— Ah. O guardião Tanner. Ele estava na escola antes da nossa fuga. — Franzi o cenho. — Por que ele está caçando a professora Karp?

— Para matá-la — disse Dimitri, secamente. — Eles eram amantes.

Toda aquela história de ser ou de matar Strigoi ganhou uma nova perspectiva para mim. Deparar-me

durante o calor de uma luta com um Strigoi que eu conhecera era uma coisa. Caçar propositadamente alguém... alguém que eu amara... Eu não sabia se podia fazer isso, mesmo sendo, na teoria, a coisa certa a fazer.

— Talvez seja melhor conversarmos sobre outra coisa — sugeriu Victor, gentilmente. — Hoje não é um dia para nos dedicarmos a assuntos deprimentes.

Acho que todos nos sentimos aliviados quando chegamos ao shopping. Assumindo o meu papel de guarda-costas, fiquei ao lado de Lissa todo o tempo enquanto perambulávamos pelas lojas, observando as novas tendências da moda. Era bom estar outra vez com ela num lugar público e fazer alguma coisa que fosse apenas *diversão* e não envolvesse quaisquer dos joguinhos perversos e distorcidos da hierarquia da Escola. Era quase como nos velhos tempos. Eu sentia falta de simplesmente sair. Sentia falta da minha melhor amiga.

Embora ainda estivéssemos no meio de novembro, o shopping já exibia as decorações brilhantes de Natal. Julguei que o meu era o melhor trabalho do mundo. Reconheço que senti alguma irritação ao ver os guardiões mais velhos se contactando por meio de uns aparelhos de comunicação superlegais. Quando protestei pelo fato de eu não ter um, Dimitri me disse que eu aprenderia mais sem o aparelho. Se eu conseguisse proteger Lissa à moda antiga, poderia dar conta de qualquer coisa.

Victor e Spiridon ficaram por perto enquanto Dimitri e Ben se dispersaram, dando um jeito de não parecerem perseguidores apavorantes andando atrás de garotas adolescentes.

— Isso aqui é totalmente a sua cara — disse Lissa na Macy's, mostrando para mim uma camiseta com um profundo decote enfeitado com renda. — Vou comprar para você.

Eu olhei para a camiseta, apaixonada, já me imaginando com ela. Depois, mantendo meu contato visual regular com Dimitri, recusei com a cabeça e devolvi a camiseta.

— Está chegando o inverno. Vou sentir frio.

— Isso nunca foi um problema para você.

Lissa deu de ombros e pendurou novamente a camiseta. Ela e Camille experimentaram uma série ininterrupta de roupas, suas gordas mesadas lhes assegurando que preço não era um problema. Lissa se ofereceu para comprar para mim o que eu quisesse. A vida toda, nós sempre fomos generosas uma com a outra, e eu não hesitei em aceitar a oferta. Mas as minhas escolhas a surpreenderam.

— Você comprou três blusas de mangas compridas e um casaco com capuz — comentou ela, correndo os dedos por uma pilha de calças jeans de marca conhecida e de boa qualidade. — Você está virando uma chata.

— Ei, eu também não vi você comprando blusinhas de decote cavado.

— Não era eu quem gostava de usá-las.

— Ah, muito obrigada.

— Você sabe do que estou falando. Você está até usando o cabelo preso.

Era verdade. Eu seguira o conselho de Dimitri e prendera o cabelo num coque alto, o que me rendeu um sorriso quando ele me viu. Se eu tivesse marcas *molnija*, elas estariam aparecendo.

Lissa olhou em volta, para se certificar de que ninguém estava nos ouvindo. Os sentimentos que vinham pelo laço eram agora mais conturbados.

— Você sabia sobre a professora Karp.

— Sabia. Soube mais ou menos um mês depois que ela foi embora.

Lissa jogou um par de calças jeans bordadas sobre o braço, e, sem olhar diretamente para mim, disse:

— Por que você não me contou?

— Você não precisava saber.

— Você achou que eu não aguentaria saber?

Eu mantive uma expressão inteiramente neutra. Enquanto eu a olhava, minha mente voltava no tempo, para dois anos antes. Era o meu segundo dia de suspensão por confessadamente ter destruído o quarto de Wade, quando uma comitiva real viera visitar a escola. Permitiram, então, que eu fosse àquela recepção, mas eu continuava sob forte vigilância para que não pudesse “aprontar nada”.

Dois guardiões me escoltavam até o refeitório e conversavam em tom baixo durante o caminho.

— Ela matou o médico que estava tratando dela e quase carregou metade dos pacientes e enfermeiras enquanto fugia.

— Eles têm alguma ideia de para onde ela foi?

— Não, estão tentando encontrá-la... Mas, bem, você sabe como é.

— Nunca imaginei que ela pudesse fazer isso. Ela não tinha jeito de quem faria uma coisa dessas.

— É... Bem, Sonya era maluca. Você viu como ela foi ficando violenta no fim? Parecia capaz de qualquer coisa.

Eu, que estava caminhando penosamente, de repente ergui a cabeça.

— Sonya? Vocês estão falando da professora Karp? — perguntei. — Ela matou alguém?

Os dois guardiões se entreolharam. Finalmente um deles me disse, de modo sepulcral:

— Ela se transformou numa Strigoi, Rose.

Parei de andar e olhei para eles.

— A professora Karp? Não... Ela não teria...

— Infelizmente sim — respondeu o outro. — Mas... você deve guardar segredo disso. É uma tragédia. Não a transforme numa fofoca de escola.

Passei o resto da noite pasma. A professora Karp. A doida da professora Karp. Matara uma pessoa para se transformar numa Strigoi. Eu não podia acreditar naquilo.

Quando a recepção acabou, eu dera um jeito de me esquivar dos guardiões e roubar alguns minutos preciosos com Lissa. O laço já estava forte nessa ocasião, e eu não precisara ver o seu rosto para saber o quanto ela estava infeliz.

— O que houve? — perguntei a ela. Nós estávamos num canto do hall de entrada, do lado de fora do refeitório.

Os olhos dela estavam sem expressão. Eu pude sentir que ela tivera uma dor de cabeça; a dor passara para mim através do laço.

— Eu... Eu não sei. Estou me sentindo estranha. Sempre com a impressão de que estou sendo seguida, como se eu tivesse que tomar cuidado, sabe?

Eu não sabia o que dizer. Não achava que ela estivesse sendo seguida, mas a professora Karp costumava dizer a mesma coisa. Sempre paranoica.

— Provavelmente não é nada — disse eu, com leveza.

— Provavelmente não — concordou Lissa. O olhar dela subitamente encontrou um foco. — Mas Wade não presta. Ele não para de falar sobre o que aconteceu. Você não pode acreditar nas coisas que ele anda dizendo de você.

Eu, na verdade, podia acreditar, sim, mas não me importava com isso.

— Esqueça o Wade. Ele é um nada.

— Eu odeio ele — disse Lissa. Sua voz, geralmente suave, estava estranhamente estridente. — Eu faço parte, com ele, do comitê para arrecadar fundos, e eu *odeio* ouvi-lo abrir aquela boca suja todos os dias e

paquerar qualquer mulher que passe por ele. Você não devia ser punida pelo que ele fez. Ele é que precisa pagar.

Senti a minha boca ficando seca.

— Está tudo bem... eu não me importo. Fique calma, Liss.

— *Eu* me importo — disse ela ríspidamente, desviando a raiva para mim. — Eu queria que existisse um jeito de dar o troco nele. Um jeito de prejudicá-lo, como ele prejudicou você. — Ela colocou as mãos atrás das costas e andou de um lado para o outro furiosa, com passos duros e determinados.

O ódio e a raiva ferviam dentro dela. Eu os sentia através do laço. Os sentimentos eram tempestuosos e me deixaram morta de medo. Havia ainda uma inconstância, uma instabilidade, indicando que Lissa não sabia o que fazer, mas que sentia uma ânsia desesperada de fazer algo. Qualquer coisa. Em minha mente, vi flashes da noite do bastão de beisebol. E então eu me lembrei da professora Karp. “Ela se transformou numa Strigoi, Rose.”

Aquele foi o momento mais assustador da minha vida. Mais assustador do que vê-la no quarto de Wade. Mais assustador do que vê-la curar o corvo. Mais assustador do que seria quando os guardiões me capturassem. Porque, naquele exato momento, não reconheci a minha melhor amiga. Eu não saberia dizer do que ela seria capaz. Um ano antes, eu teria achado até graça se alguém me dissesse que ela iria querer se transformar numa Strigoi. Mas, um ano antes, eu também teria achado graça se alguém me dissesse que ela cortaria os pulsos ou desejaria fazer alguém “pagar” pelo que fez.

Naquele momento, eu subitamente acreditei que ela poderia fazer o impossível. E eu tinha de garantir que ela não o fizesse. “Salve-a. Salve-a de si mesma.”

— Vamos embora daqui — disse eu, agarrando-a pelo braço e a levando para o fundo do corredor. — Agora mesmo.

A confusão substituiu momentaneamente a raiva.

— O que você está querendo dizer? Quer ir para o bosque ou para algum lugar assim?

Eu não respondi. Algo na minha atitude ou nas minhas palavras deve tê-la espantado, porque ela sequer me questionou quando a levei para fora do refeitório e cruzei com ela o campus em direção ao estacionamento, onde os carros dos visitantes ficavam estacionados. O lugar estava cheio de automóveis que pertenciam aos convidados da noite. Um deles era um Lincoln Town Car, e eu vi quando o motorista deu a partida no carro.

— Alguém vai embora mais cedo — disse, investigando-o por detrás de uns arbustos. Olhei para trás de nós e não vi nada. — Eles provavelmente vão estar aqui a qualquer momento.

Lissa entendeu o que estava acontecendo.

— Quando você disse “Vamos embora daqui”, você estava dizendo... Não. Rose, nós não podemos sair da Escola. Nós nunca conseguiríamos passar pela vigilância e pelos postos de inspeção.

— Nós não vamos precisar passar por eles — disse eu com firmeza. — É ele quem vai.

— Mas em que isso vai nos ajudar?

Respirei fundo, já me arrependendo do que eu estava prestes a dizer, mas sabendo que este era o menor dos males.

— Você sabe como forçou Wade a fazer aquelas coisas?

Ela estremeceu, mas fez que sim com a cabeça.

— Eu preciso que você faça a mesma coisa agora. Vá até aquele cara e peça a ele para nos esconder no porta-malas do carro.

O choque e o medo saltaram dela para mim. Ela não entendeu, e ficou assustada. Extremamente

assustada. Estivera assustada havia semanas já, desde que curara o corvo e o seu humor mudara e ela fizera aquilo com Wade. Ela estava frágil e à beira de algo que nenhuma de nós era capaz de compreender. No meio disso tudo, no entanto, ela continuava confiando em mim. Ela acreditava que eu a manteria a salvo.

— Está bem — concordou. Deu, então, alguns passos em direção a ele, e olhou de volta para mim. — Por quê? Por que a gente está fazendo isso?

Pensei na raiva de Lissa, no seu desejo de fazer *qualquer coisa* para se vingar de Wade. E pensei na professora Karp... bonita, instável... virando uma Strigoi.

— Eu estou tomando conta de você — respondi. — Você não precisa saber de mais nada além disso.

No shopping em Missoula, de pé no meio de prateleiras de roupas de designers famosos, Lissa perguntou novamente:

— Por que você não contou para mim?

— Você não precisava saber disso — repeti.

Ela se encaminhou para o provador de roupas, ainda sussurrando para mim.

— Você está com medo de que eu perca a razão. Está com medo de que eu vire uma Strigoi também?

— Não. De jeito nenhum. Isso foi o que aconteceu com ela. Você nunca faria isso.

— Mesmo se eu enlouquecesse?

— Não — disse, tentando fazer graça. — Você apenas rasparia a cabeça e iria viver cercada de trinta gatos.

Os sentimentos de Lissa ficaram mais tristes, mas ela não disse nada. Parou bem perto do provador e tirou um vestido preto de um cabide. Então ela pareceu se animar um pouco.

— Você nasceu para usar este vestido, Rose. Não importa se você agora virou essa pessoa prática.

Feito de tecido preto sedoso, o vestido era sem alças e descia até a altura dos joelhos. Embora ele tivesse uma pequena extravagância na altura da bainha, o resto parecia definitivamente capaz de me cair à perfeição e de me realçar as formas. Era supersensual. A ponto, talvez, de desafiar as regras de vestuário da escola.

— Este vestido foi mesmo feito para mim — admiti. Continuei olhando para ele, com uma vontade tão grande de possuí-lo que chegava a doer no meu peito. Era o tipo de vestido capaz de mudar o mundo. O tipo de vestido capaz de fundar novas religiões.

Lissa pegou um que era do meu tamanho.

— Experimente.

Eu fiz que não com a cabeça e fui colocá-lo de volta no cabide.

— Não posso. Colocaria você em risco. Um vestido não vale a terrível visão da sua morte.

— Então vamos levá-lo sem experimentar. — Ela comprou o vestido.

A tarde seguiu adiante, e eu fui ficando cansada. Estar sempre olhando em volta e de prontidão de repente foi ficando menos divertido. Quando chegamos à nossa última parada, uma loja de joias, fiquei um pouco mais alegre.

— Aí está — disse Lissa, apontando para uma das caixas. — O colar que combina perfeitamente com o seu vestido.

Eu olhei. Era um fino cordão de ouro com um pingente, feito de ouro e diamantes, em forma de rosa. Ênfase na parte dos diamantes.

— Odeio coisas em formato de rosa.

Lissa sempre adorara me dar coisas com rosas, acho que só para ver a minha reação. Quando ela viu o preço do colar, no entanto, seu sorriso se desfez.

— Ah, olhe só o preço disso! Até você tem limites — provoqueei. — O gasto desenfreado foi

interrompido, enfim.

Ficamos esperando Victor e Natalie terminarem as compras. Ele devia estar comprando algo para ela, porque Natalie parecia prestes a ganhar asas e sair voando de tão feliz. Aquilo me alegrou. Ela passara a tarde toda tentando chamar a atenção do pai. Eu esperava que ele estivesse comprando algo ultracarro para compensar a falta de cuidados de que ela parecia se ressentir.

O trajeto de volta foi silencioso devido ao cansaço de todos, nossos horários de dormir completamente descompensados por causa da viagem durante o dia. Sentada ao lado de Dimitri, eu me recostei contra o encosto do banco e bocejei, ciente de que nossos braços estavam encostando um no outro. A sensação de proximidade e de conexão ardia entre nós.

— Então, quer dizer que eu não vou mais poder experimentar roupas? — perguntei baixinho, sem querer acordar os outros. Victor e os guardiões estavam acordados, mas as meninas tinham caído no sono.

— Quando não estiver de serviço, poderá, sim. Você vai poder fazer isso durante as suas horas de folga.

— Eu não quero ter horário algum de folga. Quero estar sempre tomando conta de Lissa. — Bocejei novamente. — Você viu aquele vestido?

— Vi.

— Gostou dele?

Ele não respondeu. Tomei o seu silêncio como sinal de concordância.

— Será que vou colocar a minha reputação em risco se resolver usá-lo no baile?

Quando ele respondeu, eu mal pude ouvi-lo.

— Vai colocar em risco a escola.

Sorri e caí no sono.

Quando acordei, minha cabeça estava recostada no ombro dele. O longo casaco dele — o guarda-pó — me cobria como um cobertor. O automóvel parara; estávamos de volta à escola. Tirei o guarda-pó de cima de mim e saí do carro depois dele, sentindo-me subitamente bem desperta e feliz. Pena que a minha liberdade estivesse prestes a acabar.

— De volta à prisão — suspirei, caminhando ao lado de Lissa em direção ao refeitório. — Talvez, se você fingisse um ataque do coração, eu conseguiria dar uma escapada.

— Sem as suas roupas? — Ela me entregou uma sacola, e eu a balancei para lá e para cá, contente. — Mal posso esperar para ver você usando o vestido.

— Eu também. Se me deixarem ir. Kirova ainda está decidindo se eu tenho me comportado bem o suficiente.

— Mostre a ela aquelas blusas sem graça que você comprou. Ela é capaz de entrar em coma. Eu estou a ponto de entrar.

Eu ri e subi num dos bancos de madeira, acompanhando-a por lá enquanto ela caminhava ao lado do banco. Pulei de volta para o chão quando o banco chegou ao fim.

— As blusas não são *tão* sem graça assim.

— Não sei o que pensar desta nova Rose tão responsável.

Eu subi em outro banco.

— Eu não sou tão responsável assim.

— Ei — chamou Spiridon. Ele e o resto do grupo caminhavam logo atrás de nós. — Você continua de serviço. Não é permitida nenhuma diversão aqui ainda.

— Sem diversão aqui — gritei de volta, ouvindo o riso entremeado à frase dele. — Eu juro... Droga!

Eu estava andando sobre o terceiro banco, quase no final dele. Meus músculos se tensionaram, então,

prontos para pular para baixo. Só que, quando tentei, meu pé não veio junto comigo. A madeira, que antes parecia sólida e firme, falseou, de repente, sob os meus pés, como se fosse da consistência de um papel. Ela pareceu se desintegrar. Meu pé atravessou a madeira, e o tornozelo ficou preso no buraco, enquanto o resto do meu corpo tentava ir na direção oposta. O banco me impediu, levando-me ao chão e mantendo o meu pé preso. Meu tornozelo entortou numa posição anatomicamente inaceitável. E eu acabei caindo no chão. Ouvi um barulho de coisa quebrando, e não era a madeira. A pior dor da minha vida tomou conta do meu corpo.

E eu então apaguei completamente.

Dezoito

Acordei olhando para o teto enfadonho da clínica da escola. Uma luz filtrada, particularmente confortável para os pacientes Moroi, brilhava sobre mim. Eu me senti meio estranha, um pouco desorientada, mas sem dor.

— Rose.

Aquela voz soou como seda roçando na minha pele. Gentil. Harmoniosa. Virei a cabeça e me deparei com os olhos escuros de Dimitri. Ele estava sentado numa cadeira ao lado da cama, seus cabelos castanhos, na altura dos ombros, caindo para a frente, emoldurando seu rosto.

— Oi — respondi, e minha voz saiu baixa e áspera.

— Como você está se sentindo?

— Estranha. Meio grogue.

— A doutora Olendzki deu a você um remédio para a dor, você estava bem mal quando a trouxemos para cá.

— Eu não me lembro direito... Quanto tempo eu fiquei fora do ar?

— Algumas horas.

— Deve ter sido grave. O meu estado ainda deve ser grave. — Alguns detalhes me voltaram à mente. O banco. Meu tornozelo preso. Não consegui me lembrar de muito mais coisas além disso. Uma sensação de calor e depois de frio e depois de calor novamente. Experimentei mover os dedos do pé que não estava machucado. — Não sinto nenhuma dor.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Não deve sentir. Porque os ferimentos não foram muito graves.

Lembrei-me do som do tornozelo quebrando.

— Você tem certeza? Eu me lembro... o jeito como o torci. Não. Algum osso deve ter quebrado. — Sentei-me na cama, então, para poder examinar meu próprio tornozelo. — Ou pelo menos se deslocado.

Ele se inclinou para a frente para me impedir.

— Tome cuidado. Seu tornozelo pode estar bem melhor, mas você provavelmente ainda está sob o efeito dos analgésicos.

Eu me movimenteí cuidadosamente para a beira da cama e olhei para baixo. As pernas da calça jeans estavam enroladas para cima. O tornozelo parecia um pouco vermelho, mas não tinha qualquer contusão ou ferimento grave.

— Meu Deus, eu tive sorte. Se eu o tivesse machucado, teria que ficar sem treinamento durante um bom tempo.

Sorrindo, ele voltou para a cadeira.

— Eu sei. Você não parava de dizer isso enquanto eu a carregava. Você ficou muito aborrecida.

— Você... Você me carregou até aqui?

— Depois de quebrarmos o banco para podermos arrancar o seu pé de lá.

Caramba. Eu perdera muita coisa. Melhor do que imaginar Dimitri me carregando nos braços só mesmo imaginá-lo sem camisa, me carregando nos braços.

Mas logo me dei conta do que fora tudo aquilo.

— Eu fui derrubada por um banco — grunhi.

— O quê?

— Sobrevivi o dia inteiro como guardiã de Lissa, e vocês me disseram que eu me saí muito bem. Depois, volto para a escola e a minha derrocada logo se daria sob a ação de um banco. — Céus! — Você tem noção do quanto isso é constrangedor? E, além do mais, fui assistida por todas aquelas pessoas.

— Não foi culpa sua — disse ele. — Ninguém sabia que o banco estava podre. Ele parecia em muito bom estado.

— Mesmo assim. Eu deveria ter andado pela calçada, como uma pessoa normal. Os outros aprendizes vão zombar muito de mim quando eu voltar às aulas.

Os lábios dele seguraram um sorriso.

— Talvez alguns presentes possam animá-la.

Eu me ergui um pouco mais na cama.

— Presentes?

Ele acabou abrindo o sorriso e me entregou uma pequena caixa com um bilhete.

— Este é do príncipe Victor.

Surpresa ao saber que Victor me dera alguma coisa, resolvi ler o bilhete. Eram só algumas linhas, rascunhadas às pressas com uma caneta.

Rose

Estou muito feliz de saber que você não sofreu nenhum ferimento grave em decorrência de sua queda. É um verdadeiro milagre. Você parece levar uma vida encantada, e Vasilisa tem sorte de tê-la ao seu lado.

— Isso é muito gentil da parte dele — comentei, abrindo a caixa. Depois vi o que havia dentro. — Uau. Muito gentil mesmo.

Era o colar com o pingente em formato de rosa, aquele que Lissa quisera me dar mas não tivera dinheiro. Eu o segurei, enrolando o cordão nas mãos, deixando que o pingente brilhante, coberto de diamantes, balançasse livremente.

— Dar um presente como este como voto de melhoras parece uma generosidade meio excessiva — observei, lembrando-me do preço da joia.

— Na verdade, ele o comprou para premiar o seu bom desempenho no primeiro dia como guardiã oficial. Ele viu que você e Lissa ficaram olhando o colar na vitrine da loja.

— Uau — foi o máximo que consegui dizer. — Eu não acho que tenha feito um trabalho assim *tão* bom.

— Eu acho.

Com um largo sorriso, coloquei o colar de volta na caixa e o guardei numa mesinha perto da cama.

— Você disse “presentes”, não disse? Tem mais de um?

Ele riu às gargalhadas, e aquele som me envolveu como um abraço carinhoso. Meu Deus, como eu adorava o som do riso dele.

— Este sou eu que estou dando a você.

Ele me entregou uma sacola pequena e simples. Intrigada e ansiosa, eu a abri logo. Um batom. Um brilho para os lábios, e do tipo que eu gosto. Eu reclamara com ele várias vezes que o meu estava acabando, mas nunca pensei que ele tivesse prestado alguma atenção naquilo.

— Como foi que você conseguiu comprar isso lá? Eu vi você o tempo todo no shopping.

— Segredos de guardião.

— E é presente de quê? De primeiro dia como guardiã?

— Não — disse ele simplesmente. — Comprei porque achei que ia deixar você feliz.

Sem nem pensar no que estava fazendo, eu me inclinei para a frente e o abracei.

— Obrigada.

A julgar pela postura rígida dele, eu evidentemente o pegara desprevenido. E, na verdade, peguei a mim mesma desprevenida, também. Mas ele logo relaxou, e quando retribuiu o abraço, descansando as mãos na parte de baixo das minhas costas, eu pensei que ia morrer.

— Estou feliz de você ter melhorado — disse Dimitri. Enquanto falava, sua boca parecia estar quase nos meus cabelos, acima da minha orelha. — Quando eu vi você cair...

— Você pensou: “Caramba, ela é mesmo um fracasso.”

— Não foi isso que eu pensei.

Ele se afastou um pouco para me observar melhor, mas nós não dissemos nada. Os olhos dele eram tão profundos e escuros que eu tive vontade de mergulhar neles naquele exato instante. Olhar bem dentro dos olhos de Dimitri fez com que eu me sentisse com o corpo todo quente, como se houvesse chamas vindo em minha direção. Lentamente, com cuidado, os dedos longos dele se aproximaram e correram pelo meu rosto, traçando uma linha que ia da orelha ao queixo e depois subia pelas bochechas. No primeiro toque da pele dele na minha, senti um calafrio. Ele enrolou uma mecha do meu cabelo num de seus dedos, exatamente como fizera no ginásio.

Engolindo em seco, levantei os olhos da direção dos lábios dele. Eu vinha imaginando como seria beijá-lo. O pensamento me assustava e me excitava ao mesmo tempo, era uma coisa absurda. Eu beijara um monte de garotos e nunca pensara muito sobre isso. Não havia por que fazer tanto drama para beijar mais um — mesmo sendo um cara mais velho. Simplesmente imaginá-lo diminuindo a distância entre nós e trazendo os lábios dele para junto dos meus fez, no entanto, com que o mundo começasse a rodar à minha volta.

Um rumor suave de gente batendo na porta, e eu rapidamente me recostei para trás na cama outra vez. A doutora Olendzki pôs o rosto para dentro do quarto.

— Tive a impressão de ouvir a sua voz. Como está se sentindo?

Ela veio até mim e me fez deitar novamente. Tocou no meu tornozelo e mexeu um pouco nele, verificando se estava muito prejudicado, e finalmente balançou a cabeça em sinal negativo quando terminou o exame.

— Você teve sorte. Fez tanto barulho quando entrou aqui que eu cheguei a pensar que seu pé tivesse sido amputado. Deve ter sido só o susto. — Ela deu um passo atrás. — Eu preferiria que você ficasse fora dos treinamentos amanhã, mas, afora isso, você está liberada.

Dei um suspiro de alívio. Não me lembrava de ter ficado tão histérica de dor. E era, realmente, um pouco constrangedor eu ter dado um ataque. Mas eu estava certa ao imaginar os problemas que teria caso tivesse

de fato quebrado ou torcido o tornozelo. Não podia me dar ao luxo de perder tempo algum na escola; eu precisava fazer as provas e me formar na primavera.

A doutora Olendzki me deu alta e depois saiu do quarto. Dimitri foi até uma outra cadeira e me trouxe meus sapatos e o casaco. Olhando para ele, senti de novo uma onda de calor me varrer todo o corpo, ao lembrar o que acontecera antes de a médica nos interromper e entrar no quarto.

Ele me acompanhou com os olhos enquanto eu calçava um dos sapatos.

— Você tem um anjo da guarda.

— Não acredito em anjos — retruquei. — Acredito em mim, no que eu posso fazer por mim.

— Bem, então você tem um corpo surpreendente. — Eu olhei para ele sem entender bem o que ele estava querendo dizer. — Capaz de alcançar a cura com uma rapidez surpreendente, é isso que eu quero dizer. Eu ouvi falar do acidente...

Ele não especificou de que acidente estava falando, mas só podia ser um. Falar sobre isso era algo que normalmente me incomodava, mas, com ele, eu me senti à vontade para conversar.

— Todo mundo disse que era inacreditável eu ter sobrevivido — expliquei. — Pela posição em que eu estava no carro e pela maneira como ele bateu contra a árvore. O lugar de Lissa era o único seguro. E, no entanto, nós duas saímos do acidente com apenas alguns arranhões.

— E você diz que não acredita em anjos, nem em milagres.

— Não mesmo. Eu...

“É um verdadeiro milagre. Você parece levar uma vida encantada...”

E imediatamente um milhão de pensamentos me vieram à mente com a velocidade de uma metralhadora. Talvez... talvez eu de fato tivesse um anjo da guarda, sim...

Dimitri percebeu na mesma hora a mudança que se operara em mim.

— O que houve?

Tentei, então, me concentrar e alcançar, dentro da minha cabeça, uma ampla visualização do que se passava com Lissa. Tratei de estreitar o laço, desvencilhando-me do efeito dos analgésicos que ainda atuavam no meu organismo. Um pouco dos sentimentos de Lissa foram chegando a mim. Angústia. Perturbação.

— Onde está Lissa? Ela estava aqui?

— Não sei onde está agora. Ela não quis sair do seu lado enquanto eu a trazia para cá. Ficou bem perto da cama até a médica chegar. Você se acalmou no momento em que ela se sentou ao seu lado.

Fechei os olhos e senti como se fosse desmaiar. Eu me acalmara quando Lissa se sentou ao meu lado porque ela eliminara a dor. Porque ela me curara...

Exatamente como fizera na noite do acidente.

Tudo fez sentido de repente. Não era para eu ter sobrevivido. Todos disseram isso. Quem pode imaginar que tipos de ferimentos eu sofrera? Hemorragia interna. Ossos quebrados. Não tinha a menor importância, pois Lissa me curara de tudo, exatamente como curara todo o resto. Era por isso que ela estava inclinada sobre o meu corpo quando eu voltei a mim.

E foi provavelmente por isso que ela desmaiou quando a levaram para o hospital. Ela ficara, durante dias, em estado de completa exaustão depois do acidente. E foi então que a depressão começou. Parecera uma reação normal depois de ela ter perdido a família inteira, mas agora eu me perguntava se não havia algo além disso, se o fato de ter me curado não a teria influenciado também.

Abri a minha mente de novo e tentei alcançá-la, precisava encontrá-la. Se Lissa me curara desta vez também, eu nem podia imaginar o estado em que ela se encontraria agora. O seu estado emocional e a sua

magia estavam ligados um ao outro, e essa cura fora, sem dúvida, uma manifestação de magia de grande intensidade.

A droga havia perdido quase todo o efeito sobre o meu corpo, de modo que eu pude entrar na mente de Lissa num estalo. Era quase fácil para mim agora. Uma onda de emoções me nocautearam, piores do que quando os pesadelos dela me engoliam. Eu nunca sentira algo tão forte vindo dela antes.

Lissa estava sentada no sótão da capela, chorando. Ela também não sabia exatamente por que estava chorando. Sentia-se feliz e aliviada por eu estar fora de perigo e por ela ter conseguido me curar. Ao mesmo tempo, sentia-se fraca física e mentalmente. Ela queimava por dentro, como se tivesse perdido uma parte de si mesma. Preocupava-se com a possibilidade de eu me zangar por ela ter usado seus dons para me curar. Temia enfrentar mais um dia na escola, fingindo gostar de conviver com gente cujos únicos interesses eram gastar o dinheiro dos pais e debochar dos menos bonitos e menos populares. Ela também não queria ir ao baile com Aaron e vê-lo olhar o tempo todo para ela com tamanha adoração — ou ter que sentir o toque dele em seu corpo — quando tudo que ela sentia por ele era amizade.

Essas eram inquietações normais, mas que a atingiam duramente, de modo muito mais incisivo do que atingiriam uma pessoa comum, pensei. Ela não conseguia pôr os sentimentos em ordem, nem descobrir como se livrar deles.

— Você está bem?

Ela olhou para cima e afastou os cabelos grudados sobre o seu rosto coberto de lágrimas. Christian estava de pé na entrada do sótão. Ela nem o ouvira subir as escadas. Estava presa demais na própria aflição. Uma centelha de desejo e também de raiva faiscou dentro dela.

— Estou bem — reagiu ela, com rispidez. Fungando, tentou conter as próprias lágrimas para que ele não visse a sua fraqueza.

Recostando-se contra a parede, Christian cruzou os braços, e o seu rosto tomou uma expressão indecifrável.

— Você... você quer conversar?

— Ah... — Ela deu uma risada irônica. — Agora você quer conversar? Depois de eu ter tentado tantas vezes...

— Eu não quis fazer isso! Foi a Rose...

Ele se deteve, e eu cheguei a estremecer. Senti que seria descoberta de vez.

Lissa se ergueu e caminhou com firmeza até ele.

— O que é que tem a Rose?

— Nada. — A máscara de indiferença voltou a dominar a fisionomia dele. — Esqueça.

— *O que é que tem a Rose?* — Ela chegou mais perto. Em meio a toda a raiva, Lissa ainda sentia uma atração inexplicável por ele. E então compreendeu. — Ela fez com que você parasse de falar comigo, não foi? Ela disse a você para não falar mais comigo?

Christian manteve os olhos fixos num ponto à frente dele.

— Talvez tenha sido o melhor a fazer mesmo. Eu só teria complicado as coisas para você. Você não estaria na posição em que está agora.

— O que você está querendo dizer com isso?

— O que você acha? Meu Deus. As pessoas vivem ou morrem em obediência aos seus comandos agora, Sua Alteza.

— Você está exagerando um pouco.

— Estou? O dia inteiro eu ouço as pessoas falarem sobre o que você está fazendo e sobre o que está

pensando e sobre o que está vestindo. Se você aprovaria tal atitude. De quem você gosta. Quem você odeia. Eles são as suas marionetes.

— Não é bem assim. Além do mais, fui forçada a fazer isso. Para me vingar de Mia...

Revirando os olhos com ironia, Christian olhou para longe dela.

— Você já nem sabe mais por que exatamente está se vingando dela.

Lissa teve uma explosão de raiva.

— Foi Mia que fez Jesse e Ralf dizerem aquelas coisas sobre Rose! Eu não podia deixar que ela se safasse disso.

— Rose é forte. Ela teria superado aqueles comentários.

— Você não a viu — continuou Lissa, obstinada. — Ela chegou a chorar.

— E daí? As pessoas choram. *Você está chorando.*

— Rose não. Ela não é assim.

Ele se virou de costas para ela, e um sorriso ambíguo se formou em seus lábios.

— Eu nunca vi uma amizade como a de vocês duas. Sempre tão preocupadas uma com a outra. Eu entendo o lance dela, algum tipo estranho de obsessão de guardião, mas você se comporta da mesma forma.

— Ela é minha amiga.

— Talvez seja simples assim. Não sei. — Ele suspirou, ficou pensativo por um momento, depois retomou o sarcasmo e disse: — Não importa. Mia. Você se vingou por causa do que ela fez com a Rose. Mas está esquecendo de se perguntar uma coisa. *Por que* ela fez aquilo?

Lissa franziu as sobrancelhas.

— Porque ela tinha ciúmes de mim com Aaron...

— Tem mais coisa aí, princesa. Por que ela teria ciúmes? Ela já estava com ele. Não precisava atacar você para garantir o namoro. Ela poderia simplesmente ter feito do relacionamento deles um grande espetáculo. Um pouco como o que você está fazendo agora — acrescentou ele, com amargura.

— Está bem. O que mais tem aí, então? Por que ela quis destruir a minha vida? Eu nunca fiz nada a ela... quer dizer, antes de tudo isso.

Christian se inclinou para a frente, e seus olhos de um azul cristal pareceram se derramar para dentro dos de Lissa.

— Tem razão. Você não fez nada a ela, mas o seu irmão fez.

Lissa se afastou dele.

— Você não sabe nada sobre o meu irmão.

— Eu sei que ele fodeu com a Mia. Literalmente.

— Pare com isso, pare de mentir.

— Não estou mentindo. Juro por Deus ou pelo que mais você quiser acreditar. Eu costumava conversar com Mia de vez em quando; isso foi no começo, quando ela ainda estava no primeiro ano. Ela não era muito popular, mas era inteligente. Ainda é. Ela costumava trabalhar em muitos comitês com os alunos da realeza. Bailes e coisas assim. Eu não sei toda a história. Mas ela acabou conhecendo o seu irmão num desses comitês, e eles meio que ficaram juntos.

— Não ficaram. Eu saberia. Andre teria me contado.

— Não. Ele não contou a ninguém. E pediu a ela para não contar também. Ele a convenceu de que aquilo deveria ser uma espécie de segredo romântico entre os dois, quando, na verdade, ele não queria era que os amigos descobrissem que ele estava transando com uma caloura que, ainda por cima, nem era da realeza.

— Se foi Mia quem contou isso a você, ela estava mentindo — exclamou Lissa.

— É? Bem, eu não acho que ela estivesse mentindo quando eu a vi chorando. Ele se cansou dela depois de algumas semanas e terminou tudo. Disse que ela era muito nova e que ele não poderia ter um relacionamento sério com alguém que não fosse de uma família do mesmo nível que a dele. Pelo que eu entendi, ele não foi nada gentil quando terminou com ela. Nem se preocupou em dizer coisas do tipo “vamos ser amigos daqui para frente” ou algo do gênero.

Lissa ficou bem perto do rosto de Christian.

— Você nem *conheceu* o Andre! Ele jamais teria feito algo assim.

— Quem não o conhecia era *você*. Tenho certeza de que ele era legal com a irmãzinha mais nova; tenho certeza de que ele amava você. Mas, na escola, com os amigos dele, ele era tão babaca quanto o resto dos alunos da realeza. Eu prestava atenção nele porque presto atenção em tudo. É fácil observar as pessoas quando ninguém nota a sua presença.

Ela segurou um soluço de choro, sem saber se acreditava nele ou não.

— Então é *por isso* que Mia me odeia?

— É. Ela odeia você por causa dele. Por isso e porque você é de uma família real, e ela se sente insegura perto de toda a realeza, e foi por isso que ela se esforçou tanto para mudar de lugar na escala social e ficar amiga deles. Acho que o fato de ela ter namorado o seu ex foi apenas uma coincidência, mas, agora que vocês voltaram, isso provavelmente piorou ainda mais as coisas. Ao roubar dela o namorado e ao espalharem aquelas histórias sobre os seus pais, vocês duas escolheram as maneiras mais eficazes de fazê-la sofrer. Bom trabalho o de vocês.

Uma pequena pontada de culpa a golpeou por dentro.

— Eu ainda acho que você está mentindo.

— Eu sou muitas coisas, mas não sou mentiroso. Esse é o seu departamento. E o de Rose.

— Nós não...

— Não exageram histórias sobre as famílias das pessoas? Não dizem que me odeiam? Não fingem ser amigas de pessoas que consideram imbecis? Não namoram caras de quem não gostam?

— Eu gosto dele.

— Gosta ou *gosta*?

— Ah, e tem diferença?

— Tem. Gostar é quando você namora um babaca alto e louro e ri das piadas sem graça dele.

E depois, do nada, ele se inclinou para frente e a beijou. Foi um beijo quente, rápido e furioso, uma efusão da raiva, da paixão e do desejo que Christian sempre mantivera trancados dentro de si. Lissa nunca fora beijada daquele jeito, e eu senti que ela correspondeu ao beijo, correspondeu a *ele*. Ele de fato conseguia fazer com que ela se sentisse bem mais viva do que com Aaron ou com qualquer outro.

Christian interrompeu o beijo, mas manteve o rosto próximo ao dela.

— É isso que você faz com alguém de quem você *gosta*.

O coração de Lissa bateu forte de fúria e de desejo.

— Eu não gosto nem *gosto* de você. E acho que você e Mia estão, os dois, mentindo quanto a Andre. Aaron nunca inventaria uma coisa dessas.

— Claro. Pois Aaron não diz nada em que precise usar palavras de mais de uma sílaba.

Ela se afastou.

— Vá embora. Saia de perto de mim.

Ele olhou em volta com um ar divertido.

— Você não pode me expulsar daqui. Nós dois adotamos este lugar.

— Vá... embora! — gritou ela. — Eu odeio você!

Ele fez uma reverência.

— Como quiser, Alteza. — E, lançando-lhe um último olhar triste, ele se retirou do sótão.

Lissa caiu de joelhos, dando vazão às lágrimas que segurara na frente de Christian. Eu mal pude discernir todas as coisas que a estavam magoando. Só Deus sabe as coisas que me magoavam, como a história com Jesse, mas elas não me afetavam do mesmo jeito que atingiam Lissa. Nela, os sentimentos viravam um furacão, perturbando sua mente. As histórias sobre Andre. O ódio de Mia. O beijo de Christian. O dom da cura que aplicara em mim. Isso, sim, eu me dei conta, é que era uma depressão de verdade. Era isso a loucura.

Dominada por aqueles sentimentos, afogando-se na própria dor, Lissa tomou a única decisão possível para ela. Fez a única coisa que podia fazer para canalizar todas aquelas emoções para fora de si. Abriu a sua bolsa e encontrou a pequena lâmina que sempre carregava...

Sentindo-me mal com isso, e, ainda assim, não conseguindo sair de dentro da cabeça dela, eu percebi quando ela cortou o braço esquerdo, traçando marcas perfeitas na sua pele branca. Como sempre, ela evitou as veias, mas os cortes foram mais profundos dessa vez. Os talhos a feriram terrivelmente. Ao fazer isso, no entanto, ela podia se concentrar na dor física e se distrair da angústia mental, tendo assim a sensação de estar sob controle.

Gotas de sangue se espalharam pelo chão empoeirado, e o mundo dela começou a girar. Ver o próprio sangue a intrigou. Ela tirara sangue dos outros a vida toda. De mim. Dos fornecedores. Agora ele estava ali, escorrendo para fora dela. Dando um risinho nervoso, Lissa concluiu que aquilo tinha lá a sua graça. Talvez ao deixar sair o sangue, ela o estivesse devolvendo àqueles de quem ela o privara. Ou talvez estivesse apenas se desfazendo dele, do sagrado sangue Dragomir que obcecava a todos.

Eu me forcara a entrar na cabeça dela, e agora não achava um jeito de sair. Suas emoções tinham se transformado numa armadilha da qual eu não conseguia escapar, pois eram fortes e poderosas demais. Mas eu precisava escapar — cada pedaço do meu ser estava ciente disso. Eu precisava impedi-la. Ela estava enfraquecida demais por causa da cura para perder tanto sangue. Estava na hora de contar a alguém.

Consegui finalmente escapar e me vi de volta à clínica. As mãos de Dimitri em mim gentilmente me sacudiam enquanto ele repetia diversas vezes o meu nome, numa tentativa até então frustrada de chamar a minha atenção. A doutora Olendzki estava de pé ao meu lado, com uma expressão sombria e preocupada.

Olhei fixamente para Dimitri, e vi o quanto ele realmente se preocupava comigo e gostava de mim. Christian me dissera para procurar ajuda, para procurar alguém em quem eu confiasse e contar a respeito de Lissa. Eu ignorara o conselho dele porque não confiava em mais ninguém a não ser nela. Ao olhar agora para Dimitri, porém, e com aquela sensação de compreensão mútua que eu compartilhava com ele, percebi que havia, sim, mais alguém em quem eu confiava.

Senti a minha voz falhando enquanto eu dizia:

— Eu sei onde ela está. Lissa. Nós temos que ajudá-la.

Dezenove

É difícil dizer o que me levou a fazer aquilo, afinal. Foram tantos segredos, e guardados por tanto tempo, apenas porque eu acreditava que era o melhor para Lissa, para preservá-la em segurança. Esconder o corte nos pulsos, no entanto, não a protegia em nada. Eu não conseguira fazê-la parar com a automutilação — e, para falar a verdade, eu agora me perguntava se, na realidade, não teria sido culpa minha ela ter começado a se cortar. Nada desse tipo jamais acontecera até ela me curar logo após o acidente. E se ela tivesse me deixado ferida? Talvez eu até tivesse me recuperado. E talvez hoje ela estivesse bem.

Fiquei na clínica enquanto Dimitri foi buscar Alberta. Ele não hesitou um segundo sequer quando eu lhe contei onde Lissa estava. Eu disse que ela estava correndo perigo, e ele saiu imediatamente.

Tudo o que aconteceu depois disso foi como um pesadelo em câmera lenta. Os minutos se arrastavam enquanto eu permanecia na expectativa. Quando ele finalmente reapareceu, trazendo Lissa inconsciente, uma forte agitação tomou conta da clínica, e todos queriam me deixar longe do tumulto. Ela perdera muito sangue. Um fornecedor era mantido à disposição ali o tempo todo, mas ficava difícil fazer com que ela recuperasse a consciência a ponto de poder se reabastecer por conta própria. Foi só no meio da noite que alguém a considerou estável o bastante para que eu pudesse visitá-la.

— É verdade? — perguntou ela, assim que eu entrei na sala. Ela estava lá, deitada, com os pulsos fortemente enfaixados. Eu sabia que eles tinham sido obrigados a realizar uma transfusão de grande quantidade de sangue em Lissa, mas ela ainda me parecia pálida. — Eles disseram que foi você. Você que contou a eles.

— Tive que contar — retruquei, temendo chegar muito perto dela. — Liss... você fez cortes mais profundos do que das outras vezes. Depois de me curar... ainda houve tudo aquilo com Christian... e você não aguentou. Você precisava mesmo de ajuda.

Ela fechou os olhos.

— Christian. Você sabe disso também. É claro que você sabe. Você sabe de tudo.

— Desculpe. Eu só quis ajudar.

— O que aconteceu com a fidelidade ao que a professora Karp recomendou? Sobre manter tudo em segredo?

— Ela estava falando de outras coisas. Não acredito que ela gostasse da ideia de você continuar se cortando.

— Você contou a eles sobre as “outras coisas”?

Fiz que não com a cabeça.

— Ainda não.

Ela se virou para mim com um olhar gélido.

— “Ainda”. Quer dizer que vai contar, então.

— Eu tenho que contar. Você tem o dom de curar outras pessoas, o problema é que isso está matando você.

— Eu curei *você*.

— Eu acabaria ficando bem. O tornozelo teria se recuperado. Se é pra você sofrer desse jeito depois da cura, então não vale a pena usá-la. E acho que sei como isso começou... Foi quando você me curou pela primeira vez...

Eu expliquei a ela, então, a revelação que eu tivera sobre o acidente e sobre o fato de todos os poderes e as depressões dela terem começado a se manifestar depois disso. Eu também a alertei para o fato de o nosso laço ter se formado depois do acidente, embora eu ainda não pudesse compreender inteiramente por quê.

— Não sei o que está acontecendo, mas isso vai além do que nós duas podemos suportar sozinhas. Precisamos da ajuda de alguém.

— Eles vão me levar embora — disse ela, apática. — Como fizeram com a professora Karp.

— Acho que vão tentar ajudar você. Estavam todos realmente preocupados. Liss, eu estou fazendo isso por você. Só quero que você fique bem.

Ela virou o rosto para mim.

— Vá embora, Rose.

Eu fui.

Eles lhe deram alta na manhã seguinte, sob a condição de que ela voltasse diariamente à clínica para consultas com o terapeuta. Dimitri me disse que eles também estavam pensando em medicá-la para auxiliar, desse modo, no tratamento da depressão. Eu não era uma grande fã de remédios, mas apoiaria qualquer coisa capaz de ajudá-la.

Infelizmente algum estudante do segundo ano esteve na clínica com uma crise de asma. E ele a viu entrar com Dimitri e Alberta. Mesmo sem saber por que ela estava sendo internada, isso não o impediu de contar a todos do seu andar o que presenciara. Eles então contaram a outros alunos na hora do café da manhã. No almoço, todos os alunos do último ano já sabiam da passagem de Lissa pela clínica na noite anterior.

E o que era mais importante, todos sabiam que ela não estava mais falando comigo.

De uma hora para outra, todo o pequeno progresso social que eu fizera foi por água abaixo. Lissa não me condenou diretamente, mas o seu silêncio falou por ela, e as pessoas reagiam ao que lhes era dado perceber.

Vaguei pela Escola o dia inteiro como um fantasma. As pessoas ficavam me observando e de vez em quando me cumprimentavam, mas poucos esboçaram qualquer esforço maior do que esse. Eles seguiam os comandos de Lissa, e imitavam o silêncio dela. Ninguém foi explicitamente maldoso comigo — talvez tivessem medo de arriscar, caso nós duas fizéssemos as pazes. Mesmo assim, quando pensavam que eu não estava ouvindo, surgiam alguns sussurros aqui e ali que me apontavam de novo como “prostituta de sangue”.

Mason, de bom grado, teria me convidado para a mesa dele, durante o almoço, mas alguns de seu grupo talvez não fossem tão gentis comigo quanto ele. Eu não quis ser o pivô de uma briga entre ele e os amigos. Então escolhi me sentar com Natalie.

— Ouvi dizer que Lissa tentou fugir novamente e que você a impediu — disse Natalie. Ninguém fazia ideia do motivo que a levara à clínica. Eu tinha esperanças de que nunca descobrissem.

Tentou fugir? De onde diabos eles tiraram essa ideia?

— Por que ela faria isso?

— Não sei. — Ela baixou o volume de sua voz. — Por que ela teria querido fugir antes? Foi só o boato que eu ouvi.

A história foi ganhando corpo ao longo do dia, ao lado de todas as outras fofocas sobre os motivos que teriam feito Lissa ir parar na clínica no meio da noite. Teorias ligadas a gravidez e aborto sempre faziam sucesso. Alguns cochichavam que seu organismo talvez tivesse desenvolvido a mesma doença de Victor. Ninguém chegou nem perto da verdade.

Ao sair o mais rápido que pude da nossa última aula, fiquei pasma ao ver que Mia caminhava na minha direção.

— O que você quer? — indaguei. — Não posso descer para o playground para brincar hoje, garotinha.

— Você realmente mantém uma arrogância impressionante para alguém que neste momento parece ter simplesmente deixado de existir.

— Ao contrário de você? — perguntei. Lembrando-me do que Christian contara, senti um pouco de pena dela. A culpa desapareceu, todavia, assim que eu olhei bem para a cara de Mia. Ela pode ter sido uma vítima, mas agora era um monstro. Tinha um olhar frio e cheio de malícia, bem diferente da expressão de desespero e abatimento que exibira alguns dias antes. Ela não fora derrotada pelo que Andre fizera com ela... se é que aquilo era mesmo verdade, e eu até acreditava que fosse... E eu também duvidava que Lissa pudesse derrotá-la inteiramente. Mia era uma sobrevivente.

— Lissa se livrou de você, e você é orgulhosa e durona demais para admitir isso. — Os olhos azuis de Mia praticamente saltaram para fora. — Você não quer se vingar dela?

— Será que você está ficando ainda mais insana do que o habitual? Ela é a minha melhor amiga. E por que é que você continua atrás de mim?

Mia fez um gesto de decepção.

— Ela não está agindo como se fosse sua melhor amiga. Vamos, conte para mim o que aconteceu na clínica. Foi alguma coisa séria, não foi? Ela está mesmo grávida? Pode me contar.

— Vá embora.

— Se você me contar, eu faço com que Jesse e Ralf espalhem que eles inventaram aquilo tudo a seu respeito.

Parei de caminhar e me virei para olhar bem para a cara dela. Assustada, ela deu alguns passos para trás. Deve ter se lembrado de algumas das minhas ameaças de violência física.

— Eu já sei que eles inventaram aquilo tudo, porque eu não *fiz* nada daquilo. E se você tentar me colocar contra Lissa mais uma vez, as histórias vão ser sobre *você* arrebitada e sangrando, porque eu vou ter cortado a sua garganta!

O tom da minha voz foi ficando mais alto a cada palavra que eu dizia, até que, no final, eu já estava praticamente gritando. Mia deu mais alguns passos para trás, com uma expressão apavorada.

— Você é mesmo louca. Não é de admirar que ela tenha largado você. — Mia deu de ombros. — Não importa. Vou descobrir o que aconteceu sem precisar da sua ajuda.

Quando chegou o dia do baile, naquele fim de semana, eu decidi que não queria realmente ir. A ideia já me parecera idiota desde o começo, e eu só me interessara de fato pelas festinhas que costumavam acontecer depois. Sem Lissa, porém, era bem pouco provável que eu conseguisse permissão para entrar nelas. Em vez disso, fiquei enfiada no quarto tentando fazer os meus deveres escolares — e fracassando nesse propósito.

Através do laço, senti todo tipo de emoção que me vinha de Lissa, principalmente angústia e excitação. Devia ser duro passar uma noite inteira às voltas com alguém de quem você não gostasse de verdade.

Uns dez minutos depois da hora marcada para o início do baile, decidi guardar todos os livros e cadernos e tomar um banho. Quando saí do banheiro e vim caminhando pelo corredor, com uma toalha enrolada na cabeça, vi Mason de pé do lado de fora do meu quarto. Ele não estava propriamente arrumado, mas também não estava usando jeans. Já era um começo.

— Aí está você, garota festeira. Eu estava prestes a desistir.

— Você pôs fogo em alguma coisa outra vez? Não é permitida a entrada de garotos neste andar.

— Até parece. Como se isso fizesse alguma diferença. — Era verdade. A Escola podia até ser capaz de manter os Strigoi a distância, mas não se saía nada bem quando o assunto era manter-nos afastados uns dos outros. — Deixe-me entrar. Você precisa se aprontar.

Demorei ainda um instante para me dar conta do que ele estava dizendo.

— Não, eu não vou.

— Ah, vamos — me incitou ele, seguindo-me para dentro do quarto. — É porque você brigou com Lissa? Vocês vão fazer logo as pazes. Não há motivo para você ficar aqui dentro a noite toda. Se você não quiser estar no mesmo lugar que ela, Eddie vai reunir um grupo no quarto dele mais tarde.

Meu velho espírito de garota que gosta de um bom divertimento pareceu se reerguer um pouquinho. Lissa não estaria lá. E provavelmente nenhum outro aluno da realeza também.

— É mesmo?

Vendo que estava começando a me convencer, Mason abriu um sorriso largo. Olhei em seus olhos e vi, mais uma vez, o quanto ele gostava de mim. E mais uma vez, pensei comigo mesma: por que eu não podia simplesmente ter um namorado normal? Por que eu queria justo o meu instrutor, tão sedutor e mais velho — instrutor por cuja demissão eu acabaria sendo responsável?

— Só os aprendizes vão estar lá — continuou Mason, ignorando o que me passava pela cabeça. — E, quando chegarmos lá, eu tenho uma surpresa para você.

— E essa surpresa não estará por acaso dentro de uma garrafa? — Se Lissa queria me ignorar, eu não tinha por que ficar sóbria naquela noite.

— Não, mas isso, com certeza, a festinha no quarto de Eddie vai ter. Depressa, vista-se logo. Eu sei que você não vai vestida assim.

Olhei então para os meus próprios trajes, para minha calça jeans desfiada e para a camiseta da Universidade de Oregon que eu estava usando. É, definitivamente, eu não sairia vestida daquele jeito.

Quinze minutos depois, nós atravessamos o pátio quadrangular em direção ao refeitório, divertindo-nos ao lembrar como um colega nosso, especialmente desajeitado, ganhara um olho roxo na aula naquela semana. Não era fácil andar rápido pelo chão congelado quando se estava usando um par de sapatos de salto alto, e volta e meia Mason me segurava pelo braço para evitar que eu caísse, quase me arrastando pelo caminho. E isso nos fez rir ainda mais. Um sentimento de alegria começou a crescer dentro de mim — eu não me livrara completamente da dor por Lissa não estar falando comigo, mas aquela animação já era um começo. Talvez eu não pudesse estar com ela e com os amigos dela, mas eu tinha os meus próprios amigos. Era bem provável também que eu tomasse um porre daqueles durante a noite, o que, se não era a melhor maneira de resolver os meus problemas, ao menos me divertiria. É isso aí. Minha vida podia ser bem pior.

Foi então que nós nos deparamos com Dimitri e Alberta.

Eles iam para algum outro lugar, cuidando de seus afazeres de guardiões. Alberta sorriu quando nos viu, e nos lançou aquele olhar benevolente que as pessoas mais velhas sempre lançam para jovens que parecem

estar se divertindo e agindo de modo tolo. Como se nos achasse bonitinhos. O que me irrita bastante. Nós demos uma freada brusca, e Mason colocou a mão no meu braço para me estabilizar.

— Senhor Ashford, senhorita Hathaway. Estou surpresa de vocês ainda não estarem no refeitório.

Mason armou para ela um sorriso angelical de aluno queridinho do professor.

— Nós nos atrasamos, guardiã Petrov. Sabe como são as garotas. Têm sempre que estar perfeitas. A senhora, mais do que qualquer outra pessoa, deve saber como é isso.

Normalmente eu teria dado uma cotovelada nele por dizer uma coisa tão idiota, só que, naquele momento, eu olhava fixamente para Dimitri e perdera totalmente a fala. Mas o mais importante era que Dimitri também não tirava os olhos de mim.

Eu estava com o vestido preto, e o efeito que ele causava era precisamente o que eu esperara. Na verdade foi um verdadeiro milagre Alberta não ter chamado ali mesmo a minha atenção para as regras de vestimenta da escola. O tecido se colava perfeitamente ao meu corpo, e nenhuma garota Moroi teria seios capazes de sustentar aquele vestido. A rosa que Victor me dera estava pendurada no meu pescoço, e eu fizera uma bela escova no cabelo, deixando-o solto, exatamente como eu sabia que Dimitri gostava. Não estava usando meias finas, porque ninguém mais usava meias com vestidos como aqueles, então os meus pés congelavam em cima dos saltos. Tudo pela beleza.

E eu tinha certeza de que estava mesmo estonteante, embora o rosto de Dimitri não manifestasse qualquer admiração. Ele apenas olhava para mim — olhava, olhava e não parava de olhar. Talvez isso, na verdade, dissesse alguma coisa sobre a minha aparência. Lembrando-me de que Mason estava meio que segurando a minha mão, eu me afastei um pouco dele. Mason e Alberta terminaram os comentários brincalhões, e nós seguimos por caminhos opostos.

A música estava alta no refeitório quando chegamos. Havia pequenas luzes brancas como as que se usam no Natal, e um globo de espelhos (credo) distribuía a única luz que iluminava a sala escura. Corpos rodopiavam, os de quase todos os alunos do primeiro e do segundo anos, enchendo a pista de dança. Os mais velhos, da nossa idade, se aglomeravam em pequenos grupos com ar de gente que se considerava importante demais para estar ali, e que, nos cantos da sala, esperava o momento oportuno para escapulir. Um grande e variado grupo de inspetores, guardiões e professores Moroi patrulhava tudo, separando, às vezes, certos casais que pareciam cometer excessos na pista de dança.

Quando eu vi Kirova com um vestido xadrez sem mangas, virei-me para Mason e disse:

— Você tem certeza de que ainda não podemos atacar as bebidas fortes?

Ele riu e me pegou pela mão novamente.

— Venha, está na hora da sua surpresa.

Deixando que ele me guiasse, eu atravessei a sala, passando pelo grupo de alunos do primeiro ano que subitamente pareceram jovens demais para movimentos pélvicos como aqueles. Onde estavam os inspetores quando de fato se precisava deles? Percebi então para onde Mason estava me levando e dei uma freada brusca.

— Não — disse, mantendo-me imóvel enquanto ele se esforçava para me puxar pela mão.

— Vamos, vai ser ótimo.

— Você está me levando até Jesse e Ralf. E eu só teria interesse em me aproximar deles se trouxesse comigo algum objeto cortante, e se pudesse mirar entre as pernas dos dois.

Ele me puxou novamente.

— Não precisa mais de nada disso. Venha.

Relutante, finalmente voltei a me mover: meus piores temores pareceram se concretizar quando alguns

pares de olhos se viraram em nossa direção. Ótimo. Estava tudo começando de novo. Jesse e Ralf não perceberam de cara a nossa presença, mas, quando nos viram, uma divertida sucessão de expressões desfilou pela fisionomia deles. Primeiro viram meu corpo e meu vestido. A testosterona tomou conta deles, e a lascívia masculina em estado puro se escancarou em seus rostos. Depois se deram conta de que aquela era eu e ficaram imediatamente aterrorizados. Aquilo foi maravilhoso.

Mason deu uma cutucada brusca no peito de Jesse com a ponta do indicador.

— Vamos lá, Zeklos. Conte a ela.

Jesse não disse nada, e Mason repetiu o gesto, só que com mais força.

— Conte a ela.

Sem me olhar nos olhos, Jesse murmurou:

— Rose, nós sabemos que nada daquilo aconteceu.

Eu quase engasguei com a minha própria gargalhada.

— Vocês *sabem*? Puxa. Estou muito feliz de ouvir isso. Porque, veja só, até você me dizer isso, eu estava mesmo achando que aquilo tinha *realmente* acontecido. Graças a Deus que vocês estão aqui para colocar a minha cabeça no lugar e contar para mim que diabos eu fiz ou deixei de fazer!

Eles estremeceram, e a expressão brincalhona de Mason tomou um aspecto mais grave.

— Ela sabe disso — grunhiu ele. — Diga a ela o resto.

Jesse suspirou.

— Nós inventamos aquilo porque Mia mandou.

— Que mais? — instigou Mason.

— E nós queremos pedir desculpas a você.

Mason se virou para Ralf.

— Eu quero ouvir de você também, garanhão.

Ralf também não teve coragem de me olhar nos olhos, mas resmungou alguma coisa que parecia vagamente um pedido de desculpas.

Ao vê-los derrotados, Mason se animou.

— Você ainda não ouviu a melhor parte.

Lancei um olhar enviesado para ele.

— É? Como assim? A parte em que nós voltamos no tempo e nada disso aconteceu?

— A próxima parte é a melhor. — Mason cutucou Jesse novamente. — Conte a ela. Conte a ela *por que* vocês fizeram aquilo.

Jesse levantou os olhos e trocou olhares apreensivos com Ralf.

— Olhem, rapazes — advertiu Mason, claramente deliciado com tudo aquilo —, vocês estão deixando Hathaway e eu muito zangados. Contem a ela por que vocês fizeram aquilo.

Com o olhar de quem percebe que as coisas não podiam ficar piores, Jesse finalmente me encarou e contou tudo.

— Nós fizemos aquilo porque ela dormiu com a gente. Com nós dois.

Vinte

Eu fiquei boquiaberta.

— O quê? Espere aí... Vocês estão falando de *sexo*?

A perplexidade não me deixou pensar numa resposta melhor. Mason achou graça. Jesse parecia querer morrer.

— É claro que estou falando de sexo. Ela disse que transaria com a gente se nós contássemos que nós... Você sabe...

Eu fiz uma expressão maldosa.

— Mas não foi ao mesmo tempo, foi? Quer dizer, vocês não transaram com ela ao mesmo tempo, ou transaram?

— Não — disse Jesse, com nojo. Ralf fez cara de quem não teria se importado.

— Meu Deus — murmurei, tirando uma mecha de cabelo que caía no meu rosto. — Não posso acreditar que ela nos odeie a esse ponto.

— Epa — exclamou Jesse, percebendo o que eu estava insinuando. — O que você está querendo dizer com isso? Nós não somos tão horríveis assim. E você e eu... estivemos bem perto de...

— Não. Nós não estivemos *nem* perto de algo assim. — Mason gargalhou novamente, e eu me dei conta de uma coisa. — Se isso... Se isso aconteceu naquela época, então... ela ainda devia estar namorando Aaron quando fez esse acordo.

Todos os três fizeram que sim com a cabeça.

— Uau. Caramba.

Mia *realmente* nos odiava. De uma pobre garota ingênua, enganada pelo irmão de outra, para uma verdadeira sociopata, ela passou direto de um extremo a outro. Dormiu com aqueles dois e traiu o namorado que ela parecia adorar.

Jesse e Ralf aparentaram ficar incredivelmente aliviados quando nós os deixamos. Mason descansou o braço em volta dos meus ombros.

— E então? O que você achou? Eu me saí bem, não foi? Pode dizer. Não me importo em ouvir.

Eu ri.

— Como foi afinal que você descobriu isso tudo?

— Eu contava com certas coisas a meu favor. Fiz algumas ameaças. E o fato de Mia não estar em condições de revidar também ajudou.

Lembrei-me de Mia me abordando no outro dia. Não achei que ela estivesse exatamente desamparada, mas não disse isso a Mason.

— Eles vão começar a contar tudo para as pessoas na segunda-feira — prosseguiu Mason. — Eles me prometeram. Na hora do almoço, todos já estarão sabendo.

— E por que não agora? — perguntei, zangada. — Eles dormiram com uma garota. Para ela é muito pior do que para eles.

— É. Você tem razão. Eles não queriam ter que lidar com isso esta noite. Mas você poderia começar a contar para as pessoas, se você quisesse. Nós podíamos fazer uma faixa.

Será que podíamos fazer uma faixa com a quantidade de vezes que Mia me chamara de piranha e de prostituta? Até que não era má ideia.

— Você tem pilot e papel...?

Minhas palavras se perderam quando eu olhei para fora do ginásio, para onde estava Lissa, rodeada de admiradores, com o braço de Aaron à volta da sua cintura. Ela estava com um vestido cor-de-rosa lustroso colado ao corpo, num tom que nunca ficaria bem em mim, por exemplo. Seu cabelo louro estava preso num coque enfeitado com pequenos grampos de cristal. Ela quase parecia estar usando uma coroa. Princesa Vasilisa.

Os mesmos sentimentos que eu percebera mais cedo, através do laço, me vieram outra vez, angústia e excitação. Ela simplesmente não estava conseguindo se divertir essa noite.

Espreitando no escuro, observando-a do outro lado da sala, estava Christian. Ele praticamente se confundia com as sombras.

— Pare com isso — Mason me repreendeu, vendo que eu olhava para lá. — Não se preocupe com ela esta noite.

— É difícil não me preocupar.

— Isso a faz ficar deprimida. E você está bonita demais com esse vestido para se deixar entristecer. Vamos, veja só o Eddie ali.

Ele me arrastou dali, mas eu ainda lancei um último olhar para Lissa sobre o ombro. Nossos olhares se cruzaram rapidamente. Senti uma pontada de tristeza através do laço.

Mas eu a empurrei para fora da minha cabeça — figurativamente falando — e dei um jeito de fazer uma cara feliz quando nos juntamos a um grupo de outros aprendizes. Nós ganhamos muitos pontos quando contamos a eles o escândalo de Mia, e, mesquinha ou não, ver o meu nome limpo e me vingar dela foi uma sensação boa demais. Quando o grupo se desfez e os que estavam conversando conosco se afastaram e se misturaram a outras pessoas, pude acompanhar como as novidades iam se espalhando a perder de vista. A história era tão quente que não dava mesmo para esperar até segunda-feira.

Deixei para lá. Não estava me importando. Estava realmente me divertindo. Consegui me sentir bem no meu antigo papel, alegre ao me dar conta de que não estava enferrujada demais para fazer comentários divertidos ou mesmo para paquerar. Porém, à medida que o tempo foi passando e que se aproximava a hora da festa de Eddie, comecei a sentir a inquietude de Lissa se intensificando. Franzindo o cenho, eu parei de repente de falar e comecei a percorrer a sala com os olhos, procurando por ela.

Lá estava Lissa. Ainda no meio de um grupo de pessoas, como se fosse o sol do seu pequeno sistema solar. Mas Aaron se inclinava para mais perto dela, sussurrando algo no seu ouvido. Um sorriso, que eu percebi ser falso, estava pregado ao seu rosto, e a irritação e a inquietude que me vinham dela aumentaram ainda mais.

Até que alcançaram o seu ponto mais alto. Foi quando Mia se aproximou deles.

Fosse lá o que tivesse a dizer, ela não perdeu muito tempo e saiu falando. Com os olhos dos admiradores de Lissa voltados para ela, a pequena Mia, com seu vestido vermelho, fazia gestos largos, e sua boca se mexia animadamente. Do outro lado da sala, eu não conseguia ouvir o que ela dizia, mas os sentimentos que me vinham por meio do laço foram ficando cada vez mais sombrios.

— Eu tenho que ir — disse a Mason.

Então eu meio que andei, meio que corri para perto de Lissa, e peguei apenas as últimas palavras de Mia. Ela gritava com Lissa, usando toda a força de sua voz e se inclinando para perto do rosto dela. Pelo que pude perceber, as notícias de que Jesse e Ralf estavam falando sobre ela já tinham chegado aos seus ouvidos.

— ...você e a sua amiga piranha! Vou contar a todos que você é louca e por isso tiveram que trancar você na clínica, de tão maluca que é. Estão dando até remédios para você. Foi por isso que você e Rose fugiram daqui, para que ninguém mais descobrisse que você se cortava...

Caramba. Isso não estava nada bom. Exatamente como no nosso primeiro encontro na cantina, eu agarrei o braço de Mia e a lancei para longe.

— Epa — disse eu. — A amiga piranha está bem aqui. Lembra do que eu disse sobre se aproximar demais de Lissa?

Mia rosnou mostrando os caninos. Como já observara antes, eu não podia mais sentir muita pena dela. Ela era perigosa. Jogara sujo para se vingar de mim. Agora, não sei como, sabia sobre os pulsos de Lissa. Sabia *mesmo*. Não estava apenas blefando. A informação que tinha agora parecia vinda do relato de algum dos guardiões que viram a cena, ou do meu próprio relato para eles da história de Lissa. E ainda parecia incluir alguma informação médica confidencial. Mia conseguira de alguma maneira meter as mãos nos registros da clínica.

Lissa também percebeu isso, e o olhar em seu rosto — apavorado e frágil, e não altivo como o de uma princesa — me fez tomar uma decisão. Não me importei com o que Kirova me dissera no outro dia, sobre me devolver a liberdade, não liguei para o fato de estar conseguindo me divertir ali, nem para a possibilidade de deixar as minhas preocupações de lado naquela noite para me esbaldar na festa. Não pensei mais em nada disso, pois eu estava prestes a arruinar tudo ali mesmo, naquele exato momento.

Não sou de fato boa em controlar meus impulsos.

Soquei Mia com toda a força que eu tinha — com mais força ainda do que eu teria usado para socar Jesse. Ouvi, então, um barulho de algo se quebrando quando meu punho bateu no nariz dela, e o sangue começou a jorrar. Alguém deu um grito. Mia ganiu e voou para trás, para cima de algumas garotas que também davam gritinhos por medo de sujar os próprios vestidos de sangue. Eu me atirei em cima dela e ainda acertei mais um bom soco antes que alguém me tirasse dali.

Não lutei contra a detenção como fizera quando eles me tiraram da sala de aula do professor Nagy. Eu já esperava por isso quando me preparei para dar o primeiro soco nela. Refreando todos os sinais de resistência, deixei que dois guardiões me levassem para fora do baile enquanto a diretora Kirova tentava restaurar a ordem perdida. Não me importava com o que iam fazer comigo. Castigo ou expulsão. Tanto fazia. Eu podia aguentar.

À nossa frente, em meio ao fluxo e refluxo de ondas de alunos que passavam pelas portas duplas, vi uma figura cor-de-rosa correndo para fora. As minhas próprias emoções descontroladas tinham ofuscado as dela, mas agora eu voltava a senti-las, inundando-me outra vez. Devastação. Desespero. Todos sabiam o segredo dela agora. Lissa teria de enfrentar mais do que especulações vazias. As peças se encaixariam. E ela não podia suportar isso.

Sabendo que não podia me livrar dos guardiões, procurei freneticamente por algum jeito de ajudá-la.

Uma figura sombria prendeu o meu olhar.

— Christian! — gritei. Ele observava Lissa se afastando, mas olhou na minha direção ao me ouvir chamar o seu nome.

Uma das guardiãs que me escoltavam me disse para calar a boca e agarrou meu braço.

— Quieta.

Eu a ignorei.

— Vá atrás dela — gritei para Christian. — Depressa.

Ele continuou sentado onde estava, e eu refreei um gemido.

— Vá, seu idiota!

Os guardiões me mandaram calar a boca novamente, mas alguma coisa em Christian acordou. Abandonando a própria inércia, ele se atirou na direção tomada por Lissa.

Ninguém quis resolver nada a meu respeito naquela noite. Eu podia me preparar para comer o pão que o diabo amassou no dia seguinte. Ouvi falarem de suspensão e até de expulsão. Mas Kirova tinha que se ocupar com Mia sangrando e com um bando de alunos absolutamente histéricos. Os guardiões me escoltaram até o quarto sob o olhar vigilante da inspetora do dormitório, que me informou que checaria de hora em hora para se certificar de que eu permanecia ali. Alguns guardiões também tomariam conta das entradas do dormitório. Pelo visto, eu agora representava um alto risco para a segurança. Eu provavelmente conseguira arruinar também a festa de Eddie, pois ele jamais conseguiria fazer entrar um grupo de pessoas no seu quarto em meio a tanta vigilância.

Sem pensar no vestido, entrei enfurecida no quarto, e cruzei as pernas sob o corpo. Concentrei-me em Lissa. Ela estava mais calma agora. Os acontecimentos do baile ainda a perturbavam terrivelmente, mas Christian, de algum modo, conseguia acalmá-la, se com palavras ou algum charme eu não sabia dizer. Não importava. Desde que ela estivesse melhor e não fizesse nenhuma besteira... Voltei-me, então, para mim mesma.

Sim, as coisas ficariam bem bagunçadas agora. As acusações de Mia e de Jesse esquentariam os ânimos na escola. Eu provavelmente seria expulsa e teria que passar a viver com um grupo de dampiros vulgares. Talvez assim Lissa pelo menos se desse conta de que Aaron era um chato e de que na verdade era com Christian que ela queria ficar. Mas, ainda que esta fosse a coisa certa a fazer, isso ainda significaria...

Christian. Christian.

Christian está ferido.

Escorreguei, então, num estalo, para dentro da cabeça de Lissa de novo, sugada subitamente pelo terror que pulsava por todo o corpo dela. Ela estava cercada, cercada por homens e mulheres, surgidos do nada, que tinham invadido, com truculência, o sótão da capela onde ela e Christian conversavam. Christian havia saltado, e o fogo saía agora pelas pontas dos seus dedos. Um dos invasores bateu com alguma coisa pesada na cabeça dele, fazendo seu corpo desabar no chão.

Desesperada, desejei que ele estivesse bem, mas eu não podia mais desperdiçar qualquer energia preocupando-me com Christian. Todos os meus medos se dirigiam agora para Lissa. Eu não podia deixar que a mesma coisa acontecesse com ela. Não podia deixar que a ferissem. Precisava salvá-la, tirá-la de lá. Mas não sabia como. Ela estava longe demais, e eu, naquele momento, não conseguia escapar sequer de dentro da cabeça dela, quanto mais correr para lá e obter ajuda.

Os agressores a abordaram, chamando-a de princesa e dizendo-lhe que não se preocupasse, pois eram guardiões. E eles *realmente* pareciam guardiões. Eram dampiros, com certeza. Agindo de modo preciso e eficiente. Mas eu não os reconheci como guardiões da escola. E nem Lissa. Guardiões não teriam atacado

Christian. E guardiões certamente não estariam colocando uma venda nos olhos dela e amordaçando-a...

Alguma coisa me forçou a sair da cabeça dela, e eu franzi as sobrelanceiras olhando em volta do meu próprio quarto. Eu precisava voltar para dentro da cabeça de Lissa e descobrir o que acontecera. Em geral, a conexão simplesmente se extinguiu aos poucos ou eu a interrompia, mas dessa vez... Dessa vez foi como se alguma coisa tivesse realmente me removido e me puxado para fora. Me puxado de volta para ali.

Mas isso não fazia sentido algum. O que poderia ter me puxado de volta...? Espere.

Me deu branco.

Não conseguia me lembrar sequer do que eu estava pensando ainda há pouco. Tudo desaparecera. Como se meu cérebro se tivesse paralisado. Onde eu estivera? Com Lissa? O que houvera com Lissa?

Eu me ergui, e abracei, confusa, o meu próprio corpo, tentando compreender o que estava acontecendo. Lissa. Era alguma coisa com Lissa.

“Dimitri”, ordenou de repente uma voz dentro da minha cabeça. “Vá ao encontro de Dimitri.”

É isso. Dimitri. Meu corpo e meu espírito subitamente queimavam por ele, e eu quis estar com ele mais do que nunca. Não podia ficar longe dele agora. Dimitri saberia o que fazer. E ele me disse que eu devia procurá-lo caso alguma coisa acontecesse com Lissa. Que droga eu não estar conseguindo me lembrar do que era. Ainda assim, eu sabia que ele cuidaria de tudo.

Não foi difícil chegar até a ala onde ficavam os quartos dos funcionários, pois a preocupação deles aquela noite era exatamente me manter dentro do dormitório. Eu não sabia onde ficava o quarto de Dimitri, mas isso não importava. *Alguma coisa* me levava até ele, impulsionava-me para perto dele. Um instinto me dirigiu até uma das portas, e eu bati até não poder mais.

Depois de um tempo, ele a abriu, e seus olhos castanhos se arregalaram ao me ver.

— Rose?

— Deixe-me entrar. Algo está acontecendo com Lissa.

Ele me deu passagem imediatamente. Acho que já estava deitado, pois as cobertas estavam enroladas num dos lados da cama e apenas a lâmpada de um abajur de cabeceira brilhava acesa no escuro. Além disso, ele estava usando apenas as calças de um pijama de algodão; o seu peito — que eu nunca vira antes, e que, uau, se mostrava em excelente forma — estava nu. As pontas do cabelo escuro dele se enrolavam perto do queixo e pareciam úmidas, como se ele tivesse tomado uma chuva de pouco tempo antes.

— O que aconteceu?

O som da voz dele me perturbou, e eu não consegui responder. Eu não conseguia parar de olhar para ele. A força que me empurrara até o seu quarto me empurrava agora para ele. Desejei muito que ele me tocasse, quis tanto que mal podia suportar aquela sensação. Dimitri era maravilhoso. Era inacreditavelmente lindo. Eu sabia que, em algum lugar, alguma coisa ruim estava acontecendo, mas não parecia importante naquele momento. Não agora que eu estava com ele.

Com trinta centímetros de distância entre nós, não era nada fácil beijar os lábios de Dimitri sem que ele me ajudasse. Então, em vez disso, fui em direção ao seu peito, querendo sentir o calor, a suavidade daquela pele.

— Rose! — exclamou ele, dando um passo para trás. — O que você está fazendo?

— O que você acha?

Eu me aproximei dele novamente, sentindo uma urgência de tocá-lo, de beijá-lo e de mil outras coisas.

— Você está bêbada? — perguntou ele, fazendo um gesto de defesa com as mãos.

— Quem me dera. — Tentei me esquivar dele, depois parei, sentindo-me momentaneamente insegura.

— Pensei que você quisesse. Você não me acha bonita?

Desde que nós nos conhecêramos, desde quando surgira aquela atração, ele nunca me dissera que eu era bonita. Ele dera pistas, mas não era a mesma coisa. E, apesar de todas as declarações que eu ouvira de outros caras de que eu era a sensualidade em pessoa, eu precisava ouvir aquilo do único cara que eu realmente queria.

— Rose, eu não sei o que está acontecendo, mas você precisa voltar para o seu quarto.

Quando fui novamente na direção dele, Dimitri estendeu os braços e agarrou meus pulsos. Com esse toque, uma corrente elétrica atravessou os nossos corpos, e eu o vi esquecer tudo que o estava preocupando segundos antes. Alguma coisa o capturou também, alguma coisa que o fez subitamente me querer tanto quanto eu o queria.

Ele soltou, então, os meus pulsos, e subiu as mãos pelos meus braços, escorregando-as lentamente pela minha pele. Prendendo-me ao seu olhar escuro e faminto, ele me puxou para junto de si, pressionando o meu corpo contra o seu. Uma das mãos dele subiram até a minha nuca, entrelaçando os dedos no meu cabelo, e levantando-me o rosto para perto do dele. Ele abaixou os lábios, quase roçando-os nos meus.

Engolindo em seco, eu perguntei novamente:

— Você acha que eu sou bonita?

Ele me olhou com um ar extremamente sério, como sempre fazia.

— Eu acho você linda.

— Linda?

— Você é tão linda que chega a doer em mim, às vezes.

Os lábios dele vieram para junto dos meus, primeiro suaves, depois violentos e famintos. O seu beijo me consumiu. As mãos dele, que estavam nos meus braços, escorregaram para baixo, para os meus quadris, e mais para baixo, até a barra do meu vestido. Ele agarrou o tecido e começou a puxá-lo para cima. Eu me dissolvi nesse toque, me dissolvi no beijo dele e no jeito como aquele beijo esquentava a minha boca. Suas mãos continuaram escorregando cada vez mais para cima, até que ele tirou o vestido pela minha cabeça e o jogou no chão.

— Você... Você se livrou rápido desse vestido — disse eu, com a respiração pesada. — Pensei que gostasse dele.

— Eu gosto — disse ele. Sua respiração estava tão pesada quanto a minha. — Eu adoro esse vestido.

E então ele me levou para a cama.

Vinte e um

Eu nunca ficara completamente nua com um cara antes. Deu um medo danado, embora tenha me excitado também. Deitados nos lençóis, nós nos grudamos um ao outro e ficamos nos beijando, e beijando, e beijando, e beijando. As mãos e os lábios dele se apossaram do meu corpo, e cada toque era como fogo se alastrando na minha pele.

Depois de desejá-lo por tanto tempo, eu mal podia acreditar que aquilo estivesse mesmo acontecendo. E não só todo o contato físico entre nós era maravilhoso, eu também gostava muito de apenas ficar perto dele. Eu gostava do jeito como ele me olhava, como se eu fosse a pessoa mais sedutora e mais maravilhosa do mundo. Gostava do jeito como ele dizia o meu nome em russo, murmurando-o como uma reza: “Roza, Roza...”

E, no meio disso tudo, havia, em algum lugar, a mesma voz instigante que me incitara a ir até o quarto dele, uma voz que não parecia vir de mim, mas que eu não conseguia ignorar. “Fique com ele, fique com ele. Não pense em mais nada a não ser nele. Continue tocando nele. Esqueça todo o resto.”

Eu ouvia. Não que eu precisasse de qualquer incentivo extra para me convencer a ficar com Dimitri.

As chamadas no olhar dele me diziam que ele queria fazer muito mais do que o que nós já estávamos fazendo, mas foi indo devagar, talvez porque soubesse o quanto eu estava nervosa. Dimitri continuou vestido com as calças do pijama. Em dado momento eu mudei de posição e fiquei em cima dele, com os cabelos pendendo sobre ele. Sua cabeça se inclinava de leve para o lado, e eu vi rapidamente a sua nuca. Passei as pontas dos dedos sobre as seis pequenas marcas tatuadas ali.

— Você matou mesmo seis Strigoi? — Ele fez que sim com a cabeça. — Uau.

Ele trouxe o meu pescoço para baixo até bem perto da sua boca e me beijou. Seus dentes roçaram levemente a minha pele, de um jeito diferente de como os vampiros costumam fazer, mas toda mordida pode ser muito excitante.

— Não se preocupe. Você vai ter muito mais marcas do que eu algum dia.

— Você sente culpa?

— Hein?

— De matá-los. Você disse na van que essa era a coisa certa a fazer, mas isso ainda parece incomodá-lo. É por isso que você frequenta a igreja, não é? Eu vejo você lá, mas você não presta muita atenção à missa.

Ele sorriu, surpreso, e divertido com o fato de eu ter descoberto outro segredo seu.

— Como você sabe essas coisas? Não é exatamente culpa o que eu sinto... É apenas uma tristeza casual.

Todos eles algum dia foram humanos ou dapiros, ou Moroi. É uma sensação de perda, só isso; mas, como eu disse antes, é uma coisa que eu tenho que fazer. Uma coisa que todos nós precisamos fazer. Às vezes isso me incomoda, e a capela é um bom lugar para pensar a esse respeito. Às vezes eu encontro alguma paz lá, mas é raro. Sinto uma sensação bem maior de paz quando estou com você.

Então ele me fez rolar, tirando-me de cima dele, e se posicionou em cima de mim novamente. Voltamos a nos beijar, dessa vez com mais paixão. Com mais urgência. “Ai, meu Deus”, pensei. “Eu finalmente vou fazer isso. Vai ser agora. Estou sentindo.”

Ele deve ter visto a decisão no meu olhar. Sorrindo, escorregou as mãos por trás do meu pescoço e abriu o colar que Victor me dera. Colocou-o sobre a mesinha de cabeceira. Assim que a corrente saiu das mãos dele, eu senti como se tivesse levado um tapa na cara. Pisquei os olhos, surpresa.

Dimitri deve ter sentido a mesma coisa.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Eu... Eu não sei. — Eu me sentia como se estivesse tentando acordar, como se estivesse dormindo há dois dias. Precisava me lembrar de alguma coisa.

Lissa. Alguma coisa relacionada com Lissa.

Senti algo estranho dentro da minha cabeça. Não era dor, nem tontura, mas... a voz, e repentinamente me dei conta. A voz que me impelia em direção a Dimitri sumira. Isso não significava que eu não o quisesse mais, porque, falando sério, ele só com aquela calça de pijama sensual, com o cabelo castanho caindo de um lado do rosto — aquilo estava bom demais. Mas sumira o estímulo externo que me empurrava implacavelmente para ele. Estranho.

Ele franziu o cenho, pareceu dominar-se. Depois de algum tempo pensando, estendeu o braço e apanhou outra vez o colar. No instante em que seus dedos tocaram na joia, eu vi o desejo tomar conta do corpo dele com a mesma violência de antes. Ele passou a outra mão nos meus quadris, e, subitamente, aquela atração incontrolável me invadiu como se eu tivesse sido atingida por um tiro. Senti um desconforto no estômago, enquanto um arrepio me percorria o corpo e a pele toda ardia intensamente de desejo outra vez. Minha respiração ficou pesada. Os lábios dele vieram mais uma vez ao encontro dos meus.

Alguma coisa bem dentro de mim, no entanto, lutou contra aquilo.

— Lissa — sussurrei, apertando os meus olhos fechados. — Eu tenho que contar a você alguma coisa sobre Lissa. Mas eu não consigo... me lembrar... Estou me sentindo muito estranha...

— Eu sei. — Ainda junto de mim, ele descansou o rosto na minha testa. — Tem alguma coisa... alguma coisa aqui... — Ele se afastou, e eu abri os olhos. — Esse colar. Foi este o colar que o príncipe Victor deu a você?

Fiz que sim com a cabeça e pude acompanhar lentamente, refletido em seus olhos, todo o movimento de um pensamento que se formava na mente dele e o fazia tomar consciência da situação. Respirando fundo, ele tirou a mão do meu quadril e conseguiu se afastar.

— O que você está fazendo? — exclamei. — Volte...

Ele parecia querer voltar — queria muito mesmo —, mas, em vez disso, o que fez foi descer da cama. Ele e o colar se afastaram de mim. Senti como se tivessem arrancado fora um pedaço de mim, mas, ao mesmo tempo, fui tomada pela sensação surpreendente de um despertar. E me vi em condições de pensar com clareza novamente sem que meu corpo tomasse todas as decisões por mim.

Ao mesmo tempo, Dimitri continuava com aquele olhar dominado por intenso desejo, parecendo realizar um esforço sobre-humano ao se afastar e atravessar o quarto. Ele chegou, então, até a janela e conseguiu abri-la com apenas uma das mãos. Uma lufada de ar frio adentrou o ambiente, e eu tive que

esfregar as mãos nos braços para me aquecer.

— O que você vai...? — A resposta veio como um tapa, e eu me levantei correndo da cama, bem no momento em que o colar era lançado para fora da janela. — Não! Você sabe quanto isso deve ter custado...?

O colar desapareceu, e eu não me senti mais como se estivesse *acordando*. Eu estava *acordada*. Penosa, surpreendentemente acordada.

Foi então que tomei plena consciência da situação em que me encontrava. O quarto de Dimitri. Eu nua. A cama desarrumada.

Mas isso tudo não era nada se comparado ao que me aconteceu logo em seguida.

— Lissa! — disse, sem fôlego.

Tudo voltou, as lembranças e os sentimentos. E, de fato, as emoções ocultas dela subitamente caíram dentro de mim, em níveis arrasadores. Mais terror. Um terror intenso. Aqueles sentimentos queriam me sugar para dentro do corpo dela, mas eu não podia deixar que fizessem isso. Ainda não. Lutei contra ela, pois eu precisava me manter onde estava. Com as palavras saindo de mim numa torrente, contei a Dimitri tudo o que acontecera.

Antes mesmo de eu terminar, ele já estava em ação, vestindo-se rapidamente, e, a cada novo gesto, mais parecia um deus. Mandou, em seguida, que eu me vestisse também, e me jogou um casaco com a palavra Cyrillic gravada sobre o tecido para que eu o pusesse sobre os meus trajes insuficientes.

Passei maus momentos tentando segui-lo escadas abaixo, pois dessa vez ele não diminuiu o ritmo para me acompanhar. Quando chegamos lá embaixo, ele deu alguns telefonemas. Ordens foram dadas aos gritos. Não demorou muito tempo e eu já estava no escritório principal dos guardiões com ele. Kirova e outros professores estavam lá também. Além de quase todos os guardiões do campus. Todos pareciam falar simultaneamente. E o tempo todo eu sentia o medo que Lissa estava sentindo, sentia que, naquele momento, ela se dirigia para cada vez mais longe.

Gritei pedindo que eles se apressassem e fizessem logo alguma coisa, mas ninguém, com exceção de Dimitri, acreditou na minha história de que ela fora sequestrada até encontrarem Christian na capela e se certificarem, em seguida, de que Lissa realmente não estava no campus.

Christian entrou cambaleante, amparado por dois guardiões. A doutora Olendzki apareceu pouco depois, e o examinou e limpou o sangue que havia atrás da sua cabeça.

Finalmente, pensei, alguma coisa ia acontecer.

— Quantos Strigoi estavam lá? — me perguntou um dos guardiões.

— Como foi que eles conseguiram entrar? — murmurou outra pessoa.

Eu comecei.

— O qu...? Não havia Strigoi algum.

Vários pares de olhos me encararam.

— Quem mais a teria levado? — perguntou a diretora Kirova, com afetação. — Você não deve ter conseguido enxergar direito através... da visão.

— Não. Eu tenho certeza. Eram... Eles eram... guardiões.

— Ela está certa — murmurou Christian, ainda sob os cuidados da médica. Ele estremeceu quando ela realizou algum procedimento médico na parte de trás de sua cabeça. — Guardiões.

— Isso é impossível — declarou alguém.

— Não eram guardiões da escola. — Eu esfreguei a mão na testa, lutando fortemente para não sair da conversa e entrar mais uma vez na cabeça de Lissa. A minha irritação foi se intensificando. — Será que vocês não vão fazer nada? Ela está indo para cada vez mais longe!

— Você está dizendo que um grupo de guardiões particulares profissionais foi contratado para entrar aqui e sequestrá-la? — O tom de voz de Kirova sugeria que eu só podia estar fazendo algum tipo de piada.

— É isso — respondi rangendo os dentes. — Eles...

Lenta, calmamente, fui deixando o meu freio mental escorregar e voei para o interior do corpo de Lissa. Ela estava sentada agora num carro, num carro caro com janelas escuras de vidro, preparadas para filtrar a luz. Era “noite” para nós, mas era dia claro para o resto do mundo. Um dos guardiões que estivera na capela dirigia o carro; e havia outro sentado ao lado dele no banco da frente. Um deles eu reconheci. Era Spiridon. No banco de trás, Lissa estava sentada com as mãos atadas, e ao lado havia um outro guardião, e do outro lado...

— Eles trabalham para Victor Dashkov — disse eu, ofegante, concentrando-me novamente em Kirova e nos outros. — São os guardiões dele.

— O príncipe Victor Dashkov? — perguntou, bufando, um dos guardiões. Como se existisse algum outro maldito Victor Dashkov.

— Por favor — gemi, com as mãos agarradas à minha cabeça. — Façam alguma coisa. Eles estão se afastando. Eles estão na... — Uma imagem breve, vista do lado de fora da janela do carro, cintilou na minha visão. — Na estrada 83. Em direção ao sul.

— Já na 83? Há quanto tempo eles saíram daqui? Por que você não nos avisou mais cedo?

Meus olhos se voltaram aflitos para Dimitri.

— Um feitiço de compulsão — disse ele, lentamente. — Um feitiço de compulsão foi posto num colar que Victor deu a Rose. E fez com que ela me atacasse.

— Ninguém pode usar esse tipo de compulsão — exclamou Kirova. — Há séculos que ninguém faz isso.

— Bem, alguém fez. Quando eu consegui refreá-la e apanhar o colar, já se passara muito tempo — continuou Dimitri. A expressão de seu rosto estava perfeitamente controlada. Ninguém duvidou da história.

E, finalmente, o grupo entrou em ação. Ninguém queria que eu fosse junto, mas Dimitri insistiu ao perceber que eu poderia guiá-los até Lissa. Três destacamentos de guardiões saíram em sinistros automóveis esportivos pretos. Eu fui no primeiro carro, sentada no banco da frente enquanto Dimitri dirigia. Os minutos se passavam. O único momento em que nós nos falamos foi quando eu dei indicações a ele sobre a direção a tomar.

— Ainda estão na 83... mas a saída da estrada está próxima. Eles não estão em alta velocidade. Não querem ser parados.

Dimitri fez um sinal afirmativo com a cabeça, sem sequer olhar para mim. Ele, ao contrário, *definitivamente* estava dirigindo em alta velocidade.

Olhando-o discretamente, eu reipsei os acontecimentos anteriores da noite. E, na minha cabeça, pude ver tudo novamente, o jeito como ele me olhara e me beijara.

Mas o que teria sido aquilo? Uma ilusão? Um truque? Enquanto caminhamos até o carro, ele me disse que realmente havia um feitiço de compulsão no colar, um feitiço ligado à luxúria. Eu nunca ouvira falar em algo assim, mas, quando pedi mais informações, ele apenas me respondeu que era um tipo de magia que aqueles que podiam manipular a terra costumavam praticar, embora já não o fizessem havia muito tempo.

— Eles estão saindo da estrada — disse eu, subitamente. — Não consigo ver o nome da via que tomaram, mas vou saber qual é assim que chegarmos perto dela.

Dimitri resmungou uma confirmação de que entendera, e eu me afundei ainda mais no meu assento.

O que significara aquilo tudo? Será que significara alguma coisa para ele? Para mim certamente significara muito.

— Lá — disse eu, passados uns vinte minutos, indicando a estrada esburacada em que o carro de Victor entrara. Era uma estrada de pedregulhos, sem asfalto, e o automóvel esportivo levaria vantagem contra o modelo de luxo.

Nós seguimos em silêncio, o único som que ouvíamos era o que vinha dos pedregulhos sob os pneus do carro. Do lado de fora das janelas, a poeira levantava, rodopiando à nossa volta.

— Estão saindo novamente da estrada.

Eles tomavam cada vez mais distância das vias principais, e nós os seguíamos o tempo todo, guiados pelas minhas instruções. Finalmente senti que o carro de Victor parara.

— Eles estão do lado de fora de uma pequena choupana — disse eu. — Estão levando-a...

— Por que você está fazendo isso? O que está acontecendo?

Lissa. Esquivando-se e com medo. Seus sentimentos tinham me arrastado para dentro dela.

— Venha, criança — disse Victor, enquanto entrava na choupana, apoiando-se de modo instável na bengala. Um dos guardiões dele manteve a porta aberta. Outro empurrou Lissa para dentro e a sentou numa cadeira perto de uma pequena mesa. Estava frio lá dentro, principalmente para Lissa, que continuava com o vestido rosa usado na festa. Victor sentou-se de frente para ela. Quando ela começou a se levantar, um guardião lançou-lhe imediatamente um olhar de advertência. — Você acha mesmo que eu iria machucá-la?

— O que foi que você fez com Christian? — Ela chorava, ignorando a pergunta dele. — Ele está morto?

— O garoto da família Ozerá? Eu não queria que acontecesse aquilo. Não esperávamos que ele estivesse lá. Acharmos que a encontraríamos sozinha, e que seria possível convencer os outros de que você resolvera fugir novamente. Tomamos providências para que os rumores sobre a sua nova fuga já começassem a circular.

“Nós?” Eu me lembrei de como essas histórias tinham voltado à tona naquela semana... Fora Natalie quem começara a falar sobre isso.

— E agora? — Ele suspirou, abrindo as mãos e esticando os braços, num gesto de impotência. — Eu não sei. Duvido que alguém faça alguma relação entre nós e o seu sumiço, mesmo que não acreditem que você fugiu outra vez. Rose é a nossa maior ameaça. Pensamos em... despachá-la, e deixar que os outros pensassem que ela fugira também. O espetáculo que ela deu no baile tornou isso impossível, mas eu tinha uma outra carta na manga, capaz de me garantir que ela ficaria entretida com outra coisa durante algum tempo... provavelmente até amanhã. Teremos que enfrentá-la mais tarde.

Ele não contava com a possibilidade de Dimitri descobrir o feitiço. Imaginou que nos manteríamos ocupados demais, transando a noite inteira.

— Por quê? — perguntou Lissa. — Por que você está fazendo tudo isso?

Os olhos verdes dele se arregalaram, fazendo-a lembrar-se dos olhos de seu pai. Eram parentes distantes, mas a cor verde-jade estava no sangue tanto dos Dragomir quanto dos Dashkov.

— Estou surpreso de você me perguntar, meu bem. Eu preciso de você. Preciso que você me cure.

Vinte e dois

— Curar você?

“Curá-lo?” Meus pensamentos ecoaram as palavras dela.

— Você é a minha única chance — explicou ele, pacientemente. — A minha única chance de cura para esta doença. Eu venho observando você há anos, esperando até ter certeza.

Lissa balançou a cabeça em sinal negativo.

— Eu não posso... Não. Eu não tenho este poder.

— Os seus poderes de cura são extraordinários. Ninguém faz ideia do quanto eles são eficazes.

— Não sei do que você está falando.

— Deixe de fingir, Vasilisa. Eu sei do episódio com o corvo. Natalie viu o que você fez com o pássaro. Ela já vinha seguindo você. E eu sei que você curou Rose.

Ela percebeu que era inútil negar.

— Aquilo... foi diferente. Rose não estava tão machucada assim. Mas você... Eu não posso curar a síndrome de Sandovsky.

— Não estava *tão* machucada *assim*? — Ele soltou uma gargalhada. — Eu não estou falando do tornozelo dela; aliás, aquilo também foi bastante impressionante. Estou falando do acidente de carro. Sim, porque você afinal não deixa de estar com a razão, sabe? Rose não estava “tão machucada assim”. Ela estava *morta*.

Ele deixou que aquelas palavras entrassem na cabeça dela.

— Isso é... Não. Ela sobreviveu. — Lissa finalmente conseguira dizer alguma coisa.

— Não. Quer dizer, claro, ela sobreviveu. Mas eu li todos os relatórios. Não havia *forma* de ela sobreviver, especialmente depois de todos os ferimentos que sofreu. Você a curou. Você a trouxe de volta. — Ele suspirou, pensativo e fatigado. — Eu suspeitei por muito tempo que você tivesse a capacidade de fazer isso, e tentei muito fazer com que repetisse a façanha... para ver o quanto você era capaz de controlar conscientemente o seu potencial...

Lissa compreendeu o que ele estava dizendo e engasgou.

— Os *animais*. Foi você.

— Com a ajuda de Natalie.

— Por que você fez isso? Como pôde?

— Porque eu precisava saber. Eu só tenho mais algumas poucas semanas de vida, Vasilisa. Se você pode

mesmo trazer os mortos de volta à vida, então pode curar a síndrome de Sandovsky. Antes de tirá-la da escola, eu precisava saber se você podia curar por vontade própria e não apenas em momentos de pânico.

— Por que me tirar de lá? — Uma fagulha de raiva se acendeu dentro dela. — Você é como se fosse meu tio. Se queria que eu fizesse isso, se você realmente acha que eu sou capaz... — A voz de Lissa e os seus sentimentos me transmitiam a impressão de que ela na verdade não acreditava ser inteiramente capaz de curá-lo. — Então por que me sequestrar? Por que simplesmente não me pediu para fazer isso?

— Porque não é algo que você poderá fazer de uma só vez. Levei muito tempo para descobrir o que você é, mas consegui tomar conhecimento de algumas velhas histórias... alguns pergaminhos que não estavam nos museus Moroi. Quando eu li sobre como funciona o domínio sobre o espírito...

— Domínio sobre o quê?

— Sobre o espírito. Foi nisso que você se especializou.

— Eu não me especializei em nada! Você é louco.

— De onde mais você pensa que vêm esses seus poderes? O espírito é um outro elemento, um elemento que poucas pessoas dominam hoje em dia.

A mente de Lissa ainda estava processando o fato de ter sido raptada e a possibilidade de ser verdadeira aquela história de ela ter me trazido de volta à vida.

— Isso não faz o menor sentido. Mesmo sendo raro, ainda assim eu deveria ter aprendido alguma coisa sobre esse outro elemento! Ou ter ouvido falar de alguém que tivesse esse dom.

— Ninguém mais conhece o espírito hoje em dia. Caiu no esquecimento total. Quando as pessoas se especializam nele, ninguém se dá conta. Pensam simplesmente que a pessoa não se especializou.

— Olhe aqui, se você estiver tentando fazer com que eu me sinta... — Ela se interrompeu de repente. Estava com raiva e com medo, mas, por trás daqueles sentimentos, seu raciocínio mais aguçado estivera processando o que ele dissera sobre os usuários do espírito e sobre essa especialidade. Foi então que ela juntou as peças. — Meu Deus. Vladimir e a professora Karp.

Ele lançou para ela um olhar de conhecedor do assunto.

— Você já sabia disso o tempo todo.

— Não! Eu juro que não. É só uma coisa que Rose andava pesquisando... Ela me disse que eles eram como eu...

O estado emocional de Lissa começava a mudar. Se estivera um pouco assustada, agora começava a ficar extremamente assustada. As revelações eram chocantes demais.

— Eles são como você. Os livros até dizem que Vladimir era “cheio de espírito”.

Victor pareceu achar graça nisso. Ao ver aquele sorriso estampado em seu rosto, senti vontade de dar um tapa nele.

— Eu pensei... — Lissa ainda queria que ele pudesse estar enganado. A ideia de não se especializar parecia mais segura do que a de se especializar num elemento excêntrico. — Eu pensei que isso significasse o Espírito Santo.

— É o que todas as pessoas pensam, mas não é nada disso. É algo inteiramente diferente. É um elemento que está dentro de todos nós. Um elemento superior que pode dar a você controle indireto sobre os outros. — Então a minha teoria sobre ela ter se especializado em todos os elementos não estava muito distante disso.

Ela se esforçou bravamente para aguentar o impacto dessas revelações e para recuperar o seu autocontrole.

— Isso não responde à minha pergunta. Não importa se eu tenho ou não essa história de espírito. Você

não precisava ter me sequestrado.

— O espírito, como você já percebeu, pode curar feridas físicas. Infelizmente, no entanto, só é eficaz quando se trata de ferimentos repentinos. Coisas que acontecem uma só vez. Como o tornozelo de Rose. Ou as feridas causadas pelo acidente. Quando se trata de uma doença crônica... uma doença genética, por exemplo, como a síndrome de Sandovsky... é preciso um tratamento contínuo de cura. Do contrário, a doença continuará a se manifestar. Aconteceria isso comigo. Eu preciso de você, Vasilisa. Preciso que me ajude a lutar contra a doença e a mantê-la longe de mim. Para que eu possa viver.

— Isso ainda não explica por que você me sequestrou — argumentou Lissa. — Eu o teria ajudado se tivesse me pedido.

— Eles nunca a deixariam fazer isso. A escola. O conselho. Depois que superassem o choque de encontrar um manipulador do espírito, eles teriam se agarrado à ética. Afinal, como escolher quem será curado? Eles diriam que não seria justo. Que seria como brincar de Deus. E, mais, eles se preocupariam com as consequências disso para você.

Ela estremeceu, sabendo exatamente a que consequências ele estava se referindo.

Ao ver a expressão dela, Victor fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sim, eu não vou mentir para você. Vai ser difícil. Vai consumi-la física e psicologicamente. Mas eu preciso fazer isso. Eu sinto *muito*. Você terá fornecedores e outros entretenimentos à sua disposição.

Ela levantou de um salto da cadeira onde estava sentada. Um dos guardiões se postou imediatamente à sua frente e a forçou a sentar-se outra vez.

— E aí, o que vai acontecer? Você vai simplesmente me manter prisioneira aqui? Como se eu fosse sua enfermeira particular?

Ele fez mais uma vez aquele gesto irritante com as mãos abertas.

— Sinto muito. Não tenho escolha.

Uma raiva ardente suplantou o medo dentro dela. E ela falou com a voz baixa.

— Exatamente. *Você* não tem direito a escolha mesmo, porque é de *mim* que nós estamos falando.

— Será melhor para você assim. Você sabe o que aconteceu com os outros. Sabe que Vladimir passou os últimos dias dele completamente louco. E que Sonya Karp precisou ser levada embora. O trauma que você vivenciou desde o acidente não se deve somente à perda de sua família. Está ligado também ao uso do espírito. O acidente despertou o espírito em você; seu medo ao ver Rose morta fez com que ele emergisse, dando a você a possibilidade de curá-la. Isso forjou o laço que há entre as duas. E, uma vez que o espírito emergiu em você, não se pode suprimi-lo de volta. É um elemento poderoso, mas também perigoso. Os usuários da terra tiram o seu poder da própria terra, os do ar o tiram do ar. Mas os do espírito? De onde você acha que vem o seu poder?

Ela olhou fixo.

— Vem de você mesma, da sua própria essência. Para curar algum outro ser, você precisa dar parte de si. Quanto mais você fizer isso, mais isso irá destruir você ao longo do tempo. Você já deve ter percebido. Eu vi o quanto certas coisas a deixam nervosa, vi o quanto você é frágil.

— Não sou frágil — retrucou Lissa, ríspidamente. — E eu não vou enlouquecer. Vou parar de usar o espírito antes que as coisas piores.

Ele sorriu.

— Parar de usar o espírito? É o mesmo que parar de respirar. O espírito age segundo seus próprios desígnios... Você sempre sentirá o impulso de ajudar e curar. Faz parte de quem você é. Você resistiu aos animais, mas não pensou duas vezes antes de curar Rose. Você nem sequer consegue evitar o uso da

compulsão, e é também o espírito que dá a você um poder especial para usá-la. E é assim que vai ser sempre. Você não pode evitar o espírito. É melhor ficar aqui, isolada, longe de outras fontes possíveis de desgaste. Na Escola, ou você se sentiria cada vez mais instável, ou eles lhe dariam medicamentos que a fariam sentir-se melhor mas que enfraqueceriam o seu dom.

Um calmo âmago de confiança tomou-a, então, por dentro, uma confiança muito diferente de tudo que eu pudera ver nela ao longo dos últimos anos.

— Eu amo você, tio Victor, mas sou *eu* quem deve lidar com isso e decidir o que fazer. Não você. Você está querendo fazer com que eu dê a minha vida pela sua. E isso não é justo.

— É uma questão apenas de compreender qual é a vida que tem mais importância. Eu amo você também. Amo muito. Mas os Moroi estão desmoronando. O número de Moroi vem caindo vertiginosamente enquanto nós deixamos que os Strigoi nos usem como alimento. Antigamente, costumávamos ir à caça deles de maneira mais ativa. Agora Tatiana e os outros líderes se escondem. Mantêm você e seus colegas isolados. Nos velhos tempos, vocês eram treinados para lutar ao lado de seus guardiões! Eram ensinados a usar a magia como arma. Não é mais assim. Hoje nós apenas ficamos parados, esperando. Somos *vítimas*. — E, enquanto ele olhava fixo para o vazio, Lissa e eu pudemos perceber o quanto estava tomado pelo entusiasmo. — Eu mudaria isso se fosse rei. Incitaria uma revolução de proporções nunca antes vistas pelos Moroi ou pelos Strigoi. *Eu* deveria ser o herdeiro de Tatiana. Ela estava pronta para me nomear quando descobriram a minha doença, e então ela teve que mudar sua escolha. Se eu me curasse... Se eu me curasse, tomaria o lugar que me pertence por direito...

As palavras dele acionaram alguma força dentro de Lissa, uma súbita preocupação com a situação dos Moroi. Ela nunca pensara em tudo aquilo, em como as coisas seriam diferentes se os Moroi e seus guardiões lutassem juntos para livrar o mundo dos Strigoi e do mal que eles causavam. Isso a fez lembrar-se de Christian e do que ele dissera sobre também usar a magia de forma ofensiva. Mas mesmo vendo a relevância das convicções de Victor, nenhuma de nós pensava que isso valia o que ele queria que ela fizesse.

— Eu sinto muito — sussurrou ela. — Sinto muito por você. Mas, por favor, não me obrigue a fazer isso.

— Eu tenho que obrigá-la.

Ela olhou bem dentro dos olhos dele.

— Eu não vou fazer o que você quer.

Ele inclinou a cabeça, e alguém que estava num canto se aproximou. Era um outro Moroi. Alguém que eu não conhecia. Ele se encaminhou para trás da cadeira de Lissa e desatou as mãos dela.

— Este é Kenneth. — Victor estendeu as mãos em direção às dela, que agora estavam soltas. — Por favor, Vasilisa. Pegue minhas mãos. Passe sua magia através de mim, exatamente como você fez com Rose.

Ela fez um sinal negativo com a cabeça.

— Não.

A voz dele soou menos gentil quando pediu novamente.

— Por favor. De um jeito ou de outro, você vai me curar. Eu preferia que fosse do seu jeito e não do nosso.

Ela balançou a cabeça outra vez. Victor fez um pequeno gesto na direção de Kenneth.

E foi aí que a dor começou.

Lissa gritou. Eu gritei.

Dentro do automóvel esportivo, as mãos de Dimitri, agarradas ao volante, se contraíram com o susto, e o carro deu uma guinada. Lançando-me um olhar preocupado, ele começou a encostar o carro.

— Não, não! Continue andando! — Eu pressionei a cabeça com a palma das mãos. — Nós temos que

chegar lá!

Do banco de trás do carro, Alberta esticou o braço e colocou a mão em meu ombro.

— Rose, o que está acontecendo?

Eu pisquei segurando as lágrimas.

— Eles a estão torturando... com ar. Um cara... Kenneth... está fazendo o ar produzir pressão contra Lissa... e para dentro da cabeça dela. A pressão é enlouquecedora. Parece que o meu... que o crânio dela vai explodir. — Comecei a soluçar.

Dimitri olhou com o canto dos olhos para mim e pisou mais fundo no acelerador do carro.

Kenneth não se limitou a usar a força física do ar contra ela. Ele também fez com que aquela magia afetasse a respiração de Lissa. Às vezes a insuflava com ar demais, outras vezes tirava-lhe todo o ar e a deixava sem fôlego. Depois de suportar a primeira fase de toda aquela tortura — a segunda fase foi bem pior —, tive a certeza de que eu, pelo menos, faria tudo o que eles quisessem.

E finalmente ela fez.

Sentindo dor e exausta, Lissa tomou as mãos de Victor. Eu nunca estivera na cabeça dela enquanto o seu dom era posto em ação e não sabia pelo que esperar. No início, não senti nada. Apenas um estado de concentração. Depois... foi como... Nem sei como descrever. Cor, e luz, e música, e vida, e alegria, e amor... tantas coisas maravilhosas, todas as coisas lindas que enchiam o mundo e que faziam com que a vida valesse a pena.

Lissa concentrou todas essas coisas juntas, tantas quanto pôde reunir, e as mandou para Victor. A magia fluiu através de nós duas, radiante e fértil. Era uma coisa viva. Era a vida dela. E, na medida exata da maravilha que era tudo aquilo que ela enviava, ao mesmo tempo que se operava aquele fluxo, ela ia progressivamente perdendo a força. Por outro lado, enquanto aqueles componentes — unidos pelo misterioso elemento que era o espírito — escorriam para dentro de Victor, ele ia ficando cada vez mais forte.

A mudança era surpreendente. A pele dele ficou mais lisa, sem rugas ou pústulas. O cabelo, grisalho e ralo, voltou a ficar cheio, preto e sedoso. Os olhos verdes — ainda cor de jade — reluziram novamente, tornando-se vivos e alertas.

Ele se transformara no Victor de que ela se lembrava da sua infância.

Exaurida, Lissa desmaiou.

Dentro do automóvel esportivo, tentei relatar o que estava acontecendo. A expressão do rosto de Dimitri foi ficando cada vez mais sombria, e aquilo desencadeou nele uma profusão de xingamentos em russo cujo sentido ele *ainda* não me ensinara.

Quando estávamos a uns quatrocentos metros de distância da choupana, Alberta deu um telefonema do celular dela, e todo o nosso comboio estacionou. Todos os guardiões — mais de uma dúzia — saíram e se reuniram para planejar a estratégia de resgate. Um deles se adiantou para fazer um reconhecimento do terreno e voltou com um relatório sobre o número de pessoas que havia dentro e fora da choupana. Quando o grupo pareceu pronto para se dispersar, me insinuei para fora do carro. Dimitri me impediu.

— Não, Roza. Você fica aqui.

— Não fico aqui de jeito nenhum. Eu tenho que ir ajudá-la.

Ele segurou o meu queixo com a mão, olhando bem nos meus olhos.

— Você já a ajudou. Já fez a sua parte. E se saiu muito bem. Mas este não é lugar para você. Ela e eu precisamos que você fique a salvo.

A compreensão de que discutir seria uma coisa que só serviria para atrasar a operação de resgate foi

suficiente para me manter quieta. Engoli qualquer protesto, e fiz um sinal afirmativo. Ele sinalizou de volta com a cabeça e se juntou aos outros. Todos se embrenharam na floresta, misturando-se às árvores.

Suspirando, inclinei o banco da frente do carro e me recostei nele. Estava muito cansada. Mesmo que o sol estivesse entrando pelo para-brisa, para mim era noite. E eu estivera acordada a noite toda, e muita coisa mesmo acontecera ao longo desse tempo. Sentir a minha própria adrenalina e simultaneamente compartilhar com Lissa sua dor poderia ter me levado a desmaiar como ela.

Mas naquele exato momento ela estava acordada.

Lentamente, as sensações dela foram dominando as minhas outra vez. Ela estava deitada num sofá no interior da choupana. Um dos comparsas de Victor deve tê-la carregado até lá depois que ela desmaiou. O próprio Victor — vivo e agora bem-disposto, graças aos abusos que praticara em Lissa — estava na cozinha e sussurrava os seus planos para os outros. Só um dos guardiões que o acompanhava ficou perto de Lissa, mantendo a vigilância. Seria fácil derrotá-lo quando Dimitri e a sua superequipe adentrassem o local.

Lissa estudou o guardião solitário e vislumbrou, em seguida, uma janela ao lado do sofá. Ainda tonta por causa da cura que operara, ela conseguiu se sentar. O guardião se voltou para ela, observando-a cuidadosamente. Ela olhou para ele e sorriu.

— Você vai permanecer quieto, sem se importar com o que eu fizer — explicou ela. — Não vai pedir ajuda ou dizer nada a ninguém depois que eu sair, está bem?

O transe da compulsão foi tomando conta dele suavemente. Ele concordou com a cabeça.

Ela se dirigiu, então, à janela, destrancou-a e levantou o vidro. Enquanto fazia isso, algumas considerações passaram-lhe pela cabeça. Ela estava fraca. Não sabia a que distância estava da Escola — ou, na verdade, de qualquer outro lugar. Não fazia ideia de até onde conseguiria chegar antes que alguém notasse sua ausência.

Mas sabia também que talvez não tivesse outra oportunidade de fuga. E não tinha qualquer intenção de passar o resto da vida naquela choupana no meio da floresta.

Em qualquer outro momento eu teria apoiado a audácia dela, mas não dessa vez. Não quando todos os guardiões estavam prestes a salvá-la. Ela precisava ficar onde estava. Infelizmente, ela não podia ouvir o meu conselho.

Lissa saiu pela janela, e eu xinguei alto e bom som.

— O quê? O que foi que você viu? — perguntou uma voz atrás de mim.

Eu me levantei, assustada, da minha posição reclinada no carro, e bati com a cabeça no teto. Olhei para trás e dei de cara com Christian surgindo do porta-malas que havia atrás do último banco.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— O que você acha? Estou bancando o passageiro clandestino.

— Você não estava com uma lesão na cabeça?

Ele deu de ombros, como se isso não fosse importante. Que belo par ele e Lissa formavam. Nenhum dos dois temia se meter nas façanhas mais insensatas enquanto ainda estavam gravemente feridos. Mas, se Kirova tivesse tentado me forçar a ficar para trás, na escola, eu provavelmente estaria agora ao lado dele no porta-malas do carro.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. — Você conseguiu ver alguma coisa nova acontecendo?

Contei a ele rapidamente o que vira. E fui saindo do carro enquanto falava. Ele me seguiu.

— Ela não sabe que os nossos guardiões já estão se preparando para resgatá-la. Vou buscá-la antes que ela se mate com o esforço.

— E os guardiões? Os da Escola, quero dizer. Você vai contar a eles que ela fugiu?

Eu balancei a cabeça em sinal negativo.

— A essa altura, eles provavelmente já devem estar derrubando a porta da choupana. Vou atrás dela. —

Lissa estava em algum lugar perto do lado direito da choupana. Eu poderia ir nessa direção, mas não seria capaz de localizá-la com precisão até conseguir chegar bem mais perto. Mesmo assim, não tinha importância. Era preciso encontrá-la. Olhei para o rosto de Christian, não resisti e lancei um sorriso implicante. — Está bem, já entendi. Já sei que você vai comigo.

Vinte e três

Eu nunca sentira tanta dificuldade em me manter fora da cabeça de Lissa antes, mas nós jamais havíamos passado por qualquer experiência sequer parecida com aquela. A força dos pensamentos e dos sentimentos dela continuava tentando me puxar enquanto eu procurava acelerar ao máximo os meus passos no meio da floresta.

Correndo pelo mato e pela floresta, Christian e eu nos afastávamos cada vez mais da choupana. Caramba, como eu queria que Lissa tivesse ficado lá dentro. Eu teria adorado assistir à invasão pelos olhos dela. Mas isso agora já ficara para trás, e, enquanto avançava, pude comprovar que os exercícios envolvendo voltas completas de corridas a pé — aqueles que Dimitri me obrigara a suportar para ganhar resistência — se mostraram mesmo de grande utilidade. Lissa não parecia estar correndo muito rápido, e eu sentia a distância diminuindo entre nós, o que me permitia ir definindo de modo mais preciso a sua localização. Christian, no entanto, não conseguia acompanhar a minha velocidade. Comecei a diminuir o ritmo para não deixá-lo para trás, mas logo percebi a tolice que seria fazer isso.

Ele pensou o mesmo.

— Vá — disse, ofegante, acenando para que eu seguisse em frente.

Quando cheguei a um ponto em que me julguei próxima de Lissa o suficiente para imaginar que ela poderia ouvir a minha voz, gritei o seu nome, na esperança de que desse meia-volta. Em vez disso, a única resposta que eu obtive foi uma espécie de coro de uivos — um longo latido de cães.

Eram cães de caça paranormais. É claro. Victor contara já haver caçado com eles; ele sabia controlar aquelas feras. Compreendi de repente por que ninguém na escola se lembrava de ter enviado perseguidores como aqueles atrás de mim e de Lissa em Chicago. Não fora a Escola que os mandara; eles nos seguiram a mando de Victor.

Um instante depois, cheguei a uma clareira e encontrei Lissa encolhida, encostada ao tronco de uma árvore. Pela sua aparência debilitada e por meio do nosso laço, pude perceber que ela já poderia ter desfalecido há bastante tempo. Era o pouco que lhe sobrava de força, ao lado de uma grande tenacidade, que ainda a mantinham acordada. Pálida e com os olhos arregalados, ela olhava apavorada para os quatro animais que a cercavam. Percebendo que a luz solar naquele momento nos atingia em cheio, ocorreu-me que ela e Christian tinham ainda este obstáculo a mais para enfrentar ali fora.

— Aqui — gritei para os cães, tentando desviar a atenção deles para mim. Victor deve ter lhes ordenado que a deixassem sem saída, mas eu tinha esperança de que eles pudessem perceber a minha presença e

reagissem a uma outra ameaça, a presença de um dampiro. Cães de caça paranormais gostavam tão pouco de nós quanto quaisquer outros animais.

E, como eu imaginara, eles acabaram se virando para mim, mostrando os dentes e babando, enraivecidos. Pareciam lobos, só que tinham pelo marrom e um brilho laranja cor de fogo que parecia lhes saltar dos olhos. Victor provavelmente lhes ordenara que não a machucassem, mas, com relação a mim, sem dúvida não havia qualquer restrição dessa ordem.

Lobos. Exatamente como na aula de ciências. O que foi mesmo que a professora Meissner nos ensinou? Que muitas vezes o que mais conta nos confrontos é a força de vontade? Com isso em mente, tentei passar uma imagem “alfa” de grande determinação, mas acho que eles não se deixaram enganar por isso. Eram todos bem mais fortes do que eu. Ah, sim, e também estavam em maior número. Não, eles realmente não tinham nada a temer.

Tentando fingir que se tratava apenas de mais um exercício de va-le-tudo com Dimitri, apanhei do chão um galho do mesmo tamanho e tão pesado quanto um bastão de beisebol. Mal o agarrei e o posicionei na frente do meu corpo, dois dos cães pularam sobre mim. As unhas e os dentes deles me rasgaram a pele, mas eu me saí surpreendentemente bem, tentando lembrar tudo que aprendera nos últimos dois meses sobre as estratégias de luta contra adversários maiores e mais fortes.

Não gostei de machucá-los. Eram parecidos demais com cachorros domésticos. Mas eram eles ou eu, e os meus instintos de sobrevivência falaram mais alto. Um deles eu consegui derrubar no chão usando apenas o galho, nem sei se caíra morto ou se estava apenas inconsciente. O outro se mantinha em cima de mim, atacando-me com agilidade e fúria. Seus companheiros pareciam prontos a se juntar a ele, mas, nesse exato momento, um novo rival meio que... entrou em cena. Christian.

— Vá embora daqui — gritei para ele, sacudindo a perna e tentando me livrar do cão cujas unhas se encontravam cravadas na pele nua da minha perna, quase me derrubando no chão. Eu ainda usava o vestido da festa, embora já tivesse tirado os sapatos de salto havia algum tempo.

Mas Christian, como qualquer outro rapaz completamente cego de paixão, não me deu ouvidos. Apanhou um outro galho no chão e o balançou, chamando a atenção de um dos cães. Chamas incendiaram o galho. O cão se afastou, e, embora ainda se mostrasse empenhado em obedecer às ordens de Victor, exibia, ao mesmo tempo, um medo evidente do fogo.

Seu companheiro, o quarto cão, deu uma volta, distanciando-se da tocha, e veio caminhando sorrateiramente por trás de Christian. Filho da mãe espertinho. O animal pulou, então, sobre o rapaz, atacando-o primeiro pelas costas. O galho voou de suas mãos, e o fogo logo se extinguiu. Os dois cães se projetaram juntos sobre o corpo caído de Christian. Eu consegui derrotar o cão que me atacava — sentindo-me mal pelo que fora obrigada a fazer para dominá-lo — e caminhei em direção aos outros dois, imaginando se ainda teria forças para combatê-los.

Mas não precisei fazer isso. Pois Alberta viera em nosso socorro, surgindo, de repente, em meio às árvores.

Trazendo um revólver nas mãos, ela atirou nos cães sem hesitar. Absolutamente patéticos, talvez, e completamente inúteis se usados contra um Strigoi, diante de outros alvos os revólveres eram armas já testadas e de eficácia mais do que comprovada. Os cães pararam de se mover na mesma hora e caíram ao lado do corpo de Christian.

E o corpo de Christian...

Nós três fomos até ele — Lissa e eu praticamente nos arrastando. Quando o vi, precisei desviar os olhos. Meu estômago ficou embrulhado, e eu tive que fazer um esforço tremendo para não vomitar. Ele ainda não

estava morto, mas a minha impressão era de que não teria mais muito tempo de vida.

Os olhos de Lissa, arregalados e demonstrando grande perturbação, o observaram ansiosamente. Num esforço vão, ela estendeu os braços em direção a Christian e depois deixou as mãos penderem.

— Não consigo — disse, com um fio de voz. — Não tenho mais forças.

Alberta, com expressão firme, severa, mas demonstrando ao mesmo tempo sua compaixão, gentilmente puxou-a pelo braço.

— Venha, princesa. Precisamos sair daqui. Vamos mandar socorro.

Voltando-me novamente para Christian, eu me forcei a olhar para ele e me permiti sentir o quanto Lissa gostava dele.

— Liss — disse eu, hesitante. Ela olhou para mim, como se tivesse esquecido completamente que eu também estava ali. Sem dizer uma palavra sequer, afastei os cabelos que cobriam meu pescoço e o inclinei para ela.

A princípio, ela apenas olhou para mim por um momento, sem que sua fisionomia deixasse transparecer qualquer expressão; mas, pouco depois, a compreensão do meu gesto brilhou em seus olhos.

Aqueles caninos, escondidos por trás de seu belo sorriso, morderam meu pescoço, e um pequeno gemido escapou-me dos lábios. Eu não me dera conta do quanto sentira falta daquilo, daquela dor doce e maravilhosa seguida de um glorioso arrebatamento. O êxtase tomou conta de mim. Estonteante. Jubiloso. Era como estar num sonho.

Não me recordo bem de quanto tempo Lissa permaneceu bebendo o meu sangue. Provavelmente não muito. Ela nunca, jamais, consideraria a possibilidade de beber a quantidade necessária para matar uma pessoa e transformar-se, assim, numa Strigoi. Ela, por fim, terminou, e Alberta me amparou quando eu comecei a cambalear.

Tonta, observei Lissa se inclinar sobre Christian e descansar as mãos sobre ele. Ouvi, ao longe, o barulho dos outros guardiões na floresta.

A cura não foi acompanhada de quaisquer brilhos ou fogos de artifício. Tudo aconteceu sem o menor estardalhaço, era algo apenas entre ela e Christian. Mesmo com a endorfina que acompanhava a mordida atenuando um pouco a minha ligação com ela, eu me lembrei de como se dera a cura de Victor e pensei na maravilha de cores e de música que Lissa devia estar ativando naquele momento.

Um milagre se realizou diante dos meus olhos, e Alberta pareceu ficar absolutamente sem fôlego. Vimos as feridas de Christian se fecharem. E o sangue que escorria dele secar por completo. As cores — tantas quanto um Moroi jamais teve — voltaram à sua face. Suas pálpebras vibraram, e seus olhos ganharam vida novamente. Olhando para Lissa, ele sorriu. Foi como assistir a um filme da Disney.

Eu devo ter desmaiado depois disso, pois não me lembro de mais nada.

Acordei, mais tarde, na clínica da Escola, onde fui tratada com soro e glicose ao longo de dois dias inteiros. Lissa ficou ao meu lado quase todo o tempo, e, lentamente, os fatos do sequestro foram sendo revelados.

Nós tivemos de contar a Kirova e a alguns poucos, escolhidos a dedo, sobre os poderes de Lissa, sobre ela ter curado Victor e Christian e, é claro, a mim também. As notícias eram chocantes, mas os administradores da instituição concordaram em mantê-las em segredo para o resto da escola. Ninguém sequer considerou a hipótese de levar Lissa para longe de lá como tinham feito com a professora Karp.

Basicamente, o que todos os outros alunos ficaram sabendo foi que Victor Dashkov sequestrara Lissa Dragomir. Não tomaram conhecimento dos motivos. Alguns dos guardiões dele morreram quando a equipe de Dimitri os atacou — uma grande perda, quando já era tão reduzido o número de guardiões.

Victor estava sendo mantido na escola, sob regime de segurança máxima, e vigiado durante vinte e quatro horas todos os dias da semana, à espera de um regimento de guardiões da realeza que o levaria embora. Os governantes Moroi podem até constituir apenas um poder simbólico dentro de outro governo maior, responsável por todo um país, mas eles possuem sistemas de justiça próprios, e eu já ouvira falar das prisões Moroi. E elas definitivamente não eram lugares nos quais eu gostaria de estar.

Quanto a Natalie... essa foi uma questão problemática. Ela ainda era menor de idade, mas conspirara junto com o pai. Fora Natalie que plantara os animais mortos no caminho de Lissa e vigiara o comportamento dela ao vê-los — antes ainda da nossa fuga. Especializada no elemento terra, como o pai, fora ela também que provocara o apodrecimento do banco para que eu quebrasse meu tornozelo. Depois que Natalie me viu impedir Lissa de se aproximar da pomba, ela e Victor perceberam que tinham de ferir a *mim* para chegar à Lissa. Era a única forma que tinham de fazer com que exercesse o dom da cura mais uma vez. Natalie apenas esperara uma boa oportunidade. Ela ainda não fora presa, nem nada do gênero, e os responsáveis pela Escola estavam, na verdade, sem saber direito o que fazer com ela até receberem ordens reais.

Não pude deixar de sentir pena de Natalie. Ela sempre parecera muito desajeitada e acanhada. Qualquer um seria capaz de manipulá-la, ainda mais o próprio pai, a quem ela amava tanto e de quem tentava tão desesperadamente chamar a atenção. Ela teria feito qualquer coisa para agradá-lo. Corriam rumores de que ela ficara gritando do lado de fora do centro de detenção, implorando que a deixassem vê-lo. Mas eles teriam se recusado e a tirado de lá à força.

Enquanto isso, eu e Lissa voltamos a ser as melhores amigas de sempre, como se nada tivesse acontecido. No mundo à nossa volta, porém, muita coisa mudara. Depois de tanta excitação e de tanto drama, Lissa se mostrava mais ciente do que realmente importava para ela. Terminou o namoro com Aaron. Tenho certeza de que foi bastante gentil com ele, mas, ainda assim, deve ter sido um duro golpe para Aaron. Era a segunda vez que ela terminava o relacionamento com ele. O fato de a namorada anterior tê-lo traído é algo que também não deve ter contribuído em nada para melhorar sua autoestima.

E, sem hesitar um segundo sequer, Lissa começou a namorar Christian, não se importando com as consequências que isso poderia trazer à sua reputação. Ao vê-los juntos, de mãos dadas, em público, sem esconder o namoro, demorei um pouco a me dar conta do que se passava. Ele mesmo parecia não acreditar no que estava acontecendo. Nossos outros colegas se mostravam pasmos demais para compreender aquilo. Eles mal conseguiam admitir a existência de Christian, quanto mais o fato de estar namorando alguém como Lissa.

Quanto à minha situação amorosa, o prognóstico parecia bem menos otimista do que a de Lissa — se é que se podia *chamar* o que eu estava vivendo de uma situação amorosa. Dimitri não me visitara durante todo o período em que eu estivera em recuperação, e os nossos treinamentos foram suspensos por tempo indeterminado. Só no quarto dia depois do sequestro de Lissa foi que eu esbarrei com ele no ginásio. Estávamos os dois lá sozinhos.

Eu voltara para buscar a minha mochila e fiquei petrificada ao vê-lo, cheguei mesmo a perder a fala. Ele foi saindo, passou por mim, e então, de repente, parou.

— Rose... — começou ele, depois de alguns momentos constrangedores. — Você precisa informar a escola sobre o que aconteceu. Sobre o que houve entre nós.

Eu estava esperando havia muito tempo para conversar com ele, mas não era essa a conversa que eu imaginara.

— Eu não posso fazer isso. Eles vão despedir você. Ou vão fazer coisa ainda pior.

— Eu mereço ser despedido. O que eu fiz foi errado.

— Você não teve culpa. Era um feitiço...

— Não importa. Foi errado. E foi uma estupidez.

Errado? Uma estupidez? Mordi os lábios e lágrimas ameaçaram encher os meus olhos. Rapidamente tentei recuperar a compostura.

— Escute, não foi nada tão grave.

— Foi, *sim*, uma coisa grave! Eu me aproveitei de você.

— Não — disse eu, calmamente. — Você não fez isso.

Alguma coisa em minha voz deve ter lhe revelado os meus sentimentos, pois ele olhou bem dentro dos meus olhos com uma intensidade profunda e séria.

— Rose, eu sou sete anos mais velho do que você. Daqui a dez anos isso não vai significar muita coisa, mas agora ainda é uma diferença grande. Eu sou um adulto. Você é uma criança.

Eu estremei. Teria sido mais fácil se ele tivesse me dado um soco.

— Você não parecia achar que eu era uma criança quando estava na cama comigo.

Dessa vez foi ele que estremeceu.

— Não é porque o seu corpo... Bem, só isso não faz de você uma mulher adulta. Nós estamos em momentos diferentes da vida. Eu já estou no mundo. Vivendo por minha própria conta. Eu já matei, Rose... *pessoas*, não animais. E você... você está só começando a viver. A sua vida gira em torno de deveres de casa, roupas e festas.

— Você acha que eu só me preocupo com essas coisas?

— Não, é claro que não. Sei que não há só isso para você. Mas essas coisas fazem parte do seu mundo. Você ainda está crescendo e tentando compreender quem você é e o que é importante. Você precisa continuar nesse caminho. Precisa da companhia de rapazes da sua idade.

Eu não queria rapazes da minha idade. Mas não disse isso. Eu não disse nada.

— Mesmo que você opte por não contar a ninguém, você precisa entender que *aquilo foi um erro*. E que nunca mais vai voltar a acontecer — acrescentou ele.

— Porque você é muito velho para mim? Porque seria uma irresponsabilidade da sua parte?

A expressão dele era fria.

— Não. Porque eu não estou interessado em você desse jeito.

Eu mantive o meu olhar. A mensagem dele — a rejeição — veio alto e bom som. Tudo o que acontecera naquela noite, tudo o que eu acreditara tão lindo e cheio de sentido, foi se transformando em pó bem diante dos meus olhos.

— Só aconteceu por causa do feitiço. Você compreende?

Humilhada e com raiva, eu me recusei a fazer papel de boba, a discutir com ele ou a implorar. Então apenas encolhi os ombros.

— Está certo. Compreendo.

Passei o resto do dia aborrecida, ignorando as tentativas tanto de Lissa quanto de Mason de me tirar do quarto. Era até irônico eu querer ficar lá dentro. Kirova ficara tão impressionada com o meu desempenho no resgate que resolvera encerrar definitivamente a minha prisão domiciliar.

Antes das aulas, no dia seguinte, fui até o local onde Victor estava preso. A Escola tinha celas bastante seguras, trancadas com grades de ferro. E dois guardiões ficavam de vigia no corredor de entrada. Precisei trapacear um pouco para que me deixassem entrar e falar com o prisioneiro. Nem Natalie tivera permissão

para entrar. Mas um dos guardiões estivera comigo no automóvel esportivo e viu quando eu fui capaz de sentir a tortura por que Lissa passara. Eu lhe disse que precisava fazer algumas perguntas a Victor sobre o que ele fizera com Lissa. Era mentira, mas os guardiões acreditaram e se apiedaram de mim. Concederam-me então cinco minutos para falar com Victor, e mantiveram uma certa distância no corredor, de modo que pudessem me ver, mas não ouvir a nossa conversa.

De pé em frente à cela de Victor, não pude acreditar que chegara a sentir pena dele em algum momento. Ver o seu corpo renovado e saudável me deu ódio. Numa cama estreita, ele estava sentado de pernas cruzadas, lendo. Quando ouviu os meus passos se aproximando, no entanto, tirou os olhos do livro.

— Ora, Rose, que bela surpresa. A sua engenhosidade sempre me impressiona. Eu não imaginava que eles permitiriam qualquer visita para mim.

Cruzei os braços, tentando armar uma expressão de guardiã impetuosa.

— Eu quero que você desfaça o feitiço. Acabe com ele.

— Do que você está falando?

— Do feitiço que você colocou em mim e em Dimitri.

— Aquele feitiço já acabou. Já se desfez.

Fiz um sinal negativo com a cabeça.

— Não. Eu continuo pensando nele. Eu continuo querendo...

Ele sorriu, sabendo o que eu ia dizer quando me interrompi.

— Minha querida, isso já existia antes, muito antes de eu armar o feitiço.

— Não era assim. Não era tão forte.

— Talvez não conscientemente. Mas todo o resto... a atração, física e pessoal, já havia em você. E nele. Não teria funcionado se não houvesse. O feitiço não acrescentou nada novo, na verdade, ele apenas removeu a inibição e intensificou os sentimentos que vocês já tinham um pelo outro.

— Você está mentindo. Ele disse que não sentia nada por mim.

— *Ele* está mentindo. Eu estou dizendo a você, o feitiço não teria funcionado se já não houvesse a atração, e, honestamente, ele deveria ter se controlado. Ele não tinha o direito de se deixar levar pelos sentimentos. Você pode ser perdoada por sentir uma paixão de menina de escola. Mas ele? Ele deveria ter demonstrado um controle maior sobre si próprio. Foi Natalie que percebeu e me contou. Eu mesmo, depois de observar um pouco, vi que a atração entre vocês dois era evidente. E ela me forneceu a oportunidade perfeita para distraí-los. Eu elaborei o encantamento do colar para vocês dois, e vocês se encarregaram do resto.

— Você é um doente, filho da mãe, por fazer isso comigo e com Dimitri. E com Lissa.

— Eu não me arrependo do que fiz com ela — declarou ele, recostando-se contra a parede. — Faria de novo se pudesse. Acredite você no que quiser, mas eu amo o meu povo. O que eu fiz foi pensando nele, no interesse dele. E agora? Difícil dizer o que vai acontecer. Eles não têm nenhum líder, nenhum *verdadeiro* líder. Não há realmente ninguém que mereça. — Ele ergueu a cabeça na minha direção, com o rosto pensativo. — Vasilisa de fato poderia ser uma líder se chegasse a acreditar em alguma coisa e conseguisse dominar a influência do espírito. É irônico, realmente. O espírito pode ao mesmo tempo formar um líder e esmagar a sua habilidade para continuar sendo um. O medo, a depressão e a incerteza podem tomar conta de Lissa, e manter a sua verdadeira força enterrada bem dentro dela. Mesmo assim, ela tem o sangue dos Dragomir, o que não é pouca coisa. E, é claro, ela tem você, uma guardiã beijada pelas sombras. Quem sabe? Pode ser que ela ainda venha a nos surpreender.

— “Beijada pelas sombras”? — Voltava a aparecer essa expressão, exatamente a mesma que a professora

Karp dissera para mim.

— Você foi beijada pelas sombras. Você atravessou a fronteira da Morte, passou para o outro lado, e retornou. Você acha que uma coisa como essa não deixa marcas na alma? Você tem uma extraordinária noção da vida e do mundo, mais extraordinária até do que a que eu tenho, mesmo que você não se dê plenamente conta disso. Você deveria ter morrido. Vasilisa espantou a Morte para trazer você de volta e mantê-la ligada a ela para sempre. Você esteve de fato nos braços da Morte, e alguma parte sua sempre se recordará disso, sempre lutará para se agarrar à vida e experimentar tudo o que ela tem para oferecer. É por isso que você é tão impetuosa nas coisas que faz. Você não reprime seus sentimentos, suas paixões, suas raivas. Isso faz com que você seja extraordinária. Faz com que seja perigosa.

Eu fiquei sem saber o que dizer diante disso. Fiquei sem palavras, o que pareceu diverti-lo.

— E foi isso que criou o laço entre vocês. Os sentimentos de Lissa sempre criam uma pressão para fora dela, e para dentro dos outros. A maior parte das pessoas não tem condições de capturá-los, a não ser que Lissa esteja de fato direcionando os pensamentos para elas por meio da compulsão. Você, no entanto, tem a mente sensível a forças extrassensoriais, sensível às dela principalmente. — Ele suspirou, quase feliz, e eu me lembrei de ter lido que Vladimir salvara Anna da morte. Isso deve ter forjado o laço *entre eles* também. — É, essa Escola tola não faz ideia do que tem tanto em você quanto nela. Se não fosse pelo fato de ter que matar você, eu a faria uma das minhas guardiãs reais quando você ficasse mais velha.

— Você jamais teria guardiões reais. Você não acha que as pessoas estranhariam o fato de você ter se recuperado subitamente desse jeito? E, mesmo que ninguém descobrisse sobre o dom de Lissa, Tatiana jamais o faria rei.

— Pode ser que você esteja certa, mas isso não importa. Existem outras maneiras de assumir o poder. Às vezes é preciso se desviar dos meios convencionais. Você pensa que Kenneth é o único Moroi que me segue? As maiores e mais poderosas revoluções frequentemente começam em silêncio, escondidas nas sombras. — Ele olhou nos meus olhos. — Lembre-se disso.

Ruídos estranhos nos chegaram aos ouvidos, vindos da entrada do centro de detenção, e olhei na direção de onde eu entrara. Os guardiões que haviam me deixado entrar não estavam mais lá. Escutei grunhidos e pancadas vindos do corredor. Franzi o cenho e estiquei o pescoço para tentar observar o que se passava de um melhor ângulo.

Victor se levantou.

— Finalmente.

O medo me arrepiou a espinha — até que eu vi Natalie virar a esquina do corredor.

Um misto de raiva e compaixão me tomou rapidamente, mas eu forcei um sorriso gentil. Ela provavelmente não voltaria a ver o pai depois que o levassem. Vilão ou não, Victor tinha o direito de se despedir da filha.

— Oi — disse eu ao vê-la dar passos largos na minha direção. Havia uma determinação incomum nos seus movimentos, e algo em mim me confidenciou que aquele não era um bom sinal. — Eu achei que eles não deixassem você entrar. — É evidente que eles também não deveriam ter deixado que eu entrasse.

Ela veio direto até mim e — sem exagero — me *lançou* contra uma parede distante. O meu corpo bateu com força, e luzes negras cintilantes dançaram na frente dos meus olhos.

— Mas o que...? — Eu coloquei a mão na testa e tentei me levantar.

Sem se preocupar comigo, Natalie destrancou a cela de Victor com um molho de chaves que eu vira no cinto de um dos guardiões. Consegui ficar de pé e me aproximei dela.

— O que você está fazendo?

Ela olhou para mim, e foi aí que eu vi. O ligeiro anel vermelho ao redor das suas pupilas. A pele pálida demais, mesmo para uma Moroi. E uma mancha de sangue em volta da boca. O que mais a denunciava, porém, era o olhar. Um olhar tão frio e maligno que o meu coração quase parou. Aquele olhar denunciava que ela já não se encontrava mais entre os vivos — era um olhar que dizia que Natalie era agora uma Strigoi.

Vinte e quatro

Apesar de tudo o que eu aprendera nos treinamentos, de todas as aulas sobre os hábitos dos Strigoi e sobre como se defender deles, eu jamais vira um de verdade. Era bem mais tenebroso do que eu poderia imaginar.

Ao menos, quando ela disparou na minha direção, eu já estava pronta. Quer dizer, mais ou menos pronta. Consegui desviar o corpo para trás, livrando-o do risco imediato do golpe, e ponderei sobre as minhas chances de escapar. Lembrei-me, então, da brincadeira de Dimitri sobre o shop-ping. Lá estava eu, sem uma estaca de prata. Sem dispor de alguma arma capaz de cortar a cabeça dela fora. Sem qualquer instrumento capaz de produzir fogo. Correr parecia a melhor opção, afinal, mas ela estava bloqueando a saída.

Sentindo-me impotente, fui simplesmente recuando para o fundo do corredor enquanto ela avançava para cima de mim, com movimentos que eram, sem dúvida, muito mais graciosos do que em qualquer momento de sua vida anterior.

Também usando uma agilidade que ela jamais tivera em vida, logo em seguida Natalie deu um salto, me agarrou e deu com a minha cabeça contra a parede. A dor explodiu no meu crânio, e eu tive certeza de que o gosto que senti no fundo da boca era de sangue. Então lutei furiosamente contra ela, tentando armar algum tipo de defesa, mas era como me imaginar lutando contra Dimitri, só que completamente dopada.

— Minha querida — murmurou Victor. — Tente não matá-la se isso não for estritamente necessário. Talvez ela nos venha a ser útil em algum momento.

Natalie interrompeu por um instante os golpes, o que me deu tempo de tomar distância, mas ela não tirou o seu olhar frio de cima de mim.

— Vou *tentar* não matá-la. — Havia um tom cético em sua voz. — Saia daqui agora. Eu vou ao seu encontro assim que tiver terminado aqui.

— Eu não posso acreditar nisso! — gritei para ele. — Você fez com que sua própria filha se transformasse numa Strigoi?

— Foi um último recurso. Um sacrifício necessário em prol de um bem maior. Natalie compreende. — Ele saiu.

— Você compreende? — Tive esperança de conseguir adiar os ataques engatando uma conversa, exatamente como se costuma ver nos filmes. Também tive esperança de que as minhas perguntas disfarçassem o quanto eu estava completa e absolutamente apavorada. — Você compreende? Meu Deus, Natalie. Você... Você se transformou. Só porque ele mandou que fizesse isso?

— O meu pai é um grande homem — respondeu ela. — Ele vai salvar os Moroi dos Strigoi.

— Você está louca? — gritei. Eu começara a recuar novamente, e de repente me vi encostada na parede atrás de mim. Cravei as unhas nela, como se pudesse cavar ali um buraco para escapar. — Você é uma Strigoi.

Ela deu de ombros, de um jeito que quase a fazia parecer a antiga Natalie.

— Eu tive que fazer isso, para tirá-lo daqui antes que os outros chegassem. Uma Strigoi em ação para que todos os Moroi possam ser salvos. Foi por uma causa justa. Valeu a pena. Valeu a pena abrir mão da magia e do sol.

— Mas você vai querer matar os Moroi! Você não vai conseguir se controlar.

— Meu pai me ajudará a manter o controle. E se eu não conseguir, então eles terão que me matar. — Ela esticou os braços e me agarrou pelos ombros, e eu senti um arrepio com a forma casual com que ela se referia à sua própria morte. Era quase tão casual quanto o jeito com que ela sem dúvida ponderava naquele exato instante a respeito da *minha* morte.

— Você *está* louca. Não pode amá-lo tanto assim. Você não pode realmente...

Ela me atirou contra a parede mais uma vez, e, enquanto o meu corpo desmoronava no chão, senti que dessa vez não conseguiria mais me levantar. Victor dissera a ela para não me matar... mas havia algo nos olhos de Natalie, uma expressão que me dizia que era isso que ela queria fazer. Ela queria se alimentar do meu sangue; a fome estava estampada na sua fisionomia. Era assim que os Strigoi agiam. Eu me dei conta de que não deveria ter conversado com ela. Eu hesitara, exatamente como Dimitri tinha me alertado que poderia acontecer.

E então, de repente, ele estava lá, atacando-a do outro lado do corredor como se fosse a própria Morte vestida com um guarda-pó de caubói.

Natalie deu meia-volta. Ela era rápida, muito rápida. Mas Dimitri era rápido também e evitou o ataque dela. Em sua fisionomia, havia uma expressão de pura energia e força. Com sinistro fascínio, eu observava os movimentos dos dois, um cercando o outro, como se fossem parceiros de uma dança mortal. Ela era claramente mais forte do que ele, mas tratava-se de uma Strigoi recém-transformada. Ganhar poderes superiores não significa que você esteja plenamente apto a usá-los.

Dimitri, no entanto, sabia como usar os que ele tinha. Depois de ambos se atingirem violentamente, ele encontrou uma oportunidade para infligir à Natalie o golpe fatal. A estaca de prata brilhou em sua mão como um raio, depois ele deu um bote para frente — e adentrou o coração de Natalie de modo certo. Arrancou a estaca do corpo dela e recuou, seu rosto ainda impassível enquanto Natalie gritava e caía no chão. Depois de alguns tenebrosos instantes, ela parou completamente de se mover.

Com a mesma agilidade, ele se inclinou sobre mim e deslizou os braços sob o meu corpo. Levantou-se, então, carregando-me nos braços, exatamente como fizera quando eu machucara o tornozelo.

— Ei, camarada — murmurei, e minha própria voz soou bastante enfraquecida. — Você estava certo sobre os Strigoi. — O mundo começou então a escurecer, e as minhas pálpebras se fecharam.

— Rose. Roza. Abra os olhos. — Eu nunca ouvira a voz dele tão tensa, tão desnorreada. — Não faça isso comigo, não durma. Ainda não.

Consegui abrir um pouco os olhos enquanto ele me carregava para dentro do prédio, praticamente correndo em direção à clínica.

— Ele estava certo?

— Quem?

— Victor... Ele disse que não teria funcionado. O colar.

Eu comecei a apagar novamente, perdida na escuridão da minha mente, mas Dimitri me trouxe de volta à consciência.

— O que você está tentando dizer?

— O feitiço. Victor disse que você tinha que me querer... tinha que gostar de mim... para que funcionasse. — Ele não respondeu, e, então, tentei agarrar a camisa dele, mas os meus dedos estavam fracos demais para isso. — Você me queria? Você me desejava?

As palavras dele saíram carregadas de intensidade.

— Sim, Roza. Eu desejava você. Ainda desejo. Eu gostaria... que nós pudéssemos ficar juntos.

— Então por que você mentiu para mim?

Nós chegamos à clínica, e ele deu um jeito de abrir a porta, ainda me carregando no colo. Assim que entrou, começou a gritar por socorro.

— Por que você mentiu? — murmurei novamente.

Ainda comigo nos braços, ele olhou para mim. Pude ouvir o rumor de vozes e passos que se aproximavam.

— Porque nós não podemos ficar juntos.

— É a diferença de idade, não é? — perguntei. — É porque você é o meu instrutor?

As pontas dos dedos dele gentilmente enxugaram uma lágrima que descia pelo meu rosto.

— É em parte por isso — disse ele. — Mas é também... bem. É porque, um dia, nós vamos ser os guardiões de Lissa. Eu preciso protegê-la a qualquer custo. Digamos que um bando de Strigoi apareça, aí eu terei que jogar o meu corpo entre eles e Lissa.

— Eu sei disso. É claro que, como guardião, é o que você tem que fazer. — Luzes negras cintilantes voltaram a dançar na frente dos meus olhos. Eu estava quase apagando.

— Não. Se eu me permitir amar você, não vou me colocar como escudo na frente dela. Vou querer me atirar para proteger você.

A equipe médica chegou e me tirou dos braços dele.

E foi assim que, apenas dois dias depois de ter sido liberada, fui parar mais uma vez na clínica. Foi a minha terceira internação em dois meses desde que voltáramos à Escola. Devo ter batido algum recorde. Tive sem dúvida uma concussão e provavelmente algum tipo de hemorragia interna, mas, na verdade, nunca soubemos ao certo. Quando a sua melhor amiga se especializa em curar as pessoas, você nem precisa se preocupar tanto assim com essas coisas.

Ainda assim, tive que ficar lá por uns dois dias; mas Lissa — e Christian, seu novo companheiro de todas as horas —, quando não estava em aula, quase nunca saía do meu lado. Por meio deles, fiquei sabendo um pouco do que acontecera no mundo fora da clínica. Dimitri se dera conta da presença de um Strigoi no campus quando a vítima de Natalie fora encontrada morta e sem sangue algum: entre todas as pessoas da escola, ela escolhera justamente o professor Nagy. Uma escolha de certo modo surpreendente; todavia, por ele ser um homem mais velho, na certa não conseguira oferecer muita resistência a ela. Acabaram-se, assim, as aulas de arte eslava para nós. Os guardiões do centro de detenção ficaram feridos, mas nenhum deles morreu. Ela apenas os atirara contra a parede como fizera comigo.

Victor fora encontrado e capturado de novo quando tentava fugir do campus. Fiquei feliz com isso, apesar de a captura dele significar que o sacrifício de Natalie não servira mesmo para nada. Corriam rumores de que Victor não parecera sentir medo algum quando os guardas da rainha chegaram e o levaram embora. Ele teria apenas sorrido, como se guardasse algum segredo ao qual ninguém mais tivesse acesso.

Na medida do possível, a vida voltou ao normal depois disso. Lissa não cortou mais os pulsos. O médico

receitou alguma coisa — um antidepressivo ou ansiolítico, não me lembro o tipo de medicamento — que fez com que ela se sentisse melhor. Eu não sabia nada sobre esses remédios. Imaginava que deixassem as pessoas abobadas e despropositadamente alegres. Mas eram medicações como quaisquer outras, usadas para tratar alguma coisa, e o resultado, com relação à Lissa, foi sobretudo mantê-la estável e equilibrada.

E isso era uma coisa boa — pois Lissa tinha outras questões com as quais se preocupar. Como Andre, por exemplo. Ela finalmente acreditou na história que Christian lhe contara, e se permitiu aceitar que o irmão talvez não fosse o herói que ela sempre imaginara. Foi difícil, mas ela ficou em paz consigo mesma, por fim, aceitando que ele podia ter um lado bom e um lado ruim, como qualquer pessoa. O que ele fizera com Mia a deixou triste, mas isso não mudava em nada o fato de ele ter sido um bom irmão que a amara muito. E, o mais importante, isso finalmente a libertou da sensação de que precisava ser como *ele* para que a família se orgulhasse dela. Lissa pôde então ser ela mesma — coisa que experimentava diariamente em seu relacionamento com Christian.

A escola ainda não conseguira superar esse trauma. Mas Lissa não se importava. Ao contrário, ela se divertia com isso, e ignorava os olhares chocados e o desdém dos alunos da realeza, que não podiam acreditar que ela estivesse namorando alguém cuja família era tão desqualificada. Nem todos, no entanto, se comportavam assim. Aqueles que a conheceram durante a sua breve, porém intensa, incursão na vida social da escola ficaram de fato gostando *dela*, sem que tivesse sido necessário usar qualquer tipo de compulsão. Eles gostavam da sua franqueza e da sua honestidade, e preferiam isso aos joguinhos a que a maioria dos alunos da realeza costumava se dedicar.

Muitos desses alunos a ignoravam, é claro, e falavam mal dela pelas costas. O mais surpreendente foi que Mia, apesar de publicamente humilhada, conseguiu angariar uma vez mais a simpatia de alguns deles. Isso comprovou a minha teoria a respeito dela. A de que não ficaria por baixo por muito tempo. E, de fato, eu pude sentir os primeiros sinais de sua vingança e ressurreição social quando passei por ela certo dia, a caminho da sala de aula. Ela estava no meio de um grupo e falava alto, de propósito, querendo que eu a escutasse.

— ...casal perfeito. Os dois vêm de famílias *inteiramente* desonradas e rejeitadas.

Trinquei os dentes e continuei andando, seguindo o olhar dela, que se dirigia a Lissa e Christian. Eles estavam perdidos em seu mundo particular e formavam um belo quadro, ela, loura e suave, ele, com seus olhos azuis e o cabelo escuro. Não consegui me conter e também fiquei olhando para os dois. Mia estava certa. As famílias dos dois foram desonradas. Tatiana condenara Lissa publicamente, e, apesar de ninguém ter “culpado” os Ozerá pelo que acontecera com os pais de Christian, as outras famílias que compunham a realeza Moroi continuaram mantendo cautelosa distância deles.

Mia estava igualmente certa, porém, quanto ao outro comentário que fizera sobre eles. De algum modo, Lissa e Christian eram perfeitos um para o outro. Talvez estivessem temporariamente excluídos da sociedade, mas os Dragomir e os Ozerá já haviam estado entre os mais poderosos líderes Moroi. E, em pouquíssimo tempo de convivência, Lissa e Christian aprendiam um com o outro e assim criavam condições para recolocá-los no lugar ativo que seus respectivos ancestrais haviam ocupado. Ele assimilava dela um pouco de seu refinamento e de suas habilidades sociais, enquanto ela aprendia com ele a defender melhor as próprias convicções. Quanto mais os observava, mais eu percebia a energia e a confiança mútua que irradiavam em torno deles.

Eles, com certeza, também não ficariam por baixo durante muito tempo.

E acho que foi isso, ao lado da gentileza de Lissa, o que atraiu as pessoas para junto dela. Nosso círculo social começou, então, a crescer de modo estável. Mason se juntou a nós, é claro, e não escondeu o interesse

em mim. Lissa me provocava com isso, e eu continuava sem saber ao certo o que fazer a respeito. Parte de mim pensava que talvez fosse o momento de dar uma chance a Mason e de tentar namorá-lo a sério, embora todo o resto de mim ansiasse por Dimitri.

De maneira geral, Dimitri me tratava como se esperaria que um instrutor tratasse seus alunos. Era eficiente. Afetuoso. Rigoroso. Compreensivo. Não havia nada fora do comum, nada que pudesse fazer alguém suspeitar do que se passara entre nós — à exceção de certos momentos em que nossos olhares ocasionalmente se cruzavam. E, depois que eu consegui superar minha primeira reação emocional, compreendi que ele — tecnicamente — estava certo quanto a nós dois. A diferença de idade era um problema, sim, especialmente enquanto eu ainda era aluna da Escola. A outra coisa que ele mencionara... nunca entrara inteiramente na minha cabeça. Mas devia ter entrado. Uma relação amorosa entre dois guardiões poderia, sim, distraí-los de sua função, fazendo com que se descuidassem do Moroi que deveriam proteger. Nós não podíamos deixar que isso acontecesse, não podíamos arriscar a vida de Lissa em prol apenas dos nossos desejos. Do contrário, estaríamos agindo como o guardião dos Badica, que fugira. Eu disse a Dimitri certa vez que os meus próprios sentimentos eram irrelevantes. Que o que importava eram os dela. Que Lissa tinha prioridade.

E só esperava conseguir provar isso.

— É uma pena essa história da cura — me disse Lissa.

— O quê?

Estávamos sentadas no quarto dela, fingindo estudar, mas a minha cabeça estava longe, pensando em Dimitri. Eu a repreendera diversas vezes por guardar segredos de mim, mas não lhe contara nada sobre ele nem sobre o quanto eu estivera perto de perder a virgindade. Por alguma razão, eu não conseguira contar.

Ela largou o livro que estava segurando.

— É uma pena eu ser obrigada a abrir mão da cura. E da compulsão — disse, franzindo a sobrancelha. O poder da cura fora visto como um dom extraordinário que precisava ser estudado com maior atenção; a compulsão fora objeto de sérias repreensões por parte de Kirova e da professora Carmack. — Quer dizer, estou feliz agora. Eu deveria ter procurado ajuda há muito tempo, você estava certa quanto a isso. Estou satisfeita por estar tomando os remédios. Mas Victor também estava certo. Não posso mais usar o espírito. E, no entanto, eu posso senti-lo ainda... Sinto falta de poder me aproximar mais dele.

Eu não soube ao certo o que dizer. Gostava mais de vê-la assim como estava agora. Depois de afastada a ameaça da loucura, ela voltara a ser ela mesma, mais confiante e sociável, como a Lissa que eu sempre conhecera e amara. Observando-a agora, era fácil acreditar no que Victor dissera sobre a possibilidade de ela ser uma líder. Ela me fazia lembrar de seus próprios pais e de Andre — de como eles costumavam inspirar devoção naqueles que os conheciam.

— E há outra coisa — continuou ela. — Victor disse que eu não poderia abdicar totalmente da magia. Ele estava certo. Chega a doer não usá-la. Sinto uma vontade absurda às vezes de fazer isso.

— Eu sei — disse. Eu conseguia sentir aquela dor de que ela falava, vinda de dentro dela. Os comprimidos tinham enfraquecido a magia, mas não o nosso laço.

— E eu não paro de pensar em todas as coisas que eu poderia fazer, em todas as pessoas que eu poderia ajudar. — Ela parecia pesarosa.

— Você precisa ajudar a si mesma primeiro — disse a ela com firmeza. — Não quero que você se machuque novamente. Não vou deixar que isso aconteça.

— Eu sei. Christian me diz a mesma coisa. — Lá estava novamente aquele sorriso tolo que aparecia no rosto de Lissa sempre que pensava nele. Se eu soubesse que ficariam tão abobados um com o outro só por

estarem apaixonados, não teria ficado tão empolgada ao ajudá-los a se reconciliarem. — E eu acho que vocês dois estão certos. É melhor ficar com o desejo de fazer a magia, sem poder de fato exercitá-la, e, no entanto, me manter sã, do que fazer uso do meu dom e enlouquecer completamente. Não há meio-termo para isso.

— Não — concordei. — Não há meio-termo.

De repente, do nada, um pensamento me invadiu a cabeça. *Havia*, sim, um meio-termo. As palavras de Natalie me lembraram de qual era. “Valeu a pena. Valeu a pena abrir mão da magia e do sol.”

A magia.

A professora Karp não virou uma Strigoi simplesmente porque enlouqueceu. Ela se transformou para se manter sã. Ao virar Strigoi, a pessoa se desvencilha inteiramente da magia. Ao fazer isso, a professora Karp não pôde mais usar a sua. E não pôde mais senti-la. Ela não pôde mais sentir o desejo de usar o seu dom. Olhando para Lissa, senti um nó de preocupação se formando dentro de mim. E se ela se desse conta disso? Será que ela poderia desejar se transformar numa Strigoi também? Não, pensei imediatamente. Lissa jamais faria isso. Ela era uma pessoa de caráter muito forte, de princípios firmes. E, se ela continuasse tomando a medicação, sua capacidade de ponderar racionalmente sobre as coisas a impediria de fazer algo tão drástico.

Mesmo assim, a simples possibilidade de uma coisa dessas me incitou a tentar descobrir uma última coisa. Na manhã seguinte, fui até a capela e esperei, sentada num dos bancos, até o padre aparecer.

— Olá, Rosemarie — disse ele, claramente surpreso. — Posso ajudá-la em alguma coisa?

Eu me levantei.

— Preciso saber mais sobre são Vladimir. Eu li aquele livro que o senhor me deu e mais alguns outros. — Achei melhor não contar a ele sobre o roubo dos que estavam no sótão. — Mas nenhum dos livros menciona como ele morreu. Como foi? Como foi que a vida dele terminou? Ele sofreu algum tipo de martírio?

As sobancelhas grossas do padre se ergueram.

— Não. Ele morreu de velhice. E em paz.

— O senhor tem certeza? Ele não virou um Strigoi nem se matou?

— Não, é claro que não. Por que você imaginou uma coisa dessas?

— Bem... ele era santo e tudo o mais, mas também era meio louco, não era? Eu li sobre isso. Pensei que ele talvez pudesse, não sei... ter resolvido se entregar à loucura.

A expressão do rosto do padre ficou bem séria.

— É verdade que ele lutou contra demônios que o perturbavam, a insanidade, ao longo de toda a sua vida. Era uma batalha constante, e ele realmente quis morrer algumas vezes. Mas ele superou isso. Não deixou que isso o derrotasse.

Eu olhei para o padre, maravilhada com o que estava ouvindo. Vladimir não tomou remédios e certamente continuara a usar a magia.

— Como? Como foi que ele conseguiu vencer essa batalha?

— Graças à determinação dele, eu creio. Bem... — Ele fez uma pausa. — Isso e Anna.

— Anna, beijada pelas sombras — murmurei. — A guardiã dele.

O padre acenou afirmativamente com a cabeça.

— Ela se manteve sempre ao lado de Vladimir. Quando ele enfraquecia, era ela quem o mantinha no prumo. Ela o incitava a manter-se forte e a nunca se entregar à loucura.

Saí da capela maravilhada. Fora Anna a responsável. Anna guiara Vladimir para uma espécie de meio-termo, ajudou-o a operar milagres no mundo sem que isso o levasse a um final terrível. A professora Karp

não tivera a mesma sorte. Ela não pudera formar um laço com seu guardião. Ela não tivera ninguém que a ajudasse a manter-se no prumo.

Lissa *tinha*.

Sorrindo, atravessei o pátio quadrangular em direção ao refeitório. Há muito tempo não me sentia tão bem com relação à vida. Nós também podíamos vencer, Lissa e eu. Nós podíamos fazer isso juntas.

Foi nesse exato momento que eu vi, com o canto dos olhos, um vulto negro. Ele passou por mim num mergulho e em seguida pousou numa árvore próxima. Eu parei de andar. Era um corvo, enorme e dotado de olhos impetuosos e brilhantes penas negras.

Um instante depois, me dei conta de que não se tratava de um corvo qualquer; aquele era *o* corvo. Aquele que Lissa curara. Nenhum outro pássaro teria pousado tão perto de um dampiro. E nenhum outro pássaro estaria me encarando com um olhar tão inteligente e familiar. Eu não podia acreditar que ele ainda estivesse circulando por ali. Um calafrio me subiu pela espinha, e comecei a recuar. Foi então que a verdade me veio como um tapa.

— Você tem um laço com ela também, não é? — perguntei, consciente de que, se alguém me visse naquele momento, pensaria que eu enlouquecera. — Ela trouxe você de volta. Você também foi beijado pelas sombras.

Aquilo era, na verdade, impressionante. Ergui, então, o braço para o corvo, esperando que, num gesto dramático, cinematográfico, ele viesse pousar em mim. Mas o que ele fez foi apenas olhar para mim, como se me julgasse tola, e, em seguida, abrir as asas e simplesmente voar para longe.

Fiquei observando-o enquanto ele voava para dentro do crepúsculo. Depois, dei meia-volta e fui procurar por Lissa. Bem ao longe, nesse momento, eu ouvi o grasnar de uma ave, e ele soava quase como uma gargalhada.

EDITORA RESPONSÁVEL
Izabel Aleixo

PRODUÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro
Guilherme Bernardo

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Sofia Maria

REVISÃO
Marília Lamas
Rachel Rimas

DIAGRAMAÇÃO
Trio Studio

MÍDIAS DIGITAIS
Leticia Lira
Mariana Mello e Souza

Çoleção Academia de Vampiros

1.

2.

3.

4.

5.

6.

